

O TEMPO VISTO DAQUI:
**85 CRONISTAS
PARANAENSES**
ORG.: LUÍS BUENO

Um dos gêneros mais lidos e populares do país, a crônica nasceu e se aclimatou em jornais e revistas. Por ser um híbrido entre jornalismo e literatura, sempre foi praticada por uma grande variedade de escritores: de romancistas a poetas, de críticos literários a jornalistas. São poucos os cronistas “puro-sangue” em nossa história literária. E é esse variado “cardápio” de autores que compõe a antologia *O tempo visto daqui*.

Organizada pelo escritor e professor Luís Bueno, esta obra compila de forma inédita mais de um século e meio de produção — e publicação — de crônicas na imprensa paranaense. O ponto de partida foi o jornal *O Dezenove de Dezembro* (1854-1890), primeiro periódico do Estado, editado por Cândido Lopes. A partir daí, os textos escolhidos por Bueno iluminam os vários períodos da imprensa e da cultura paranaense.

Um exemplo é o simbolismo, representado no livro por vários nomes importantes do movimento no Estado. Os autores dessa geração se valeram como poucos da criação de jornais e revistas para colocar o Paraná em sintonia com o que acontecia na Europa do começo do século XX em termos literários. E isso vale também para outros escritores, como os que orbitaram em torno da revista *Joaquim* (1946-1948) e do jornal *Nicolau* (1987-1996).

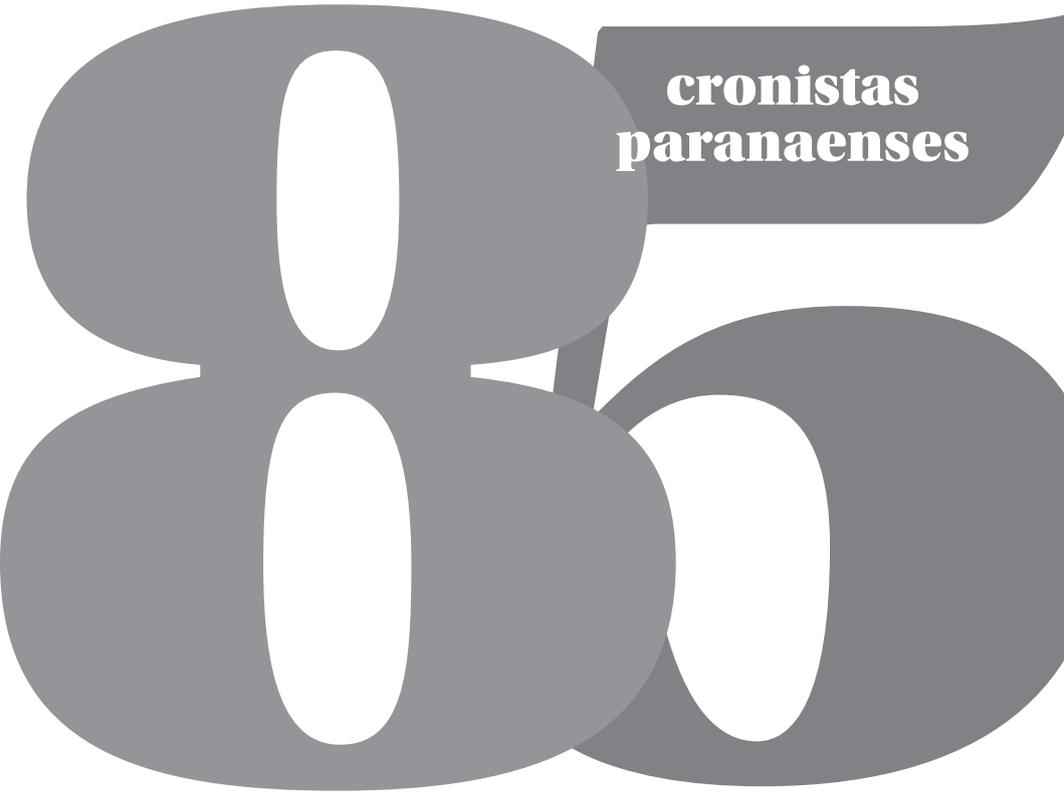
Talvez pela profusão de romancistas, contistas e poetas, muitos dos textos apresentam uma “pegada” ficcional, fugindo do tradicional relato factual do cronista atento aos detalhes do cotidiano — é o que faz da crônica “um gênero cercado de gêneros”, conforme bem aponta Luís Bueno na apresentação da obra.

Mas, para além do caráter literário dos textos, esta antologia faz um recorte amplo, misturando em um mesmo volume autores de regiões, tempos, concepções, gêneros e valores distintos. É possível acompanhar parte significativa do que se pensou e escreveu nos últimos 150 anos do Paraná em *O tempo visto daqui*, livro que pode ser lido por mera curiosidade ou por aqueles que procuram nas crônicas, além da linguagem, marcas da trajetória humana.

Luís Bueno é professor de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e autor de *Uma história do romance de 30*, publicado em 2006. Também organizou o livro *Capas de Santa Rosa*, com a produção editorial do artista gráfico Tomás Santa Rosa, obra publicada em 2015 pelas editoras Sesc e Ateliê.

**O TEMPO
VISTO
DAQUI:**

**cronistas
paranaenses**



Governo do Paraná

Secretaria de Estado da Cultura

Rogério Pereira

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Revisão e edição Núcleo de edição da SEEC

Luiz Rebinski

Marcio Renato dos Santos

Omar Godoy

Preparação

João Lucas Dusi

Projeto Gráfico e Diagramação

Thapcom.com

Capa

Sandro Retondario

Dados internacionais de catalogação na publicação

Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira – CRB9 - 775

O tempo visto daqui : 85 cronistas paranaenses / organizador: Luís Bueno.
– Curitiba, PR : Biblioteca Pública do Paraná:
Secretaria de Estado da Cultura, 2018. 352 p. ; 21cm. – (Biblioteca Paraná)

ISBN: 978-85-66382-29-7

1. Crônicas brasileiras – Paraná. I. Bueno, Luís.
II. Biblioteca Pública do Paraná. III. Paraná. Secretaria da Cultura,

CDD (22ª ed.)
B869.4

**O TEMPO
VISTO
DAQUI:**

**cronistas
paranaenses**

Biblioteca
Paraná 

ORG.:
LUÍS BUENO

sumário

Crônica de um livro de crônicas • **Luís Bueno**, 9

Agradecimentos, 29

Roteiros roteiros roteiros • **Ademir Assunção**, 31

Céus de algodão • **Ademir Demarchi**, 35

Enterro de gente pobre • **Adriano Robine**, 39

Íntimo • **Aluísio de Abreu**, 43

Volta à cidade adolescente • **Andrade Muricy**, 47

Notívagos Anônimos • **Anita Zippin**, 49

Isso não é um conto • **Antonio Cescatto**, 53

O dia em que as palavras perdem as aspas • **Caetano Galindo**, 61

O caçador de vaga-lumes • **Carlos Dalla Stella**, 65

Na terra prometida • **Cecy Cabral Gomes**, 69

Lição de primavera • **Célia Musilli**, 71

De um bêbado e mulher • **Celina Silveira Luz**, 75

Num elevador • **Colombo de Sousa**, 77

Um texto coringa • **Cristovão Tezza**, 79

My darling Katherine (Mansfield): • **Dalton Trevisan**, 81

Faça o que a chefia mandar • **Dante Mendonça**, 83

A última esperança • **Dario Vellozo**, 87

Quilombos • **De Plácido e Silva**, 89

Sinal do tempo • **De Sá Barreto**, 93

Revista Mensal • **De O Dezenove de Dezembro**, 95

Francisca Placidina e seus quatro filhos reduzidos à escravidão na vila de Castro • **De O Dezenove de Dezembro**, 99

Severina • **Denise Stoklos**, 103

Ensinando Deus • **Domingos Pellegrini**, 107

A outra morte de Godofredo de Carvalho • **Edilson Pereira**, 111

No woman no cry • **Edson Vicente**, 115

Juiz e futebol • **Eloi da Cunha Costa**, 119

Vamos caçar as stegomyias • **Eloy de Montalvão**, 121

O zelo e o cuidado • **Eloi Zanetti**, 125

Sensações e bizarras • **Emiliano Pernetá**, 129

Reportagens • **Erasmus Pilotto**, 133

A morte de tia Matilde • **Ernani Buchmann**, 137

Negro fugido • **Euclides Bandeira**, 141

Salve a Quaresma • **Fábio Campana**, 143

O cabra • **Guido Viaro**, 145

Mendigos • **Helena Kolody**, 149

Pingo d'Água • **Hél**, 155

O inverno vem chegando • **Ilnah Secundino**, 161

Agonia à flor d'água • **Jaime Balão**, 165

Noite de São João • **Jaime Balão Júnior**, 169

Jacaré debaixo da cama • **Jamil Snege**, 173

“Virge Maria, que foi isso, maquinista?” • **José Carlos Fernandes**, 177

O trampolim inexistente • **José Castello**, 181

Nós num começo de vida • **José Paulo Paes**, 185

Ao correr da pena • **José Raposo**, 189

Crônica • **Júlio Pernetá**, 191

O caçador de aranhas! • **Lélio Cesar**, 195

Seria Pitágoras a tia do Carlitos? • **Léo Cobbe**, 199

O hotel Tristão • **Leôncio Correia**, 205

O tronco do ipê • **Leopoldo Scherner**, 209

Cafezinho • **Liamir Santos Hauer**, 213

A baleia fixa • **Luís Henrique Pellanda**, 215

Os meninos da Tude • **Luiz Geraldo Mazza**, 219

Rua Silva Jardim • **Luiz Groff**, 223

Crônica • **Manoel Carlos Karam**, 231

Velha foto • **Marco Aurélio Cremasco**, 233

Equívocos e distração • **Maria Rosa Cartaxo Moura**, 237
Ficção em sala de professores • **Marta Morais da Costa**, 241
Emancipação da mulher • **Mariana Coelho**, 245
A pé em Peabiru • **Miguel Sanches Neto**, 247
O pássaro da primavera • **Nelson Capucho**, 251
Inverno • **Nestor de Castro**, 255
O colégio velho • **Nestor Vítor**, 257
Conversa de passarinho • **Newton Sampaio**, 263
Crônica de inverno • **Nilo Sampaio**, 269
Casa • **Nilson Monteiro**, 271
A necessidade de ser triste • **Odilon Negrão**, 273
O entrudo • **Oswaldo Pilotto**, 275
Saudade das saudades • **Paulo Briguet**, 277
Minifesto • **Paulo Leminski**, 279
Graças e desgraças • **Paulo Polzonoff Jr.**, 283
Três instantâneos com Jessé • **Paulo Venturelli**, 285
Ponto de fuga • **Pedro Carrano**, 289
Encantamento • **Pompília Lopes dos Santos**, 293
Dia de finados • **Raquel Prado**, 299
Um elogio do futebol • **Raul Gomes**, 303
De telezinho à televisão esperta • **Reginaldo Benedito Dias**, 309
Homem e viagem: ida e volta • **René Dotti**, 313
Um homem triste • **Roberto Gomes**, 317
A alma do príncipe • **Rocha Pombo**, 321
Esperteza • **Rodrigo Júnior**, 325
A Gruta do Monge • **Romário Martins**, 327
O inverno • **Sebastião Paraná**, 331
Farol das Conchas de Paranaguá • **Silveira Neto**, 335
Mar preto 2 da madrugada • **Sylvio Back**, 339
Nosso planeta, revisitado • **Valêncio Xavier**, 341
Vitória, a única • **Wilson Bueno**, 349

CRÔNICA DE UM LIVRO DE CRÔNICAS

LUÍS BUENO

Fiquei um instante sem reação diante do convite para organizar uma antologia de textos de cronistas paranaenses, desde o início da imprensa no Estado até o presente, num prazo de alguns meses. Permaneci calado, pensando que seria uma tarefa impossível. Com a experiência que já tinha de pesquisa em jornais e revistas, só me vieram à mente, nesse primeiro momento, as horas virando páginas — seja no computador, em leitores de microfilmes ou nos periódicos mesmo, quando disponíveis — de que a gente precisa, tantas vezes, para localizar um único texto. Percorrer mais de um século da imprensa do Paraná, ou seja, centenas e centenas de jornais e revistas numa busca mais ou menos cega exigiria um tempo descomunal, de que uma pessoa sozinha não disporia nunca, nem numa vida, quanto mais no espaço de alguns meses.

No instante seguinte, um outro pensamento, esse bem menos ajuizado, me ocorreu: por que não? Uma antologia, afinal de contas, é sempre uma escolha que se faz num universo possível, nunca no universo inteiro. Se todo mundo pensasse que precisaria ler todos os contos, todos os poemas, todas as frases de amor, e assim por diante, para organizar uma antologia, não haveria uma só antologia no mundo. Depois, o organizador de antologias é um pouquinho como o tradutor: toda gente está pronta para apontar

seus deslizes — como deixou de fora este ou aquele, tão bons? por que incluiu este outro, tão ruim? — sem pensar na enormidade da tarefa que precisa executar. Enfim, sem uma dose de irresponsabilidade não haveria antologias. No caso específico da crônica, há um agravante quantitativo. Sim, há muitos e muitos poetas, que escreveram muitos e muitos poemas — mas o que dizer dos cronistas? Imagine um único, que tenha publicado, semanalmente, por um período limitado de dez anos num dado jornal. Só este indivíduo teria produzido mais de quinhentas crônicas! E olhe que eu não sabia, àquela altura, que um artista como Alceu Chichorro publicaria, sob o pseudônimo Eloy de Montalvão, crônicas diárias, durante mais de 30 anos, no jornal *O Dia* — além de mais uma charge também diária.

Além disso, o jornal, veículo por excelência da crônica, é um tipo complicado de publicação, enraizado que é no cotidiano. O jornal de hoje é vivo, o de ontem é papel de embrulho, o de 50 anos atrás é raridade e história. Já me aconteceram coisas engraçadas ao pesquisar jornais velhos, como, por exemplo, topa com um anúncio de 1934 do mesmo hotel em que estava hospedado, mais de 60 anos depois, o que significou ver em pleno esplendor, luxuoso, o estabelecimento agora decadente. Ou algo emocionante, até comovente para mim, quando, ao virar as páginas do suplemento dominical do *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, em busca de críticas de romances, topei inesperadamente com o conto “Baleia”, de Graciliano Ramos, e ser tomado pela ideia de que uma de minhas leituras mais marcantes, o romance *Vidas secas*, ainda não existia, mas estava nascendo ali naquele domingo de 1937. Ou ainda quando, em meio à tarefa monótona de conferir os textos de José de Alencar na famosa polêmica de 1856 sobre o

poema “Confederação dos Tamoios”, de Gonçalves de Magalhães, encontrar uma intervenção desconhecida de José de Alencar, que permanecera por 150 anos escondida ali, sem jamais ter aparecido em livro.

Apesar disso tudo, não me passaram pela cabeça as novas experiências que viveria depois de aceitar o convite, ao percorrer, por exemplo, as páginas de jornais do meu tempo de infância e adolescência — vale dizer os anos 60, 70 e 80 — e ver ressuscitarem nomes, fatos, histórias, enfim, que estavam esquecidos e sentir diretamente, na pele se poderia dizer, essa passagem do cotidiano à memória que a leitura de jornais antigos provoca. Foi o que aconteceu ao ler notícias do período da ditadura e ver referidos os nomes dos ministros do governo Geisel — Shigeaki Ueki, ministro de Minas e Energia, por exemplo — ou a agitação em torno do plano Sarney, este vivido já no início da minha vida adulta. Ou, fora da experiência pessoal, acompanhar, por meio da leitura de *O Dezenove de Dezembro*, o nascimento da imprensa numa província do Império Brasileiro que também apenas principiava a existir.

Aqui começo a pôr o carro adiante dos bois, e falo da tarefa em andamento antes de explicar em que termos ela começou. Volto, então, ao momento da falta de juízo, o daquele “por que não?”, que acabou vencendo e levando a esta antologia. Afinal, um momento sem juízo se justifica, mas é preciso algum senso para levar uma tarefa dessas até o fim. E esse senso conduziu ao estabelecimento de alguns critérios que chegaram à seleção dos textos que compõem esta antologia.

Os dois primeiros, básicos, contemplaram o que seria compreendido como “crônica” e o que seria “paranaense”.

Definir um gênero literário, seja qual for, principal-

mente em nosso tempo, não é tarefa simples. Na prática, os gêneros se misturam, se desfiguram, se reconfiguram, se redefinem o tempo todo. Pode poema sem verso? Pode. Pode romance sem ação? Pode. Pode conto de 100 páginas? Pode. E esse poema continua poema, esse romance continua romance, esse conto continua conto? Continuam. Mas na crônica a mistura é ainda mais delirante porque se trata de um gênero híbrido de nascença. Filho ao mesmo tempo do jornalismo e da literatura, nele parece caber tudo. Pode ser texto de opinião, pode ser texto informativo, pode ser texto ficcional, pode ser um texto ficcional de opinião ou um texto informativo de opinião ou um texto ficcional informativo ou ainda qualquer outra coisa. Se uma ilha é terra cercada de água, ou seja, algo isolado por coisas que não são de sua natureza, a crônica é uma espécie de anti-ilha: um gênero cercado de gêneros por todos os lados, comunicando-se com todos e incorporando tudo a partir do olhar dessa figura curiosa e atenta que é o cronista.

O nó da questão seria, portanto, escolher elementos que servissem como critérios mais estáveis para se considerar que um texto era uma crônica e pudesse ser incluído nesta antologia, mas, ao mesmo tempo, sem que se sufocasse a grande variedade que é a marca do gênero. Afinal, se esta antologia atravessaria mais de 150 anos de produção, era preciso levar em conta as várias formas que o gênero foi assumindo. Há aqui até mesmo textos que a alguns leitores talvez nem parecerão crônicas. E eles poderiam me perguntar, por exemplo, se “A alma do príncipe”, de Rocha Pombo, embora publicado num periódico, não seria mais um apólogo ou um conto moral exótico. Eu, por meu turno, poderia responder que a crônica não é totalmente estranha ao apólogo e o fato de ter saído num pe-

riódico que publicou crônicas justifica sua presença aqui. Algo semelhante se poderia perguntar sobre o belíssimo texto do poeta e crítico José Paulo Paes, “Nós num começo de vida”. Embora o autor nunca tenha sido cronista militante, não é difícil localizar aquele olhar pessoal sobre o passado — tão exercitado pelos cronistas quanto o olhar sobre o cotidiano — que nos revela ao mesmo tempo um momento significativo da vida cultural do Paraná e um sujeito que se desenha sutilmente no decorrer do texto enquanto fala dos outros. É um testemunho, e não é por sê-lo que deixa de ser crônica. Um olhar sobre o tempo de juventude. Um olhar sobre o tempo.

E esses dois casos-limites podem servir para deixar claro o que foi considerado crônica neste livro: é o texto publicado em jornal e revista que instaura um olhar próprio para os fatos e para a linguagem. Pode parecer um pouco subjetivo, mas é exatamente a subjetividade que cria o cronista, essa figura que nem é a pessoa biográfica do autor (por mais confessional que ele seja ou demonstre ser) nem a figura puramente ficcional do narrador clássico do romance. Os grandes cronistas criam, no exercício cotidiano da escrita, uma verdadeira persona que o leitor termina por identificar à primeira vista. Esse é o caso do nosso maior cronista moderno, Rubem Braga, mas é também o de cronistas anteriores a ele, como Lima Barreto e Machado de Assis. E é também o de alguns cronistas paranaenses marcantes, como Roberto Gomes, Domingos Pellegrini e Wilson Bueno — para ficar apenas em três grandes nomes que fizeram a travessia do século passado para o atual escrevendo crônicas.

Enfim, definir “crônica” não foi fácil, mas foi possível.

Esse primeiro sucesso, digamos assim, sugere que

definir “paranaense” talvez também seja possível. Os paranaenses, aquelas pessoas que nasceram no território do estado do Paraná, como se sabe, viajam, mudam-se, publicam em diversos lugares. Por outro lado, um monte de gente — eu mesmo — não nasceu nos limites desse território, mas se muda para o Paraná, escreve e publica aqui. Por isso, lugar de nascimento, que define civilmente um paranaense, não cabe como critério quando se trata de literatura. Nem seria o caso, porque impossível, de discutir e descobrir o que seria tipicamente paranaense como tema ou linguagem. Felizmente, no caso da crônica, que nasce sempre na imprensa, há um critério objetivo que se pode usar: paranaense é toda crônica publicada em jornais e revistas paranaenses. Não importa se o cronista nasceu no Paraná ou noutro estado, não importa se tratou de temas identificáveis como paranaenses. Não importa se morou aqui por um ano ou a vida quase toda: cronista paranaense é aquele que publicou na imprensa do Paraná. É claro que, de novo, o critério gerou ausências — e eu vou mencionar somente a mais marcante delas aqui. Um dos cronistas mais lidos da imprensa brasileira na virada do século XIX para o XX foi um paranaense de nascimento: Emílio de Menezes. Acontece que não consegui localizar crônicas suas em periódicos publicados no Paraná, embora tenha localizado uma enorme produção sua em jornais do Rio de Janeiro. Por isso, ele não aparece neste livro.

Estabelecidos esses critérios básicos, era preciso fazer a grande tarefa: escolher uma crônica de cada cronista. E, nessa tarefa, a primeira decisão de todas foi a de nem sequer cogitar ter a veleidade de escolher a melhor crônica publicada por este ou por aquele autor. Se essa atitude estaria condenada ao equívoco mesmo com a leitura in-

tegral da obra de um autor, seja pela instabilidade de critérios de valor, seja pela interferência contínua de algum sempre questionável mas também sempre presente gosto pessoal, o que dizer de uma seleção feita sobre uma leitura fatalmente tão parcial?

E, se aquele pensamento irresponsável foi o responsável pela aceitação da tarefa, este outro pensamento, o de abrir mão da posição superior de quem seleciona e de aceitar integralmente todos os pontos cegos envolvidos na tarefa, foi nada menos que libertador, aquele que de fato viabilizou o trabalho. Ficou afastada qualquer pretensão de ir atrás de todas as crônicas de um autor ou localizar todos os cronistas paranaenses. O encargo seria o de localizar cronistas e crônicas significativos, ler tanto quanto fosse possível no espaço de alguns meses — que, afinal, com os atrasos que foram sendo gentilmente tolerados, acabou se estendendo por quase um ano — e fazer uma escolha dentro desse universo.

Dessa forma, foi possível escolher uma crônica dos três cronistas paranaenses há pouco mencionados. Veja-se o caso de Wilson Bueno. Foi um cronista prolífico — e é inacreditável que essa produção ainda não tenha sido amplamente recolhida em livro — e de um alcance extraordinário, com experiências curiosas, como as de exercitar o realismo mágico numa série de textos, por exemplo, ou dedicar outra série aos animais, tema que também exploraria noutros gêneros. Ao mesmo tempo, criou personagens aos quais sempre voltava, uma galeria não muito numerosa mas significativa, composta por um amigo aqui, uma vizinha velhinha ali, ou seja, sempre alguém em relação direta com o cronista. A crônica “Vitória, a única” foi escolhida porque traz uma dessas figuras por meio das quais um tipo mais vasto

— o do polaco — se desenha, propiciando ao escritor um divertido exercício de linguagem, de manejo de estereótipos e de visão sobre si mesmo.

Também foi na relação do eu que fala no texto com uma personagem — esta ligada de forma íntima ao cronista que se exercita nesse fio de navalha que é o eu compósito de ficção e de confissão — que recaiu a escolha por “Escolhendo Deus”, de Domingos Pellegrini, na qual a mãe em final de vida e o filho conversam e, com humor e melancolia, vai-se criando uma reflexão sobre o fim da vida e sobre a maturidade, sobre os papéis que encarnamos e seu sentido ou falta de sentido.

Em “Um homem triste”, de Roberto Gomes, o olhar do cronista é mais sutil: ele prefere ficar a distância. A crônica capta uma cena cotidiana num lugar banal — um bar qualquer — na qual dois personagens se definem em traços rápidos: o Tonin, misterioso, e o cego Tião, o dono do tal bar. Em torno deles todo um grupo se apresenta. E a persona do cronista, onde está? No silêncio final, na múltipla visão sobre o mistério de Tonin, na atitude terra-a-terra mas nem por isso superficial do cego Tião, no próprio mistério que não se resolve.

Um terceiro critério a se estabelecer era o dos limites da antologia. Os limites temporais, por exemplo, estavam dados: de um lado, a imprensa no Paraná começou com a publicação de *O Dezenove de Dezembro* em abril de 1854; de outro, o momento em que o trabalho de seleção das crônicas começou a ser feito, o segundo semestre de 2016. Nesse longo intervalo, não se negligenciou época nenhuma. Isso significou, por exemplo, não privilegiar o presente somente porque ele é naturalmente mais familiar. Haverá, é claro, momentos mais representados do que ou-

tros, mas isso se deve, em grande medida, aos movimentos históricos da própria imprensa paranaense. A virada do século XIX para o XX, por exemplo, teve um grande surto de periódicos por aqui. A militância em favor da Proclamação da República, aliada à emergência do Simbolismo, vividas por uma geração de intelectuais muito ativa, levou à abertura de inúmeros jornais e revistas, abrindo espaço para que um número significativo de escritores publicasse suas crônicas. Eventualmente também surgem iniciativas que, embora isoladas, são tão significativas que revelam um número considerável de autores. Esse é o caso da revista *Marinha*, editada em Paranaguá nas décadas de 30 e 40, assim como da “Nossa Coluna” e do suplemento “Letras e Artes”, que circularam por um breve tempo, mas tiveram grande impacto. De toda maneira, o leitor encontrará textos de todo o largo intervalo temporal que esta antologia cobre.

Também foi fácil estabelecer um limite quantitativo: como já se adiantou, cada autor teria apenas uma crônica publicada — procedimento que, presumivelmente, evitaria desníveis entre tempos e escritores. A única exceção, curiosamente, diz respeito não bem a um autor, mas ao jornal inaugural da imprensa paranaense. Constituído basicamente por textos de leis e decretos — fazia as vezes de diário oficial — e por artigos não assinados, sem dedicar um espaço específico para a crônica, *O Dezenove de Dezembro* forneceu dois textos para este livro. Um deles é a reprodução daquilo que mais se aproxima da crônica, uma “revista”, que mistura polêmica sobre a construção de estradas de acesso ao litoral do estado, notícia sobre a decisão de se construir o primeiro cemitério da capital e o registro do nascimento de uma sociedade recreativa. O outro, confesso, foi um capricho meu. Mas vejam lá se não tenho alguma razão para o

capricho. Um belo texto, direto, escrito por um cidadão sem lides literárias, Antônio Rufino Nunes, que simplesmente colhe o testemunho e o pedido de Francisca Placidina, escrava alforriada moradora de Ponta Grossa que se vê de volta à escravidão, separada dos filhos livres, que são vendidos, tudo porque os herdeiros de sua senhora, agora morta, simplesmente ignoram que ela é livre. Tendo procurado a justiça de sua comarca, não é atendida, como era de se esperar, e resolve pedir a intervenção do próprio Presidente da novíssima Província do Império, Zacarias de Gois e Vasconcelos. Não sosseguei enquanto não encontrei, nos números posteriores do jornal, o desfecho do drama dessa mulher, que adianto aqui para os que, como eu, ficarem aflitos com essa história. O Presidente manda até a comarca de Castro um emissário, que investiga a situação e envia relatório descrevendo várias irregularidades. A família, incluindo a filha de D. Placidina que a esta altura estava em Guarapuava, é reunida em Curitiba, às expensas do governo, para aguardar o desfecho judicial, que lhe seria favorável. Seja por reconhecimento legítimo dos direitos dessas pessoas, seja por meio de um gesto de autoridade do Presidente da Província, a quem certamente não interessava que uma comarca importante tivesse uma elite local que agisse sem prestar contas ao novo governo, todos são restituídos à liberdade. O que o jornal não nos conta — e nem poderia contar — é o destino daquela família, o que puderam fazer quando de posse dessa liberdade.

Mas voltemos ao rol dos limites — e tratemos de notas de rodapé. Este volume não teria — como não tem — nenhuma nota de rodapé. A ambição era a de proporcionar uma experiência fluente de leitura. Para conseguir tal feito, o desafio era coligir crônicas que, embora entranhadas na

vida de seu tempo, pudessem ser lidas hoje sem que fosse necessário recorrer a nenhum aparato erudito. O leitor vai ver se isso foi possível. Eu acho que foi.

Quase como consequência dessa limitação, excluí subgêneros específicos como a crônica esportiva, a social e a política, que sempre envolvem personalidades de grande visibilidade num certo tempo e que somem da vida pública, deixando poucos rastros na memória das gerações seguintes, exigindo muitas notas de rodapé. Também ficou de fora a crônica literária, ramo da crítica — embora o texto de Valêncio Xavier aqui incluído possa ser considerado uma exploração original desse tipo de crônica. Assim, ficamos restritos àquilo que poderíamos chamar de crônica do cotidiano, em sua feição bastante aberta em relação aos problemas que aborda. E não é de espantar que, mesmo com a exclusão da crônica esportiva, por exemplo, o esporte dê as caras por aqui.

O que não limitou em nenhum momento a seleção dos textos foi algum perfil de autor desejável. Aqui, nomes muito conhecidos do jornalismo e da literatura do Paraná aparecem ao lado de outros, bem pouco lembrados. Essa é, para mim, uma qualidade desta antologia, a de trazer à lembrança intelectuais de diferentes áreas e épocas que, tendo mantido colaboração em jornais e revistas, não se tornaram escritores de renome, fosse por qual motivo fosse. Longe de enfraquecer o conjunto, essa abertura confere uma variedade maior a ele e o enriquece. Foi possível, inclusive, localizar tanto textos de mulheres cujos rastros é difícil localizar, como Cecy Cabral Gomes e Celina Silveira Cruz, quanto de escritoras que, a despeito de terem tido atuação intensa, são pouco lembradas, como Raquel Prado e Ilnah Secundino. Ou perceber que, ainda muito an-

tes do estabelecimento de um sistema de ensino superior desenvolvido no estado, professores ocuparam espaço na imprensa do Paraná — de forma que o professor que agora organiza o livro, um pouco surpreso, não se viu como absoluta minoria, figura totalmente externa.

Com esta abertura, deixamos de lado os limites para enfrentar um outro problema. Se está resolvida a forma de seleção das crônicas, o que dizer de uma decisão talvez anterior que é a escolha dos cronistas? O mais razoável não seria escolher os autores e, depois disso, mergulhar em seus textos para selecionar um deles? Em tese, talvez fosse. Mas na prática, são tarefas, as de se selecionar autor e texto, que se realizam simultaneamente, não há como separá-las. A gente vai às fontes, localiza um cronista aqui, outro ali, vai lendo. Em algumas ocasiões, topa-se com uma produção regular e é possível conhecer várias crônicas de um mesmo escritor num curto espaço de tempo — o mesmo acontece quando essas crônicas foram reunidas em livro. Noutras, ao examinar um periódico, a gente se depara com um cronista, depois com outro, então com um terceiro. Não há muito o que fazer, a não ser ler, anotar a existência das crônicas e se deixar levar por algo que — pelo menos é o que penso — é sempre útil: fazer com que as leituras se acumulem e abram entrada aos poucos num universo desconhecido, permitindo que esse universo se revele, também pouco a pouco.

No caso desta antologia, esse lento processo levou a uma percepção — óbvia, mas que, confesso, não estava assim tão clara para mim no início do processo — que exerceria influência decisiva sobre o resultado final. É a percepção de que ela, não importa o arco temporal que procurasse cobrir, tinha em mira um leitor de um tempo específico: o presente. Mais do que simplesmente reunir “amostras” de

uma produção passada, era preciso organizar um conjunto que fosse vivo e pudesse, pelo menos potencialmente, interessar a alguém de hoje. É claro que isso não pode significar uma mera projeção daquilo que o leitor de hoje valoriza sobre toda a história da crônica no Paraná, projeção essa que recusaria certas abordagens e certas formas de escrita que nosso tempo pudesse considerar “ultrapassadas”. Afinal de contas, uma antologia como esta tem a utilidade de, num espaço concentrado, nos confrontar com as formas de encarar a literatura que tiveram existência muito antes de aprendermos a ler, muito antes de termos nascido. Como todo leitor descobre, mais cedo ou mais tarde, há muita novidade na velharia.

Não seria o caso, portanto, de fazer concessão ao gosto contemporâneo, elegendo-o como o critério por excelência de escolha, e sim o de pensar na organização de um volume menos fragmentário, que procurasse romper com o isolamento de cada texto. Assim, tentei escolher textos que dialogam com outros textos, de tempos diferentes, escritos sob perspectivas diferentes. A proposta é a de que o leitor de hoje, mais do que uma recolha de crônicas, tenha nas mãos um volume orgânico, ainda que não uniforme, no qual possa ir encontrando caminhos dentro do conjunto relativamente extenso que percorre.

Vejamos alguns desses caminhos — não todos, é claro, para não tirar a graça das descobertas. Aliás, não custa dizer que esta apresentação não tem a menor intenção de apresentar todos os cronistas e todas as crônicas e, muito menos, estabelecer que os textos aqui mencionados sejam os mais importantes do volume. Como uma crônica, o que esta apresentação quer é apenas sugerir uma visão do livro, e não dirigir a visão do leitor. Definir os elemen-

tos gerais que levaram a esta organização, e não afirmar que este é o único ou o melhor jeito de pensar a crônica publicada no Paraná.

O futebol é um tema que se apresenta como um desses caminhos. Num jornal da década de 1920, quando esse esporte não tinha nem a popularidade nem a penetração social que teria mais adiante — e que tem hoje — um educador paranaense, Raul Gomes, confessa seu preconceito contra ele e procura lidar com esse preconceito, superá-lo, mostrando que não se trata de algo alienante. Ao contrário, propõe que ele pode ter uma função pedagógica, que é possível aprender, a partir dele, uma ética do esforço coletivo e da liderança genuína. Assim, de um só golpe, sua crônica nos fornece relances sobre o prestígio do futebol, sobre as preocupações com os desdobramentos sociais de sua popularização, sobre as esperanças — frustradas ou não — que uma prática em ascensão pode trazer para um intelectual. Em ensaio que compõe livro bem posterior, *Um olhar sobre a vida*, publicado em 1939, o escritor baiano Genolino Amado (primo do Amado mais famoso, o Jorge) trataria dos preconceitos do intelectual brasileiro, sempre metido com seus próprios valores e ignorando as transformações que ocorrem a seu redor, preferindo condenar ao invés de compreender seu tempo, exatamente a partir do desprezo que em geral vota ao futebol. Raul Gomes, a partir de sua experiência de jornalista e professor no Paraná, passa por esses dilemas de seu tempo, procura compreender depois de condenar e termina por nos deixar uma crônica, ali perdida num jornal de um dia qualquer de 1925, que vai além do futebol e alcança a condição do intelectual brasileiro quando se defronta com valores que se originam fora da cultura erudita que ele se acostumou a levar em conta.

Por volta de vinte anos depois, um outro professor, Eloi da Cunha Costa, vai tratar do futebol a partir da paixão que ele provoca em toda gente. Em princípio, como que condena essa paixão, revelando o abandono da razão que ela representa. Quem fala aí, aparentemente, é o intelectual que se coloca em posição de superioridade, podendo ver o que os outros não veem, e chegando a formulações como esta: “E torce o torcedor; torce como uma necessidade de sublimar todos os seus recalques; ele tem de voltar para casa aliviado de uma porção de preocupações, e o meio mais oportuno para o desabafo é o futebol”. No entanto, logo depois de dizer isso, alguma coisa se modifica e o cronista toma um outro rumo — vale a pena ler a crônica que está ali adiante para ver como ela termina e como esse cronista se revela com uma capacidade invejável de ser auto-irônico e de brincar com sua posição, agora ambígua, de intelectual e torcedor da seleção paranaense num campeonato brasileiro dos anos 1940.

Passam-se mais 70 anos, estamos às vésperas da Copa do Mundo de 2014, e um terceiro intelectual, Reginaldo Benedito Dias, também professor e jornalista, apresenta-se como um homem que assiste a vídeos no Youtube e se vê obrigado a lidar com as mudanças tecnológicas rápidas que marcam o seu tempo — o nosso tempo —, e retoma o futebol, como jogo e como paixão, é verdade, mas sobretudo como algo já incorporado à experiência mais profunda de um indivíduo que vive no Brasil. Além de experiência social, coletiva, o esporte permite que ele vasculhe sua própria memória, revise a infância, que coincidiu com o tempo do grande time que venceu a Copa de 1970. Dessa visita a um passado tão pessoal ele retorna às experiências coletivas de convivência e de consumo que o futebol propicia.

Às vezes, a crônica assume forma de manifesto na mão de jovens escritores. É o que acontece com a que abre o livro, de Ademir Assunção, que em 1988 traça para si mesmo um roteiro de liberdade formal e de vanguarda, cheio de referências, algumas explícitas outras nem tanto, aos artistas que o interessam nesse ponto fundamental que é o começo de uma carreira literária: John Cage, Caetano Veloso, Lewis Carrol, os concretos, James Joyce, Jimi Hendrix, Tom Waits, Gilberto Gil.

Com isso, repete gesto feito por Emiliano Pernetá exatos 100 anos antes, mas pelo avesso, pela via da negação. Sendo outros os tempos, outras são as provocações do poeta, as atitudes que reivindicam liberdade de pensamento e de criação com o afastamento da ideia de evolução, da religião, da literatura canonizada na academia, dos sistemas filosóficos então na moda.

Paulo Leminski, um pouquinho mais velho que eles, com 32 anos, reflete sobre a arte, mas também sobre o público que lê, manifestando (minifestando?) uma das preocupações que mais o atormentou como artista: o que fazer para produzir uma arte nova e instigante e ainda assim ser lido, num país onde cada vez menos gente lê?

Denise Stoklos, aos 19 anos, por meio de um alter ego, Severina, fala da arte como algo mergulhado na vida, ligado ao processo de crescimento em seu sentido físico: “A morte não conheço e não sabia do nascimento. Agora renasço (ou morro?) a cada novidade”.

A morte, portanto, também está viva neste livro, constituindo um de seus elementos de unidade, e interessa a uma menina ainda mais jovem que todos esses escritores. Raquel Prado, aos 18 anos, no alvorecer do século XX, decide refletir sobre ela num dia protocolar para isso, o de Fi-

nados. Mas não é bem a morte que absorve sua atenção, é a vida que enche o cemitério num dia de visitas como aquele. E a vida, mesmo ali, lugar da morte, revela-se desigual. E a menina de meios liga-se sentimentalmente à menina pobre, que ela fantasia mais sincera diante da perda do que as outras, privilegiadas como ela própria.

Adriano Robine, já mais maduro, vai ao cemitério em um dia qualquer: não é a data formal que o atrai ali, é a saudade. Confronta-se naturalmente com o fim, dos que já se foram e o seu próprio, mas não é esse o ponto de chegada da sua crônica. Mais uma vez a vida presente, que entre nós é sempre atravessada pela pobreza, invade seu caminho e seu pensamento. Só que desta vez a solução sentimental é afastada.

Dario Vellozo também visita o cemitério e, como Adriano Robine, conversa com o coveiro. Mas o que ele procura ali é outra coisa, é a morte, grandiosa e minúscula ao mesmo tempo, de suas esperanças. É de uma morte em vida, portanto, que se trata. Jamil Snege faz o contrário, assume a esperança e espreita a morte de longe, agarrado à vida, lutando contra a ideia da doença — o jacaré que lhe invade o quarto, ocupa o espaço debaixo de sua cama e pretende levá-lo dali. Nilo Sampaio lembra o irmão, Newton Sampaio, o contista que também está neste livro como cronista, que um outro jacaré — a tuberculose, não o câncer — levou.

Um cronista de hoje, Marco Aurélio Cremasco, pega uma fotografia na mão. É uma fotografia antiga de família, tirada cinquenta anos antes, com pessoas de outra geração. Como não poderia deixar de ser, a morte levou quase todos. Só que a fotografia é uma fixação da vida, repele a morte ao mesmo tempo em que nos lembra dela: é algo que não se

guarda em cemitérios, mas em meio aos objetos cotidianos que compõem a vida presente. Com isso, renova o gesto de Aluísio de Abreu que poderia estar naquela foto de família, se a ela pertencesse, pois é ligado cronologicamente à geração ali retratada. E ele nos leva a um passado mais remoto, aos idos de 1900, para lembrar dos que já morreram, sim, mas também para dizer que o afeto dos que ainda vivem os mantém e manterá em alguma espécie de vida.

É ainda pela perda que Célia Musilli tratará da primavera e nos levará a um outro caminho, aquele que atravessa o tempo presente — seja qual for o presente. Em sua “Lição de primavera”, portanto, o hoje se impõe, ainda que contaminado por aquilo que se tinha no passado e não há mais. Em “Tronco do ipê”, Leopoldo Scherner ajudará a embaralhar ainda mais as coisas ao abrir seu texto com uma frase que sugere a paralisação de tudo: “Sempre que terminava o inverno, chegava a primavera”. “Como assim?”, pergunta o leitor, “agora não chega mais?”. É que, se no texto de Célia Musilli iluminado por um poema de Elizabeth Bishop, o que se perdeu dá saudade, “mas não é nada sério”; no de Scherner, o ipê abatido concentra em si o presente naquilo que ele tem de contínuo e familiar, inaugurando um outro presente, mais pobre.

E quem fala em primavera fala em inverno — e não poderia ser de crônicas paranaenses um livro em que não se falasse do tempo naquela outra acepção, a meteorológica, ou seja: do frio. Se Nestor de Castro o trata com solenidade e um bocado de drama, Ilnah Secundino o verá com mais humor e sua crônica se encerra com a advertência: “Ele vem chegando. E quem puder que escape”. Sebastião Paraná, por sua vez, faz as duas coisas. Começa com solenidade, mas não para enterrar seus sonhos, como Nestor de

Castro, e sim para convidar a Panchita para o leito. Nesse capítulo também comparece a insistente chuva curitibana, descrita por José Raposo já no final do século XIX.

Se a crônica que inaugura, em termos cronológicos, esta antologia é um testemunho da escravidão no Paraná, este é um tema bom para fecharmos estas indicações de caminhos que foram seguidos em sua organização e que serão seguramente percorridos em sua leitura por quem tiver este livro nas mãos. Há muitas lembranças de infância (mais uma trilha a ser explorada), seja a do próprio cronista — como os mendigos de Helena Kolody e a fortaleza da Ilha do Mel vista por Hél — seja a de outros — vejam-se as caças aos vaga-lumes e às aranhas de Carlos Dalla Stella e Lélío César. Isso para ficarmos sempre em duas, como duas são as memórias de infância que também remontam à escravidão. De Plácido e Silva, nascido pouco depois da Abolição, lembra uma das festas de sua terra, que reencenava no meio da praça a vida livre de um quilombo. Para nós, não deixa de sugerir que tal liberdade só existe plena, até hoje, em encenações. Já Euclides Bandeira, que cresceu antes da Abolição, tem lembranças de outra natureza, de quando ele, diante da visão de trastes como os descritos por Machado de Assis na abertura de “Pai contra mãe”, feitos para prender os negros, foi tomado pela curiosidade de vê-los postos em uso.

Poderíamos continuar por muito tempo este exercício e é prova disso o fato de nem sequer terem sido mencionados alguns dos mais significativos cronistas paranaenses, gente como Cristovão Tezza, Leôncio Correia, Miguel Sanches Neto, Júlio Perneta, José Carlos Fernandes etc., etc. Mas já é suficiente. Esta é uma crônica de um livro de crônicas, não das crônicas que ele contém ou dos cronistas que

as escreveram. Não tem a função de apresentar cada crônica nem cada cronista, mas sim o de colocar todas à disposição do leitor. A minha esperança é a de que aquele que percorrer o livro, levado pela organização afinal de contas aleatória da ordem alfabética do nome dos autores, ou pelo capricho de quem o abre em qualquer ponto e folheia, vá estabelecendo relações as mais diversas, não somente aquelas que estão previstas pelo organizador, como as que aponte, quanto outras, as que o próprio leitor vai descobrir e construir, atravessando estilos, pontos de vista, temas, vozes, e chegando, ao final de sua experiência de leitura, a uma imagem de como o tempo foi sendo visto e construído aqui, neste ponto do planeta onde a existência ainda pulsa continuamente. Exatamente como em qualquer outro lugar e, ao mesmo tempo, diferente de todos.

AGRADECIMENTOS

Aos funcionários da Biblioteca Pública do Paraná, especialmente à equipe de Difusão Cultural — Luiz Rebinski, Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy —, que viabilizou meu trabalho tanto com as muitas indicações que me deram quanto com a interlocução nas várias etapas da organização desta antologia, e à equipe da Divisão de Documentação Paranaense, chefiada por Canisio Miguel Morch, pelo acesso inteligente que me deu aos periódicos.

Aos amigos Carlos Alberto Faraco e José Borges Neto, a cujos conhecimentos e memória recorri e que, generosamente como sempre, me ajudaram.

A Claudécir Rocha, aluno da Universidade Federal do Paraná e colega de pesquisa na Biblioteca, que, tendo mergulhado fundo no estudo da literatura do Paraná para seu doutorado, indicou-me periódicos estratégicos e me contou muita coisa sobre a vida literária no estado, além de me apresentar a um aplicativo de celular que acelerou bastante a parte prática do trabalho.

ROTEIROS ROTEIROS ROTEIROS

ADEMIR ASSUNÇÃO

★ Algumas coisas me assustam: latido de cachorro, principalmente à noite. A caretice dos anos 80. Quando sinto a barra pesando, meu pé direito dispara feito um sismógrafo pressentindo — quem sabe — um terremoto. Nesses casos ouço os mugidos de Rimbaud, lançados no Brasil em compact disk M para Matar. Mas se estou enfezado, revido. Penso cá com meus botões tão Waits: “É, quando você é jovem, você não tem nada, mas tem tempo”.

★ Quando fumo, entendo melhor a gaze tribal do rock.

★ Quando atravesso demais o compasso, escuto Caetano. Araçá Azul fica sendo o beijo mais belo do medo. Fica sendo segredo. Fica sendo brinquedo.

★ Quando me alegro em excesso, me alegro mais ainda. Rio à toa. Mas prefiro os oceanos. O infinito é que interessa.

★ Quando sinto uma nuvem radioativa de tristeza se aproximando, levo um lero com Humpty Dumpty, o homem-ovo, meu fiel amigo. Juntos-montados na ave Felfel, saímos à caça do Jaguadarte.

★ Quando emburro, despacho logo, acuso em meu radar seu sorriso lindo como um holograma do Moysés Baunstein, meu amor, minha estrela de Floripa, minha antena parabólica. Falando sério: io love você.

★ Falando sério: me perco em suas curvas de Dia Dormir Noite Neon.

★ I'm sorry galera, mas diante da cabeça prateada de um John Cage, por exemplo, não posso chamar de artista qualquer egoinflado que faça aquilo que o mercado bem pensante e lucrativo julga ser arte. Quer dizer, poder posso. Mas que importância teria isso?

★ Não sei se sonhei. Não sei se sempre sonho. Mas uma cena anda ondulando na cuca. Quase como cena de cinema, como um parangolé do hélio, como hey joe do Hendrix. Que significado tem não sei: é assim: uma garota punk esverdeada pergunta a uma sereia: ei, como fazer pra se bem viver? O elfo, encantado, responde: sei não. A sereia sorri. A sereia é Daril Hannah. O elfo toca flauta. A garota punk dança. A vida passa como um karmaval.

★ Oswald de Andrade, o doutor canibal, disse certa vez: o homem vive entre dois brinquedos: o amor onde ganha, a morte onde perde. Não sei se quando disse homem ele estava se referindo também às mulheres. Mas adoro colecionar frases, assim, soltas. A gente sempre pode precisar. Essa, por exemplo: vai bicho, desafinar o coro dos contentes.

★ Riocorrente, riocorrente, erronte vendo e vindo, Rino & Zeno, Cerronte d'Alquimim, que Ana mais Bela mas que trela Rita Ree? Corre rio, recorrente, sonho errante: quem dera um ria, outro à çaça do Vidente: "O poeta se faz vidente com um longo, imenso e racional desregramento de todos os sentidos". Excresceram a tenra e terna polpa eterna

da nossa rebeldia? Riocorrente, riocohendrix não cria musgo: mas o que andam fazendo com o rock'n'roll?

★ Estrelas pra tigo e migo estralam no meu coraçãozinho de galinha num xinxim. Estrelas pra você, estrelas pra mim: ESTAR UM CORPO EM OUTRO QUALQUER NEM SEMPRE NADA É NÃO) MEU BEM (STAR TALVEZ EM CONSTELAÇÕES DE LEÕES TÃO DENTRO E ★★★★★

Ademir Assunção (Araraquara, 1961) formou-se em jornalismo e iniciou sua extensa carreira de jornalista em Londrina. Poeta, publicou, entre outros, *LSD Nô* (1994), *A máquina peluda* (1997), *Zona branca* (2001), *A voz do ventríloquo* (2012, vencedor do prêmio Jabuti) e *Pig brother* (2015). É também letrista e co-editou as revistas *Medusa* e *K'an*. A presente crônica foi publicada no *Nicolau* de janeiro de 1988.

CÉUS DE ALGODÃO

ADEMIR DEMARCHI

Isso não é coisa que alguém faça. Estão todos sempre olhando para a tevê, para as vitrines, ou para alguém que passa. Não que eu seja diferente, porém certo dia me peguei olhando para o céu e o vi recoberto de nuvens brancas. Um imenso céu de algodão. E alguém em sã consciência conseguiria ficar olhando nuvem por muito tempo? Com os pés sempre na terra, rapidamente o céu se dissipou, mas eu não devia mesmo estar pra pagar contas e passei a ver nele a imagem invertida da floresta que um dia existiu onde agora pisamos.

Sempre me espanto quando olho uma foto do início da colonização, em que há um caminhão saindo de um túnel de árvores e chegando na esplanada aberta de mata derubada. É aquela mata, em que se cavava um túnel, que me intriga. A experiência dela não existe mais.

É certo que restaram três pequenas reservas, cada vez menores diante do que a cidade cresce, a ponto de a designação de pulmões verdes já se tornar quase inadequada, quase designação de uma doença. Já tive a impressão de olhar para algumas dessas árvores e receber de volta a sensação de que em sua madeira elas estavam urdindo esquifes. Ah, isso é lá coisa que se pense? É claro que não vão gastar madeira com isso, na era do plástico e até de caixões rosa, como um exposto numa feira de agentes funerários no

Guarujá. Esse logo foi contemplado pelas ironias de ser caixão de boneca, como se isso desse a todos a certeza de que nenhum de nós iria entrar numa coisa daquelas...

Eu não devia mesmo estar bem, olhar pra nuvem e ver fantasma, olhar pra árvore e ver caixão...

O certo, porém, é que a sensação já experimentada de entrar na mata intocada, integrando o corpo àquela emaranhado de cipós, respirando o oxigênio puríssimo e fresco que em nada se assemelha aos gases carbônicos e de queima de álcool a que estamos habituados, caminhar pelo chão incerto, encontrar animais inesperados de toda espécie, águas de nascentes límpidas e tons de cores vivas, isso nunca mais.

Essa é a tragédia do espaço habitado — ele vai se transformando, de uma tal maneira que mesmo aquela boca maldita com gorilas, chimpanzés, onças disfarçadas e toda a fauna despenteada que se encontra nesses lugares, onde se tem a desculpa de que se toma café, em poucos anos some com uma rapidez tremenda.

Nasci em Maringá e há década e meia moro em Santos, mas sempre volto. Por isso, outro fato que me impressiona é que a Viação Garcia continua ligando essas duas cidades há décadas — ah, isso não muda, aqueles ônibus que observo com olhar estranho e ainda vejo jardineiras indo e vindo.

Essa deve ser uma sensação de quem muda de lugares, de voltar a eles e se deparar com vazios ou com ocupações inimaginadas, fantasmas de árvores, odores que não existem mais, afinal o tempo passa. Chega-se sempre a um lugar novo, tal como aqueles pioneiros que aqui chegavam e, depois de mato e mato a que eram indiferentes porque não viam valor naquilo, mas na terra, eles também, che-

gavam e viam o vazio como algo novo, sempre o começo de algo, uma fantasia que estava em suas mentes, melhor do que a que deixaram pra trás, então substituída por novos céus de algodão.

Ademir Demarchi (Maringá, 1960), radicado em Santos, é doutor em Literatura Brasileira, poeta e cronista de *O Diário do Norte do Paraná*, que publicou esta crônica em 3 de abril de 2008. Foi editor da revista de poesia *Babel* e organizou as antologias *Passagens* (2002) e *101 poetas paranaenses* (2014). Entre seus livros de poesia contam-se *Os mortos na sala de jantar* (2007), *Passeios na floresta* (2008) e *Pirão de sereia* (2012, poesia reunida).

ENTERRO DE GENTE POBRE

ADRIANO ROBINE

Naquele findar de tarde, o sol tombava magnífico. Era um desses poentes translúcidos de Curitiba, onde luz e cor brincam de pega-pega na tristeza da paisagem. As púrpuras do ocaso tingiam os túmulos, e o silêncio do campo santo era quebrado apenas pelo estridente chilreio dos pardais, que se recolhiam aos ninhos. Fui ao cemitério matar uma grande saudade: minha mãe, meu pai, meus irmãos, meus amigos...

Passei longo tempo pelas avenidas ermas e silenciosas; alguns visitantes retardatários faziam orações. Pensei na vida, pensei na morte e saí com mais saudades. Que dei-me ao lado do cemitério, a esperar o bonde. Eis que surge, no topo da rua Trajano Reis, o féretro de um pobre. Os cavalos, cansados, talvez, de terem corrido muito pelas ruas da cidade, vinham em andante sostenuto, como diria o músico. O chicote do cocheiro estalou duas ou três vezes, mas sem resultado. Os quadrúpedes continuavam em marcha lenta, deixando de lado a pressa do cocheiro. Já vi aquela cena centenas de vezes, e de tanto vê-la é que, por certo, se me tornou banal e fria. Mas, naquela tarde que morria, a cena banal e fria mudou de aspecto. Aquele enterro sem acompanhamento, triste em sua nudez, tocou-me a alma. Há qualquer coisa de sutil no fundo do nosso coração — o sentimento. Resolvi acompanhar

aquela tristeza que tão bem se casava com a minha tristeza. Naquela quietude universal eu me lembrava de minha pobre condição de mortal, pois lá dentro do cemitério eu falara mais com a morte do que com a vida. E isso, às vezes — dizem os moralistas —, por curtos momentos, nos torna melhores... No instante em que ia acertar passo, a fim de seguir o carro fúnebre, estanquei para ouvir certas vozes indistintas que me vinham da consciência: “Vê lá se alguém não está a olhar-te! Que coisa é esta de acompanhar enterro de indigente desconhecido? Não vês, louco, que os teus amigos podem ver-te neste momento e, com razão, suporem que és parente ou amigo do morto pobre? Isto não ficará bem. Que não dirão eles?” Olhei para todos os lados e não vi ninguém; só o cocheiro, mas esse não me viu. Sosseguei e dei graças a Deus dos olhos do preconceito não estarem ali. A minha sensibilidade voltou envergonhada ao coração. Fiquei apenas curioso. O sentimentalismo — segredou-me ainda a vaidade — pertence ao mundo bíblico, a um mundo que já morreu... Hoje, amigo, os arranha-céus sobem ao firmamento e os nossos sentimentos descem à terra...

Chegamos. Ao portão, nervoso e impaciente, com um carrinho de mão, estava o coveiro.

— Ó, José — disse ele dirigindo-se ao cocheiro — “vamo” acabar com esse “troço” de trazer defuntos a esta hora — e, jogando o caixão de pinho no carrinho, arrematou violento: — Que raio de coisa, sempre a mesma chorumela!...

— O que tenho com isso?... respondeu displicentemente o cocheiro.

E lá se foi, em passo de alegreto, alçando o carrinho de mão, o coveiro. E eu a lhe seguir os passos rápidos.

— Nós devemos ter piedade para com os mortos! — falei de manso ao Tobias rebelado.

— Piedade para com os mortos? Ora, essa é boa... Por que o senhor não se lembrou de apiedar-se quando era vivo?... Os mortos não precisam de piedade; os vivos pobres é que a necessitam...

Calei-me envergonhado, e fui diminuindo os passos, e desapareci. Afinal de contas, quem terá razão nisso tudo? Eu creio firmemente que são os cavalos, pois eles, correndo vertiginosamente a carregar defuntos pobres, por certo desconhecem os segredos do coração humano!...

Adriano Robine (Curitiba, 1902-1982) foi professor e crítico de arte, e exerceu as funções de diretor do Colégio Estadual do Paraná e do Instituto de Educação do Paraná. Dava grande importância ao papel da arte na educação, tendo apoiado Guido Viaro na criação da “escolinha de arte” do Colégio Estadual, no final dos anos 1940. Foi um dos redatores da “Nossa Coluna” mantida pelo *Diário da Tarde* de Curitiba na década de 1940. Esta crônica foi publicada nesse espaço em 15 de agosto de 1944.

ÍNTIMO

ALUÍSIO DE ABREU

A sépia desluzida daquela fotografia vem de um passado remoto. Data de 1900, e por pouco não refletiu o crepúsculo do último sol do século XIX. Estão nela, enquadrados no veludo maculado que a circunda, meus pais, ainda moços, os olhos esplendentes de esperança e de fé, ele — soube-o bem mais tarde — ali engastado pela habilidade do artífice, visto que enfermo, já de morte, não pudera comparecer ao atelier fotográfico, e meus nove irmãos existentes na época. Então já haviam atravessado as fronteiras terrenas, emigrantes em busca da família do Eterno, Arnaldo, Anizio, Aline e Astolfo, mesmo antes de eu tê-los conhecido e amado. Estou no primeiro plano, calças acima dos joelhos, uma borboleta de seda escocesa, de quadros largos, fugindo da brancura do colarinho arredondado, de goma dura e lustrosa, meus lábios entreabertos mas sem sorrirem, o olhar perdendo-se na amplidão, como que procurando distinguir a lonjura da estrada que já vai quase vencida de todo. Pouco atrás, ladeando meus pais, minhas irmãs Alice e Babi, mais crescidas que eu, trajando vestidos claros, assustadoramente compridos e rodados, cabelos em bandós elevados, envelhecidas pela indumentária mas trazendo fisionomias inocentes e confiantes, tendo nos olhos os primeiros e lindos sonhos que começavam a sonhar naquele aurorescer para a existência. E, menores, Agenor e Luizinha, aquele de meses, ainda no regaço materno. Cerrando o grupo, em pé, cheios de vigor e de ventura, almas flori-

das em alacridade, trajando elegantemente, gravatas palas-trão em derredor de colarinhos altos e brancos, estão Juca, Arturzinho, Augusto, Ascânio e Doca. Cinco varões sadios, espadaúdos, atléticos, irradiando simpatia, que encaram a vida com a certeza de vencer, ombro a ombro, estreitando-se no aproveitamento do espaço, mas como que simbolizando naquele conchego, a união inquebrantável com que jornadeariam pela vida em fora.

Meu Pai foi senador pela República e possuía duas altas patentes oficiais: uma nomeando-o Tenente-Coronel-Comandante do 3º Batalhão da Reserva da Guarda Nacional, firmado pelo ínclito Marechal Floriano Peixoto, em 1892; outra, de 1895, subscrita pelo ilustre doutor Prudente J. Moraes Barros, lhe concedendo as honras do posto de Coronel do Exército, por decreto de 12 de novembro de 1894. Porém, na verdade, o seu maior título era o do seu grande e generoso coração, da sua bondade cristã que perdoava sempre, e de que se iluminou o seu espírito, formando em torno de sua memória essa auréola benfazeja, que ainda perdura e resplandece na distância do tempo, vinda até mim, que pouco convivi com ele, através de frases e de informações invariáveis, que me enchem o coração de jubiloso conforto.

Minha Mãe, piedosa e boa, era também de humildade e de pureza cristãs. Viveu sempre para amar o próximo. Socorreu, fez o bem e enxugou lágrimas. Dela poder-se-á dizer, edulcorando a voz, com os lábios em unção como no murmurejar de um salmo: Santa! Santa! Santa!

Também Agenor e Luzinha evolaram-se, deixando aqui a triste saudade da ausência-eterna. Ele, açucena entreaberta para o sol da existência; ela já tendo constituído um lar, moça e feliz, entregando à orfandade dois

filhinhos que ainda lhe reclamavam o calor do afeto materno e amigo.

E da última linha dois jequitibás baquearam! Arturzinho e Ascânio, que voaram para a voragem insaciável do túmulo! Este sepulcro no dia 21 deste junho cheio de tristezas, de garoa e de frio, e de mágoas para os corações que o estremeceram.

Quarenta e três anos decorreram. Seis dolorosos claros se abriram no quadro fotográfico que tenho à minha frente, cingido de uma tira de veludo amarfanhado, que fala do tempo longínquo a que remonta. Seis imagens se apagam e desaparecem na névoa de minhas lágrimas, deixando ali um grande e irreparável vácuo.

E olhando, vejo que ficamos apenas seis irmãos, que se querem e que são amigos, e sinto que essa amizade se prolongará até o fim, até que reste um para lembrar os que partiram antes...

Aluísio de Abreu (Paranaguá, 1894-1979) foi contista e cronista. Publicou o volume de contos *Velas pândas* (1950), mas foi sobretudo jornalista, tendo colaborado em vários órgãos de imprensa dentro e fora do Paraná — *O Cruzeiro* e *Paratodos* entre eles. Fundou vários jornais e revistas tanto em Castro quanto em Paranaguá, dentre os quais se encontra a revista *Marinha*, que marcou época, onde “Íntimo” apareceu em junho de 1943.

VOLTA À CIDADE ADOLESCENTE

ANDRADE MURICY

Passavam os aspectos sombrios que abrem caminho para o monumento e o merencório dos polder holandeses cortados dos canais limosos de águas lentas...

A melancolia penetrante e o arrepio de isolamento vindos da escura extensão dos banhadoes e dos tanques mortos que se vão perder lá no friso longínquo dos pinheiros hieráticos, soturnos envoltos em neblina!

O vagaroso crepúsculo ia atristando a flébil dormência de uma paisagem úmida.

Uma hora que me sentia por ele acompanhado, desde que o trem ultrapassara a majestade selvagem da cordilheira marítima, onde rasgara as gargantas ásperas e deslizara pelos vertiginosos desfiladeiros a pique sobre os abismos, desde que se haviam desfeito para mim os largos painéis do litoral abertos até a fita de aço do oceano, cheios de grandeza, vaporosos como o fundo azulado e fantasioso das telas de Leonardo.

Logo, porém, foi a natureza serenando, foi despindo transida e lúgubre friagem.

Aprofundou-se a transparência lúcida do céu.

Altearam-se, ondulando, macias, as colinas ridentes de Curitiba.

E ela exsurgiu, afinal, em sua graça virginal, “menina e moça”

O filho pródigo ergueu-se, num arrepio, comovido, e debruçou-se à janela.

Ah! Toda a sua vida de infante e de adolescente...

Sua casa, os seus...

Ah! Aí bem próximo, ali naquele horizonte iluminado.

Os longes harmonizavam-se, esbatiam-se, fundiam-se numa paisagem de sonho. Dir-se-ia uma criação mística de Turner.

Ainda se entrevia, no âmbar vivo da bruma vespéral, a elegância severa das araucárias, dos ciprestes, dos cedros e dos eucaliptos que decoram o grave peristilo da cidade juvenil.

Alguns perfis de torres recortavam-se quase irreais na transformação do poente.

A penumbra violeta e escarlate sangrava sob as ferretoadas dos pontos luminosos que se acendiam...

Andrade Muricy (Curitiba, 1895-Rio de Janeiro, 1984) ficou conhecido sobretudo como crítico literário e musical, autor do monumental *Panorama do movimento simbolista brasileiro* (1952), além de *Alguns poetas novos* (1908), *O suave convívio* (1922) e *Vila-Lobos, uma interpretação* (1961), entre outros livros de crítica. Também publicou um romance, *A festa inquieta* (1926), e um livro de memórias, *O símbolo à sombra das araucárias* (1976). Esta crônica foi publicada na *Ilustração Paranaense* de fevereiro de 1928.

NOTÍVAGOS ANÔNIMOS

ANITA ZIPPIN

A lua também brilha na grande cidade, que a essas horas está menos agitada e, afinal, deixa a madrugada falar sozinha.

Naquele carro está dirigindo uma moça triste, em final de caso com seu amado que, a essas horas, deverá estar dormindo. Os olhos dela estão cheios de lágrimas, semelhantes às de alegria, quando seu olhar cruzou os olhos de alguém que parecia ser muito especial, mas era igual a tantos outros homens insensíveis.

A prostituta parte para outra esquina, disfarçada está de “madame”; senão, a polícia a levará para o doloroso acerto de contas.

Uma ambulância pede passagem, como se fosse gemido de dor, de alguém que está sendo transportado para a incerteza.

O executivo que saiu para respirar só pensa na reunião da manhã e acaba esquecendo de ver as estrelas brilhando.

O lixeiro está em dupla ação: a primeira é colher a sujeira dos latões e plásticos e a segunda, mais triste, é catar, dentre a podridão, algo que possa levar para manter a família num lar, nem que através dos restos.

O carro de bombeiros percorre as ruas em direção ao desconhecido, jamais imaginando o perigo, tudo iniciado num pedido de S.O.S. para os “homens do fogo”.

O bêbado vem de uma festa e se esquece que tem filhos ainda pequenos para criar, dirigindo em alta velocidade.

A vendedora de rosas percorre costumeiro trajeto e, de longa caminhada, percebe que em suas mãos está quase todo o buquê, provando que os homens não se curvam mais perante uma flor.

O casal que recém se encontrou está a procurar uma forma de, sutilmente, um poder ser do outro, nem que até o amanhecer.

O músico acha que seu repertório está em decadência e sai do restaurante onde toca há anos, a sonhar com a lua, acreditando que ao menos esta permanecerá gostando do romantismo.

O homossexual está com medo de ir para casa e sua família ser ridicularizada por ele ter assumido essa posição perante a sociedade.

Os cães estão latindo, como se, no silêncio da noite, eles se comunicassem com os de sua espécie, de forma muito mais fácil e autêntica que os seres humanos.

O traficante de tóxicos está com os bolsos cheios de grana, até as “verdinhas” hoje aparecem, mas segue a passos lentos para um quarto de hotel, onde permanecerá solitário até a próxima venda, seguindo com receio de que algum dependente no desespero tenha citado seu nome para aqueles “tiras” que estão ao seu encalço há muito tempo.

A faxineira daquela empresa bonita dali da esquina segue cansada para seu barraco, sabendo que terá apenas duas horas de sono se quiser chegar a tempo para limpar a fábrica de malas, seu primeiro trabalho do dia. Hoje ela recebeu um vale e treme de medo ao pensar que poderá ser assaltada até o próximo ônibus chegar, cuja única arma é um rosário que carrega na mão esquerda, enquanto pede proteção.

As luzes da cidade estão para se apagar, talvez porque o sol queira raiar.

Cada um segue o seu caminho, alguns mais, outros menos felizes, mas todos com uma única certeza: após o sol radiante que lá no céu aparece, a lua irá voltar e com eles caminhar, provando que novos notívagos surgirão, com problemas e alegrias, mas que à noite nem tudo é pardo, bastando olharmos para ver quem está andando ao nosso lado.

Na pior das hipóteses, a noite, “palco iluminado da vida”, estará a nos fazer companhia!

Anita Zippin (Curitiba, 1952) publica crônicas desde 1978, quando estreou no jornal *Gazeta do Povo*. Reuniu-as em livros como *Década* (1988), de onde esta crônica foi transcrita, e *Pais, filhos, encontros, desencontros* (1999).

ISSO NÃO É UM CONTO

ANTONIO CESCATTO

1.

Ana está pensando. E no que ela pensa, exatamente? Ora, no que todos pensam quando refletem sobre esse tipo de coisa: amor, traição, banalidades. É assim que a coisa vem para Ana: confusa, desarticulada, imprevisível. Principalmente quando se trata dela e de João.

Sentada na mesa da sala, com as mãos nos olhos, ela não vê os prédios empilhando-se no Champagnat. Ana olha para dentro, articula, levanta hipóteses, tira conclusões. Entre todas, a conclusão que lhe parece mais importante neste momento é esta: João é um paradoxo.

Sim, essa é a melhor explicação, se é que explicação é uma palavra que se aplica a um paradoxo. João. Um paradoxo. Não há outra forma de defini-lo.

Ele sempre parece certo; até que é tomado pela dúvida. Então torna-se irritado, impaciente. Já tiveram várias fases. Teve aquela do não sei por que estamos juntos. Depois veio a outra, a do aonde vai nos levar essa coisa toda?

Nesse instante, eu não sei o que dizer para João, ela pensa. Tenho vontade de mandá-lo ir tomar um banho, preparar alguma coisa, mas prefiro não dizer nada. Vou lá e faço. Antes assim.

Pronto. O macarrão está na mesa. Alho e óleo, como você gosta. Não vem jantar? Pelo menos abra o vinho. Não é isso que cabe a um homem: o vinho, as contas — e o que mais, mesmo? Carmenére? Sim, gosto. Prefiro aos mais densos, disso ele sabe. Uva leve.

João come sem olhar para mim. No que ele pensa? Que importa. Já não ligo para o que ele pensa ou deixa de pensar. Ou pelo menos gosto de acreditar nisso.

Quem disse que vida a dois é fácil? Mas também é melhor do que viver sozinho.

Será mesmo?

Às vezes penso que não. Mas quando olho essa gente triste, com seus gatos, ou suas viagens intermináveis — bem, tem gente que diz que não troca isso por nada.

Já quem vive a dois prefere não abrir a boca (na maior parte das vezes, se você me entende). Melhor do que ficar revelando cobras e lagartos, correr o risco dos clichês, tudo tão patético.

Nunca são apenas dois. São, no mínimo, seis. O casal e os casais de cada respectivo. Isso, pai e mãe, se você me entende. E tudo que ficou guardado nas gavetas.

Porque existem as gavetas. Tem a gaveta do positivo e a gaveta do negativo. O problema é que os conteúdos das gavetas se misturam. Foi uma boa explicação, essa do Doutor Magno. Os conteúdos se misturam e as gavetas começam a atirá-los na sua cara. Um tiroteio, se você me entende. Você recebe petardo dos dois lados, não sabe mais o que é da sua gaveta e o que é da gaveta dele.

Tão simples a fórmula: o positivo e o negativo. Até que se misturam. O bóson de Higgs, não é isso?, que explode em milhares de estilhaços.

Somos nós.

Os dois, agora, estatelados na frente da TV. Deutsche Welle.

O programa é sobre turismo. Turistas visitando castelos alemães. Aparece o casal-guia da excursão. Uma japonesa e um alemão. Falando português. No canal alemão. Bizarro.

A explicação (teimei com essa palavra, não sai da minha cabeça): ela, japonesa de São Paulo. Liberdade. Ele, de Dusseldorf. Casaram. Ele aprendeu a língua dela (português, no caso). Férias na Alemanha. Guias da Deutsche Welle.

O mundo é cada vez mais bizarro.

Imagine a cena, João: uma família no carro, entrada de shopping. Homem aperta botão, sai o cartão e a voz gravada: “Sejam bem-vindos ao shopping tal...”. Só que em japonês. Não seria um bom comercial?

João a olha de lado.

Por que você insiste em ser criativa? Não é a tua área. Não é a tua praia, se é que você me entende. E ele diz isso com uma ponta de ironia nos lábios, como se denunciasse a minha expressão favorita.

Tá, eu admito que uso muito isso — se você me entende. E que a tradução do inglês é chula. If you know me é bem diferente de Se é que você me entende. Mas não vamos cair naquele porre de discutir o que é e o que não é tradução. Transdução, qualquer dia vão inventar o termo.

Papo de universidade. Conversa de professor. Palavras são coisas diferentes em línguas diferentes. Não podem dizer a mesma coisa para um brasileiro e para um americano, ou para um inglês, se você me entende.

Tudo isso eu digo para mim.

Prefiro não dizer para ele.

Bebemos o último gole de vinho e vamos para a cama. Ele pega um livro de aforismos e começa a ler. No terceiro aforismo já está dormindo. Coitado, trabalha tanto. Virou duas noites por causa de uma campanha. Estranho isso, virou duas noites. Eles adoram. Sentem-se mais potentes, poderosos, se você me entende.

Eu fico olhando pro teto tentando entender a que me leva tudo isso. Por que eu não tenho vontade de dizer nada para o João.

O que vou fazer amanhã?

Tem o banco, tem a máquina de lavar roupa, tem aquela reunião chata com aquele cliente insuportável. E tem o almoço. Não posso esquecer de ligar.

De repente começo a sentir tesão, não sei por que, não sei de onde, não sei o motivo. Eu não deveria sentir tesão assim, sem o menor motivo. Talvez fosse melhor esquecer, apagar, dormir. Mas meu dedo age em direção contrária. A excitação vai aumentando. Nem o ronco de João é capaz de me perturbar. Ele nunca vai curar desse ronco, mesmo. Tudo que eu sugeri pra ele fazer, ele não fez. Pensei até em camas separadas, mas essa cama é tão boa e comprar outra igual é muita grana. Começo a gemer baixinho; meu corpo dobra; seguro o gemido pra não gritar quando começo a gozar. João se vira na cama. Para de roncar. Mas continua dormindo. Eu viro para o lado e durmo também.

2.

Sabe o que eu mais admiro em você?, João pergunta, no momento em que Bárbara larga a aquarela e senta

na cama. Não, Bárbara responde, mexendo nos cabelos, me diga. Você não tem pena de ninguém.

João tinha acabado de contar a história triste de um amigo cujas fontes seguras de renda haviam se evaporado com as mudanças eleitorais recentes, deixando-o diante de um labirinto insuperável; Bárbara não tinha movido um músculo com a história: e ainda fez questão de perguntar: E qual o teu grau de felicidade diante disso?

João sentiu-se no ar diante da reação. Era ele, afinal, que tinha falado tão mal do amigo durante toda a campanha, queixando-se das artimanhas que ele utilizava para definir o rumo de alguns programas. Por que vinha agora com aquela conversa fiada sobre a situação periclitante?, ela parecia dizer.

Era isso que o atraía nela. Não tinha complacência com os sentimentos verdadeiros. Via, dentro deles, um movimento de massas disformes, sem controle, disfarçadas por preocupações nobres com o outro. Ora, o outro deixava de existir quando ela vinha com seus aforismos de perplexidade, sua forma rude de desmontar as máquinas humanas mais complexas. João sentia-se desarmado e forte ao mesmo tempo. Comparada a Ana, ela era instigante, contundente, mordaz. Não sabia por que, mas aquilo exercia um poder muito forte sobre ele.

Com uma simples palavra, ou mesmo com um silêncio, seguido daquele olhar desconcertante, Bárbara o hipnotizava. Era essa a palavra: hipnotismo. Ela não se importava em olhar nos olhos depois de dizer o que dizia. E o olhar de Bárbara, naqueles momentos, era como uma lâmina fina que o perfurasse e drenasse o foco inflamatório. Não havia exagero nessa metáfora médica; era isso que ele sentia: dor e alívio ao mesmo tempo; a insegurança e

o conforto. Deparar-se com a futilidade de seus grandes personagens era o que Bárbara provocava, bem ao contrário de Ana.

Ana não o via. Ou talvez fosse melhor dizer que ele não via esse olhar nela. Ana dispersava-se em outros mundos; Ana ligava a televisão; depois, dizia qualquer besteira; ria-se da própria piada; ignorava-o. Bárbara tinha outro jeito de se comportar diante das coisas. Suas palavras eram ditas no tom certo, na modulação exata e na pressão infalível — ou infalável, ela uma vez havia definido. Ana protestaria, gritaria, então entraria em longos períodos de distanciamento, como se afundasse em um torpor de naufrago que se desprende da tábua, depois de horas grudadas nela. Bárbara não sucumbia sem lutar. Seu silêncio era um desafio. Prostrava-se diante dele e olhava-o nos olhos, emparedando-o. Ana era a certeza; Bárbara era o perigo. Entre as duas, ele não tinha dúvida sobre a que preferia.

3.

João está pensando. E no que ele pensa, exatamente? Ora, no que todos pensam quando refletem sobre esse tipo de coisa: amor, traição, banalidades. É assim que a coisa vem para João: confusa, desarticulada, imprevisível. Principalmente quando se trata dele e de Ana. Porque entre ele e Ana existe Bárbara. Porque entre ele e Bárbara existe Ana.

Sentado à mesa da sala, com as mãos nos olhos, ele não vê os prédios antigos da Comendador Araújo. João olha para dentro, articula, levanta hipóteses, tira conclusões. Entre todas, a que lhe parece mais importante neste momento é esta: isso é um paradoxo. Ou será esquizofrenia?

Eu sempre tive dúvidas.

Tinha certeza que não pensaria duas vezes quando encontrasse alguém como Bárbara.

Então encontrei Bárbara.

E não sei o que fazer com Ana, isto é, não sei o que fazer com Ana dentro de mim. De repente sinto vontade de voltar para ela e ficar apenas lá, com ela.

4.

João é um paradoxo.

Ana é um paradoxo.

E Bárbara, é o quê?

5.

João despede-se de Bárbara. Sabe que é a última vez, mas não diz. Enquanto isso, Ana coloca água na panela grande. Ele que decida do que vai ser o macarrão, ela pensa. Depois disso, ligamos a Deutsche Welle e damos alguma risada. Daí então a gente vai dormir.

6.

Quando conversam, à noite, João fala pela primeira vez na vontade de ter um filho.

Olhando a Deutsche Welle.

Fala assim, sem alterar o tom de voz.

Ana vira o rosto para João.

Ele não pode estar falando sério.

Volta a olhar a Deutsche Welle.

E volta a olhar para João.
Ele está falando sério.
Sim, eu gostaria, ela diz.
E talvez até com você.
Se você me entende, claro.

Antonio Cescatto (Curitiba, 1957) é publicitário e escritor. Publicou os livros *O mundo não é redondo* (2009), *Preponderância do pequeno* (2010) e *Cloaca* (2013). "Isso não é um conto" foi publicado no jornal *Cândido* em agosto de 2013.

O DIA EM QUE AS PALAVRAS PERDEM AS ASPAS

CAETANO GALINDO

O filósofo russo Mikhail Bakhtin, cuja prosa não era exatamente abençoada pelas musas da poesia ou da lógica expositiva, tinha uma mão muito boa pra rotular conceitos complicados. O uso que ele faz da palavra “refração”, por exemplo. Ou da noção de “excedente de visão”.

Uma ideia bacana dele é a de que todas as palavras que a gente usa, claro, vieram dos outros. Mas o que interessava pro camarada era o processo pelo qual a gente ia se apropriando daquelas palavras. O processo segundo o qual, pra ele, as palavras “perdiam as aspas”.

E não é bem isso? Você não lembra de aprender um termo com alguém e aí, quando vai usar, sentir a necessidade de dizer “como diz fulano”...? E depois de um tempo a palavra perde mesmo as aspas. “Palavras”, “ideias”, “conceitos”..

Mas tem palavras que nunca perdem exatamente as aspas, né? Que continuam como que com a assinatura de quem te ensinou. Palavras tão fortemente ligadas a quem disse aquilo na tua frente pela primeira vez que nunca vão deixar de te lembrar essa pessoa.

Como o meu primo Sandro que uma época deu de chamar coisas “legais”, “bacanas”, de “tutúvis”.

Ou como o meu pai e as dezenas de palavras pomposas que ele gosta de usar ironicamente.

Como a minha filha, pequenininha, que inventou a palavra “desagordimento” pra dizer “infração”.

Ou a minha mulher, que chama de “pino tê” o que na minha infância era “benjamin”.

Dia desses, fazendo palavra-cruzada, aparece lá “a fêmea do elefante”. Ora, sem nem titubear: “aliá”!

E aí você me pergunta, “como é que você sabe uma coisa dessas?” E eu, em vez de responder, como diz o meu irmão (tá vendo!): “eu sei coisas sobre bichos”, te digo, “a minha mãe sabia isso”.

Por que diabos a dona Iracema sabia o nome no R.G. da elefanta?

Por que diabos ela me disse?

E eu guardei!

Isso e o nome das três pirâmides do Egito. E dos três filhos de Noé (eu sou um leitor bem episódico da Bíblia, ok?).

Quéops, Quéfren e Miquerinos. Cam, Sem e Jafé. Por que ela sabia essas coisas?

Sei lá. Mas ela gostava de saber, e me disse bem cedo, antes de a formação escolar normal poder me fazer saber. E essas coisas (e outras) ficaram bem gravadinhas na minha memória como “sabedoria iracêmica”. E achei divertido ver, naquele dia das palavras-cruzadas, que eu não esqueci, e que eu não esqueci.

O nome da Iracema veio, claro, do romance de José de Alencar. O Alencar inventou o nome a partir de um anagrama da palavra América. Depois encontraram altas etimologias tupis, mas no fundo era um joguinho verbal.

Dona Iracema também gostava de joguinhos verbais...

Caetano Galindo (Curitiba, 1973) é professor no curso de Letras da Universidade Federal do Paraná, tradutor e escritor. Publicou o livro de contos *Ensaio sobre o entendimento humano* (2013) e *Sim, eu digo sim — Uma visita guiada ao Ulysses de James Joyce* (2016). Traduziu, entre vários outros, *O diário do beagle*, de Charles Darwin (2002), *Graça infinita*, de David Foster Wallace (2014) e *Ulysses*, de James Joyce (2012). Publicou esta crônica na *Gazeta do Povo* em 19 de agosto de 2016.

O CAÇADOR DE VAGA-LUMES

CARLOS DALLA STELLA

Sentado nos degraus da varanda, no escuro, chora o caçador de vaga-lumes. A cabeça entre as mãos, desconsolada, lembra aquele quadro famoso do Munch, com um cara gritando em cima de uma ponte. Ao lado, num vidro de azeitona, uns cinco ou seis vaga-lumes sobem pelas bordas, piscando só de vez em quando.

O menino chacoalha o vidro e como que despertos eles começam a piscar. Enxuga as lágrimas com a manga da camiseta e olha para a escuridão. Um relâmpago ilumina momentaneamente a noite de sexta-feira, sem estrondo algum.

— Vai chover, pai!

— Que que você quer que eu faça? Podemos entrar e ler um pedaço do Marco Polo.

— Marco Polo! Eu queria continuar caçando vaga-lumes. Droga! — E joga o vidro para cima, como quem está pouco ligando se ele se espatifar nos degraus.

— Então aproveita enquanto a chuva não começa. Quem sabe você não pega um vaga-lume africano gigante. Ele costuma aparecer um pouco antes da chuva.

O menino me olha, desconfiado. Mais um relâmpago mudo clareia o céu, deixando à mostra nuvens carregadas.

— Vaga-lume africano gigante? Ele nem existe.

— Existe sim. Não é sempre que ele aparece, mas eu já vi ele umas três vezes desde que eu tinha sua idade.

— E como ele é? Você pegou ele alguma vez?

— Uma única vez, eu tinha oito anos, fiquei tão assustado. Ele parece um vaga-lume normal, só que muito maior. Debaixo das asas amarelas, no abdômen, ele tem uma luz que não apaga nunca. Quando ele aparece a gente só vê aquele risco verde fosforescente cortando o escuro.

— Eu nunca ouvi falar nesse vaga-lume. Foi aqui mesmo? O que que você fez com ele?

— Prendi ele dentro de um garrafão daqueles enormes, onde o vô guardava vinho. Ele viveu sessenta e cinco dias lá dentro. Toda noite eu e o tio Hélio íamos lá no paiol e sentávamos em volta do garrafão. Depois algumas crianças da vizinhança souberam e pediram se podiam ver ele. Você precisava ver a luz verde refletindo naqueles rostos incrédulos.

— E o que que ele comia?

— Cada um trazia um troço, pedaços de pão, suspiro, alpiste. Teve um que durante três noites seguidas trouxe flores. Primeiro uma margarida, depois um copo de leite e por último uma flor amarelinha que não lembro o nome. Ele acreditava que vaga-lume era como beija-flor.

— E o vaga-lume africano comeu?

— Nada. Tinha tanta porcaria dentro do garrafão que uma noite ele apareceu coberto de formigas. Elas é que comeram ele.

— Coitado!

— Mas mesmo naquela noite a luz continuava acesa, verde, fosforescente, iluminando nossas caras assustadas.

— Por que que você nunca me contou essa história?

— Você nunca pediu.

— Como é que eu podia pedir se eu nem sabia que existia um vaga-lume africano gigante?

— Tá certo. Eu é que fui um bobo guardando essa história por tanto tempo. Mas acho que fiquei quieto porque pensei que você não ia me perdoar por ter deixado o vaga-lume morrer.

O telefone tocou e tive que entrar. Nos intervalos da conversa com minha mulher, que fazia um curso de língua espanhola no Uruguai, prestava atenção para ver se tinha começado a chover. Depois de alguns minutos o menino entrou esbaforido. Fiz sinal para que ele esperasse, mas não adiantou.

— É a mãe no telefone? Deixa eu falar com ela.

E arrancando o aparelho da minha mão foi logo dizendo:

— Mãe, você não acredita o que eu acabei de ver, um vaga-lume africano gigante, mãe. Ele tinha meio metro. Passou voando no nosso jardim. A luz dele parece uma pincelada verde que não acaba nunca. Mãe, eu quase peguei ele. Agora tenho que ir, eu vou fazer uma rede maior e vou pegar ele pra te mostrar quando você voltar. Tchau, mãe.

Mas antes que eu retomasse a conversa, ele gritou, já da varanda:

— Pede pra ela se lá no Uruguai alguém sabe o que que vaga-lume come.

Carlos Dalla Stella (Curitiba, 1961) é cronista, poeta e artista plástico. Publicou, entre outros livros, *Riachuelo*, 266 (2000), de onde esta crônica foi extraída, *Bicicletas de Montreal* (2005) e *O gato sem nome* (2007).

NA TERRA PROMETIDA

CECY CABRAL GOMES

Eles vêm chegando!...

Aos bandos ou sós, chegam sempre, em ondas, diariamente, sucessivamente, como chegam os animais ao bebedouro sedentos, atraídos pela fonte que borbulha e se avoluma de água cristalina e refrescante.

Eles chegam sempre, de todos os lugares, por todas as conduções.

Vêm de ônibus, caminhões, carroças, a cavalo ou a pé.

Manhã cedo, sol nascendo e nascendo com ele a esperança nos homens que chegam suados, poeirentos, barbudos, fedendo morrinha e fumo barato e nas mulheres mirradas que carregam a criança mais nova atravessada na anca, a chupar os peitos murchos, quase secos.

Atrás, em fileira, moleques magros e lombriguentos e alguma velha avó que definha carregam alguns potes e uma trouxa, toda a mudança que possuem.

Vêm de longe, viajaram muitos dias, semanas talvez, chegam sempre esperançosos, sem saber do quê esperança...

Há esperança nos olhos que procuram sem encontrar nos corações que desejam sem conhecer, nas cabeças inexperientes de pensar, que só conhecem o que veem e veem sem compreender. Mãos calejadas e duras estendem-se e procuram, pés ásperos de pisar terras ásperas, carregam os

corpos fracos, arrastam-nos para a nova vida, para a nova terra, cansados de vagar.

E a terra ressoa com os passos que amontoam e a cidade cresce.

Vêm de toda a parte, de todas as cidades do norte e do sul.

São caras diferentes, linguajar diverso. Atrás deixaram nada, que miséria não deixa saudade!...

Consigo carregam tudo, que tinham tão pouco. Vêm chegando e ninguém olha, pois o trabalho não para. Começou logo e dia e noite a cidade cresce, pulsa, vibra. Para além das estradas estendem-se as matas, os campos, as serras!

De lá eles vieram, nordestinos ou gaúchos, das caatingas ou dos pagos. A estrada começa aqui, termina nunca, que estrada não tem fim, só tem fim a vida que parou.

Nasceram longe e os olhos que viram a terra que os criou, não querem mais chorar. Atravessadas nas selas chegam algumas mulheres, arregaçando um riso falhado na boca sem dentes e vêm as crianças inquietas querendo brincar. Aqui é o seu destino e eles, que vieram de terras distantes, não podem descansar!...

Cecy Cabral Gomes publicou crônicas de temática social no suplemento "Letras e Artes" do *Diário do Paraná*, onde esta crônica apareceu em 21 de agosto de 1960.

LIÇÃO DE PRIMAVERA

CÉLIA MUSILLI

“A arte de perder”, de Elizabeth Bishop, é um dos poemas mais lindos que conheço. Num trecho diz: “Perdi duas cidades lindas./ E um império/ Que era meu, dois rios, e mais um continente./ Tenho saudade deles. / Mas não é nada sério.”

Talvez, o conforto de não levar a vida tão a sério seja a resposta para as pequenas dores. Mas o que fazer com as grandes? Perder uma chave ou a casa inteira dói. Mas perder um amigo jovem, como aconteceu comigo há quase um ano, me põe a pensar que a perda irreparável não é a dos lugares, nem das paisagens. O problema de perder pessoas é que elas se tornam invisíveis e nisso reside um dos maiores mistérios da morte que tira do nosso campo de visão a pessoa, seu andar, seus gestos. Suprime da audição sua voz, do olfato seu cheiro que, para mim, é uma das coisas mais significativas quando se trata de presença. Cheiro é difícil de recuperar, de ressignificar. Cheiro é a percepção familiar, mais íntima, a que poucos têm acesso em se tratando de outra pessoa. Talvez por isso os perfumes sejam tão marcantes como memória do corpo.

Quando ocorre a perda total do contato — quando não mais se vê, nem se escuta uma pessoa — sobreviemos graças à virtualidade que existe em nosso cérebro muito antes dos computadores. É lá, pelo milagre de neurônios e sinapses, que a pessoa vem a nós sem voltar de fato

ao mundo. Isso ganha com a informática uma espécie de materialidade extra que se não vence a morte, a ludibria. Quando perco um amigo que era meu contato numa rede social, conservo sua página se a família decidir por mantê-la. É assim que “recebo” de vez em quando um poema, uma fotografia, um conselho ou tenho a percepção de um pensamento de quem não está mais aqui. Nas lembranças cabem pessoas inteiras ainda que tenhamos de colar caquinhos, criando um quebra-cabeças particular de peças que formam nossas relações nesse mundo. Se no momento da dor maior queremos às vezes apagar memórias — por uma questão de autopreservação e defesa — elas depois nos revisitam quando estamos mais tranquilos e aí sim, doendo ainda, mas consolados pelo tempo, às vezes reencontramos a mãe, o filho, o amigo que se foi e percebemos detalhes que nem em vida havíamos notado.

Foi assim com um anel que sempre traz de volta minha mãe, um banco vazio de jardim que para sempre me trará meu pai. Então, a finitude ganha um recomeço, a transitoriedade começa a fazer sentido através daquilo que não colamos em vida, mas recompomos com a morte que faz eclodir detalhes na busca da reconstrução do que se foi.

Trazer um assunto triste em plena primavera não é uma contradição. Meditando sobre a dor de pessoas que perderam entes queridos, lembro-me de brotos de roseira e galhos novos de árvores que pareciam secas.

O tempo todo, a natureza nos ensina que nem tudo é ausência, nem deserto. E se as coisas não são sempre iguais, resta a esperança num outro florescimento, num broto, numa folha nova que surge às vezes das lembranças. É dessa forma, misturando virtualidade e memória, que muitas vezes curo minhas feridas, colando sobre os machucados

um unguento de plantas até que eles virem a cicatriz que recobre a carne viva. Neste ponto, lembro-me de um verso final do poeta Claudio Willer que cola sobre o desastre existencial uma palavra que considero absoluta: “Sobreviveremos”. Ela é a conclusão de um poema que integra a série “Visitantes” e faz todo sentido. Não se esqueçam disso quando perderem filhos, não se esqueçam disso quando perderem continentes, todos nós perdemos alguma coisa o tempo inteiro, essa é a grande lição de mais uma primavera, mistério do renascimento.

Célia Musilli (Londrina, 1957) é poeta e cronista, autora de *Sensível desafio* (2006) e *Todas as mulheres em mim* (2010). A crônica “Lição de primavera” foi publicada na *Folha de Londrina* em 27 de setembro de 2015.

DE UM BÊBADO E MULHER

CELINA SILVEIRA LUZ

Voltando a si daquela escuridão total em que mergulhara, seu pensamento circunvagava.

“Uma mulher é uma mulher é uma mulher...” e não conseguia sair disso

Estava plagiando alguém, sabia. Quer dizer, ele não. Seu pensamento. Que agora estava clareando mais um pouco. O que tinha acontecido? Bebera, é claro. O fato de não conseguir mexer a cabeça provava bem isso. Mas nada disso o interessava. Queria lembrar-se antes.

Mulher, tinha certeza.

Mulher era bicho burro mesmo.

Mas... mais burro não era ele de beber por causa de um bicho burro? Não. Nunca. Ainda mais que aquela era a “sua” mulher. Isto é. Quase.

Estava para ser quando estourou alguma coisa. Ele, ela, uma briga, nem sabia mais. Estourando agora estava sua cabeça. Se abrisse os olhos lembraria direito. Conseguiu. Olhou em volta e fechou-os ligeiro. Um furacão passara por ali.

Seria a mulher que ele amava?

Ah! a mulher que ele amava. Como podia? Ele — tão inteligente, tão independente.

Parece que a briga começara por causa disso. Sua independência. Era-lhe tão preciosa que no momento em que

ela — a amada — concordara em ser dele, pensando em tudo que isso implicaria, ele começou a se lamentar.

Não claramente. Citara Saint Exupéry “e este tapete árabe que comprei hoje, que me dá uma alma pesada de proprietário, eu que era tão leve que não tinha nada”.

Como é que ela tinha percebido?

Então não era tão burra.

Mas era chorona, o que era pior.

Positivamente, aquele tinha sido um dia de revelações.

Ela se ofendera e chorara porque ele a comparara a um tapete. Árabe!

Tinha certeza de que ela não era. Nem tapete. Nem adquirível... O que valorizava sua conquista.

Mas todos esses não eram motivos suficientes para sua ressaca colossal. Vai ver que ele bebera era por falta de motivos. Para brigar, para beber e para explicar a saudade louca que o acometera mal vira fechar-se a porta sobre ela. Ela lhe dissera um dia, ao seu lado, estar sentindo saudade dele. E agora? O que estaria sentindo?

Ia escrever-lhe já. Quando melhorasse talvez não tivesse coragem. Diria:

— Mulher, eu te amo. E ela voltaria, sabia, para ouvir dele o que ainda não tinha ouvido. E ele diria, mais, à sua (quase) mulher — que se havia comprado um tapete árabe, sem dele ter necessidade é que quisera sempre ter um tapete árabe. Um não. Este.

Celina Silveira Luz publicou crônicas no suplemento “Letras e Artes” do *Diário do Paraná*, onde esta crônica foi publicada em 20 de novembro de 1960.

NUM ELEVADOR

COLOMBO DE SOUSA

Esperávamos, num total de cinco pessoas, o elevador. Um indivíduo desconhecido — que, desde que ali chegáramos, falava arrebatadamente, em linguagem simples mas empolgante, sobre desastres ocasionados em elevadores — um casal, uma jovem e nós compúnhamos esse grupo.

Chegou, enfim, o elevador: o ascensorista abriu a porta; entramos; segundos após, éramos vertiginosamente deslocados para as cumeeiras do prédio.

O elevador subia sem parar; e o desconhecido narrador, que, até então, se não quedara um momento, continuava falando e empolgando...

As suas narrativas (narrativas de acontecimentos sinistros!), bem ou mal contadas, impressionavam o ambiente; e é possível até que as *Noites na taberna*, de Álvares de Azevedo, ou as *Histórias extraordinárias*, de E. Poe, não lo-grassem iguais resultados...

A jovem, que o escutava impacientemente de olhos esbugalhados, faces suarentas e coradas, em dado instante teve um desmaio... Foram só gritos! O elevador parara, possivelmente no décimo andar... O desconhecido, diante desse caos sumiu-se como por encanto; nunca mais o vimos. O certo é que, dentre nós, alguém chegou a dar-lhe as proporções de um Mefistófeles que ali fora para nos perder!

Quanto à jovem, vinte minutos depois, toda risonha, descia pelo mesmo elevador... A esse respeito há duas hipóteses plausíveis: é ser ela uma criatura, a um tempo, muito

impressionável e versátil, ou, vendo a impossibilidade de descer a pé tantos andares, recorreu ao elevador...

E o riso? O riso então seria para dissimular!...

Colombo de Sousa (Colombo, 1920-1991) foi professor e publicou diversos livros de poesia, entre os quais *Painéis* (1940), *O antípoda* (1959), *O anúncio do acontecido* (1968) e *O túnel do vento* (1981). "Num elevador" foi publicada no *Diário da Tarde* em 13 de outubro de 1944.

UM TEXTO CORINGA

CRISTOVÃO TEZZA

Um dos maiores pânicos da minha vida de cronista é, súbito, secar a inspiração. É também o clássico medo de todo escritor, é verdade, mas escritor não tem prazo. Posso ficar cinco anos sem publicar, e se enxeridos me cobram alguma coisa — “E daí, o novo livro?” — eu minto que a nova obra “vai bem”, mesmo que não tenha escrito uma linha. A demora do escritor tem o seu charme. Sempre quis ser um escritor difícil, inacessível, cheio de mistérios e truques na manga, mas tudo que faço é me virar do jeito que dá.

Mas crônica tem tamanho, data de entrega e endereço certo. O texto pode ser conversa fiada; o compromisso não. E o tempo vai passando. Hoje ainda é quinta-feira, e já sinto o vazio pela frente. É o maldito senso de responsabilidade curitibano. Estou em Boa Vista, Roraima, onde jamais estive antes. Pela janela do hotel vejo uma manhã ensolarada, casas simpáticas em meio ao verde, e no horizonte uma cadeia de montanhas que, cretino topográfico, imagino que é a fronteira do Brasil com a Venezuela. Talvez seja a Guiana — qual delas? Posso conferir na internet, mas me refugio na ignorância. A única coisa certa é que estou duas horas a menos de Curitiba. Vocês já estão almoçando e eu fiquei só com a fome. Daqui a pouco alguém vem me buscar rumo ao desconhecido. Claro, vai dar tudo certo — vou falar sobre literatura com a plateia da 20.^a Feira do Livro de Roraima (pronuncia-se “Roráima”) e depois certamente terei assunto para uma pilha de crônicas.

Mas sempre guardo um texto coringa para situações de emergência. Há mais de um ano escrevi uma crônica sobre pessoas que falam alto ao celular, tornando pública a vida privada, uma praga contemporânea. O assunto é batido, o texto ficou sem graça, o título é roubado de Rubem Braga (“Vivendo em voz alta”), mas a crônica vem há 400 dias rolando como pau de enchente, ganhando um adjetivo aqui, perdendo uma conjunção acolá, no esforço suado de tentar melhorá-la. Toda quinzena reenvio o patinho feio à paciente redação da Gazeta, com eternos pedidos de empurrar a coisa para a frente, como reserva: vamos que eu não consiga mandar a crônica da semana em tempo? Usa-se o estepe.

Hoje eu achei que iria, finalmente, queimar o coringa. Acordei com uma preguiça monumental, depois de uma viagem comprida — como é grande esse Brasil! Terça que vem, despacho enfim o “Vivendo em voz alta”, decidi corajoso. Dar um fim naquilo. O que me criou de imediato um vazio sobressalente — e depois? Lá se iria o último cartucho. Todos iriam perceber. Achei que uma crônica não publicada, arrastando-se na sombra, perseguida sem piedade pelo próprio autor, é um assunto muito melhor e mais misterioso do que ela própria queimada à luz do sol e dos olhos do leitor — e conservo, precavido, meu estepe de segurança. Como eu disse, tudo que tenho feito é me virar do jeito que dá.

Cristovão Tezza (Lages, 1952), radicado em Curitiba desde a infância, é escritor e foi professor de Linguística na Universidade Federal do Paraná. Estreou como ficcionista em 1980 com um livro de contos, *A cidade inventada*. Desde então manteve uma produção constante que conta com títulos como *Juliano Pavollini* (1989), *O fantasma da infância* (1994) e *O filho eterno* (2007). Foi cronista do jornal *Gazeta do Povo*, onde saiu este texto, publicado originalmente em 16 de novembro de 2010.

MY DARLING KATHERINE (MANSFIELD):

DALTON TREVISAN

amada miss Beauchamp, que tinha um pulmão pleurítico e como Betsy, a cavadora de ouro, fugiu em cima de um barquinho da Nova Zelândia, enxovalhando as honradas cãs do Papá, casada por alguns dias com um e dormindo na casa de outro — bravo miss Beauchamp!

Bebia capilé no elegante garden-party da coroação do rei Eduardo, dear, oh dear, depois tomava carraspanas infernais no quarto, sentindo-se absolutamente só, corpo inconsútil de taxi-girl e com lírica franjinha na testa, up lá lá!

Amava segurar pintarroxos entre as mãos, soltá-los pela janela aberta... Saco de ossos retorcido sobre a froinha da cama, escrevendo cartas ao marido distante (nunca gosto dele, really), para contar que almoçou presunto, pãezinhos frescos, vinho, charuto e uma laranja, nada boa por sinal e errando pelas estalagens malditas, enquanto amava um postilhão (oh! de bigodes retorcidos), do carro do rei.

Magra mais que um garfo, de cachecol no pescoço, oh Jack, sozinha em Paris, sem homem para amar e pedindo, a ingratos amigos, cigarros, chocolate e uma garrafa de uísque, três vezes abençoada. Triste, sabes Kathy? tão triste, ao lado da cancela, esperando um velhinho carteiro — e esta carta que não chegou.

De manhã, olhava a chuva pela vidraça, oh, oh Bill,

desejando coisas tão caras que não tinha (dois filhos, ama chinesa, sombrinha verde), por causa da tosse. Linda, poor Tig, intemporal no espartilho cor de violeta e sua fraqueza pelos velhotes bondosos de flor no peito. Rezando, a andar pelas ruas de estrangeira cidade, nervozinha e reumática da perna esquerda, com medo de ser violentada por algum soldado preto, o qual outras vezes se escondia debaixo da cama.

Poor Kathy, feia mas tão linda, faltou-lhe na vida (essa mágoa matou-a) um coronel da Índia como eu, bravo moço de óculos que, morta ainda, lhe beija com delírio as mãos de onde nascem, entre risos gaios, petúnias.

Dalton Trevisan (Curitiba, 1925) é contista, autor de livros como *Novelas nada exemplares* (1959), *A guerra conjugal* (1969), *A trombeta do anjo vingador* (1977), *Pão e sangue* (1988), *Pico na veia* (2002) e *O beijo na nuca* (2014). Publicou também um romance, *A polaquinha* (1985), e editou a revista *Joaquim* na década de 1940. Recebeu o Prêmio Camões em 2012. Esta crônica saiu no número 14 de *Joaquim*, de outubro de 1947.

FAÇA O QUE A CHEFIA MANDAR

DANTE MENDONÇA

Do Bacacheri, Walter deixou a amante no Cabral. Bairros vizinhos, em poucos minutos o destino fez com que aquele percurso lhe custasse horas de tormento.

— Passa para o assento ao lado e não faz besteira. Fica frio!

Foi o que o advogado ouviu de um elemento armado, enquanto um outro entrava pela porta traseira e lhe cobria os olhos com uma venda. Sua última visão foi da amante fechando a porta do prédio. Depois, o gesto do pegar o isqueiro para acender o cigarro e as sombras dos dois encapuzados junto à porta do Vectra.

A violência que veio a seguir é de vaga lembrança, porque mais forte foi a vontade de urinar. O assento do carro ficou úmido. Ou seria a calça?

O cano do revólver lhe machucou a nuca, quando o Vectra arrancou em alta velocidade, gemendo pneu nas esquinas. Walter obedeceu à ordem, permaneceu frio. Frio o suficiente para alertar sobre a velocidade do Vectra.

— Você está correndo demais, qualquer um vai perceber que se trata de um sequestro.

O encapuzado diminuiu a velocidade. Walter tomou um arzinho de coragem e voltou a aconselhar os raptos:

— Seria bom vocês tirarem a vendo dos meus olhos. Isso também pode chamar a atenção.

— O camarada parece sangue bom! — falou o motorista, enquanto o outro meliante tirava o capuz.

Num ermo do Pilarzinho estacionaram o carro. Tomaram água, o Rolex de 15 mil reais e limparam os bolsos do jovem advogado. Nisso, o celular do comparsa chamou.

— Tudo sob controle, chefe! Pode chegar, tudo limpo! O camarada é sangue bom. Estamos aguardando!

Minutos depois se aproximou a viatura da chefia, uma caminhonete importada. Vários sinais intermitentes (luz alta, luz baixa, um cigarro aceso) e o assaltante foi ao encontro do comandante.

— Ordem do chefe: vamos pra Santa Felicidade trocar de carro. Esse Vectra já está sendo procurado. Deram o sinal de alerta pra todas as viaturas da PM.

— Fedeu?

— Nada além desse cheirinho de mijo!

Antes de partir, Walter pediu, até suplicou:

— Anotem o número da minha senha do banco. Nessas circunstâncias, ainda sou capaz de esquecer!

— Escreve a senha que o doutor é sangue bom! E sangue bom, ouça bem um conselho: em bairro de bacana, nunca estacione o carro com vidros abertos e portas destrancadas. Assim o doutor vacilou!

Depois de ensinar outras normas de prevenção noturna, o sequestrador informou ao chefe.

— Tudo no bolso e na mão!

— Positivo! Vamos deixar o doutor no alto das Mercês!

— O chefe mandou: trinta reais para o táxi, taqui a carteira da OAB e outros documentos.

O Vectra foi incendiado em Santa Felicidade. Um momento antes de ser posto em liberdade, Walter ouviu o quadrilheiro responder ao celular:

— Pode ficar sossegada, querida. Hoje eu levo um cascalho pra casa!

Desligou o telefone e, olhando para o advogado, despediu-se:

— Era a patroa! Em casa ou na rua, doutor, guarde um bom conselho: sempre faça o que a chefia mandar!

Dante Mendonça (Nova Trento, 1951) é jornalista, cartunista e escritor. Radicado em Curitiba desde 1970, além da coletânea de charges *Álbum de figurinhas & figurações* (1989), publicou, entre outros livros, *Botecário — Dicionário internacional de boteco* (2004), *Curitiba: Melhores defeitos e piores qualidades* (2009), *Maria Batalhão — Memórias póstumas de uma cafetina* (2012) e *O diabo ataca no varejo* (2014), de onde foi extraída esta “Faça o que a chefia mandar”.

A ÚLTIMA ESPERANÇA

DARIO VELLOZO

Meio-dia.

Ondas luminosas cascadeiam pela atmosfera, incendiando o mármore branco das sepulturas.

Cabeceiam ciprestes, sonolentemente, amodorradamente, — sombrias atalaias, interrogações inconscientes suspensas entre o berço e o túmulo.

Cruzes numerosíssimas — braços abertos desesperadamente — escutam a misteriosa confiança das borboletas azuis...

E o coveiro, o velho sacerdote das ilusões perdidas, cabeça descoberta, a cabeleira branca esbatida de sol, aos ombros o sambenito da morte, encurvado ao látego das dores, trôpego e abatido, arrasta-se por entre os sepulcros, relendo pela vez milésima as inscrições todas que por ali avultam, — na mudez gravíssima dos caracteres a dolorosa eloquência de pretéritas aventuras...

— Velho, bom velho, e velho amigo, onde o modesto sarcófago de minhas fanadas esperanças?

— Ali — desditoso — ali, sob a esquiva ramagem daquele solitário arbusto, assinalado do pranto dos bardos e das Julietas...

E, suspendendo o braço, apontava-me, quase no extremo oposto do cemitério, o nada, o nada imorredouro de minhas vivas crenças...

— Onde o cadáver que sepultar desejas?

— Na corola desta flor.

— Nessa pequenina violeta?

— Sim — bom velho — nesta pequenina violeta.

Silenciosos acercamo-nos do sarcófago, cuidadosamente esquecido sob a esquiua ramagem do solitário arbusto.

Borboletas zigzagueavam pressurosas, ora segredando a pálidas flores a religião severa do desconhecido; ora esbatendo uma na outra as asas diáfanas, deliciosamente emocionadas da efêmera embriaguez do amor...

E o sol derramava luminosas cintilações, incendiando o mármore branco das sepulturas...

E o ciprestes cabeceavam sonolentemente, amodorradamente — sombrias atalaias, interrogações inconscientes suspensas entre o berço e o túmulo...

— Bardo, aí tens o religioso sacrário de tuas fanadas esperanças.

— Abre-o tu, bom velho, — para que aí deposite a mais querida de minhas mal-aventuradas filhas!

— Pois esse cadaverzinho, cuidadosamente amortalhado?

— É a derradeira lágrima da mulher que amei!

— E essa lágrima?

— Minha última esperança!

Soluçando, o coveiro atirou-se-me nos braços...

— Guardá-la-ei, guardá-la-ei, poeta!... Sou o sacerdote das ilusões perdidas!...

Dario Vellozo (Rio de Janeiro, 1869-Curitiba, 1937) foi figura de proa do movimento simbolista no Paraná e um dos fundadores do Instituto Neo-Pitagórico. Foi jornalista, poeta e contista, autor dos livros *Efêmeras* (poesia, 1890), *Esotéricas* (poesia, 1900), *Cinerário* (poesia, 1929), *Primeiros ensaios* (conto, 1889) e *Altair* (conto), entre muito outros. "A última esperança" apareceu na edição de 29 de janeiro de 1893 do jornal *A semana*, do qual foi secretário.

QUILOMBOS

DE PLÁCIDO E SILVA

Mesmo que os anos tenham decorrido com relativa abundância, não nos esquecem os bons tempos da meninice. E por isso o poeta não a olvidava quando repetia tristonho

Oh! que saudades que tenho
Da aurora de minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais...

Os anos passam... Mas a recordação fica, fagueira e risonha, como visão magnífica de uma existência feliz.

Crianças, tamanhos vários, vestes de toda forma, pés descalços ou de borzeguins de pelica, correm satisfeitas para as cenas dos quilombos. É dia de festa na cidade antiga, caindo, aos poucos, de seus deslumbramentos idos e vivendo dos faustos de outrora, que os tempos iconoclastas destruíram.

E quem naqueles bons tempos dizia festa, dizia quilombos pitorescos, cavalhadas esquisitas, cheganças e reisados, na sua maravilhosa esquisitice.

Era a tradição dos fatos ocorridos, repetindo-se bizarramente em representações rudes, mas bem sugestivas e bem divertidas.

Os quilombos estavam ali, armados no meio da praça. Choças de palha de aricuri, cercadas de arbustos silvestres, indicando moradas primitivas dos negros fugitivos,

nas impenetráveis brenhas dos sertões, que lembravam as terras nativas da África longínqua.

Até ali não chegaria o capitão do mato, até ali não chegaria a crueldade do senhor e nem o açoite doloroso e cruento do feitor da senzala.

Eram homens livres, longe da civilização que os escravizara. E o negro era feliz, cantando suas dolentes árias das terras ancestrais. E adorando seu Ogum, através de seus extravagantes Xangôs...

Mas ali os quilombos eram fantasia, que a era da escravidão se passara. Era simulacro de perseguição dos brancos aos negros foragidos.

E dentro dos casebres, armados para a folgança, brancos pintados de preto e negros de verdade saracoteavam ao compasso dos zabumbas de couro em tonéis de azeitonas, repetindo em sons lúgubres a versalhada decorada:

Dança negro...
Branco não vem cá...
E se vier...
Pau há de levar.

Dançavam em desespero, executando reviravoltas de todo quilate e mostrando os dentes bem alvos, em carantonhas enegrecidas. Mas os brancos vinham. Laçavam os negros em correrias. Risos e gritos. Pilhérias e chalaças. E a festa divertia e agradava.

Vinham os brancos com os negros amarrados. Os assistentes compravam a sua liberdade por alguns níqueis. Era o lucro dos folgazões.

E a festa terminava, com satisfação para todos. Mas junto de nós, tia Rita, a preta velha que nos criara, a mãe-

-preta da casa, suspirava olhando o desenrolar as cenas, em recordação às que se extinguiram

— Santa Izabel foi uma grande rainha...

Fora mais que santa, fora deusa que gerara a liberdade dos entes que os homens haviam transformado em coisas, pela ganância do ouro e por instinto de tiranos.

De Plácido e Silva (Marechal Deodoro, 1892-Curitiba, 1963) foi advogado, professor, jornalista e escritor. Foi um dos fundadores do jornal *Gazeta do Povo*, em 1929, e criador e editor da editora Guaíra nas décadas de 1940 e 1950. Publicou diversas obras jurídicas, o livro de contos *Histórias de Macambira* (1938) e o romance *Ódios da cidade* (1940). “Quilombos” foi publicado na revista *Marinha* em maio de 1938.

SINAL DO TEMPO

DE SÁ BARRETO

É voz corrente, com maior ou menos insistência, ouvir-se, a cada instante, que tudo está mudado, tudo está errado, que nunca se viu nada como hoje vem acontecendo.

As queixas são contra o tempo, os usos, os costumes, enfim, contra quaisquer coisas que sucedem em desacordo com os desejos, os interesses ou a disposição momentânea dos reclamantes e descontentes.

Sempre foi assim, aliás.

O homem nunca está satisfeito consigo mesmo, quanto mais com a sua época e os eventos que dela são frutos.

O rosário de reclamos é desfiado permanentemente e, o mais curioso, é que cada qual, ao trazer à baila o assunto, defende, com veemência, o seu ponto de vista, aduzindo argumentos e mais argumentos para abonar as opiniões expendidas e dar-lhes o viso ineludível de observação absolutamente exata, de verdade incontestável.

As vítimas, para aguentar com a responsabilidade da origem desses acontecimentos, têm sido e continuam a ser muitas e as mais diversas.

Há, no entanto, uma clássica, que não escapa — quando existe — à sanha das acusações: a guerra.

Isso, até certo ponto, é natural.

Esse lamentável fenômeno social traz consigo largo e doloroso cortejo de sucessos que não podem, mesmo, deixar de afetar o curso normal da vida em coletividade.

E, como a guerra é uma das mais tristes desgraças

que costumam afligir, periodicamente, a humanidade, não importa, pois que, como execração, a elas se atribuem tantos males!

Mas, pondo de parte essas credices populares, que a guerra seja ou deixe de ser a causa disto ou daquilo; que o sol com suas manchas mais ou menos pronunciadas, que a lua ou certos ventos (naturalmente de mau estro e spleen) também sejam ou deixem de ser a fonte de tudo de ruim que acontece, o fato é que, “no duro”, como se diz na gíria, os tempos estão realmente mudados.

E estão porque, ainda há pouco, li no noticiário das agências telegráficas que em Londres, para se extinguir o fogo que lavrava numa fábrica, foi empregada, com eficácia, cerveja.

Força é, pois, que se reconheça o fenômeno, como sinal do tempo!

Cerveja, para apagar “fogo”?!

Ainda se fosse nas Arábias, poder-se-ia admitir, mas em Londres!...

Só se tudo está, mesmo, fora de dúvida, inapelavelmente errado...

De Sá Barreto (Curitiba, 1906-1986) foi jornalista, poeta, contista e dramaturgo. Publicou, entre outros, *Nuvem que passa* (1922, poesia), *O automóvel n. 117* (1925, contos), *Sapatos de noivado* (1940, teatro) e *Realejo dos enlevos* (1977, poesia). “Sinal do tempo” foi publicada no *Diário da Tarde* em 17 de fevereiro de 1944.

REVISTA MENSAL

DE O DEZENOVE DE DEZEMBRO

Antes de principiarmos a nossa tarefa mensal, julgamos de rigoroso dever dizer duas palavras sobre um artigo publicado pelo *Dezenove de Dezembro* no número passado, e assinado pelo sr. M. A. de Paula, relativamente às estradas do Itupava e da Graciosa.

O sr. Paula, partidário exagerado da estrada do Itupava, tão açodado se apresentou a pleitear a sua causa pela imprensa, que inconsideravelmente envolveu-nos com seus adversários, sem ter para o fazer a menor razão: das nossas expressões, ao menos, nada se pode coligir que o autorizasse a proceder por semelhante maneira.

Referindo a ordem que a presidência expedira ao tenente-coronel de engenheiros Beaupaire, quase literalmente copiando as próprias palavras do ofício da presidência, que se lê no primeiro número do *Dezenove de Dezembro*, a Revista acrescentou que o dito tenente-coronel partira a cumprir aquela ordem, andando nesse empenho por ontes e vales, ajudado de seus companheiros de trabalho.

Pronunciamo-nos contra o estado da atual estrada do Itupava, que, segundo nos affiançam, é péssimo, dizendo que esperávamos que o tenente-coronel Beaupaire nos livraria dos incômodos do seu trânsito. Era contra esse horrível Cadeado que falávamos, por onde, como diz o sr. Paula, desceu o instinto popular, evitando as subidas e paus da Pedra Lavada, pela qual se deixavam anteriormente rolar e nadar os povos centrais. A nenhuma das duas estradas de-

mos então preferência; assim como abstinemo-nos, receoso de antecipar juízos temerários, de falar das novas picadas operadas pelos engenheiros em suas excursões.

Por onde é, pois, que o sr. Paula conheceu a nossa opinião sobre a questão das estradas? Como é que soube que achávamos que a estrada da Graciosa era melhor do que a do Itupava, quando nada dissemos sobre a Graciosa?

Estranho completamente aos partidos locais das estradas, aguardamos o resultado dos trabalhos dos hábeis engenheiros encarregados de as examinar para, depois de tudo bem ventilado, poder formar o nosso juízo: e, alheio à profissão de engenheiro, não profanaremos a sua ciência, empenhando-nos em uma pretensiosa discussão científica sobre semelhante objeto. Confiamos demasiadamente nos talentos e luzes dos dignos engenheiros encarregados desse trabalho e na sabedoria do governo provincial, para duvidarmos de que semelhante negócio será resolvido da maneira mais proveitosa às diversas povoações interessadas na questão, e à prosperidade de toda a província do Paraná.

Explicado assim o nosso pensamento, tão extraordinariamente interpretado, nada mais temos com o autor do artigo das estradas, a quem também nada mais diremos, ainda que volte sobre semelhante assunto.

Vamos agora à Revista.

Temos notícia de que se trata atualmente com todo o empenho de dar-se-nos um cemitério público, a fim de cessar por uma vez o péssimo costume dos enterros nas igrejas. O sr. Benedito Enéas foi o cidadão escolhido pelo governo para encarregar-se da obra, sobre um belo plano apresentado pelo tenente-coronel Beaupaire, que será executado debaixo da direção de qualquer dos engenheiros da província.

A câmara da capital já entregou àquele cidadão a quantia de um conto e noventa mil reis que, para este destino, guardava em seu poder.

O sítio escolhido para o campo santo não podia ser mais azado: um pouco adiante do lugar conhecido pelo nome de Pedreira, sobre o lombo de uma colina, dali se avista a cidade de Curitiba de um lado, e do outro o campo, as chácaras, as choças, semeadas aquém e além por entre os pinheirais confusos a perder-se em um vasto horizonte. O campo da morte vai ser um lugar próprio para as meditações graves e profundas sobre Deus e a eternidade, pelo enlevo do sítio, pela propriedade da paisagem.

O governo acaba de pôr à disposição da câmara da capital o engenheiro Emílio Gengembre para verificar os limites de seu rocio, e a câmara já se acha empenhada nesse trabalho.

Fazendo uma rápida transição, passaremos de coisas tristes e sérias a ocupar-nos de um assunto alegre, imitando os dramas da escola moderna, que já também nisso imitaram a natureza, que é a origem de tudo o que é verdadeiramente belo.

Falaremos da sociedade de bailes, que se trata de estabelecer nesta capita. Tem por nome, por divisa, por fim a — Harmonia —: o pensamento de sua instalação é uma consequência da atual ordem de coisas. Com a instalação da província, com a harmonia dos partidos políticos, devia também aparecer alguma coisa em favor da harmonia das famílias; na nossa opinião uma sociedade de bailes, organizada com esse pensamento, muito concorrerá para estreitar as relações íntimas entre os diversos grupos da grande família paranaense, e que os acontecimentos políticos haviam sobremaneira afrouxado.

Consta-nos que já excede a sessenta o número dos sócios, em cuja frente o sr. Conselheiro presidente da província, e que brevemente, apenas ache casa para estabelecer-se, principiará a sociedade a funcionar.

Sôfregos esperamos os primeiros bailes da Harmonia! Em meio dos prazeres de um sarau, as horas voam como os dias da felicidade, os pensamentos tristes desaparecem, como a branca geada aos raios tépidos do sol; e as ilusões da vida, a poesia d'alma, a realidade do prazer nos cerca por todas as partes, no refletir das luzes, ao gemer melodioso da música, no aroma das flores e ao sorrir dos lábios d'anjos. E a lânguida contradança, a estouvada valsa e a scottich, prazer e escolha de muitos fashionables, pondo tudo em movimento, eletriza todos os corações e imprime n'alma um inefável contentamento.

Quanto não é grato ao pobre funcionário público, ao negociante, ao lavrador, depois de um dia de prosaico tráfico da vida, passar algumas horas divertidas no meio de uma sociedade de baile! Todos os motivos de desgosto, que se lhe tenha impressionado durante o dia, desaparecem ao transpor o limiar do salão.

Faremos votos para a duração de um divertimento que não concorre pouco para os melhoramentos morais de que tanto carecemos.

FRANCISCA PLACIDINA E SEUS QUATRO FILHOS REDUZIDOS À ESCRAVIDÃO NA VILA DE CASTRO

DE O DEZENOVE DE DEZEMBRO

Ilustríssimo e excelentíssimo senhor presidente da província — Ante a presença de Vossa Excelência vem respeitosa-mente Francisca Placidina, escrava que foi da finada Rita Florinda de Jesus, moradora no distrito da freguesia de Ponta Grossa, termo da vila de Castro, queixar-se que ela suplicante, pela bondade de sua finada senhora, foi remunerada pelos serviços que prestou-lhe durante sua vida, com a carta de liberdade, como se deixa ver pelo documento n. 1, e dessa mesma liberdade gozam quatro filhos menores que a suplicante teve depois de passada sua carta, como se vê no documento n. 2: acontece, porém, Excelentíssimo Senhor, que a suplicante ainda não soube qual é o gozo da liberdade, porque logo que sua finada senhora findou a carreira da vida, foram denunciados seus bens ao juízo municipal de Castro, com bens de ausentes, e sem herdeiros, ao que deu motivo vir ao lugar onde residira a finada o juiz municipal daquela vila e o curador geral, os quais fizeram arrecadação de todos os bens, em cujo ato declarou a suplicante ser liberta, e o juiz fez uma nota na mesma arrecadação, e

conduziu tudo para Castro. Postos ali em depósito os bens por bastantes dias até que vieram os herdeiros de minha finada senhora e os de seu finado marido Antônio de Lima, levantaram-nos e procederam a inventário, e partilhas, não excluindo delas a suplicante e nem seus quatro filhos menores, do que só fui sabedora depois de feitas as ditas partilhas, sendo então intimada para um novo cativeiro. Desta sorte repartidos todos os meus filhos e, no mesmo ato, vendida minha filha de nome Maria a Lúcio Cordeiro, morador da vila de Guarapuava, onde existe, e vendo-se a suplicante nas circunstâncias que tem ponderado a Vossa Excelência tentou recurso da justiça nomeando um procurador na vila de Castro, o qual requereu logo depósito da suplicante e de seus três filhos que nesse termo existiam, ficando este encarregado de continuar o processo por diante, e assim esteve a suplicante esperançada por espaço de 10 meses, até que no dia 13 de junho último foi meu depositário intimado de um mandado do juiz municipal Joaquim José Borge como juiz desta causa por ter-se dado de suspeito o atual, o dr. João Miguel de Melo Tavares, em cujo mandato são novamente a suplicante e seus filhos menores entregues ao cativeiro, como se vê no documento n. 3.

Na atualidade, em que a suplicante se acha, a não lhe valer a clemência de Vossa Excelência como órgão da justiça, e sua execução se verá com seus quatro filhos que nasceram libertos reduzidos a perpétuo cativeiro.

Por isso, Excelentíssimo Senhor, a suplicante espera que Vossa Excelência, mandando examinar todos esses fatos, faça com que as justiças ordinárias ponham a suplicante sob o abrigo das leis, que tanto favorecem a liberdade, como também os seus direitos em salvaguarda de maiores perseguições, atento o nenhum recurso da suplicante para

a defesa deles, a não ser a retidão, imparcialidade e superior posição de Vossa Excelência, de quem espera — R. M.

A rogo de Francisca Placidina, escrava que foi da finada Rita Forinda de Jesus, e por ela — Antônio Rufino Nunes.

O Dezenove de Dezembro começou a circular em primeiro de abril de 1854. Foi o primeiro jornal da então província do Paraná, criada por decreto menos de um ano antes. Era impresso por Cândido Martins Lopes e saía aos sábados, com quatro páginas. Sua feição era a de um “diário oficial”, já que grande parte do que publicava eram as leis emitidas pelo Governo do Estado e, mais tarde, pela Assembleia Provincial. Não publicava crônicas, mas mantinha uma seção esporádica de “Variedades” e um Folhetim, no qual saía uma “Revista mensal”, assinada por Americus. Por ser o que há de mais próximo à crônica que publicou, e para registrar a presença do jornal pioneiro em seu primeiro ano, reproduziu-se uma delas aqui, a de primeiro de julho de 1854, juntamente com um texto que não é crônica, mas lido hoje, em sua prosa direta e precisa, vale como crônica, em sentido histórico, da escravidão no Paraná, publicada em 9 de setembro do mesmo ano.

SEVERINA

DENISE STOKLOS

“Nenhuma identificação com a obra é a prova irrefutável da imensa gozação que o autor dá no mundo. Ele mostra que conhece as dicas. Ele mostra que existem dicas na arte. Mas é triste. Pra ele mesmo. Morrer a cada palavra escrita não é solução nem passo. É a “forma” e foi a que descobri. Só se subsiste com uma. É com vergonha mas com coragem que confesso a minha.

Gosto de viver convivendo com o talvez. O talvez oscila e é incoerente: não persiste na dúvida e toma todas as posições. Aventura eterna, sem par: casal é instituição — mas difícil progredir. Afirmação é estática. Quero o que não pare. O que me experimente em todo o diferente que posso caber na vida. O que já conheço foi. Agora tem mais. Com certeza tem muito mais cada nova vez. Cada vez que não descanse.

Espero terminar ainda como em fato inédito. A morte não conheço e não sabia do nascimento. Agora renasço (ou morro?) a cada novidade. Sou branca e as cores adquiero das que desprendem-se das situações e de minhas disponibilidades. Essas são congênitas ou temporais. Entre elas está a angústia da colaboração neutra e emanações foscas.

Tenho fé que a personalidade dos momentos me construa diversa, intensa e certa, com a certeza que o imprevisto é o máximo. Pois máximo é o dinamismo das alterações e densidade de cada elemento delas — o resultado, o composto, é o máximo.

Meu amor é berrante e numa noite coloriu-me os

dias. Daí ele tornou-se insípido diante do resto tão technicolor. Esqueci-o passando a viver o brilho de cada detalhe dos sessenta segundos.

Ser a cada momento é muito mais vida — cada momento constitui-se de moléculas compostas de muitos átomos gerados de inúmeros outros (quem sabe até do elemento atômico que pode em estado puro acabar comigo e tudo). Minha sorte é constituir-me de impurezas.

O que eu quero é um desejo agora mas para satisfazê-lo na hora. Além disso é preciso ter sobressalente uma certeza atemporal. Sobre todas as situações, um ponto de referência identificável incondicionalmente.

Mas estou realmente tranquila ou só indiferente? Não sei se sentir o chão significa só renúncia de céu. É encontro ou enquadramento? Estou sendo supra-eu-mesma ou só me torno mais íntima de meus cacoetes? Esta paz advém de eu ser presente ou de me ter abandonado à placidez de estar?

Olha, palavra nenhuma que digo, pra mim soa só como som. Só falo o que guento, o que sofro, o que me sorriu. Escrevo verdades melodiadas — espero que a poesia não sucumba à mediocridade. Depois, ninguém só diz. A gente quer é se escutar na resposta do ouvinte. Resposta não dedutiva ou indagadora. Repetitiva, isso sim, nem por isso morta: as palavras podem até ser ditas ao contrário e às avessas, porque com certeza através do som incongruente vai se ouvir o sorriso. É que a minha alegria ofereço pra repartir. Por favor não me chamem egoísta. Não quero outra coisa senão que vivam a minha alegria cada qual com seu modo de arcar os lábios, emitindo em seu tom, na sua maneira de descobrir, um ressonante riso bem descontraído em tempo, espaço e música, mas que com certeza atrás do

som incongruente as particularidades de cada um. Se também as janelas e as pedras se permitissem brilhar eu queria.

Pera aí. Tô começando a esquecer: Não se pode esperar das sensibilidades aquilo que a nossa não sabe pedir. É aí que não peço mais nada. Dou de cara uma bruta chorada e desencalho meu monólogo de lágrima.

Mas é que é tão de vida essa vontade de ser em mais de um! Só quem fala tem o privilégio de ouvir a participação. Então agradeço não ter nascido bicho até lembrar que eles se participam pelo olfato. E nós, além de silêncio, às vezes nem usamos perfume que ajudasse o reconhecimento. Como não me sobra voz, olfato, visão nem mímica, luto como animal enjaulado tentando afirmar minha liberdade de cavalo xucro numa relva gasta, mormaço seco e céu flicts me respondendo nada. Ainda me pedem que faça dormir em mim minha ânsia deles.

Se participar vai ao ponto médio de sucumbir ante ordens inibitórias tão rasas de vida, tão cheias de desimportância é porque meu brilho glorificante não atrai apesar de eu ter o cuidado de escolher só quem antes me haja solicitado (se bem que nunca digam claramente, percebi que lhes fiz algum bem. Não eu propriamente, mas o que os refleti quando se olharam em mim).

Na vala que nos separa residem, perpetuam e são nossas fragilidades. Os temores de se ver nu sem proteção da carne no vivo. Como é preciso aquele alerta de sensibilidade de nervo exposto. Ver a vala, conteudá-la de flores em forro de afeto para nosso caminhar ao marco que só espera ver seu lote edificado em Monumento ao Encontro. E não falo de um abstrato a dois mas de um concreto uno, resultado da nossa vizinhança; correlatas individualidades que se encontram no infinito das paralelas, entre a vala. A vala

viraria vazante vã no inevitável transbordamento dos nossos jardins crescentes (pois que assim determina a chuva e a lua, no verde). Era preciso daí, coragem. Esquecer a vala fronteira. Desmedir o jardim de cada um e se encostar nos escombros dos muros, conversando...

Ora, chega; ser quase gente grande é muito monótono. Por isso minhas hesitações e incertezas são particularidades que não dispenso a nenhuma horizontalidade — elas pelo menos me permitem dormir. Tenho dito.”

Denise Stoklos (Iratí, 1950) é atriz e escritora. Antes dos 20 anos, ao mesmo tempo em que estudava jornalismo e iniciava a carreira que a tornaria conhecida, escreveu uma coluna sobre arte e artistas no *Diário do Paraná* — “Severina” é desse período, tendo saído no *Diário do Paraná* de 8 de fevereiro de 1970. Dramaturga, é autora de mais de 20 peças, entre as quais se contam *Denise Stoklos in Mary Stuart* (1987), *Des-Medeia* (1994) e *Calendário das pedras* (2001). Também publicou o livro de poemas *Tipos* (1992) e o romance *Amanhã será tarde e depois de amanhã nem existe* (1994).

ENSINANDO DEUS

DOMINGOS PELLEGRINI

Coloco minha mãe na cama, ela geme, suspira, grunhe, resmunga, enfim desabafa:

— No dia em que eu for conversar com Deus, ele vai ouvir!

Nem preciso perguntar por que, ela continua:

— Porque Deus podia criar todas as pessoas iguais! Se alguém fosse um pouquinho mais burro, Deus tinha de ajudar! Mas não, bota no mundo tanta gente burra e com preguiça!

Pergunto quem ia carregar peso e lavar privada se todos nascessem inteligentes e empreendedores. Ela pensa, repensa e decide:

— Gente pra trabalho braçal tinha de continuar existindo, mas devia ganhar igual quem trabalha só com a cabeça!

Suspira, ajeita a coberta.

— Por falar em trabalho, Deus criou o mundo mas e depois? Queria perguntar pra ele: hoje, qual é o seu trabalho, Deus?

Balança a cabeça no travesseiro, satisfeita com a ideia.

— E vou falar pra Deus que todo mundo que ficasse aí vagabundando no mundo, tinham de experimentar o inferno um pouquinho, antes de morrer!

Passa a língua pelos lábios, como se para apreciar melhor as próprias palavras.

— E o inferno não ia ser um lugar onde todo mundo fica pegando fogo, não, ia ser um lugar em que a gente ia perguntar quem vai fazer a comida, e ninguém ia responder, e a gente ia perguntar quem vai lavar a roupa e limpar a casa, e ninguém ia responder, e quem vai lavar a louça, mas que louça, se nem ia ter comida!...

Repensa e resolve:

— Aliás, esse inferno já existe aqui, né, pra quem é preguiçoso e por isso é chamado de porco, mas o porco não merece isso.

Fica olhando as paredes, os quadros das telas que bordou, os porta-retratos na cômoda, depois volta a Deus:

— Vou falar também que ele devia ter feito a cana pra virar garapa, e rapadura, e açúcar, mas, quando fosse pra virar pinga, virasse uma coisa mais fedida que cocô de nenê, pra nenhum homem mais trocar por pinga o dinheiro do leite pras crianças!

Os olhos brilham:

— Outra coisa que Deus devia ter feito era os peitos da mulher ficarem mais firmes e mais bonitos quanto mais amamentasse!

— Que mais, mãe?

— Que você tá escrevendo aí?

— O que a senhora está falando, mãe, vou escrever uma crônica.

— Vai mandar pra Deus?

— Vou colocar no jornal, mãe.

— Deus vai acabar sabendo. Mas vai deixar tudo do jeito que está. Ele não aceita palpite... Mas, se eu puder falar com ele quando for pro Céu... Você acha que eu vou pro Céu?

— Com todas as nuvens e anjos, mãe.

— Então. Aí vou falar pra Deus que tem dias que desconfio que ele me deixou tanto tempo aqui pra pagar dívida, e eu quero pagar minhas dívidas depois de morta! O certo era a gente morrer, aí chegava o anjo secretário de Deus e cobrava as dívidas. Aliás, Deus tinha de ter ajudante não só no Céu, esse monte de anjos e santos, mas também ajudantes aqui na terra, pra este mundo melhorar! Alguém tem de falar isso pra Deus!

— A senhora vai falar, mãe.

Ela mexe os lábios, remoendo.

— E se ele não gostar?

— Aí a senhora pede desculpa, gente boa sempre aceita desculpa.

— É... Você tem razão, você é um bom filho. Vou sentir falta de você lá.

— Um dia eu vou, mãe. Dê lembranças a São Pedro. Boa noite.

Domingos Pellegrini (Londrina, 1949), além de jornalista e cronista, é contista, romancista e poeta. É autor de obra vasta, com mais de 30 livros publicados, dentre os quais *O homem vermelho* (contos, 1977), *Terra vermelha* (romance, 1998), *O caso da chácara chã* (romance, 2000), *Pequenices* (crônica, 2014) e *Mulheres esmeraldas* (romance, 2018). “Ensinando Deus” foi publicado na *Gazeta do Povo* em 18 de abril de 2009.

A OUTRA MORTE DE GODOFREDO DE CARVALHO

EDILSON PEREIRA

Godofredo Vicente de Carvalho era dono de bar em Castro, casado e tinha um filho. Ia à igreja aos domingos, gostava de futebol e não perdia jogo de seu time — o Corinthians. Um dia foi a Ponta Grossa e não voltou. A mulher, Doralice Veiga de Carvalho, registrou queixa. Os policiais disseram que um homem parecido com Godofredo foi assaltado na noite em que ele viajou. E morreu. O carro, um Uno parecido com o de Godofredo, foi incendiado. A mulher se conformou com a viuvez. Mais um drama no mundo.

No entanto, cinco anos depois do incidente a irmã de Doralice, Zildinha da Avon, que morava em Ponta Grossa, apareceu desconfiada em Castro. Ela disse que esteve em Pirai do Sul para levar produtos para umas amigas e encontrou um homem com a cara de Godofredo.

“Ele tinha cabelos brancos, usava chapéu e cachecol. Tinha um cigarro num canto da boca e olhava fixamente para o lugar em que eu estava.”

“Ele te viu?”

“Ele não me viu porque fiquei assustada e me escondi.”

Não há nada tão inquietante e misterioso no mundo dos vivos que a repentina aparição de um morto. Doralice teve calafrios. Ela pensou e disse para a irmã:

“Eu não vou atrás dele. Se for mentira, eu vou gastar tempo. Se for verdade eu vou sofrer.”

Zildinha ficou quieta e depois que foi embora, Doralice procurou um velho policial aposentado. Contou o estranho caso e pediu para ele conferir em Piraí do Sul o que havia de verdade no relato da irmã. O policial aposentado Reinaldo Jungmann disse que se Doralice pagasse despesas de viagem — passagens e comida — iria conferir o que estava acontecendo, porque a sua vida se resumia a jogar damas na praça com os motoristas de táxi.

“Vou me sentir útil.”

Ele viajou na semana seguinte e dois dias depois retornou com a seguinte história:

“O homem de Piraí era o Godofredo. Ele tinha posto de gasolina, era casado com outra mulher, tinha um filho pequeno, gostava de futebol e de ir à missa aos domingos.”

Doralice perguntou:

“O senhor falou com ele?”

Reinaldo disse que não. Ele tentou. Mas quando se aproximou para falar com ele, um automóvel desgovernado atropelou Godofredo, que morreu espremido entre o carro e a bomba de gasolina. A mulher não acreditou na história.

“Eu sabia que a senhora não ia acreditar. Por isso tomei o cuidado de cortar o dedo dele para trazer de prova.”

Reinaldo mostrou o dedo de Godofredo. Doralice reconheceu. Quantas vezes beijou aquele dedo? E não teve dúvidas da segunda morte do marido. No entanto, quando Zildinha voltou a Piraí do Sul para receber o dinheiro da Avon, soube de um estranho incidente com o dono do posto de gasolina. Ele perdeu o dedo e boa grana para um velho policial que apareceu por lá e ameaçou contar para a primeira mulher dele que ainda estava vivo. Mas desta vez Zil-

dinha não disse nada para a irmã. Ela desconfiou que aquilo ainda ia terminar em tragédia.

Edilson Pereira (Oriente-SP, 1952) é jornalista, dramaturgo e ficcionista. Cultiva o gênero policial — é o criador do detetive Lindomar Stenzel — e alguns de seus romances policiais foram publicados em formato de folhetim no jornal *Tribuna do Paraná* antes de saírem em livro. Foi nesse jornal, em 21 de agosto de 2016, que esta “Outra morte” foi publicada. Trabalhou também no *Diário do Norte do Paraná* e em *O Estado do Paraná*.

NO WOMAN NO CRY

EDSON VICENTE

Bob Marley rolava e ele pensava em Gil.

— Tudo, tudo, tudo vai dar pé! Tudo, tudo, tudo vai dar pé! Amigos presos, amigos sumindo assim, pra nunca mais — cantarolou, sozinho, e um arrepio percorreu a pele negra, encrespando ainda mais os cabelos nas tranças finas.

Fumando, ele sentia-se o próprio rastafári. E pensou, sorrindo:

— Se aqui no Brasil é assim, imagina na Jamaica!

Abriu a gaveta e engraxou o revólver niquelado, herança de um vigilante de banco, que, esperto, não reagiu quando os quatro homens gritaram “todo mundo no chão que ninguém leva bala”.

Olhou a criança de colo e enxugou as lágrimas fáceis da mulher, olhos vermelhos de esfregar.

— No, woman, no cry — gritava o alto-falante nos seus tímpanos machucados pelos telefones na sala de espera da delegacia de polícia, ainda na semana passada, quando o acerto que o livrou do flagrante levou até mesmo a aliança, presente de casamento de um receptor, amigo antigo, que garantiu ser a joia da melhor procedência.

Jogou a ponta pro santo — “É tua, Bob” — sorriu, balançando o corpo no ritmo do reggae.

— Este ano vamos ver tudo colorido — tripudiou da própria sorte e deu beijo molhado na moça, que só conseguiu pronunciar uma profecia.

— Cuide-se.

O Passat buzinou na frente da casa popular e ele não disse mais nada. Jogou a bolsa no ombro e entrou no carro, sonhando. Não gostou da cara do amigo sentado no banco de trás.

— Para de espremer os dedos desse jeito que bota todo mundo nervoso — foi áspero.

Três e meia da tarde, o sol forte facilitava as coisas, os óculos escuros pareciam naturais. A fila dupla em frente ao banco até ajudava, o carro podia ficar com o motor ligado sem bandeira. Depois, era sumir no movimento e cada um pro seu lado, a pé mesmo, e sentar em cima do dinheiro, rindo da cara do gerente.

O carro encostou e os três desceram rápido. O que ficou no volante acendeu um cigarro e não tirou mais os olhos do retrovisor. Percebeu um Opala cinza encostar atrás, mas não deu bola.

— Um dia vou ter um desses e quando for no banco vai ser só pra depositar — delirou.

O banco estava tranquilo. Pouca gente nos caixas, o gerente sozinho na mesa do canto. Um ficou na porta, outro, no meio da agência. Ele, o mais experiente, abriu o zíper da bolsa de náilon e já ia gritar quando ouviu a voz alta, grave, nas suas costas:

— Larga disso, vagabundo, senão vira peneira. A gente tava te esperando, safado!

As duas bocas da escopeta, escancaradas, abafaram qualquer reação. Só teve tempo de ver os companheiros serem empurrados para o chão antes de largar a bolsa, com o revólver e a esperança de voltar para a Bahia, comprar um chalé na praia e aposentar-se de vez.

No camburão, já machucado, chorou de raiva quando percebeu que faltava um, o mais nervoso, que não para-

va de esfregar as mãos a caminho do banco. Na entrada da cela, cuspiu no chão e fez o sinal da cruz.

Domingo, dia de visita, ele ajeitou o cabelo. Fez umas tranças amarradas nas pontas com barbante sujo. Limpou o sangue pisado do rosto e esperou a visita da mulher. Ela não trouxe o menino — ainda bem, ele não devia ver o pai assim.

— Ele vai ficar com minha mãe uns tempos...

— Faz bem — respondeu.

Ficaram um tempo em silêncio. Depois ele tomou coragem e pediu, tímido:

— Se der, arranje um walk-man.

Edson Vicente, o Jerê (Londrina, 1958-Joinville, 1995), foi jornalista. Trabalhou no jornal *A Notícia*, de Joinville, mas principalmente na *Folha de Londrina*, onde foi repórter, editor e manteve uma coluna chamada “Baixa sociedade”, onde esta crônica foi publicada, e que forneceu material para livro de mesmo nome em 2002.

JUIZ E FUTEBOL

ELOI DA CUNHA COSTA

O futebol é, incontestavelmente, o jogo mais popular e querido do Brasil.

O brasileiro de todas as idades adora assistir uma partida de futebol.

É, não há como negar, um jogo interessante, másculo, emocionante.

Cada cidadão é um clube, isto é, é um homem que tem um grande amor pelo seu clube, no qual não encontra nem defeitos nem falhas, e que se rebela sempre com a “má sorte” que permitiu ao conjunto representativo de suas cores que fosse derrotado pelo seu antagonista. Que é sempre mais fraco, não possuindo harmonia de conjunto, não apresentando individualmente nenhum jogador, mas que a sorte, “exclusivamente a sorte”, fê-lo sair vencedor no último encontro realizado.

Dáí se conclui, e mui logicamente, que o torcedor é sempre o cidadão mais unilateral e parcial do mundo.

De quando em vez, os jornais e rádios apregoam uma verdadeira guerra de nervos, que um jogo internacional se vai realizar, ou, como agora, que se vai disputar o campeonato nacional de futebol; então a gente, mesmo sem querer, começa a se sentir invadido pelo entusiasmo coletivo, que é sempre contagiante. Surgem os palpites, os técnicos de todos os quilates vão para os cafés, organizam seus quadros, defendem seus pontos de vista, discutem e vão dormir sempre discutindo.

Afinal, chega o dia do jogo, uma enorme assistência nervosa e agressiva vai para ver a vitória de suas cores.

E torce o torcedor; torce como uma necessidade de sublimar todos os seus recalques; ele tem de voltar para casa aliviado de uma porção de preocupações, e o meio mais oportuno para o desabafo é o futebol.

Lá ele chama o juiz de ladrão, grita que seu adversário é “cavalo”, quer matar o bandeirinha, etc.; isso tudo porque seu quadro não está ganhando.

Mas anteontem foi uma coisa realmente emocionante e impressionante. O quadro do Paraná realizou o seu segundo jogo contra os gaúchos, que já nos haviam vencido em Porto Alegre, e, após 90 minutos de alucinantes jogadas, foi derrotado porque o único gol consignado naquela tarde foi anulado pelo juiz da partida, que é homem, como qualquer um de nós, e cujas decisões são inapeláveis.

Não está certo, Sr. Juiz, o senhor foi injusto. O Paraná jogou sempre e sempre, muito e muito melhor que nossos irmãos do Rio Grande, ele não podia perder como perdeu. É um verdadeiro absurdo não haver um meio legal capaz de invalidar uma decisão errônea como esta.

Contaram-me que um dos grandes orientadores do esporte no Brasil esteve presente ao encontro de domingo. Não é possível não houvesse ele verificado o quanto de razão tinham os paranaenses contra o árbitro que, com sua atitude, alijou-nos do Campeonato Brasileiro deste ano.

Que se faça um protesto e que se prove que protestamos não por partidarismo exaltado, mas porque temos razão e porque vencemos os gaúchos.

Eloi da Cunha Costa (Curitiba, 1913-1997) era advogado e foi um dos fundadores do curso de Economia na Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde atuou até a aposentadoria. Colaborou na “Nossa Coluna” do *Diário da Tarde*, onde “Juiz e futebol” saiu em 7 de novembro de 1944.

VAMOS CAÇAR AS STEGOMYIAS

ELOY DE MONTALVÃO

Não sei de outro fato que tenha preocupado mais a população carioca, nestes últimos tempos, do que que a epidemia de febre amarela, que tem levado desta para a melhor dezenas e dezenas de almas brancas.

No geral, nem todos, principalmente aqui em Curitiba, onde, felizmente, a terrível febre não grassou, conhecem a maneira pela qual se dá o contágio da perigosíssima doença.

Lendo hoje alguns ensinamentos úteis e proveitosos, propagados no Rio pela “Cruzada de Cooperação na Extinção da Febre Amarela”, vim a saber que a mesma febre só passa de uma pessoa para outra por intermédio de um mosquito rajado chamado stegomyia. Afirmam os entendidos em mosquitos que a stegomyia ao nascer não é perigosa; só depois de ter picado um doente de febre amarela é que o micróbio desta moléstia vem, com o sangue que o mosquito chupa, para o corpo da stegomyia.

Assim, ao dar o mosquito novas picadas, alguns dias depois é que o micróbio passa do corpo da stegomyia para outras pessoas, que então apanham a infeliz febre amarela.

A febre amarela não é como certos sujeitos que diariamente aborrecem a gente. Ela é terrível, mas não é “pau”...

É perigosa sem ser impertinente.

Parece até que nunca frequentou as galerias dos tea-

tros nem nunca serviu de claque, porque não existe um só caso em que ela tivesse pedido bis.

Em certo ponto a febre amarela é muito mais camarada do que as pneumonias, as gripes e outras moléstias sanguíneas curáveis com o 914...

E tanto é assim que a febre amarela só ataca uma vez, e basta. Não persegue mais. As criaturas que foram picadas por stegomyias não apanham mais a moléstia.

Quase sempre morrem de uma vez.

A febre amarela não pega: só passa de uma pessoa para outra, como já dissemos, pela picada das stegomyias.

Nos lugares frios, nas montanhas, devido à altitude, as stegomyias não se criam, vão logo, de pés juntos, para o barro.

Por esse motivo, quando um doente de febre amarela vai para um lugar frio, a moléstia não se espalha e o enfermo fica bancando o Judas no deserto, sem ter uma só stegomyia desocupada para lhe arranjar um companheiro de febre.

O doente de febre amarela, transportado para um lugar frio, pode viver com as pessoas sãs que não há perigo. Pode mesmo dormir no mesmo leito, na maior promiscuidade, pode sentar-se na mesma mesa, comer no mesmo prato, fumar no mesmo cachimbo, chupar na mesma bomba de chimarrão, e até sentar-se junto, na mesma cadeira do cinema!

Não há perigo algum.

Apenas, não se dá isso por uma questão muito simples. O doente vai pra cama e não tem vontade de fazer coisa alguma.

— E como começa a febre amarela em uma cidade?

É uma resposta difícil, mas que se pode resumir assim:

— A febre amarela começa numa cidade pelo co-

meço da referida febre, deixando as pessoas completamente febris.

Suponhamos que em Santos uma pessoa estava distraída num matinho quando uma intrometida stegomyia muito alcoviteira fincou-lhe o ferrão. A pessoa picada, pouco depois, embarca num hidroavião da Condor Syndicat e vem para Paranaguá e dali para Curitiba. Isto no mesmo dia.

Ora, uma pessoa picada passa mais ou menos de três a seis dias sem que apareçam os primeiros sinais da moléstia.

Portanto, nós aqui podemos ter gente com febre amarela incubada sem saber. Que devemos fazer, então, para para que isso não suceda?

— Vamos caçar stegomyias!

Dizem também os entendidos que o micróbio da febre amarela só está no sangue do doente durante os primeiros três dias e que do terceiro dia em diante o doente não é perigoso.

Eu também penso com os entendidos: nos três primeiros dias é que o doente é perigoso, no quarto deixa de ser porque morre e os mortos nunca são perigosos...

Eloy de Montalvão é o pseudônimo literário de Alceu Chichorro (Curitiba, 1896-1977), que foi artista de vários instrumentos: fotógrafo, desenhista, chargista, poeta, prosador. Atuou por mais de 30 anos no jornal *O Dia*, onde assinava tanto charges e quadrinhos — seu personagem mais famoso era o Chico Fumaça — quanto a coluna de crônicas “Gravetos e Fagulhas”. “Vamos caçar as stegomyias” saiu ali em 7 de maio de 1929.

O ZELO E O CUIDADO

ELOI ZANETTI

Recém-chegado do interior, começou a trabalhar como pedreiro em obras avulsas. Como não conhecia ninguém na cidade, arrumou provisoriamente lugar para ficar na casa de amigos de amigos. Ao anoitecer, na beira da estrada, voltando do trabalho de bicicleta, foi atropelado por um caminhão. Ficou horas estendido no acostamento até que alguém o encontrou. De início, foi dado como morto, tal era seu estado, mas o médico que o atendeu era persistente e foi tentando reanimá-lo até fazê-lo recuperar-se das funções vitais. Porém, o choque fora tão violento que entrou em coma profunda que durou vários meses.

Sem documentos, referências ou qualquer informação sobre sua pessoa ou parentesco e ninguém vindo procurá-lo, ficou conhecido como “o paciente sem nome”. O tempo foi passando e ninguém reclamava a sua existência. Sozinho, no quarto, respirando muitas vezes com ajuda de aparelhos, retratava uma solidão tão grande que despertou a piedade do pessoal do hospital.

A equipe médica, as enfermeiras e inclusive o pessoal do administrativo se revezavam nos cuidados ao desconhecido. Muitas vezes até os taxistas que faziam ponto em frente ao hospital vinham para fazer companhia àquela que não falava. — “Coitado, quem será este rapaz tão jovem? Quem serão seus pais? Sem notícias do filho, que

preocupações estariam passando?” — eram as questões de todos.

Um dia, sem que ninguém esperasse, acordou. Sentou-se na cama e começou a falar sem parar. Faceiro, contou a todos que era de Lages e trabalhava como pedreiro. Estava preocupado porque tinha que terminar uma empreitada. Mas o que ele não se dava conta era do tempo transcorrido. Quando lhe contaram o que lhe acontecera e que ficara quase dois anos em coma, não acreditou. Pensava que tinha dormido uma noite só e não vários meses. Os parentes, agora localizados e avisados, vieram buscá-lo.

Mas uma parte desta história vai ficar sem explicação: o paciente conseguia se lembrar com detalhes meticolosos do extremo zelo e cuidado com que o pessoal do hospital havia tratado dele. E não se cansava de falar disso, agradecendo sempre.

Lembrava de alguém lhe dando banhos; das horas dos remédios, das injeções e da aplicação de soros; das brincadeiras e piadas carinhosas que faziam a seu respeito; das conversas que as enfermeiras lhe dirigiam quando vinham ao quarto para ver se estava tudo bem; de certa vez que uma senhora ficou uma tarde inteira segurando-lhe as mãos e rezando; de alguém passando a mão nos seus cabelos e implorando ajuda divina; do dia de jogo de futebol em que o pessoal trouxe uma pequena TV no quarto e assistiram ao jogo ao seu lado explicando-lhe os lances.

Nem os médicos mais experientes do hospital conseguiram explicar porque o paciente que permanecera o tempo inteiro em estado de coma conseguira se lembrar de tantos detalhes.

O paciente desconhecido não se dava conta do tempo que ficara em coma, mas lembrava-se do tratamento que

havia recebido: cuidado, atenção, amor, afeto e calor humano. Dos gestos carinhosos dos profissionais desconhecidos que velaram com extremo cuidado o pouco que ainda lhe restava de vida.

Assim somos nós: às vezes tão displicentes, às vezes nos comportamos como anjos.

Eloi Zanetti é publicitário, consultor de marketing e escritor. Publicou, entre outros, livros em sua área de formação, como *O encantador de clientes* (2001), *O mago Pareto* (2001), que se definem como duas “fábulas”, livros para o público infantojuvenil, como *Estela, estrela, estrelinha minha* (2006) e *Você sonhou que me abraçava* (2012). Esta crônica foi extraída do volume *Mudou Curitiba ou mudei eu?*, de 2011.

SENSAÇÕES E BIZARRIAS

EMILIANO PERNETA

Não sou sectário de nenhum sistema filosófico. Não sigo Schopenhauer, nem sigo Augusto Comte. Sou às vezes mais pessimista que o primeiro, porque acrescento à sua frase: “A vida não merece ser vivida” a seguinte: “Não devíamos ter nascido”. Sou mais otimista que o segundo, porque há dias em que rio tão feliz e satisfeito, tão alegre e vibrante, que parece que o universo inteiro ri comigo.

Glória, áurea vaidade, que se desfaz no túmulo, no nirvana!

É um engano dizer-se que o artista ambiciona a glória. A glória consiste neste contentamento íntimo, duradouro e eterno, que o artista traz dentro de si, de poder criar obras-primas e executá-las.

Eu devia ter entrado para a Academia aos 13 anos de idade, porque só nessa idade eu poderia suportar as tolices dos meus colegas, berrar nas eleições, entusiasmar-me na festa 11 de agosto.

Como um homem custa a descobrir uma coisa que estava em si mesmo há tempo! Ele proclamava a mortalidade, o desespero dos conhecimentos dos mistérios, e entretanto ele mentia, porque sempre no fundo da sua alma, não sei onde, ele conservava a esperança de que viria a saber destes mistérios, e só agora é que ele descobriu isso!

Dizei tudo quanto tendes de dizer enquanto é cedo,

porque senão tempo virá em que tudo ouvireis, tudo quereirei dizer e não o podereis.

Dá-se um fato, o imbecil sempre o compreende torto; não lho expliqueis, é pior, compreende de outro modo, mais estupidamente ainda.

Como um homem de espírito se torna fútil no meio de imbecis!

Evolução! Isto não passa de uma cruz que a imbecilidade põe aos ombros dos homens de talento e que estes conduzem pela via infinita e dolorosa do Progresso.

Eu não sei fazer inveja aos outros porque não a sinto. Ou por outra: sinto-a de um modo tão esquisito, com tanta nobreza, que a raros poderia fazer experimentar o mesmo sentimento.

Quando ouço um imbecil dizer uma barbaridade, que é o que sempre ele diz, a respeito da poesia ou qualquer outra coisa sagrada, eu tenho vontade de protestar.

Mas se avanço a primeira frase, paro logo desanimado, com uma preguiça mortal de remover aquela estupidez mais pesada que uma montanha.

Olho para o céu. Está escuro e odiento. Nestas ocasiões, sinto uma irritação nervosa contra a fatalidade que me condenou a viver sob esta abóbada — de camadas gasosas e de mistérios — a mesma irritação que sentiria se visse-me preso num subterrâneo.

O único modo de ser-se amigo dos homens e principalmente de seu dono — é ser-se baixo, adulator, paciente, humilde e serviçal como um cão.

É por isso que o cão é o emblema da amizade.

Religião! Tirai-me este peso dos ombros. Eu, às vezes, sinto em mim todo o cansaço da humanidade sob esse fardo eterno.

Emiliano Pernetá (Pinhais, 1866-Curitiba, 1921) foi advogado, promotor, jornalista, prosador, mas sobretudo poeta, uma das figuras centrais do simbolismo brasileiro. Fundou e dirigiu várias revistas literárias, no Rio de Janeiro e em Curitiba. Publicou os livros de poesia *Músicas* (1888), *Ilusão* (1911) e *Setembro* (1934, póstumo), além do volume de prosa poética *Alegoria* (1901), o poema dramático *A pena de Talião* (1914) e a novela *O inimigo* (1889). Este texto saiu no jornal *A República* nos dias 13 e 20 de fevereiro de 1888.

REPORTAGENS

ERASMO PILOTTO

A cidade estava cheia de quatrocentas carrocinhas de colonos, quatrocentas carrocinhas iguais, desde a entrada lá na ponte, até a Cerâmica, que fica do outro lado, no extremo oposto.

Eu vou contar como foi.

Tinha eu saído para uns dias de repouso. Não é interessante que eu chame repouso justamente a vida mais intensa que o pensamento e a sensibilidade vivem nos lugares de silêncio e chame atividade ao não fazer nada de propriamente íntimo que é a vida no tumulto? É das curiosas sugestões da linguagem corrente.

De qualquer forma, a verdade é que eu saíra para uns dias de repouso. E eis que até lá chegou a multidão. Aquele lugar de silêncio viveu, por um daqueles dias, talvez a movimentação maior de sua vida. Felizmente a multidão uniu-se ao pitoresco. E o pitoresco tem qualquer coisa que o faz diferente da multidão, tem intimidade e vai ao espírito.

Eu contava, porém, que o lugar de meu descanso viveu, por aqueles dias, a movimentação maior talvez de sua vida.

A praça regorgitava de gente. De vida. Tudo, porém, de um só estilo. Tudo rústico. E dentro do rústico, tudo pessoal e sempre o mesmo, porém festivo, animado, uma inquietação de criaturas que vão viver uma grande hora da festa, a hora grande que vai ser o passado, que vai ser conta-

da depois, muitos anos depois, que vai ser tradição, que vai ser história na família, que vai ser caso na roda.

O chefe da Nação ia passar por lá!

O aviso correria de véspera, rolando pelas estradas, como ordem para vir com sua carrocinha, como notícia, como cuidado, como festa, como agitação, em forma de lei, em forma de conversa, em forma de boato, em forma de comentário, cochichado, ordenado, exclamado, gritado. Rolara com o alvoroço de um rio que transborda, que inunda, que toma tudo e arrasta e vai além.

E o aviso foi mesmo longe. E houve carrocinhas que partiram de casa beirando a meia-noite, e viajaram pela noite adentro, e chegaram só com o dia bem claro, os negócios abertos e a praça cheia de gente. E, agora, a cidade estava cheia de quatrocentas carrocinhas, quatrocentas carrocinhas iguais, desde a entrada lá na ponte até a Cerâmica, que fica do outro lado, no extremo oposto.

Também “nhá” Maria, pobre, papuda, paupérrima e bêbada, veio para a praça, veio a pé, veio de longe, arrastando as crianças, arrastando pela mão a Joana, o Joãozinho. Veio, arrastando pela mão o Joãozinho, falando com ele, que tem três anos, é gordo e é sujo, menor que minha perna, de roupa rasgada mas gordo, gorducho mas sujo, de bim-bim de fora na roupa rasgada, de chapéu furado, de cara suja, redonda, “gozada”, com ranho. O Joãozinho devia chamar-se Batoche. Batoche seria o seu nome perfeito. O Joãozinho vai chamar-se Batoche. Pronto: já se chama Batoche.

E, assim, também “nhá” Maria, pobre, papuda, paupérrima e bêbada, veio para a praça, veio a pé, veio de longe, arrastando as crianças, arrastando pela mão a Joana, o Batoche.

Que esperança traziam os três?

O chefe da Nação passou, na cidade de meu repouso, voando, num avião, tão alto, que não se poderia vê-lo.

Erasmio Pilotto (Rebouças, 1910-Curitiba, 1992) foi professor desde os 17 anos e, nessa função, introduziu, ao lado de Adriano Robine, os princípios da Escola Nova no Paraná. Colaborou durante anos com vários jornais e foi o diretor dos primeiros números da revista *Joaquim*. Publicou, entre vários outros livros, *A educação no Paraná* (1954), *Problemas de educação* (1966), *Dario Vellozo* (1969) e *Mallarmé* (1973). Esta crônica, que causou algum escândalo na época, foi publicada na "Nossa Coluna" do *Diário da Tarde* em 16 de fevereiro de 1944.

A MORTE DE TIA MATILDE

ERNANI BUCHMANN

O telefone toca de madrugada, dou um alô sonolento. Ouço a voz desconhecida a ordenar:

— Olha, Tia Matilde morreu agora há pouco. Vai ser velada aqui em casa, o enterro é às cinco, no Santa Cândida. Avisa teu pessoal.

Desligou. Já tomado pela impossibilidade de voltar a dormir, tento fazer funcionar a memória. Quem seria o dono da voz? Alguém autoritário, sem dúvida. Um militar. Seria um dos tios de meu pai, o coronel? Não, o linguajar não denotava alguém que tivesse passado pela academia militar. Faltava polimento no manejar do vernáculo. Havia erros de concordância, de tempo verbal. Não, não seria o tio coronel.

Imaginei um dos filhos da Tia Matilde, o Nene. Tinha sido dono de autoescola, quem sabe o estilo mandão não passasse de deformação profissional. Comandar alunos e instrutores deve ser tarefa a exigir pulso, firmeza no tratar.

A voz é que não combinava. Primo Nene sempre primou pela polidez no trato, jamais deixou de perguntar pela saúde de papai e mamãe. Também não seria.

Aquele cunhado, talvez. O caçador de onças, das quais jamais alguém havia visto os respectivos couros, mas que existiam nas histórias do homem. Não fosse pela inexistência do sotaque gauchesco-italiano, típico da região su-

doeste do Paraná, bem poderia ser. Mas não tendo eu ouvido nenhum bah!, nenhum tchê, descartei o mentiroso.

E na impossibilidade de sabê-lo, pus-me a analisar a tarefa a que a voz me impunha: avisa teu pessoal. Supus ser meu dever chamar a família, exigir que se compusesse a mesa, decretando, afinal:

— Tia Matilde morreu.

A forma talvez devesse ser suavizada, eu poderia anunciar ter o gato subido ao telhado:

— Tia Matilde não tem passado bem. Coisas da idade, como sabem.

Restaria convocar os parentes, os tais da cota particular, o meu pessoal. Mamãe, os filhos, a namorada do mais velho, os primos do lado paterno. Mas considerando a solemnidade em torno da mesa de jantar exigir preparação, melhor não perdermos tempo.

Instalei-me ao telefone, já com o dia nascendo:

— Mãe? Olha, Tia Matilde morreu.

Houve silêncio constrangedor do outro lado.

— Ouviu, mãe?

— Que Tia Matilde, meu filho?

— A tia do pai, claro.

— Ela chamava-se Martina, não Matilde. Faleceu há três anos.

Despedi-me, envergonhado. E agora, o que dizer à voz? Preciso encontrar boa desculpa para o caso dela ligar esta madrugada, reclamando da ausência do meu pessoal. Estou analisando a possibilidade de não atender ao telefone. Ou atender com voz de falsete, alegando ser o mordomo, pronto a oferecer minhas razões, ainda que pouco verossímeis: súbita dor de barriga, viagem de urgência para o interior, síndrome de urticária em velórios.

A verdade é que seria menos difícil se a família tivesse uma Tia Matilde, ora se NÃO.

Ernani Buchmann (Joinville, 1948) é advogado de formação e publicitário de profissão. Como cronista, colaborou em diversos veículos, como a *Folha de Londrina*, o *Correio de Notícias*, a *Gazeta do Povo* e a revista *Ideias*. Dentre os livros que publicou estão *Cidades e chuteiras* (1987), *Onde me doem os ossos* (2003), que traz esta crônica, *O ponta perna de pau* (2005) e *O Bogart curitibano* (2008).

NEGRO FUGIDO

EUCLIDES BANDEIRA

Ao desfiar comprido rosário de recordações Machado de Assis sorriu, sutilmente como sempre, da própria tagalericidade alegando que, nos velhos, as reminiscências, despertada a primeira, acodem as outras a flux. Por força dessa lei psicológica, ao traçar algumas linhas sobre a nota do livro Pararistas, de Valfrido Piloto, capítulo Abolicionismo, na qual meu pai aparece alforriando escravos, ressurgiram, nítidas, muitas lembranças arquivadas no maravilhoso disco da memória infantil. E o disco pôs-se a girar...

Como no começo do mundo, primeiro o Adão. Não era “peça de ébano”, mas pardo claro, “quarteirão” no categorizar de Novicow. Liberto, permanecera na casa senhoril, fenômeno comum naqueles tempos, aprendendo o ofício de pedreiro com o excelente mestre de obras Varnecke; sênior, construtor do hospital. Moleque pachola, endinheirado e sem controle, de uma altura em diante foi esquecendo a trolha pelo copo. O delirium tremens o abateu, tipo de rua, em Campo Largo. O que o credenciou, porém, às reminiscências da criançada de casa, foi a exímia habilidade ao assobio. Trinava como um pintassilgo de cabeça preta.

De pigmento mais carregado, também liberto, o Justino nasceu com a bossa política. Alfaiate, quando a Assembleia funcionava, abandonava irresistivelmente a tesoura para assistir aos debates, armazenando-os inteirinhos na memória prodigiosa.

— Então, Justino, o que houve por lá hoje?

— Vassumce não imagina, Sinhosinho; a coisa esteve feia; seu doutor Tertuliano teve um pega danado com seu doutor Eufrásio Correia...

Cheio de ênfase, procurando imitar os oradores na voz e nos gestos, reproduzia de fio a pavio os discursos, com apartes e tudo.

Das cenas do cativo, porém, a que mais me impressionou ocorreu em doce manhã no escritório paterno: batem à porta e, guri metediço, corro a abri-la dando de cara com um preto, cego de um olho (fora vazado pela ponta do bacalhau!), com um saco de estopa nas costas. Estava exausto e parecia ressabiado. Era um negro fugido. Os abolicionistas espalhados na Província favoreciam-lhes a evasão, encaminhando-os aos amigos da Capital. A Confederação encarregava-se depois do competente sumiço... O fugitivo em poucas palavras narrou a sua odisseia e quis torná-la viva abrindo o saco, de onde começou a retirar uns ferros: coleira, pedaços de grilhões, cadeado, manilhas.

Alvoroei-me; nunca vira aquilo, apesar de terem meus avós, de lado a lado, regular escravatura.

— Guarde, guarde isso! — exclamou meu pai.

Foi obedecido, com grande desapontamento meu: a curiosidade infantil queria ver como se punha coleira de ferro ao pescoço de uma criatura humana para acorrentá-la ao tronco, como se fosse cão!

Euclides Bandeira (Curitiba, 1876-1947) foi contista, dramaturgo, jornalista e poeta. Publicou, entre outros livros, *Ditirambos* (1901, poesia), *Prediletos* (1940, poesia), *Troças e traços* (1909, contos), *O monstro* (1927, contos). “Negro fugido” apareceu no número de abril de 1934 da revista *Marinha*.

SALVE A QUARESMA

FÁBIO CAMPANA

Eu não suporto o rufar dos surdos e dos tamborins, a gritaria, o suor, a cerveja e o calor que produzem a murrinha insuportável. E não vejo graça em pecar coletivamente nessa suruba monumental desatada pelo verão e que chega ao seu auge nos quatro dias de Carnaval. Sem esquecer que nos últimos tempos o feriado foi dilatado para uma semana, no mínimo. Na Bahia começa em outubro e termina em abril.

Maus bofes que veio com os anos? Não. Sempre fui assim. Amiga que muito prezo pergunta o que me leva a destilar bílis contra o verão, a praia e o Carnaval. Ela insiste em explicação psicanalítica que prefiro descartar. E que não revelarei jamais. Sei que ela tem razão quando diz que devo ser tolerante e respeitar os que gostam. Pois bem, estou a respeitar. Mas peço que respeitem meu gosto e minha circunstância.

Para mim, o melhor é mesmo pecar a dois. Mas faço uma confissão. Eu já gostei do Carnaval. Mas foi na época do rodo-metálico. O Carnaval parecia mais romântico e mais pecaminoso, com sua catarse sexual perfumada pelo lança-perfume que acabou proibido. Na época em que o rei Momo era visto nos bailes. Hoje não é visto em lugar algum. Nem aparece na televisão. Não há lugar para ele no desfile de escolas de samba.

Hoje é mais fácil encontrar presidente, ministro, governador, prefeito, deputados, senadores, toda essa gente graúda do poder a esbaldar alegria e vulgaridade nas festas públicas. Os camarotes da Sapucaí ficam lotados de políticos que disputam espaço na mídia com as vedetes da televisão.

Convenhamos: o gordo e suado Rei Momo, com a farsa de seu poder interino, tinha mais dignidade que os personagens reais da política atual.

Agora o Carnaval tem uma alegria postiça. De festa do povo passou a ser festa organizada pelo Estado. Segue o calendário oficial dos serviços de turismo do município e as conveniências de horário negociadas com a televisão. Em Curitiba essa impostura tornou-se abominável.

Enfim, prefiro a Quaresma que convida à reflexão. Sem, é claro, os cilícios recomendados por Santo Afonso Maria de Ligório para domar os instintos e os maus impulsos. Há outras formas, mais poéticas e mais prazerosas, de lavar a alma das impurezas. Gosto da atmosfera da Quaresma que explode em roxo nas quaresmeiras da serra e nos instiga a voltar à poesia, aos livros e a Antonina, para ver as meninas. O barulho dos bárbaros cessa, há silêncio para ser preenchido pela música dos mestres e o amor é recompenhado pelos ritos da civilização.

Fábio Campana (Foz do Iguaçu, 1947) é jornalista e escritor. Publicou, entre outros, *Restos mortais* (contos, 1978), *Paraíso em chamas* (poemas, 1994), *O guardador de fantasmas* (romance, 1996), *O último dia de Cabeza de Vaca* (romance, 2005) e *A árvore de Isaías* (romance, 2011). “Salve a quaresma” apareceu na revista *Ideias* em março de 2016.

O CABRA

GUIDO VIARO

Escurece de um lado, esclarece de outro e o céu grávido parece descer à terra à cata de pouso. Chove continuamente; já assusta a criatura tanta água, e o frio agarra a gente e não larga; não há mais roupas enxutas e o fogo não tem fôlego suficiente para tudo secar, para secar a nossa alma líquida. E a gente vai, anda com as roupas aderentes, todos curvos encolhidos e tristes arrastando a própria miséria em troca de uma sopa e da derradeira vontade de viver. Chove sempre e a criatura quase perdeu a verticalidade, perdeu a linha, perdeu o brilho, perdeu a cor. Até quando? será o dilúvio? Os tantos defeitos humanos? Que tal se o homem fosse puro e sem pecado? Também não; seria um pecado ainda maior. Mas como chove nessa terra! e como a chuva é fria, esfria as paixões e resfria.

Uma cortina de chuva, uns sacos disformes que andam nos dois sentidos e gente nas portas vidradas das casas a olhar para fora com cara de enterro; no meio fio, ao longe, vem vindo um cabra sem chapéu, sem sapatos; os cabelos colados na testa; traz alguma coisa de santo ou de louco furioso; à displicência do bêbado soma-se a coerência do homem molhado que não tem mais pressa, que vai naturalmente, de mãos no bolso, cético olhando o mundo com sorriso amarelo, no entanto que a chuva lhe escorre pelo rosto cuja barba lhe dá o ar de um animal extraviado. No seu andar pausado ninguém nota as extremidades, se não fosse uma parada abrupta debaixo de uma calha que vomita água

à beça. Aí o nosso herói para, olha em volta como procurando alguém que não veio, esfrega as mãos satisfeito e começa a tirar a roupa: paletó, camisa... Para! Dobra as duas peças, coloca-as na calçada e enfia-se rápido embaixo da goteira.

Pouca gente passa naquele momento e nem guarda à vista tem. Os lojistas olham estarecidos e os que passam trocam de calçada, pelo medo; a loucura é uma doença muito respeitada pelos homens, mas não a confundamos com a demência; de louco todos temos um pouco, mas é que ninguém sabia quem o cabra era e nem se era manso; o fato é que todos lhe fugiam, só uma velhinha aproxima-se dele e maternalmente lhe fala: “Meu filho, que faz aí? não vê que pode ficar doente, que pode morrer? toma o meu chapéu e vá com Deus — não fique aí, os guardas te podem prender, vá meu filho”. Mas ele virou-lhe as costas, tapa os ouvidos e não responde ao gentil oferecimento.

A gente, no entanto, aglomera-se em larga volta, os garotos gargalham a apontar com o dedo, uns têm pena e outros protestam contra o “mau policiamento da cidade”; de repente, o ar pesado é quebrado por um té-té-té e o carro-forte engole o cabra, deixando o povo em seus comentários, por breve tempo, porque a chuva dispersa os curiosos. Os trocistas dão risadas, mas eram risadas amarelas, porque não podia haver disposição ao riso, porém uma sincera disposição para chorar — para chorar de impotência perante a natureza; imaginem quanta empáfia e prepotência anuladas com um balde d’água! Como deve rir a natureza de nossa importância, no fim de contas inócua, pobres de nós mortais que somos vítimas de umas tantas leis sociais tendentes a cada vez mais nos amordaçar; a nos tirar o pouco de bom, de humano e de espontâneo que existe dentro do ser. E nós a rirmos do cabra que toma um banho de chuveiro. Era neces-

sário aquele banho? Se ele já estava molhado pra que toda a cena? Será que ele tinha rumo? Será que era um demente? Para que rir, então: o trágico provoca riso talvez? Talvez rindo da grande tragédia a criatura esquece a sua própria; é meio gozado, mas é fato. E a chuva continua a cair lenta e inexorável como um castigo e a noite aproxima-se a grande passada, insinuando-se incolor entre nós, em nosso espírito, na nossa carne reles e gelada. Temos consciência disso pelas luzes que, pouco a pouco, invadem as ruas desenhando estranhas figuras de fantasmas; onde estará o cabra?

A chuva continua a cair e figuras de conspiradores em roupa funérea passam rolando pelas ruas da cidade, em demanda de um canto, de um abrigo. Ah, as formigas! E a noite vem e a chuva cai... cai e ela não vem sorrateira, ela vem tranquila e sem sono. Vem para o guardamento eterno e — o pior — vem acompanhada de tia chuva e do avô vento, velho ranzinza que entristece ainda mais a criatura.

E o cabra?

A noite agora é funda, a cidade enorme, de quando em vez um auto passa chispando numa pressa demente — para que tanta pressa? A morte vem de mesmo, sem pressa; ela espera por todos uma vida, que paciência não? E as criaturas dormem agora em aproximação lotérica do grande sono e a noite brinca — até chegar a grande noite. Que sorte a do cabra!

Guido Viaro (Badia Polesine, Itália, 1897-Curitiba, 1971) veio para o Brasil em 1927 e se radicou em Curitiba dois anos depois. Tem obra de grande importância como artista plástico, seja como pintor, desenhista ou escultor, e teve longa carreira como professor de arte, tanto em nível superior como para crianças. Colaborou com a revista *Joaquim* como ilustrador e com textos, como esta crônica saída no número 6, de novembro de 1946.

MENDIGOS

HELENA KOLODY

Para lá da ponte preta, havia só duas casas.

Logo depois da ponte, o casebre da Bruta Béstia.

E muito mais longe, no mato cerrado, a choupana do lazarento, sempre fechada.

Quando o bando de crianças ia colher guabiobas, quase sempre encontrava a Bruta Béstia, a caminho da cidade. Era uma italiana grande e feia, de nariz vermelho, cabelos emaranhados fugindo do lenço sujo.

Trazia sempre um filho ao colo. Seguiam-na os outros filhos, os menores vestidos apenas com uma camisinha que mal chegava ao umbigo. Era uma tropilha bizarra.

A mais velha, ruiva, de olhos gateados; o segundo, louro; havia um quase mulato. Ranhentos e sarnosos, dava nojo olhá-los.

Ninguém sabia o nome da mulher. Aparecera Deus sabe donde e como exclamasse frequentemente: “bruta béstia!”, pegara-lhe o apelido.

A alegria da criançada era gritar-lhe, pelas costas e prudentemente à distância:

— Bruta béstia!

A mulher virava-se como se alguém a houvesse mordido.

— Bruta béstia é a tua mãe!

E desfiava um rosário de impropérios.

A gurizada guinchava de gosto. Quanto mais feios os palavrões, maiores as gargalhadas.

A raiva da mulher ia amainando. Então, como quem atira ao fogo uma braçada de lenha, tornavam a gritar:

— Bruta Béstia!

Recendia-se-lhe a cólera.

Afinal, a mulher desistia da luta, arrebanhava os filhos e seguia rumo à cidade, onde ia esmolar.

Ir juntar guabirobas era melhor que o melhor dos brinquedos. Meninos e meninas, munidos de cestas, varavam o Matinho — assim o povo chamava o grande terreno desabitado, que ficava para cá da ponte preta.

Os meninos marinavam pelas enormes guabirobeiras e sacudiam-lhes os galhos. O capim ficava juncado de guabirobas graúdas e amarelas. Começava, então, a disputa pelas melhores.

— Essa “gavirova” é minha.

— Fui eu que vi primeiro.

Às vezes, um pé vingativo esmagava a fruta.

— Ói a tua gavirova!

Mas as cestas se enchiam. Na volta, as crianças vinham a chupar as frutas melhores. Muitas vezes, acontecia de chegarem em casa com umas poucas guabirobas feias e amassadas.

Só quando começavam a escassear as frutas do lado de cá é que passavam, com certo receio, para o outro lado da ponte preta, onde a estrada deserta corria pelo mato cerrado.

Mas a tentação era grande. Um informava:

— Eu sei de uma gavirovêra, lá do outro lado... Dá cada gaviróva deste tamanho!

E lá iam todos.

Ao avistarem o casebre do morfético, instintivamente se afastavam. Às vezes, o mais curioso ia espiar pelas frestas. De longe, gritava-lhe a irmã:

— Espera, Toninho, que vô contá pra mamãe!

O lázaro era o papão da cidade. As mães ameaçavam os filhos. Não vá pra rua, que o lazarento te pega.

As crianças iam mesmo, mas tinham um medo do lazarento! Corria a notícia de que os leprosos procuravam passar aos outros a sua moléstia, acreditando que assim ficassem limpos. Mas aquele leproso nunca fizera mal a ninguém.

Vinha sempre mendigar na cidade.

Lembro-me bem da primeira vez que o vi. Eu havia chegado do sítio por aqueles dias e fui brincar na praça, com outra menina. Eu nunca tinha visto praça. Aquela era um grande gramado, ensombrado de árvores e cortado em diagonal por uma ruazinha.

Era domingo e havia muitas meninas brincando na praça.

Ao chegarmos, uma se destacou e veio ao nosso encontro.

— Quem é essa menina?

— É a neta de D. Jandira.

A outra foi logo convidando:

— Vâmo brincá de pega?

Faz-se o círculo. A menina foi tirando a sorte:

Um, dois, três, quatro,

Quantos pelos tem o galo

Acabado de nascer?

Um, dois, três, quatro.

Aquelas em que terminava a quadrinha, iam saindo.

Afinal, ela anunciou:

— Mãe é a Lila. O “frái” é o coreto. Não vale correr na rua.

Eu fiquei atrapalhada. Baixinho, perguntei à companheira:

— Onde é o coreto?

— Ali, naquela casinha redonda, no meio da praça — disse alto a menina, apontando o coreto.

As outras riram. Senti que fiquei vermelha.

Afinal, começou o brinquedo.

Os gritos das perseguidas pela “mãe” enchiam a praça. A miúdo, soava, em triunfo: mãe! E lá ia um tapa nas costas da alcançada.

Mudavam os papéis e recomeçava a correria. De quando em quando, uma gritava: “frái!” e sentava-se, ofegante, na escadinha do coreto.

Eu estava quase à parte e acabei por ficar apreciando o jogo.

A certa altura, uma avisou:

— Ói o lazarento!

Num fechar de olhos, debandaram todas.

Fiquei ali, apatetada. Lazarento!

Só então, reparei naquele homem que vinha pela rua da praça. Passou bem perto de mim, enorme e vermelho.

O rosto era dum rosado vivo, os olhos lacrimejantes, os lábios e o nariz muito inchados, as orelhas crescidas e pendentes. A roupa parecia querer rebentar, de tão justa.

Na mão enorme, levava um bastão, com que ajudava os passos. Andava devagarinho, arrastando os pés, embrulhados em trapos ensanguentados e metidos em chinelas.

Não olhava para ninguém e parecia não ouvir.

Debalde as meninas, agrupadas no outro extremo da praça, esganiçavam, num coro desatinado:

— Lazarento!

Naquele dia, Toninho fora sozinho ao mato colher guamirim.

Fartara-se daquela frutinha de sabor acre, que lhe deixara pretos os dentes, a boca, os dedos.

Na volta, passou rente à casa do leproso e não pude deixar de ir olhar pelas frestas.

Estava entretido na sua bisbilhotice, quando se sentiu agarrado. Ao voltar o rosto, deu com a cara vermelha do morfético, que o apertou contra si e esfregou a sua face no rosto do menino.

Toninho estava mudo de horror.

— Dez com este! — disse, em triunfo, a voz rouca do leproso. Solto, o menino largou-se a correr, gritando e limpando o rosto.

E nunca mais se viu o lazarento na cidade, nem se soube do seu paradeiro.

Helena Kolody (Cruz Machado, 1912-Curitiba, 2004) foi conhecida sobretudo como poeta, tendo estreado em 1941, com o volume *Paisagem interior*, a que se seguiram *Música submersa* (1945), *Vida breve* (1964), *Correnteza* (1977) e *Caixinha de música* (1996), entre outros. “Mendigos” foi publicada na revista *Marinha* em dezembro de 1945.

PINGO D'ÁGUA

H É L

Aos 5 anos, quando passava as férias na Ilha, eu tinha um grande amigo: o Bastião, caboclo remeiro. Quando ia à Fortaleza buscar pão ou dar recados, levava-me pela mão, passear. A Amélia, sua mulher, recomendava-me muito e, com uns “sim, sim”, lá íamos nós, contentes.

As muralhas da Fortaleza, escuras e corroídas, causavam-me certo medo por esconderem prisões. Eu ouvia falar sempre no “Pingo d’Água”, sala molhada e sem luz, com a qual as mães ameaçavam os meninos rebeldes.

Quando entrávamos pelo velho portão, eu atravessava com pressa o Túnel curto, para ver-me o quanto antes no pátio ensolarado defronte à Casa do Comandante.

O soldado da guarda cumprimentava-me com um sorriso.

De relance eu via as portas ogivais das masmorras, abertas nos paredões de pedra do corredor. Sabia que levavam ao interior negro da muralha onde, frio, gotejante, eu figurava o “Pingo d’Água”.

Certo dia, dia lindo de sol, saí, como sempre, com o Bastião.

Cedo eu fora à sua casa, reclamar as cocadas que d. Tila, cozinheira da bateria, prometera-me.

A Amélia quis espantar-me:

— Menina, você não tem medo de ir à Fortaleza? Lá tem um preso barbudo, no “Pingo d’Água”..

— Não tenho medo, não! Quero as cocadas de d. Tilha.

— O preso barbudo te pega... — ameaçou ela.

— Eh!... O Bastião vai comigo...

O Bastião vinha da praia, mascando um cigarrinho de palha. Sorriu-me, amigo.

— Deixa, mulher! Não assuste a criança! Tenho mesmo de ir lá — e, voltando-se para mim: — Não demoramos, não é Helzinha?

A Amélia resmungou e saí com o Bastião.

Enterrando os pés nus na areia fofa e quente, eu ia pensando no preso barbudo.

— Tá com medo?

— Não... — respondi devagar. E depois: — Acho que estou... Tem mesmo preso barbudo no Pingo d'Água?

— Hum... Tem sim, mas não sai de lá...

— Por que está preso?

O Bastião pigarreou, cuspiu o cigarrinho e explicou:

— Porque... porque prenderam ele.

Entramos pelo portão e notei, soltas sob meus pés, as lajes do corredor. Em muitas delas, roídas, havia cavidades cheias d'água, água escura e gelada na perpétua sombra do túnel.

D. Tilinha viu-me entrar, correndo, na cozinha.

— Ué! Que horas a d. Helzinha aparece... Suas cocadas estão melosas. Não esfriaram bem...

Corri à prateleira, levantei o papel de pontas recortadas, tirei o pratinho rachado meu conhecido.

Apetitosa aquela pirâmide de cocadas tostadinhas, umas claras, com coco mole, liquefeito na calda, branqueando entre cristais de açúcar.

Fiquei me lambuzando com elas, sentada no portal de pedra; gostava de olhar o farolete vermelho, que acendia e apagava lá em cima.

Meus olhos acompanharam um marinheiro que descia a escadinha.

Vi-o entrar no túnel.

Desviei o olhar para o lado interno da muralha. Num extremo desta, deparei com uma janelinha gradeada.

O farolete continuava a acender e a apagar.

O sol amarelava os paredões manchados de pardo e preto.

Feixe de luz escapava entre duas guaritas e levava meu olhar à janelinha, onde me amedrontou o movimento dum vulto atrás dos varões enferrujados.

Quando o Bastião voltou, arrisquei novo olhar à janelinha com grades. Vi logo uns cabelos louros, brilhando aos raios de sol. Firmei a vista.

— Olhe, Bastião, o guarda saiu da porta! — falei, confundida.

O Bastião sorriu e corri à janelinha.

— Psiu! Bom dia, seu Maneco... — gritei.

Quando levantou para mim a cabeça loura, tive desencantado sorriso.

O Bastião, atento, ao meu lado, perguntou:

— Então, Helzinha, não conhece o outro guarda?

Encarei o desconhecido. Sua voz não me assustou:

— A menina tem medo do preso?

— A Amélia disse que ele é barbudo e me pega.

O guarda dos cabelos louros sorriu e eu perguntei:

— O senhor não tem medo dele?

— Oh, não, — declarou — não é tão mau assim. Fica lá no escuro ouvindo o tic-tac do pingo d'água. Sempre espera o outro pingo cair.

Não entendi bem.

— Às vezes chora... — concluiu o guarda.

— O preso chora? Pobrezinho... Por que ele chora?

O guarda dos cabelos louros pausou e disse por fim.

— Tem saudades do sol, do mar... Aqui é frio e a água corre pelo chão.

— O preso não morre de frio?

— Não; às vezes o sol entra pela janela e ele vem aqui se aquecer.

Fiquei penalizada.

— O senhor não deixou ele vir tomar sol hoje?

— Que pena! Esqueci... ele estava dormindo.

O Bastião entrou na conversa.

— Vamos, Helzinha! Está na hora do almoço.

O guarda afastou os compridos cabelos louros do rosto pálido. Despedi-me:

— Já vou... Seja bonzinho para o preso, sabe? Deixe que apanhe sol, sabe?

O Bastião já me puxava, pois o Capitão, atraído pela conversa, viera ouvi-la e estava passos atrás de nós.

Não o vi. Trepei numa laje mal segura e estendi a mão ao guarda. Este passou dentre as grades sua mão branca e acariciou-me os cabelos murmurando em voz mais baixa, quicá numa evocação:

— Cabelos dourados...

Depois senti leve contato sobre minha mão estendida, contato talvez dos longos cabelos do guarda...

Saí sem medo, mas vi as grades somente ao voltar-me para trás. O Bastião apurava o passo e não notei o Capitão pouco atrás, olhando-me pensativo.

Ao pegar uma cocada que caíra na areia, observei:

— Bastião, por que o guarda não cortou os cabelos?

O Bastião coçou o queixo e, limpando minha cocada, explicou serenamente.

— Eu acho que ele se esqueceu de cortar, Helzinha!
Vamos ligeiro; sua avó nos espera!

Muitas vezes voltei à Fortaleza com o Bastião, mas não vi o guarda dos cabelos louros.

Um dia avistei-o na praia, lá longe, em companhia doutro guarda.

Só mais tarde fui saber que o Capitão assistira toda a cena e, desde então, permitia ao prisioneiro sair pela praia, ao sol. Custei a acreditar que o meu guarda tristonho e gentil fosse o prisioneiro que a Amélia pintara tão mau e feio à minha imaginação de criança.

Hél é o nome literário de Hellê Vellozo Fernandes (1925-2008). Ela foi jornalista, cronista, romancista e contista. Estreou em 1945 — mesmo ano em que esta crônica saiu na revista *Marinha* —, com o livro de contos *Camafeus*, ao qual se seguiram, entre outros, os romances *Incompreensão* (1952) e *Os vergueiros* (1969) e o livro de crônicas *Nos campos e nos pinhais* (1970).

O INVERNO VEM CHEGANDO

ILNAH SECUNDINO

O inverno vai chegar. O inverno vem se aproximando. Com os primeiros dias de maio anunciar-se-ão as primeiras geadas. É o início. Depois, Curitiba perderá a alegria buliçosa dos dias quentes e das noites agradáveis do verão curitibano e tornar-se-á melancólica, fria, recolhida como triste monja, nas suas roupas de névoas e de gelo. Quando o termômetro baixar de zero, as ruas perderão o movimento dos dias cálidos, a algazarra feliz da mocidade, o colorido dos trajes veraniegos; as casas fecharão cedo as janelas e haverá falta de sorrisos, porque o frio obriga a andar de carranca.

O inverno é impiedoso. Entorpece os membros, queima a pele, entristece a alma, ávida de luz e de cores. Não demorará muito, e embranquecerão os canteiros dos jardins. As árvores despir-se-ão das folhagens verdes e, ressequidas, esperarão conformadas que o sol torne a aquecer suas raízes, e voltem a cantar nas suas copas as cigarras. E Curitiba ficará sob a gélida estação hibernal, que aliás dura a maior parte do ano.

Quem pode, foge do frio. Os arrepios causados pelos ventinhos cortantes exigem a terapêutica de um ambiente morno. Vão partindo. Rio, Santos, e em grande escala (por ser mais econômico) as nossas lindas praias; assim Guaratuba, Caiobá, Ilha do Mel regurgitam de gente. Água, areia, sol, peles queimadas. E os que não podem fazer essas ex-

travagâncias, os que têm que esticar os cobrinhos para chegar ao padeiro, ao açougueiro, e principalmente aos estudos dos filhos, esses que precisam encarar o sério problema de arranjar um sobretudo para o Pedrinho, um casaco para a Mariazinha, etc., esses ficam por aqui mesmo, neste altíssimo planalto, roendo o friozinho impertinente, com os lábios partidos e o nariz vermelho como um tomate maduro. As crianças passam encolhidinhas, parecendo umas bata-tinhas roxas. E é preciso que se arranjem assim mesmo. A fortuna não sorri para todos.

Por essa época, instala-se na capital uma senhora não muito estimada, mas que domina logo: é a D. Gripe, com todo o seu cortejo de espirros, tosses e calafrios. E não há como escapar; todos aderem. Em toda a parte há o coro característico de ruídos de nariz; os lenços passam a ter mais ocupação. É a temporada dos escalda-pés, dos comprimidos e chás de limão. E as queixas vêm de todos os lados: — Estive de cama com uma gripe terrível — Quê! Rapaz! Tive uma gripe daquelas! — Ela até mesmo passa a ser pretexto para muita coisa...

Isso, com a ajuda das nevralgias, dos reumatismos, enfim de todos os males trazidos pelo frio intenso, a umidade, as baixas de temperatura pioram a situação. O coração da gente idosa começa a disparar como um relógio cansado, e de repente para de uma vez. Aumentam então os necrológios dos jornais; ontem o venerando Sr. Fulano, de perto de 70 anos, hoje a Sra. Fulana, etc. Só escapa quem tem saúde de ferro, e às vezes nem estes se salvam; enferrujam, e lá se vão.

Em outros centros o inverno é a estação das temporadas teatrais, das reuniões elegantes; entre nós, nessa época só vingam a temporada gripal.

Diz-se que o verão é a estação da beleza. Ninguém fica feio nas roupas claras e alegres, as faces coradas, o corpo leve. Mas o inverno, para a gente rica, é que é a época da beleza, especialmente para as mulheres. As ricas não se destacam no verão com tantos trajes coloridos e chapéus bonitos. O inverno sim é a sua desforra, e os grossos casacos escondem muitas imperfeições. Qualquer corpo mal feito, faces e cútis sem vida, podem parecer belos abafados dentro dos vistosos casacos, das grandes capas de peles. É a estação da elegância; onde o dinheiro pode melhor aparecer nas custosas peles de lontra, martas, raposas e outros inocentes bichinhos sacrificados à deusa D. Moda. E nem se diga que os homens ficam atrás.

Ele vem chegando, o nosso inverno, tanto para as casas ricas, com estufas e boas cobertas, como para os lares sem lenha e conforto. Ele vem chegando, com o seu cortejo bom e mau. Bom para quem tem peliças e limousines fechadas. Mau para os que mal tem uns níqueis para afugentar o fantasma permanente da fome.

Ele vem chegando. E quem puder que escape.

Ilnah Secundino (Antonina, 1914-Rio de Janeiro, 1968) foi advogada, jornalista e poeta. Publicou o ensaio *A mulher e o divórcio* (1941) e os livros de poemas *Quando o sol surge do oriente* (1934), *Vozes da cidade* (1935) e *Miçangas* (1937). "O inverno vem chegando" foi publicada no número de janeiro de 1940 da revista *Marinha*.

AGONIA À FLOR D'ÁGUA

JAIME BALÃO

O mar ululava...

De longe, da vila, ouvia-se, nitidamente, o surdo ran-cor do mar. Era como o rumor de cachoeiras; parecia que o mar vinha vindo, raivoso, ameaçador.

O mar tem suas raivas bravias. Quem, inexperiente, confiar nos doces enleios de seus dias calmos, não tardará a sofrer os efeitos das suas perfídias e traições.

Mas a mocidade, na sua quase inconsciência do mal, na sua indiferença pelo perigo, no seu destemor da morte, não se detém na expansão de suas loucas alegrias.

As ingênuas donzelas brincam com ele e o tredo monstro marinho, para melhor seduzi-las, alisa as mansas vagas ondeantes, fazendo boiar, bailar à flor d'água, os corpos virginais, flores humanas, que assim se deixam embalar no dorso branco das ondas...

Donzelas inocentes, fugi, fugi dos falsos enleios do vil traidor!

Naquela tarde fatídica, o sol, descendo para além das altas serras do Cubatão, despedia-se, daquele lado da terra, desfechando os feixes de ouro e prata do luminoso crepúsculo, que inundava de luz o espinhaço das serras e a branca areia das praias. Entre “Caieras” e o “Brejetuba” abre-se, como um seio acolhedor, a curva da enseada balneária.

O mar, raivoso e bravo, levantava o dorso das grandes vagas, que corriam uma após outras e quebravam-se na areia rígida da praia, formando sucessivos novelos brancos, enrodilhados, que se quebravam, com espantoso fragor, desfazendo-se em espumas e voltando a água, encachoirada, com fúria irresistível para o largo...

Foi então que a desditosa Yolanda, despreocupada e inexperiente, despreendeu-se do grupo alacre das amigui-nhas e mergulhou na grande vaga... A grande vaga traidora envolveu-a, rapidamente e arrastou-a para o largo...

A cena foi inesperada e violenta. Imobilizou pelo terror os espectadores.

A infeliz sinistrada, à flor d'água, levantando os débeis braços entre a vida, ali a poucos passos e a morte, que a envolvia, feições crispadas pelo horror, suplicava os socorros impossíveis dos assistentes. E estes, vencidos e humilhados pela sua fraqueza e impotência, diante da fúria do monstro ameaçador, que, de fauces hiantes, rugia sempre, pronto a devorar todos quanto ousassem lutar com ele, — assistiam transidos de dor a agonia da infeliz moribunda.

E o mar, indiferente, ia arrastando cada vez mais para o largo a pobre vítima.

Na praia a cena era indescritível: — gritos de desespero; jovens desvairadas corriam de um lado para outro; pediam socorro; outras de joelhos no chão, invocavam a proteção Divina.

— Salve-a! Salve-a!

— Pobrezinha! Pede socorro!

— Ainda aparece!

— Nossa Senhora, salve-a!

O céu, radiante de luz, parecia indiferente.

O mar bramia...

Chegam, finalmente, os socorros. São os homens do mar, remeiros e pescadores.

A afogada ainda aparecia ao longe.

Os experimentados homens do mar, sondando-a, hesitavam em afrontar a fúria das ondas.

— Não dá pra sair: — o mar está muito grosso, diziam.

A infeliz jovem acabava de desaparecer para sempre, quando dois destemidos remadores, em frágeis canoas, se lançaram às ondas.

Foi uma luta titânica entre a fragilidade humana e a impetuosidade do revolto abismo.

Sacrifício inútil.

Nada mais se via na superfície ondeante. Abrira-se o grande túmulo e nele afundara para sempre a infeliz donzela.

Denso nevoeiro cobriu o mar como uma mortalha.

— O mar está cada vez mais agitado, dissemos.

— É assim mesmo, disse um pescador. Quando morre um afogado o mar fica com mais raiva...

O mar com raiva da inocente vítima!

Seguiu-se longo e profundo silêncio.

Cabisbaixos, agoniados, voltavam todos para a vila.

Pela estradinha da praia, iam todos, aflitíssimos, ouvindo ainda, ao longe, o surdo rancor do mar: — era como o rumor de cachoeiras; parece que o mar vinha vindo atrás, raivoso, ameaçador...

Jaime Balão (Curitiba, 1869-1930) foi um advogado de formação, político, jornalista, poeta e ficcionista. Publicou, entre outros livros, as novelas *Mártir* (1894) e *O ceguinho* (1929), e os poemas de *Ceci* (1896). "Agonia à flor d'água" foi publicada na revista *Ilustração Paranaense* em julho de 1928.

NOITE DE SÃO JOÃO

JAIME BALÃO JÚNIOR

Ponha mais lenha na fogueira, menino, ande, queremos que tudo isso fique claro como o dia e que o céu fique branco de geadas. Derrame pinhão no meio do fogo, mas cuidado que torra. Ponha brasa viva no mate. E vocês, meninas, cantem e dancem. Hoje é São João que dá sorte para quem não tem e arranja casório. Vejam como o céu está cheio de balões como pontinhos de fogo!

O coronel Vicente Saraiva, gordo no seu jaquetão de brim branco com uma fantástica parasita verde espetada na botoeira, velho campesino dono de quase trinta léguas de co-chilhas ondulantes, coloridas, povoadas, e ferrenho católico do tempo de diante, queimava duas ou três dúzias dos mais ruidosos foguetes de Ponta Grossa na sua solitude sagrada, perdida entre campos e capões de pinheiros. Era uma alegria, dia de São João! Matava-se uma novilha gorda, imolavam-se leitões e frangos, e o fogo, debaixo da chapa, não cessava um momento de torrar comestíveis e de agitar tampas de chaleiras, com ruído. O jantar começava tarde; pouco depois das sete horas da noite a negra Brígida fazia a sua aparição abençoada na varanda enorme, arrastando uns tamancos barulhentos e levando em troféu o leitão com o cravo vermelho bem na ponta do nariz. Tresandava logo um cheiro de matar e o povilêu da mesa entontecia de fome fariscando o petisco. Depois vinham as galinhas, as monumentais carnes assadas,

levemente bronzeadas na chama, derramando um molho saboroso de massa de tomate e cebola, a mostarda com os eternos ovos, os bolos, as saladas, os doces sem faltar o de laranja agri-doce tentando os paladares. O café forte vinha depois, enquanto no terreiro os negrinhos Dito, Manequinho e Tito iam rebentando no ar quente da noite carteiras vermelhas de traques e bombinhas de estalo.

O fumo dos cigarros enchia a varanda e abriam-se as janelas entrando um ar fino da escuridão. Os bois mugiam. Na fogueira as bombas rebentavam com estrondo.

O resto da festa era no terreiro em roda do fogo. Tantas moças naquela fazenda e nenhum moço!. O rapaz da casa, o Vicente, andava a estudar em São Paulo na academia. De homem só havia ali o Vicente pai, o velho, e o resto, moças. Quase meia dúzia, cinco grandes e a Julinha, de treze anos, ainda pequena. Mas o velho fazia festa para elas e queria que elas conhecessem a vida no campo, os nossos costumes e alegrias simples do mato.

Por isso os melhores violeiros e cantadores saíam de madrugada quase áfonos e tontos de sono, mas divertiam a valer o velho Vicente e as meninas.

— Cante você agora, Juvêncio, a serenata da roça!

E o Juvêncio, magríssimo e suave, cantava aquela música onde todas as belezas virgens dos campos sob um cenário de estrelas e de astros radiosos se fundiam numa única nota de profunda e incomparável saudade.

— Esta música é bonitinha, dizia uma das moças.

— Até me faz chorar, respondia a sensível Marieta.

Os bois mugiam no curral. Longe estavam fogueiras pobres que se iam apagando. E a voz do coronel Vicente, cheio de bondade, ia distribuindo uma pinguinha da boa e outras especialidades:

— Bebam, comam, estejam à vontade. Ponha mais lenha na fogueira, menino, queremos que tudo isso fique claro como noite geada. Derrame pinhão no meio da fogueira.

Jaime Balão Júnior (Curitiba, 1891-1968) foi advogado e jornalista. Como escritor, foi prosador e dramaturgo. Publicou *Eterno sonho* (1908), *Últimas páginas* (1922), *Seara morta* (1925), *Romance de meu pai* (1933) e *Mensagem da infância* (1957). “Noite de São João” foi publicada no primeiro número da *Ilustração Paranaense*, em novembro de 1927.

JACARÉ DEBAIXO DA CAMA

JAMIL SNEGE

Não é porque o bicho está lá que você vai deixar de dormir e sonhar. Nem sacrificar seus pensamentos e devaneios ao repasto noturno do bicho.

Há temores, é certo. Quando você salta da cama no escuro e tateia em busca dos chinelos. Ou quando você senta-se na cama, pernas cruzadas, e inadvertidamente agita a ponta de um dos pés.

Fora esses pequenos sobressaltos, você tem de conviver com o bicho, seja ele um jacaré ou um aglomerado de células de outra natureza, oculte-se ele sob a cama ou em seus próprios pulmões.

Continuando com a metáfora, meu jacaré tem me obrigado a um trabalho danado. Ele surgiu sob minha cama justo num momento em que, sem convênios ou planos de saúde, eu me considerava inexpugnável a qualquer doença. Resultado: correr atrás da grana, levar trabalho extra para casa, tentar receber uns créditos que tenho espalhados por aí. Quem tem, como estou tendo, necessidade de controlar o crescimento do jacaré — e se possível reduzi-lo ao tamanho de uma lagartixa para depois extirpá-lo cirurgicamente — sabe quanto isso custa.

E o pior de tudo é que quem tem de tomar remédio para derrubar jacaré é a vítima. Ambos sofrem o impacto, é verdade. Mas o jacaré leva nítida vantagem; enquanto ele

fica escondidinho debaixo da cama, a vítima tem de sair à rua, enfrentar os amigos, os colegas de trabalho, os vizinhos, os maledicentes. E o mais desagradável: provavelmente com aquele perfil de ovo, pois a essa altura já lhe caíram os cabelos, as sobrancelhas, a barba. Nova vantagem para o jacaré; ele também pode sentir náuseas, dores, tonturas — mas não vai perder nenhum pelo, o sacana.

Tirante os sobressaltos e dissabores, a experiência tem seu lado bom. O carinho da família, dos amigos. Todo mundo paparica e adula você. Até os inimigos se abrandam e, de inimigos, passam a discretos e simpáticos espectadores — não raro a torcer secretamente contra o jacaré.

E de que forma você retribui isso tudo? Tornando-se um sujeito melhor. É fácil pra burro. Basta não exigir dos outros nenhum privilégio, nenhum sacrifício. Basta não se tornar um chato lastimoso, a exercer sobre os saudáveis do mundo a tirania da autoindulgência. Basta não fazer perguntas do gênero “por que eu?” nem achar que Deus foi um cara muito injusto por arrumar essa truta para você.

O negócio é levar a vida ladeira acima, se possível com algum humor. Eu pelo menos tenho me divertido com as alterações que a doença tem provocado nas rotinas da casa. É ver o amigo entrar e admirar-se da quantidade de frutas na fruteira (em sua última visita, ali só havia duas bananas murchas e uma lâmpada queimada). É ver aquele ensopadinho de quiabo, que você adora, milagrosamente fumegando na panela. É ver meu filho Jean, de 16 anos, exclamando lá da cozinha: “Pelo menos agora tem iogurte na geladeira”.

É isso. O bicho não é tão feio quanto parece. E se você conseguir rir disso tudo, é bem capaz que ele resolva ir embora.

Jamil Snege (Curitiba, 1939-2003) foi escritor, jornalista e publicitário. Publicou, entre outros livros, as novelas *Tempo sujo* (1968) e *Viver é prejudicial à saúde* (1998), os contos de *Ficção onívora* (1978) e *Os verões da grande leitoa branca* (2000), os poemas de *O jardim, a tempestade* (1989) e as crônicas de *Como tornar-se invisível em Curitiba* (2000). Em seus últimos anos, a partir de 1997, foi cronista do jornal *Gazeta do Povo*, onde este jacaré se revelou em 4 de agosto de 2002.

“VIRGE MARIA, QUE FOI ISSO, MAQUINISTA?”

JOSÉ CARLOS FERNANDES

“Dona Vilma, lembra de mim?” Há três-quatro semanas criei coragem e abordei, numa rua aqui da Água Verde, minha professora de Português no ginásio. Repeti a mesma pergunta que os alunos me fazem, com a vantagem de que não faz 30 e cacetadas que não os vejo. Funcionou. “Você é o... [o Fernandes, digo]... claro, o Fernandes, mas por trás dessa barba, fica difícil...” Por felicidade, ela não achou que eu era um assaltante. Laís Gro — também do ginásio, professora de Educação Artística e com quem consegui manter relativa proximidade — me contou do susto que leva a cada vez que alguém a aborda na calçada, abre os braços cheio de amor para dar e diz: “Dona Laís, lembra de mim?”

Dona Vilma Fedalto e eu tivemos quatro quadras e dois semáforos para resumir o que fizemos de nós. Ela está na casa dos 80 anos, mas me parece a mesma mulher enérgica, recebida com silêncios, assim que entrava nas salas de janelas imensas do Colégio Estadual Pedro Macedo, no Portão. Ali nos conhecemos, em 1976. Para nós, era como se fosse uma representante da nobreza. Sabíamos que tinha parentesco com o arcebispo dom Pedro Fedalto — o que na nossa imaginação equivalia a ser sobrinha do papa Paulo VI.

A gente garganteava que não havia alguém na cidade que conhecesse a língua portuguesa melhor que ela. Lecionava no “Pedrão”, como era chamado o Pedro Macedo, mas

apostávamos que o Colégio Estadual do Paraná — nosso arquirrival, considerado “mais forte” — não tinha em seus quadros um profissional do quilate da dona Vilma. Além de análise sintática, manjava de literatura. Por dedução, se sabia das letras, sabia de todo o resto. Não éramos só nós que achávamos. Diante de algum problema no colégio, alguém sempre dizia “vamos perguntar para a Vilma”. E no dia em que miseravelmente não foi recebida com o silêncio monástico com que costumava ser brindada, mas por 30 pirralhos com o diabo no corpo, ela se retirou em desagravo. “Fazer isso com uma professora como a Vilma? Francamente”, foi o que ouvimos de um dos muitos que nos passaram o sabão.

Depois do pito, a moralidade foi restabelecida. Bastava ela apontar na porta — com seus casaquinhos sóbrios e o cabelo Chanel — para que aquele exército de imberbes, trajando blusa vinho e calça vincada, esquecesse como é que se respira. Até que um dia... Suspeito que até hoje insisto para os alunos lerem em voz alta por causa da aula em que dona Vilma nos fez soltar o gogó de piá — quais máquinas a vapor arrancando chispas de um trilho — para recitar “Trem de ferro”, de Manuel Bandeira. Confesso que a ludicidade não era seu forte, mas naquela manhã a professora severa se permitiu um jogral — um refresco que ajudou a amainar o clima sufocante das escolas públicas nos anos do regime militar.

Havia professoras do gabarito de Vilma e de Laís — para citar duas. Havia também nos colégios públicos a convivência entre gente de todas as classes sociais, o que causava um bem danado à civilização. Lembro de na minha turma haver um menino da família Bettega — “dona do Portão, do Novo Mundo e do Capão Raso”, como repetíamos —, mas também um da CIC, bairro ainda em gatinhas, mas já com alguns dos rótulos que carrega até hoje. A turma sa-

bia que era mais modesto que a média, mas também muito melhor nas matérias, um chamariz para que sentássemos a seu lado em dia de prova. Não dava cola. Não atrasava exercícios. Não se perdia entre os devassos que se agrupavam para ver baralhos eróticos atrás do muro da Via Rápida. Paulo César, se não me engano esse era o nome dele, seria um dia afortunado como o Bettega, graças à escola.

Por outro lado, tudo “funcionava” bem porque muitos alunos eram postos para correr. A imagem de um professor de Educação Física dando um pé-de-ouvido num guri de 13-14 anos até hoje me impressiona. Meninos, eu vi. Tem outras barbaridades. Um dos rituais mais sinistros daqueles tempos era a conferência do uniforme, na fila da entrada. Algum pesquisador devia contabilizar quantos dentre os que eram mandados para casa — porque estavam com uma meia azul-marinho, e não preta, como mandava o figurino — nunca mais voltaram aos bancos escolares. Na hora da chamada, dizia-se: “O ‘19’ não vem mais”; “o ‘36’ desistiu”. O palpite é que eles ou encontraram tarefas, digamos, mais estimulantes pelo caminho. Ou deduziram que estavam no lugar errado, afinal, tinham cometido o “crime da meia”. Na tentativa de nos endireitar, a escola nos “mandava passear”.

Recorro a essas memórias — se me permitem — para falar do movimento dos estudantes secundaristas e suas 800 ocupações nas escolas paranaenses. Nos anos do chumbo, nem sequer pensávamos nessa possibilidade, embora não faltassem motivos para carregar o colchãozinho para a sala 7. Seria justíssimo erguer uma trincheira no pátio, com as pilhas de medicine ball que o governo entulhava nos almoxarifados dos colégios (acredito piamente que algum aluno morreu ao ser atingido por uma). Devíamos ter protestado contra as aulas de Educação Moral e Cívica. Pedido a punição de professo-

res que desciam o braço e gritavam nos nossos ouvidos. Usado os instrumentos da fanfarra para denunciar o teatro do absurdo que era vigiar com que meias os guris saíam de casa. Fosse tudo diferente, talvez dona Vilma tivesse lido mais poesias para nós — e contaríamos as horas para a próxima aula da melhor professora do pedaço. “Café com pão, café com pão, café com pão. Virge Maria o que foi isso maquinista?”

O ensino — o que nos custa reconhecer? — fez avanços, claro, mas permanece com sua vocação para a tortura. Dezesseis anos, de segunda a sexta, olhando para o cocuruto do colega da carteira da frente — isso não se faz. Na universidade, vejo alguns estudantes com a cabeça atirada por sobre a mochila, por certo se perguntando quanto tempo falta para tudo isso terminar. O sistema diz que a vida está sempre lá, na frente, deixada para depois. Os alunos se sentem numa infinita extensão do ensino médio, que foi uma extensão do ensino fundamental, e tudo isso pode não passar de uma recusa doentia de reconhecê-los como pessoas inteiras.

Tem aquela frase bacana do Oscar Wilde — “não sou jovem o suficiente para saber tudo”. A garotada está dizendo que quer uma experiência agora. Diz isso faz tempo. A diferença de ontem para hoje é que, em vez de jogar tolas bolinhas de papel para o alto, escrevem o que pensam, postam nas redes sociais e acampam no colégio, sem conforto e com juízo. Por favor, não tentemos mandá-los para casa, alegando que devem trocar de meias.

José Carlos Fernandes (Curitiba, 1964) é professor do curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Paraná e jornalista da *Gazeta do Povo* desde 1989, onde publica crônicas desde 2008. Esta foi ali publicada em 21 de outubro de 2016.

O TRAMPOLIM INEXISTENTE

JOSÉ CASTELLO

Nunca escondi uma mania (um vício, uma obsessão) que sustenta minha escrita. Não consigo começar a escrever — seja uma ficção, um ensaio, um artigo para o jornal, o que for — sem antes anotar no alto da página a palavra “nada”. Lembro-me do dia em que isso começou. Estava com uma gripe forte. O desânimo e a apatia me dominavam. Ainda assim, precisava entregar um texto — uma crônica — até o final daquela tarde.

Passei muitas horas diante da tela em branco de meu primeiro computador. A tela me hipnotizava. Sugava-me para seu interior, arrastava-me para seu centro ausente, esvaziava-me. Eu precisava de um chão — assim como os nadadores, que, sem dispor de um trampolim, não podem dar seus saltos. Mas me faltava um chão. Lembro que pensei: “Estou perdido. Os cozinheiros, pelo menos, têm suas receitas, e os economistas, suas planilhas. Eu nada tenho”.

Foi então que me ocorreu: esse “nada” era meu único consolo, era meu único ponto de partida. Não tinha outro apoio, nada em que me amparar. Nada mesmo. Foi aí que decidi a ele me agarrar e, julgando-me um pouco tolo, escrevi a palavra “nada” no alto da página vazia. É difícil descrever o alívio que aquilo produziu em mim. De repente, eu pisava em alguma coisa. Alguma coisa — ainda que nada — me sustentava. Um nada, que nada é, ainda assim se ofere-

cia como algo que era só meu. E um escritor, para começar, precisa desse sentimento de que só ele, e mais ninguém, possui algo, por mais insignificante ou ridículo que seja, ou não conseguirá escrever.

Logo depois, em um jato, escrevi minha crônica. De tal modo me agarrei àquela palavra mágica, “nada”, que já não me recordo que crônica escrevi. A crônica era o que menos importava. Como se um atleta olímpico, depois de um salto ornamental, declarasse: “O salto foi medíocre. Mas de que trampolim eu saltei!”. Desde então, começar meus textos com a palavra “nada” se transformou em um ritual. Algumas vezes, constrangido, eu me pego anotando-a no alto da lista de supermercado, ou da agenda semanal. Nada é meu trampolim. É meu solo. Sem nada não sou ninguém.

Relembra, outro dia, essa experiência a um amigo, e ele recordou um trecho do Livro sobre nada, de Manoel de Barros. A parte que lhe chamou atenção não está propriamente no capítulo batizado “*Livro sobre nada*”, mas no anterior, “Desejar ser”.

Aparece no último poema, o 14º. Nele, sugere Manoel: “Represente que o homem é um poço escuro./ Aqui de cima não se vê nada./ Mas quando se chega ao fundo do poço já se pode ver o nada./ Perder o nada é um empobrecimento”.

Manoel nos apresenta a sutil diferença entre “ver nada” e “ver o nada”. Ver nada, nada ver, é algo que se assemelha à cegueira. Ver o nada, ao contrário, é uma iluminação: de repente, você se depara com aquilo mesmo que lhe falta. Depara e aceita. Depara e vê, porque o que lhe falta, de fato, está bem ali. “Eu fiz o nada aparecer”, escreve Manoel. Ele resume, assim, minha experiência. Com a página em branco, nada tenho. Já depois de escrever a palavra

“nada” em seu alto, tenho nada. Parece a mesma coisa, mas não é. No primeiro caso, o nada me possui. No segundo, dele tomo posse. Dele parto.

Aproveito e avanço no livro de Manoel de Barros, entrando na parte propriamente denominada “Livro sobre nada”. Está cheia de versos espantosos, mas que, para mim, fazem todo o sentido. “Tem mais presença em mim o que me falta”, diz Manoel, tocando outra vez no nervo de meu impasse. É da falta, e só por causa dela, que alguma coisa se escreve. Mas cuidado: não devemos nos entregar a mentiras, ou a falsificações. Adverte Manoel: “Há muitas maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira”.

Volta e meia alguém aponta o caráter “poético” de minha escrita. Sempre estranho, porque nunca escrevi poesia. Não sei o que as duas coisas significam. Um leitor chegou a transformar em versos — e, portanto, em um poema — um capítulo inteiro de meu romance Ribamar, e me enviou. “Você não escreve prosa, mas poesia”, ele me disse. Fiquei impressionado. Até porque essas questões de gênero nunca me importaram. Certa vez, outro leitor, bem enfezado, assim comentou algo que escrevi: “Você escreve, escreve, mas não diz nada”. Agora, junto os dois comentários e chego, surpreso, aos versos de Manoel. Eu os repito, para não esquecê-los: “Há muitas maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira”.

Não sou poeta. Sei que Manoel de Barros é poeta. No século 20, tivemos sete grandes poetas: Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes, João Cabral de Melo Neto, Jorge de Lima, Cecília Meireles e Murilo Mendes. Depois deles, vieram outros poetas de respeito: Adélia Prado, Hilda Hilst, Orides Fontela, Ferreira Gullar e o próprio Manoel. Temos grandes poetas em

ação: Paulo Henriques Britto, Lucinda Persona, Nuno Ramos, Ana Martins Marques, Alberto Martins, Nelson Ascher, Antonio Cicero. É preciso não parar de repetir seus nomes. Sei onde estão os grandes poetas. Mas nada posso dizer — nada mesmo — a respeito desse poeta envergonhado que meu leitor encontra escondido em mim. Sou, desde menino, um leitor de poesia. E isso — agora inverteo a palavra — para mim é tudo.

José Castello (Rio de Janeiro, 1951) é jornalista e escritor. Pratica diversos gêneros, como a biografia, a crônica, o jornalismo literário e o romance. Dentre seus livros se contam *Vinicius de Moraes: poeta da paixão* (1994), *João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma* (1996), *Inventário das sombras* (1999), *Pelé: os dez corações do rei* (2004), *Ribamar* (2010), *Sábados inquietos* (2013) e *Dentro de mim ninguém entra* (2016). “O trampolim inexistente” saiu no jornal *Rascunho* em agosto de 2012.

NÓS NUM COMEÇO DE VIDA

JOSÉ PAULO PAES

Ainda hoje, quarenta anos após ter deixado definitivamente Curitiba, sou às vezes tido como escritor paranaense. Isso porque, embora paulista da região da antiga Araraquarense, foi em Curitiba que de fato nasci, ou acreditei ter nascido, para a literatura. O parto se deu nos idos de 1947, quando ali saiu o meu primeiro livrinho de poesia, *O aluno*, publicado pelas Edições O Livro. As atividades dessa editora ad hoc, tanto quanto sei, parecem ter se limitado a três modestas, mas simpáticas, brochuras. As duas outras eram *Os gatos*, de Armando Ribeiro Pinto, e *O marinheiro*, de Glauco Flores de Sá Brito. Traziam, as três, capas do pintor Carlos Scliar, que não só fez todo o projeto gráfico das edições como convenceu José Cury a emprestá-las sob a égide de sua revista, *O Livro*, de cujo suplemento literário éramos os mentores.

Eu chegara a Curitiba dois anos antes com o propósito de estudar química. Estudei-a, sim, mas nos intervalos da militância política e literária de esquerda. Tinha vindo de São Paulo já mordido pelo vírus de ambas, e em Curitiba encontraram elas clima propício à sua eclosão. Aquela foi, como nenhuma outra, uma época de fermentação de ideias. A luta contra o fascismo levava a uma generalizada tomada de consciência, culminada, entre nós, na campanha pró-anistia (a outra), na redemocratização do país (ainda

a outra) e na legalização do Partido Comunista (mas uma vez, ai de nós, a outra). Durante a guerra mundial, os olhos provincianos haviam aprendido a se voltar para a amplidão do mundo: um dos romances dessa época se chamava, significativamente, *Grande e estranho é o mundo*. O alargamento de visão se traduzia inclusive num boom editorial, já que os livros são janelas permanentemente abertas sobre o mundo. Nessas janelas nos debruçávamos nós, os da geração do imediato pós-guerra — também chamada, com menos propriedade, geração neomodernista ou geração de 45 — para respirar a plenos pulmões os novos ares que começavam a soprar.

Esses ares chegaram até Curitiba, então um pacato burgo de estudantes e funcionários públicos onde floresciam, outrossim, as academias de letras: desconfio que àquela altura tivesse, por quilômetro quadrado, mais acadêmicos do que qualquer outra cidade brasileira. Para contrabalancear esse *handicap*, haveria nela, porém, dois grupos literários visceralmente antiacadêmicos. Pouco tempo depois de arribado a Curitiba liguei-me a um deles, o da revista *Ideia*; faríamos em seguida os suplementos literários de *O Dia* e do *Diário Popular*, além do de *O Livro*. Os membros mais históricos do grupo eram Armando Ribeiro Pinto, Glauco de Sá Brito e Samuel Guimarães da Costa. Encontrá-vamos no velho Café Belas Artes, na rua 15, que Eduardo Virmond com razão definiu como a melhor universidade que o Paraná já teve. Pela mesma época, Dalton Trevisan começara a editar o seu *Joaquim*, em que chegamos a colaborar. De Dalton se dizia então, com uma indisfarçável ponta de despeito pela novidade dos seus contos, que eram de quem tivesse lido Faulkner em versão espanhola. Hoje estou muito mais inclinado a crer que foi Faulkner quem leu

Trevisan, possivelmente nalguma versão secreta feita por John dos Passos, que sabia algum português.

Os dois grupos antiacadêmicos se aproximaram mais um do outro por ocasião do Segundo Congresso Brasileiro de Escritores, que se realizou em Belo Horizonte, ainda em 1947. Graças a uma estratégia bem planejada, conseguimos evitar que os imortais nos tornassem a dianteira e lá fomos, irreverentes mortais, representar o Paraná. Nossa comitiva era integrada por Temístocles Linhares, Samuel Guimarães da Costa, Armando Ribeiro Pinto, Dalton Trevisan, Glauco de Sá Brito, Colombo de Sousa e eu. Em Minas e no Rio tivemos oportunidade de estabelecer contato pessoal com os “novos” de outros Estados (que também tinham conseguido passar uma rasteira nos acadêmicos coestaduanos) e com monstros sagrados como Drummond, Graciliano, Zé Lins, Jorge Amado, Carpeaux e outros.

Depois do congresso de Belo Horizonte, ainda me demorei mais um ano em Curitiba para terminar os estudos de química. A paixão política já começara a esfriar, minada pelo processo de entropia que a camisa-de-força do secretarismo burocratizado necessariamente desencadeia. Mas a paixão da literatura não perdeu o pique. Continuou a crescer em São Paulo, para onde vim nos fins de 1948, embora se ressentisse da falta do calor humano daquela comunhão de ideias, projetos, realizações e ilusões que os amigos curitibanos haviam prodigalizado ao meu começo de vida literária. Desde então, voltei umas poucas vezes a Curitiba. Mas a cidade tinha crescido demais, se deixara desfigurar pelo câncer desenvolvimentista. E os azares do tempo haviam se encarregado de dispersar o nosso grupo. Senti sobretudo nunca mais ter podido ver Glauco de Sá Brito. Da primeira vez que voltei a Curitiba, ele andava pelo

Rio. Da segunda, já estava estupidamente morto, ele que tanto gostava da vida. Esse gosto ilumina toda a poesia que escreveu, poesia em que as incertezas e as promessas do amor serviram para pôr em funcionamento uma admirável máquina lírica. De quantos poetas conheci de perto, Glauco foi quem melhor me deu a impressão do poeta por fatalidade daquele cuja vida coincide com a sua poesia. Em Glauco, vivência e expressão estavam cronologicamente muito próximas uma da outra, quase não havia, a separá-las, a tranquilidade post-factum postulada por Coleridge para o recolhimento poético da emoção. Lembro-me até hoje das circunstâncias de ordem pessoal que inspiraram alguns dos poemas do seu primeiro livro. O segundo, publicado no Rio, não cheguei a vê-lo, mas me comovi com o terceiro, *Azulsol*, já póstumo, que a dedicação de amigos do poeta em boa hora salvou do esquecimento. Alegrou-me reencontrar ali, mais maduro no domínio da forma, mas sem nada a perder da força de sua imediatez lírica, o mesmo Glauco de quem recebi as primeiras lições de como fazer da poesia, mais que mera arte da palavra, uma arte de vida. Lições que desde o meu segundo nascimento curitibano tenho me esforçado por não esquecer.

José Paulo Paes (Taquaritinga, 1926-São Paulo, 1998) foi um dos mais importantes poetas brasileiros da segunda metade do século XX, além de tradutor e crítico literário. Formou-se químico industrial em Curitiba e exerceu a profissão até 1963, quando passou a trabalhar na editora Cultrix. Estreou em 1947 com o livro de poemas *O aluno* e depois publicaria volumes como *Anatomias* (1967), *A poesia está morta mas juro que não fui eu* (1989) e *Prosas seguidas de Odes mínimas* (1992), entre outros. Traduziu poetas e prosadores de várias línguas, entre os quais Konstantin Kaváfis, Laurence Sterne, Hoelderlin e Paladas de Alexandria. “Nós num começo de vida” saiu no número de junho de 1988 do *Nicolau*.

AO CORRER DA PENA

JOSÉ RAPOSO

Uma chuva impertinente, um lamaçal abundante, eis o que nos forneceu a semana nos seus *sete dias enfadonhos e úmidos*.

Ainda agora, da nossa janela, estamos a vê-la cair, com uma teimosia de mulher má, enchendo os sulcos produzidos na rua pelas traquitandas dos polacos.

E chega-nos aos ouvidos, para ainda mais molestar-nos o espírito, o tilintar dos sineiros pendurados ao pescoço desses pobres cavalos magros que arrastam a sua paciência e as referidas traquitandas por essas praças e ruas fora.

Como tudo isto é insípido.

De vez em quando, lá em cima, põe o sol o seu *lorgnon* e atrai-nos por força com um mormaço que nos abate e faz ainda mais avultar o enfado que estes dias nos têm produzido.

Mais longe, à esquina, o vendeiro, ar aborrecido, encostado ao umbral da porta, abaula o ventre, enquanto que dentro da venda o caixeiro serve aos *habitués* da casa para ti aos vinténs.

E pelas ruas, simulando cogumelos, perpassam os guarda-chuvas de diversas matizes.

Para o cronista a semana (a da folhinha) foi simplesmente estupidificante.

Nada que pudesse interessar aos leitores *d'A Semana* (com maiúsculas) a não ser...

... uma nota alegre: a história de um bilhete de loteria por cuja causa andam não sei quantos em polvorosa.

A eterna questão do *money*.

E luto em dificuldades para narrar aos leitores as peripécias dessa caçada aos quinze contos de réis.

São tantas as versões que não sei a qual delas deva dar crédito.

Um diz que o bilhete é seu, dele.

Outro que é seu, dele.

E neste seu e dele levarão até que a sapiência dos outros dê uma solução qualquer que forçosamente há de ser boa para um e má para os outros.

Enquanto eles lutam por esse sorriso da Fortuna, remato estas linhas desenxabidas despedindo-me até domingo.

José Raposo foi jornalista, redator e proprietário da revista *A semana*. Esta crônica foi publicada em 22 de janeiro de 1893, na coluna "Ao correr da pena", que mantinha na primeira página dessa revista.

CRÔNICA

JÚLIO PERNETA

A semana santa passou entre o plangenciar monótono dos sinos e as baforadas asfixiantes do incenso.

O sofrimento do homem mártir, do pobre Cristo, tema obrigado, foi, como todos os anos, reproduzido em sermões de lágrimas, sermões ungidos de piedade e volúpia sacras; entrecortados de lágrimas que brotavam dos olhos e escorregavam pelas faces dos crocodilos sacerdotais que, em lances de belo efeito dramático e em gesticulações trêmulas de emoção, cheios do sentimentalismo romântico dos oradores medievos, rasgavam as chagas que gargalhavam rubras no corpo do filho de Maria, das quais ainda escorria o sangue vertido no Calvário pela regeneração humana, como vara mágica que falasse à sensibilidade do auditório!

Cristo! Uma romaria cívica ao cemitério público, onde a Cruz, símbolo da tua tortura, confraterniza a humanidade, falaria mais alto aos nossos sentimentos, seria mais digno do teu sublime sacrifício, solenizaria melhor o exemplo de extraordinário heroísmo que nos legastes, através das aurifulgências da auréola de martírio que resplandece na tua esplêndida frente de pensador e de poeta!

Eu desejaria, em vez dos cantos sacros, em vez das baforadas de incenso e o orquestramento das músicas profanas, que nada absolutamente traduzem, eu desejaria que a humanidade, recolhida numa concentração de prece, no Templo sagrado das meditações, invocasse de

ti o nobre exemplo de patriotismo e aquele ardor pela liberdade que sempre iluminou a tua existência de predestinado nas grandes lutas que travaste pela vitória das tuas libérrimas ideias.

Hoje, principalmente, bom Cristo, sublime mártir da humanidade, quando as nossas liberdades estão suspensas de punhal invisível, brandido nas trevas pelas corujas do progresso; hoje, mais que nunca, precisamos para a nossa Pátria uma energia máscula como fora a tua, para que os vendilhões do Templo da República sejam expulsos a látegos de chicote.

Homens existem, Cristo, que à semelhança daquele Judas, que a tradição bíblica nos apresenta como o símbolo da nefanda traição, vendem a honra da Pátria, mercantilizam tudo quanto temos de mais caro, maculam tudo quanto temos de mais santo, em nome da República a qual eles carnavalescamente aderiram, por uma qualquer condecoração que os faça nobres!

Homens existem, bom Cristo, que beijando apunham!...

De nada vale o teres tombado pela regeneração humana, de nada valeu o teu grandiosos e nobre sacrifício.

A liberdade, bom Cristo, da qual fostes o mais fervoroso dos apóstolos, continua a ser para nós uma utopia.

Os povos marcham como rebanhos de escravos para a carnificina das guerras, na defesa de homens que os dominam em nome de um infamante direito divino.

Liberdade, bom Cristo, é uma dessas paisagens longínquas e nebulosas, vistas através do cosmorama dos sonhos!

Liberdade, sarcasmos terrificante!

A semana santa passou entre o plangenciar monótono dos sinos e as baforadas asfixiantes do incenso.

Júlio Pernet (Curitiba, 1869-1921) foi um intelectual combativo, republicano e anticlerical. Fundou várias revistas, como *A pena* e *Cenáculo*. Jornalista, poeta, contista, romancista, publicou, entre outros, os poemas de *Bronzes* (1897), os contos de *Amor bucólico* (1898) e o romance *Pala branco* (1898). Esta crônica foi publicada no número de 18 de abril de 1897 de *A pena*.

O CAÇADOR DE ARANHAS!

LÉLIO CESAR

A infância passada em pequenas cidades do interior geralmente é muito rica. Aventura e criatividade são as principais disciplinas de uma escola informal, diferente, a escola da vida que vem do interior, forja de gente que cresce e sai em corajosa busca de oportunidades nos grandes centros, gente que vence pelo trabalho, força de vontade, garra e competência.

Afirmo e reafirmo que dificilmente se encontre entre os especialistas de Brasília que comandam a economia do país equilibrando nossa existência em corda bamba permanente, alguém que tenha a sua origem no interior. Salvo engano ou alguma exceção, o berço dessa gente deve ter sido as grandes capitais, devem ter frequentado custosas escolas particulares e alcançado suas especializações em renomadas universidades internacionais. Não vivendo as experiências de uma infância passada em cidade pequena, e sem tempo para conhecer como se vive no interior, origem do maior contingente da população do país, o mundo deles não é o mesmo do povo sofrido que produz, consome e constrói a nação em situação de permanente fartura: “farta” de dinheiro, de trabalho, de teto, de alimento, de escola...

Não conheço qualquer estatística a respeito, mas tenho convicção de que entre os executivos bem-sucedidos de grandes empresas públicas ou privadas, entre os melho-

res professores, advogados, artistas, jornalistas, médicos, dentistas, engenheiros e arquitetos, enfim, entre os melhores profissionais do país de 35/40 anos de idade para cima, a maioria deve ter saído do interior. É um contingente de parceiros e parceiras que empinou papagaio, fez estilingue, carrinho de rolimã, bonequinhas de trapo e sabugo, petecas de palha de milho, brincou de amarelinha, passar anel, pique, salva, pau-de-sebo, caçar aranha, balança caixão et cetera, et cetera e et cetera.

Descobrimo a pólvora

Ele é hoje um bem-sucedido empresário/engenheiro, que quando criança se transformou no maior especialista do sul do mundo em caçadas de aranha, brincadeira de criança não muito salutar como veremos a seguir. Seu nome se tornou lenda, mas vamos falar apenas da proeza maior, acervo obrigatório do folclore da luminosa cidade do interland paranaense, a fogosa Uraí.

Moleque é moleque, mas aquele bando era especial, procurava sempre se superar. As latinhas que continham pólvora vendidas a granel na venda de seu Tomaz (nome fictício) eram quadradas, mas com tampa redonda. Pelo instinto de observação, nosso herói descobriu que por causa desse detalhe sempre sobrava um pouco de pólvora no fundo da lata quando o produto chegava ao fim. À noite o bando entrava sorrateiramente na venda, pegava as latinhas vazias e surrupiava a sobra de pólvora, que foi sendo cuidadosamente estocada. Quando atingiu quantidade razoável surgiu a questão: que apronto preparar agora com a preciosa matéria-prima?

A inspiração veio do filme *O Satânico Dr. Nô*. Cuidadosamente prepararam uma bomba caseira e escolheram

como alvo a ser detonado um buraco de aranha caranguejeira localizada no barranco de um terreno baldio. Depois de instalar cuidadosamente o artefato na entrada do buraco, preparou-se o detonador, um rastilho com cerca de 30 metros de comprimento, pois a segurança vinha em primeiro lugar. Todos protegidos, ateou-se fogo à pólvora, mas ele apagou logo só fazendo fumaça. “Lazarenta de pórva velha”, rateou um. Nova tentativa, agora mais perto, 10 metros, sssschchchiiii e... novo xabu. O rastilho é substituído por um pavio de barbante embebido em querosene, a 5 metros de distância, que ao chegar à boca da casinha da aranha também se apaga. À medida que se aproximavam do alvo, a confiança aumentada ia afastando o medo. Nova tentativa a 30 centímetros e... nada. Mas na boca do buraco o barbante-pavio mantinha uma brasnha acesa. “Vamos soprar”, gritou um deles e como sempre nosso herói tomou a frente, seguido de um dos parceirinhos. Com os rostos muito próximos à boca do buraco, bastou apenas um pequeno sopro na brasnha do pavio: um enorme tufo de fogo saiu do buraco e atingiu em cheio o seu rosto, sobrando a rebarba também para o parceiro.

O estrago foi grande. Das pestanas à cabeça, passando pelas sobrancelhas, não sobrou um só fio de cabelo, foi tudo queimado. Victor Hugo Dantas, esse é o nome do heroico caçador de aranhas, foi hospitalizado e permaneceu 60 dias completamente mumificado, ficando à vista apenas a abertura do nariz e dos olhos, o resto enrolado em ataduras como as múmias do Egito.

Mas como no cinema, o mocinho acabou se dando bem. Além da fama de exímio caçador de aranhas adquirida com o episódio mesmo sem jamais ter caçado uma — não existe sequer garantia de que a caranguejeira alvo da expe-

riência tenha sofrido algum dano —, foi assim mumificado que percebeu a aproximação da Cristininha, o que rendeu um casamento e três filhos: Gustavo (Sassá), Heloísa e Diogo. “E estão vivendo felizes para sempre”.

Lélio Cesar (Alto Jequitibá, 1942) é mineiro de nascimento radicado em Londrina, onde trabalhou como jornalista e cronista. Algumas de suas crônicas, inclusive esta, estão reunidas no livro *Falando sério* (2002).

SERIA PITÁGORAS A TIA DO CARLITOS?

LÉO COBBE

Quando eu estive em Marte, travei relações com um marciano que tinha estado dois meses em Joinville. E foi graças a ele que consegui regressar à Terra, pois, sem a sua milagrosa intervenção, eu ainda por lá andaria. E sabe Deus em que situação.

Poderá parecer esquisito que, tendo ido com os meus próprios recursos, eu não conseguisse voltar da mesma maneira. Mas quem se der ao prazer espiritual de me ler até o fim, verá que a minha dificuldade em regressar foi perfeitamente razoável.

Antes de mais nada, cumpre-me explicar como e por que eu fui ao planeta Marte.

Uma noite, eu estava sentado num banco da Praça Osório. Num banco ao lado, diversas pessoas, minhas desconhecidas, conversavam animadamente quando, uma delas, um rapaz de óculos pretos, elevando a voz, exclamou: — “A Álgebra resolve qualquer problema, por meio de letras”.

Aquela afirmativa já me era bastante conhecida, mas, o rapaz, ao enunciá-la, assumiu uma atitude tão sublime que eu não pude admitir que ele estivesse mentindo. E acreditei!!!

Uma onda de indignação invadiu o meu ser!!! Olhei para o céu e, antes de poder exclamar: “Oh, Álgebra, não tens sido camarada comigo!”, dei com o nariz numa estrela

que é vermelha e tem o nome do Deus da Guerra (não confundir com Ministro da Guerra, nem com Passeio Público).

Imediatamente, por uma dessas complicadíssimas complicações com que o consciente, o subconsciente, etc., costumam afugentar o tédio, surgiu-me a ideia de ir a Marte por um processo algébrico. E no dia seguinte, quando eu já nem me lembrava do caso, recebi um ofício assinado pelo meu Subconsciente que, em seu nome e em nome das minhas outras Complicações Psíquicas, pedia a minha cooperação na descoberta do meio algébrico de ir a Marte. Eu teria recusado formalmente se desconhecesse os perigos a que se expõem aqueles que ousam contrariar os desígnios de tão escandalosa confraria. Em todo caso, embora sem esperança de ser compreendido, respondi com algumas considerações sobre a falta de tempo, dor de dentes e outras desculpas.

Foi a conta. No mesmo dia, à tarde, eu recebia a visita de uma comissão composta de Meu Sistema Nervoso, Minha Alma Sem Violino, Meu Subconsciente, etc. Depois das reverências de estilo, o Sistema Nervoso puxou um calhamaço e leu:

“Exmo. Snr. Eu.

Considerando que ir a Marte é um problema; considerando que a Álgebra resolve qualquer problema por meio de letras; considerando que o que não falta na Terra são letras (temos letras do alfabeto, temos Academia de letras, temos letras de câmbio, temos sopa de letras, temos mulheres de letras etc.); considerando que uma viagem a outro planeta, ser-nos-á muito instrutiva; e, além disso, considerando que as desculpas por V. Excia. apresentadas em nada nos satisfizeram, esta comissão resolve conceder o prazo de vinte e qua-

tro horas para que V. Excia. se decida a colaborar no descobrimento de um método algébrico capaz de nos levar a Marte

“Caso contrário, serão instaladas em a caixa craniana de V. Excia. conferências diárias sobre Teosofia, Ortografia, lições de bandolim e Ciências Ocultas”.

No fim de três meses, após longos e transcendentíssimos cálculos, eu tinha descoberto o processo algébrico. Quinze dias mais tarde estava em Marte.

O processo era simples:

Comprei três bilhões de quilos de massa para sopa, dessa feita em forma de letras. Em seguida, com as tais letras, fabriquei uma espécie de corrente. Uma vez pronta a corrente, tomei uma das extremidades, coloquei-a dentro de uma caixa e registrei-a como encomenda, com destino a São Paulo. Três dias depois, em virtude da magnífica organização dos nosso Correios, a caixa chegava em Marte.

Ora, em primeiro lugar, em Marte não há fábricas de massas alimentícias; em segundo lugar, os habitantes daquele planeta têm uma verdadeira loucura por sopa de letras. De modo que assim que se espalhou a notícia, todos os marcianos acudiram ao local e, com uma atividade assombrosa, começaram a puxar pela extremidade da corrente.

Era o momento. Pendurei-me na outra ponta e lá me fui subindo em direção ao outro mundo.

Quando tinha fome eu subia alguns metros pela corrente e comia a parte que ia ficando para trás. Creio que é impossível exigir maior perfeição...

A puxação da corrente, lá em cima, era tão enérgica, que dezoito horas depois da partida eu desembarcava. Milhões de indivíduos soltavam gritos de alegria, com um entusiasmo muito acima da compreensão humana...

Eu preparava pois uma fisionomia modesta, para receber as homenagens devidas ao causador de tão formidável júbilo, quando fui agarrado, derrubado e estendido no chão. Em seguida um dos marcianos, munido de afiadíssima faca, se aproximou...

O meu terror foi indescritível, milhões de hipóteses passaram pelo meu espírito, mas acabei me conformando e comecei a rezar...

Nisso, um dos indivíduos, destacando-se da multidão, impôs silêncio com um gesto enérgico e pronunciou algumas palavras. No mesmo instante eu me vi libertado, ao mesmo tempo em que uma nuvem de tristeza invadia todos os semblantes. Corri ao meu salvador e tentei beijar-lhe as mãos, mas ele não consentiu e, num português um tanto alemanizado, disse:

— Tois meis na Xoinville...

— Mas quem é o senhor que tem tanta autoridade entre os seus semelhantes?

— Absolutamente. Eu não tenho nenhuma autoridade...

— Então, como conseguiu impedir que eles me matassem...

— Ninguém tinha tal intenção. Eles apenas queriam abrir a sua barriga e retirar a porção de massa que o senhor tinha comido durante a viagem. Eu então adverti-os que era inútil pois os terrestres costumam mastigar os alimentos. De modo que nada mais seria encontrado...

Passei quatro meses em Marte. Um dia contarei as minhas impressões...

Quando resolvi voltar, comecei a imaginar um novo processo algébrico. Mas nada consegui. Em Marte não há letras e, portanto, não há Álgebra. Fiquei atrapalhado!

Mas o meu amigo tranquilizou-me. Levou-me a um campo onde havia montes e montões de argolas. Mas em tal quantidade que eu perguntei admirado:

— Que é isto?

— Isto são ideias metafísicas. Nós temos profundo horror pela metafísica e, por isso, todas as ideias que, a seu respeito, nos vêm ao cérebro, são atiradas fora... Com estas argolas o senhor fará uma corrente e poderá descer até a Terra.

E foi assim que eu voltei por meio de uma associação de ideias.

Léo Cobbe (Curitiba, ?-Lapa, 1942) foi professor de matemática, violinista e escritor. Publicou muito pouco mas foi, segundo testemunhos de contemporâneos como Adriano Robine, Guido Viaro e Euro Brandão, um daqueles artistas que marcam seu tempo pelas atitudes irreverentes, mas sempre coerentes com uma visão aberta da arte. Esse espírito fica claro neste texto, publicado na *Ilustração Paranaense* de setembro de 1927.

O HOTEL TRISTÃO

LEÔNICIO CORREIA

De mim se despedindo; — há quantos anos! — dizia-me o General Pinheiro Machado: “Vou Comer os saborosos camarões de Paranaguá; no hotel do legendário Tristão. E vossemecê que fique aqui de água na boca!”

Em verdade, o Tristão, hoteleiro, fez-se uma figura legendária de minha terra. Conhecido como exímio preparador de bons pratos, esse Vatel, que não teve motivo para se suicidar, como o cozinheiro do famoso Condé, pelo simples motivo da demora da chegada do peixe para o banquete que o intrépido guerreiro oferecia ao Rei Sol, atraía para o seu hotel todos os que passavam pelo berço de Fernando Amaro. Sempre atarefado, com as calças a pique de escorregarem barriga abaixo, e as quais as suas mãos não largavam, era de vê-lo a atender hóspedes:

— Ô, Tristão, esses camarões abraçadinhos não vêm?

— Calma, meu amo! Não demora!

Antes do Tristão, era dono do hotel o cidadão Antonio Rodrigues dos Santos Rangel, que tinha orgulho em se parecer com Silveira Martins. Além de hoteleiro, Rangel, nas horas vagas (onde inspiração) bancava o Gregório de Matos, e chimpava sátiras nos que lhe caíam no desagrado — e esses não eram poucos. Mas, no que Rangel se notabilizara, foi no jogo do bilhar. Não dispensava a rabeça. E era a atafu-lhar as ventas de rapé, e a comentar as ocorrências diurnas e noturnas da pacata cidade (que ele as sabia todas), que parecia um mico, aos saltinhos, a provocar piadas dos assis-

tentes. Como, porém, era inteligente e espirituoso, a todas as pilhérias rebatia com graça, e raras vezes com acrimônia. Tristão não lhe herdara os dotes intelectuais, mas também era crassa a ignorância de Rangel na arte culinária. Tinha sempre, todavia, bons cozinheiros.

Ora, no hotel Tristão, assisti, de uma feita, uma cena interessante. Havia chegado a Paranaguá uma companhia de cavalinhos. O Hércules era um norte-americano de estatura de gigante. Espadaúdo e musculoso. Parecia que, com um soco, derrubaria uma parede. Achava-se, então, também, no hotel, o Coronel Moreira César, que aguardava vapor para o Rio. O Coronel era quase franzino. De pequena corpulência. Baixo. Olhou para o bichão, e disse:

— O senhor deve ter muita força...

— Ô, sim! E ergueu as mangas da camisa, e exibiu um braço de meter medo.

— Eu desejava ter ideia da sua força, volveu o militar. E posou o cotovelo na mesa, na atitude de um desafio para jogo de braço.

— Eu não faz esse de graça...

— Sei que vou perder; mas o que vale?

— Uma caixa de cerveja...

E o braço hirsuto, de veias empoladas, ameaçador, do gigante, ergueu-se em frente ao braço fino e metálico do adversário. As mãos se ajustaram. E o jogo começou. Lentamente, demoradamente, o Coronel Moreira César foi abaixando o braço do tremendo Hércules. Venceu-o! E, em seguida:

— Talvez o senhor não fizesse empenho em vencer-me... Outra vez. E desta, o braço alentado do Hercules foi derrubado rapidamente, e quase sem esforço. E o Coronel, voltando-se para o Tristão, que assistira, emocionado, a

luta, e olhava, com espanto, para Moreira Cesar e com dó para o Golias vencido, vermelho como um tomate maduro e, de tão suado, e plagiando o Salto das Sete Quedas:

— Uma garrafa de cerveja, por minha conta, para este amável e bravo cavalheiro...

Leôncio Correia (Paranaguá, 1865-Rio de Janeiro 1950) foi político, tendo ocupado importantes cargos na área de educação tanto no Paraná quanto no Rio de Janeiro, jornalista e escritor prolífico. Mesmo radicado no Rio de Janeiro, prosseguiu colaborando a vida toda com jornais e revistas do Paraná. Publicou, entre vários outros, *Litanias* (1900, poesia), *A boêmia do meu tempo* (1935, memórias) e *Evocações* (1955, crônica). Uma edição de suas obras reunidas, em dez volumes, foi publicada pouco depois de sua morte, em 1955. Esta crônica saiu na revista *Marinha* de julho de 1939.

O TRONCO DO IPÊ

LEOPOLDO SCHERNER

Sempre que terminava o inverno, chegava a primavera. E o seu primeiro anúncio vinha sempre com as flores amarelas do ipê. Logo aí na frente, bem perto. O ipê virava um ramalhete só. Com a vontade e a imaginação, quantas vezes o tomei nas mãos para o ofertar a não sei quem. (Em horas como essas, todas as realidades normais deixam de existir, não ficam esquecidas, deixam de existir mesmo: ou eu me tornaria um gigante ou a árvore desceria ao meu tamanho?; a resposta não interessa; o que interessa é que, com a vontade e a imaginação, muitas vezes a tomei nas mãos para a ofertar a não sei quem; me vi andando, examinando, distinguindo, escolhendo, amando, sentindo perfume e beleza.).

As flores desciam mansas dos galhos e se acomodavam, em repouso, no chão, uma ao lado da outra, uma em cima da outra, muito humanas, muito doces, num amarelo unísono, cercando o tronco — muito em redondo — brincando de ciranda — cirandinha. Muito humanas, uma seda. (Reparem só como os lírios não trabalham nem fiam. Ora, eu lhes digo que nem mesmo Salomão, em todo o seu luxo, se vestiu como um deles. Lucas, capítulo 22, versículo 27). Era uma só colcha de pluma no chão da primavera.

Era olhar para o ipê e dizer que a primavera falava.

Aconteceu, porém, que um dia, o Nercídio deve ter tido alguma coisa: amanheceu zangado, algum bicho o mordeu, deu alguma topada, algum cavalo estranho se en-

custou na sua cerca para se coçar e derrubou a cerca. Como aconteceu, não sei, porque, quando vi, de inteiro ereto só restava o tronco do ipê. Um machado infame, terrível imenso, muita força de músculo humano conjugada. Deve ter sido num átimo. Chão que fora de deixar cair em cima as flores mansas — coberto de galharia de pesadelo: braços, mãos, dedos e pernas levantados para o céu — pedaços de tronco — olhos espantados a pedir misericórdia, um conjunto disforme decomposto profano. Levantado perfeito só um pedaço do tronco, como um toco de braço decepado, chorando as últimas gotas vivas de sangue. Sem mais apelação. Decididamente.

Nercídio: que é que você foi fazer?

Como é que hei de, agora, saber quando é primavera?

Como é que hei de, agora, saber quando é que posso abrir a minha janela para o sol entrar?

Como é que hei de, agora, com antecipação saber que as rosas vão se abrir?

Como é que hei de, agora, saber, com garantia e segurança, que a geada não vai mais gear?

Não sei, nem quero saber que fim tiveram os galhos mortos — e já apareciam, meu Deus, os brotos novos deste ano, vivos duma vez. Só sei que voltaram casais e mais casais de passarinhos namorados, tico-ticos e canários, andorinhas e pintassilgos, corruíras e bicos de lacre — voltaram, porque seu cantinho de galho tinha desaparecido. Inapelavelmente. Pelas mãos do Nercídio.

Só sei que se perdeu o marco divino desta rua. Ninguém mais dirá: aquela rua do ipê mais lindo florido.

Adeus para nunca mais.

Leopoldo Scherner (São José dos Pinhais, 1919-Curitiba, 2011) foi professor de literatura na Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Estreou como poeta em 1965, com o livro *O dia anterior ao primeiro dia da criação*. Publicou os estudos sobre literatura *Luís de Camões — A vida e a obra* (1980) e *Literatura: Elemento de integração* (1985). Dedicou-se extensivamente à literatura para crianças, com a organização de volumes de contos e com histórias como *O doutor mágico* (1983). “O tronco do ipê” foi publicado no *Diário do Paraná* em 7 de dezembro de 1969.

CAFEZINHO

LIAMIR SANTOS HAUER

Esta ouço desde criança e da minha própria avó.

A família morava na Barão do Rio Branco, em perfeita harmonia. A esposa sempre em casa a cuidar dos filhos e dos problemas domésticos, enquanto o marido cumpria, à parte, os seus misteres, numa vida rotineira como a dos demais casais que viveram nessa época, quando nem cinemas nem outras distrações existiam.

Todos os dias eram iguais, do trabalho para casa e vice-versa. Até o cafezinho, única coisa que havia fora de casa, era logo na esquina e tornou-se uma rotina. Sempre que alguma amigo o procurava em casa, se não o encontrava, ouvia da sua esposa:

— Ele está no cafezinho.

Assim, o tempo passava e, com ele, chegou a hora do homem do cafezinho. Só então a viúva caiu na real, ao ver o grande número de carpideiras ao redor do caixão, acompanhadas de seus pimpolhos que pranteavam o pai.

A viúva, por demais surpresa, não podia conceber tudo o que via ou ouvia. E argumentava com aquelas mulheres, rebatendo que não tinha qualquer fundamento o que afirmavam, pois seu esposo não ia a lugar algum, era do trabalho para a casa e só tirava um minuto por dia para o seu cafezinho.

Foi aí que ouviu das mulheres em coro:

— Pois esse aí foi da hora do cafezinho. Cada uma,

apontando um piá, foi identificando seus filhos como frutos do furtivo cafezinho.

É assim: para “pular a cerca” basta um segundo, não precisa tempo. Entre um gole e outro de café a coisa se faz.

Liamir Santos Hauer (Curitiba, 1923) foi funcionária do Estado. Trabalhou na Biblioteca Pública do Paraná e na Escola de Belas Artes. Publicou seguidamente *O circo* (2000), *O circo pegou fogo* (2001), *Rescaldo* (2002) e *Pra lá de Marrakesh* (2003). “Cafezinho” foi publicada na *Revista do Centro de Letras* em fevereiro de 2013.

A BALEIA FIXA

LUÍS HENRIQUE PELLANDA

Um homem vê, da praia, uma baleia, e seu coração emerge de um lugar obscuro. Ele está salvo. Quer saltar da cadeira, fugir do guarda-sol, molhar os pés na mesma água que sustenta e transporta o animal. Mas não dá. O homem segura no colo a sua filha, um bebê, e ela precisa dormir. Tanto faz que a espuma se erga no mar, imperiosa, perturbando a linha do horizonte. O bebê dorme. Quem sabe não sonhe com baleias? Minúsculos, coloridos, saborosos cetáceos de gelatina.

O homem se livra dos óculos escuros, avalia seus vizinhos de esteira, alguém mais viu o bicho? Não. Metade das pessoas navega no espelho de seus celulares; a outra metade se divide entre os que cochilam e os que vigiam crianças. A baleia, portanto, é daquele homem, e só dele, e é em nome desse interesse particular que ele se apossa dela.

Na impraticabilidade de se levantar, marchar até a água e nadar com sua baleia, o homem fabula. Imagina o que seria essa criatura gigantesca, e a possibilidade de sua consciência, o tamanho de seus desejos. Por que se arrisca entre os humanos, tão perto da areia? O homem lembra que Clarice Lispector, certa vez, escreveu que toda baleia é uma montanha de inocência, e ele concorda com isso. Embora saiba que jamais poderá conhecer o que se passa no interior sombrio daquela caverna semovente, submarina. Talvez até haja luzes por lá, lampiões acesos e óleo perfumado queimando, dormitórios, escadarias e biblio-

tecas — ninguém ficará sabendo. E talvez o próprio bebê no colo deste homem esteja lá dentro, agora mesmo, enquanto dorme, e sonha.

O homem decide que o melhor a fazer, quanto à passagem daquela baleia por sua vida, é observá-la. Aproveitar a chance que lhe coube, a exclusividade que lhe destinaram. Assim, examinando-a bem, ele nota que há algo errado. A baleia não está se movendo. Não submerge nem volta à tona, conforme julgou, dois minutos antes. Não. Ela está parada, exatamente como ele. É o mar que se move ao redor e debaixo dela. E o movimento do mar, em relação à imobilidade da baleia, tem um quê de mau agouro. Seria ela um cadáver à deriva?

Esta é a primeira baleia que o homem avista e, se ela estiver morta, é certo que será um péssimo presságio. Uma baleia defunta, flutuando diante de um balneário lotado, num feriadão de sol. Uma baleia que é o sepulcro de si mesma, uma imensa massa oca, feita para abrigar os restos de nossas expectativas, o anúncio de um evento extraordinário, uma alegria inextinguível, o grande futuro, o progresso que não vem, pois encalhou, jamais acontecerá.

Mas não é isso, e o homem não demora a perceber seu erro. Não, não se trata de um animal. Foi uma ilusão, causada pelo sol ou pelo sono, o cansaço da vigília, da esperança, da paternidade. Sua baleia é só um rochedo, uma pedra de aparência ovoide, que o mar, em dias de menor exuberância, deixa parcialmente descoberta.

O que não muda nada. Porque, nos dias seguintes a essa visão, o homem continuará a distingui-la a distância, aquela baleia de pedra e brilho, a força fixa na linha do horizonte, indiferente ao Atlântico Sul, este oceano que sobe e desce por seu corpo, como se acariciasse uma montanha.

Luís Henrique Pellanda (Curitiba, 1973) é jornalista e escritor. Já contribuiu com os jornais *Gazeta do Povo*, *Primeira Hora* e *Rascunho*. É autor dos livros de contos *O macaco ornamental* (2009) e *A fada sem cabeça* (2018) e das coletâneas de crônicas *Nós passaremos em branco* (2011), *Asa de sereia* (2013) e *Detetive à deriva* (2016). “A baleia fixa” saiu na *Gazeta do Povo* em 22 de novembro de 2016.

OS MENINOS DA TUDE

LUIZ GERALDO MAZZA

Gertrudes se olhou outra vez na poça d'água. Mexeu nos cabelos sujos, sem qualquer gesto de vaidade. “Sei que sou feia. Mas os meninos me gostam!” No meio dos alagadiços, que não se libertaram da névoa da manhã, ergueu os braços e praguejou contra o vizinho que continua a jogar lixo da mercearia em seu terreno. Na verdade, nada pertence a Gertrudes. O polaco da mercearia sabe que ela não gosta do lixo e por uma razão muito simples: os detritos provocam inundações constantes no terreno. A maior satisfação que ele tem é ver “a bruxa gritando de manhã, em altos brados, praguejando e dizendo obscenidades”.

— É uma farra ver a louca acordando a vizinhança à custa de nomes feitos!

Gertrudes lava os seus trapos na água do lodo e quando vê os sapinhos ainda em embrião, como um feijãozinho negro guiado por uma cauda, diz coisas afetivas: “Eu vou te criar direitinho, meu feijãozinho lindo”.

Os sapos de Gertrudes possuem todos nomes especiais: Roberto Azulzinho, Pedregulho, Brabo e Pedro.

Uma dama da sociedade, muito católica, faz um abaixo assinado contra a feiticeira do terreno baldio. Vai de casa em casa e pede a compreensão dos cristãos para salvar a alma da pobre endemoninhada. “Imaginem” — diz ela para convencer os outros — “a infeliz cria sapos para abastecer

os centros de magia negra da cidade. Nós precisamos fazer um abaixo assinado para tirá-la daquele imundície e em seguida tratá-la bem e pedir informações sobre as pessoas que lhe compram aqueles bichos asquerosos”.

Por força do hábito Gertrudes descobriu a alimentação e a medicina dos sapos. Quando um deles amanheceu morto, os olhos esbugalhados e o ventre estourado com os intestinos de fora, ela chorou desesperadamente quase um dia inteiro. Com uma caixa de sapatos e papel colorido, montou um esquife, guardando-o à noite, inclusive com velas. Sepultou-os pela manhã. “Ainda vou chorar o Dragão por muito tempo; mas os outros precisam de mim”.

— A velha louca pensa que os sapos precisam dela. Vou jogar mais lixo do outro lado. Ainda bem que ela retira a sujeirada se não me roubava o prazer de ouvir os seus berreiros e malcriações! — Para o polaco da mercearia, o pior que poderia acontecer era o lixo acumular-se, formar verdadeiras montanhas. Não pensava nas moscas ou no cheiro ruim. “Já me habituei com essa maluca. Acho que serve até de relógio despertador para muitas pessoas”.

Dia de enchente, o polaco se gruda na janela dos fundos da casa e fica esperando que clareie um pouco para gozar com os sustos de Gertrudes que acorda com a água pela cintura. O dono da mercearia já chamou atenção do polaco: “Você parece louco, homem, andar frestando uma infeliz. Isso é coisa de tarado”.

No meio da água barrenta, a mulher grita pelos seus bichos e, vez por outra, enfia a cabeça no fundo. “Meu Deus, para onde foram as minhas crianças?” E põe-se a rezar a inúmeros santos e a pedir ao “menino do pastoreio” que a ajude a encontrar os coitadinhos.

Só há uma pessoa com quem Gertrudes gosta de fa-

lar: é um vendedor de garrafas vazias. Passa por lá, cumprimenta-a e pergunta, carinhosamente: “E como vai a criança, dona Tude?”

Na última enchente, todas as desgraças possíveis caíram sobre Gertrudes. “Alguém me rogou praga, a água derubou o meu paiol e não achei nenhum dos meninos. Acho que o bueiro engoliu todos”.

Arranhava o corpo e gritava que ia jogar-se nas águas, onde não mais conseguia alcançar pé. Vieram os bombeiros e uma ambulância. Ela gritava que não era louca e aquilo lhe parecia uma desumanidade. Aplicaram-lhe uma injeção forte. Gertrudes sentiu que mergulhava na seda, em algodão, em alguma coisa fofo. Quando abriu os olhos, o enfermeiro estava ao seu lado. Já não gritava e pediu baixinho:

“Vão me levar de novo, não é? Eu e os bichinhos separados”. Chorou como criança. A senhora cristã viu tudo do seu apartamento e fez o sinal da cruz. Espantado, o polaco estava na cerca assistindo à correria. “E agora essa, vão levar Gertrudes embora!”. Ele sentiu que estava perdendo alguma coisa.

Luiz Geraldo Mazza (Paranaguá, 1931) fez curso de Direito na Universidade Federal do Paraná, mas atua como jornalista. Tem passagens por vários jornais, como *Diário da Tarde*, *Última hora* e *Folha de S.Paulo*. Atualmente é colunista da *Folha de Londrina*. “Os meninos da Tude” foi publicada no *Diário da Tarde* em 4 de setembro de 1960.

RUA SILVA JARDIM

LUIZ GROFF

Ia da João Negrão até a Buenos Aires, que mais para cima não se aguentava pedalar.

Na João Negrão, por baixo da Ponte Preta, ia-se até o Largo da Ventura onde ficava a Zona e o famoso Gato Preto. Quer dizer, ia-se não, iam, que perto da zona não nos deixavam. Para a direita, ia-se ao Campo do Leão, jogar bola. Ia-se e vinha-se.

Vinham em bando, as travas das chuteiras arrepiando nas pedras da calçada, só muito depois da hora em que não se enxergava mais a bola.

De um lado da rua o grupo e o vozerio discutindo o treino, e do outro, solitário, o ponta-esquerda que às vezes tentava encostar, mas era logo repellido.

— Vá embora, Monte de Merda. Outra vez olha onde pisa!

E lá ia ele, sozinho, paralelo, correndo, parando, tentando limpar na guia da sarjeta a bosta das travas da chuteira.

Lá ia ele, com seu cheiro e sua ruindade ponta-esquerda.

Subindo um pouco, já na Silva Jardim, o Neuto, um craque no botão. Ficou três anos ganhando todas e olha que jogava sem goleiro.

O Siço, irmão do Neuto, tocava acordeão. Fez um conjunto. Tocavam o Pelicano, o Barrissola, o Perigoso e o Julião.

Ensaïaram o “Tico-Tico no Fubá” e foram ao Programa de Calouros da PR B-2, domingo de manhã, no Cine América. No gongo, o dono do Regional da Rádio.

Tocaram, levaram gongo!

Os menores e os maiores, na plateia, vaiavam com raiva.

— Toca de novo! Marmelada!

— É que o tamborim atravessou, explicou o homem do Regional da B-2.

— E daí? No disco é atravessado.

— Bota o disco!

Botaram, tocaram.

— Viu?

— Viu o quê?

— O tamborim é atravessado.

— Não é!

— E você, acha o quê?

— Eu acho melhor tocar de novo ou esta corja quebra tudo!

Tocaram e foram gongados.

— Ou toca de novo ou quebramos tudo!

Curitiba era pequena demais para dois Regionais.

Subindo do Neuto e do Siço vinham o Dante e o Doca, filhos da Ema, a quem demos o Tétis, marido de Gepeta, pais do Grimpo.

Um dia o Dante (ou seria o Doca?) casou.

E, pela janela do carro da praça, o Doca, (ou seria o Dante?) ia jogando bombinhas e a gurizada correndo atrás. No dia seguinte o Dante (ou seria o Doca?) passou pela turma sem cumprimentar.

— Não falo mais com eles, agora sou senhor.

Na esquina da Marechal, o Tétis, marido da Gepeta,

pai do Grimpo, pai por sua vez de todos os cachorros pretos com cruz branca, morreu atropelado por um caminhão.

Pra cima da Marechal, o quartirão do Tigre. O Britânia, hexacampeão. Já virara lenda a famosa dupla, Solon e Licurgo, a “Ala Helênica”, que tinha jogado no Vasco, River Plate e na Seleção.

Assombraram os argentinos no Sul-americano de 42, onde eram conhecidos como a Ala Ping-Pong, porque nunca deixavam a bola cair no chão.

Quer dizer, quase nunca, às vezes o Licurgo (ou seria o Solon?) deixava a bola cair, só para chutar de bate-pronto.

O Neuto, irmão do Siço, jogava botão muito bem, tirava o goleiro e não perdia, mas às vezes empatava.

Nesta mesma quadra, do lado esquerdo, o Cine Rex, do pai do Louro. Aos domingos, quinhentos réis a entrada, três filmes, dois seriados e uma bonificação para terça-feira.

Na porta o Mondrone, sorveteiro que nos dias de semana ficava na frente da Escola Normal, vendia dolé pra gu-rizada. Eram cem réis e direito a uma rodada numa roleta, o número que desse levava de inhapa, mas quase só dava zero.

Um dia o Neuto, o Neuto dos botões que, admito, só tirava o goleiro depois que já estava 4 x 0, fez cinco seguidos e deu dolé pra todo mundo. Sobrou até para o cavalo do sorveteiro.

Entre a Alferes Poli e a Vinte Quatro, quanta gente...

— Cadê o Blui que tocava o “Hino Nacional” com o lápis nos dentes?

— Foi pra São Paulo.

— E o Zaca, filho do sorveteiro, que fumou charuto quando tinha três anos e nunca mais cresceu?

— O Zaca está preso, matou a mulher e o amante.

— E a Zuleica?

- Não sabe? Era casada com o Zaca.
- E o Caturra?
- Amante da Zuleica.
- E o Nivaldo Fornarina, aquele que o carro passou em cima do pé, no Carnaval?
- Veado. Morreu de câncer.
- E o Beco?
- Era juiz de futebol, matou-se... Dizem que era fancho.
- Cruzes! O Deus da Bíblia está solto nesta Cidade castigando os pecadores.

NÁUTICO, FUTEBOL E REGATAS

“Náutico”, por diplomacia, pois antes, quando o time se chamava Paissandu, Pernambuco, o bêbado da zona, não nos deixava jogar.

“Futebol”, porque jogava-se, lógico.

“Regatas”, porque soava legal, embora não se soubesse muito bem o que significava.

Náutico, pouco futebol e nenhuma regata, reinou da Alferes Poli até a Vinte e Quatro de Maio, invicto durante dois anos, em que muito treinou no “Parquinho” do Campo da Cruz e nunca jogou.

Vinte e Quatro de Maio com Silva Jardim, esquina. Ali o “Engole Cobra” deu um bofete no menino que o chamou pelo apelido.

Apanhou sem entender as sutilezas do bofete e do apelido.

Vinte e Quatro de Maio, onde o bonde da Água Verde um dia passou em cima do Pernambuco, que na madrugada fria dormia nos trilhos, enleado com o nevoeiro.

Dia seguinte, seu Zito do Armazém dizia:

— Vai lá ver, vai. Ainda sobrou uma gordurinha nas frestas do paralelepípedo.

Nunes Machado, rua séria e honesta, diferente da Lamenha Lins, onde só morava gente hipócrita e mau caráter. Nunes Machado, quem terá sido Nunes Machado?

Silva Jardim, sabe-se, caiu no Vesúvio, mas Nunes Machado em que raio de vulcão terá caído?

Nesta Nunes esquina, o Ivo, menino pobre, perdido no meio da classe média, compensa-se inventando histórias.

— O pai do Marcos jogou na Seleção Catarinense com o nome de Petição.

— A mãe do Rui foi puta no Dinorá.

— Na chácara do pai do Luiz, na Barreirinha, tem uma das maiores minas de ferro do mundo. Ferro fundido!

Um dia os maiores levaram-no a passear na chácara da Barreirinha. Pintou, bordou e finalmente arranhou a perna num arbusto. Dois cortes paralelos. João, irmão de Luiz, que pescava lambaris, falou:

— É cobra!

— Chamem um médico!

— Não adianta, mata em dez minutos, não vai dar tempo.

— Eu não quero morrer.

— Se chorar, esquenta o sangue, morre em oito.

— Eu só queria me despedir da minha mãe.

— Escreva uma carta.

— Como?

— Numa carteira de cigarros.

— E lápis?

— Com fósforo!

E numa carteira de Elmo, por mal traçadas as linhas, escritas com palitos de fósforos carbonizados e borrados de lágrimas, despediu-se da mãe.

Morreu vinte anos depois, de desastre de automóvel. Sem carta pra mãe.

Entre a Nunes e a Lamenha, a casa do Berto Zanatto. Encanador, eletricista, funileiro, o Berto sabia fazer qualquer cousa.

— Quando Santos Dumont caiu de balão, no relógio da Catedral, foi o Berto Zanatto quem tirou ele de lá.

O homem engatou no ponteiro, eram onze e dez, o tempo passando, onze e meia o ponteiro virava pra baixo e babaus pro Pai da Aviação.

Onze e quinze o Berto chegou na praça, subiu na torre com uma escada, e salvou o homem. Foi quase, já eram onze e vinte e nove.

— Conversa, ele engatou no ponteiro das horas, só ia ficar perigoso às seis da tarde.

— Mas, e se o relógio começa a adiantar com o peso dele?

— É... quem caiu foi uma mulher que saiu lá do Passeio Público, o balão é que se chamava Santos Dumont.

— Também não foi no relógio da Catedral mas no relógio de Sol da Farmácia Stellfeld, que é bem baixinho.

— Mas que foi o Berto Zanatto, foi. Porra!

Voltemos pra Nunes.

Na porta da garagem da casa do Marcos era gol.

— Eu sou o Neno!

— Eu sou o Caju!

E dá-lhe porrada. A bola indo e vindo, joelhos e cotovelos ralando no chão de pedra, um chutando, outro pegando.

Fim da tarde, os dois quebrados, a empregada chamando pro banho.

— Só mais um, seu. A última!

— Tá louco? Tou todo machucado.

— Só uma. E a última!

— Não posso mais.

— Vai, pela Etelvina!

— E pela Etelvina, pela Zeila, pela Dulce, pela Helga, pela Margarida.

Ah, eu era feliz e não doía.

Luiz Groff (Curitiba, 1936) é engenheiro, enólogo, dramaturgo e cronista. Neste campo, reuniu parte de sua produção no volume *Crônicas agudas* (1985), que inclui esta crônica.

CRÔNICA

MANOEL CARLOS KARAM

O táxi estava parado.

Abri a porta traseira direita e entrei.

Ao mesmo tempo, um sujeito repetiu a cena pelo lado esquerdo.

Entramos ambos no banco traseiro do táxi.

Enquanto um olhava para o outro, com certo espanto, um terceiro sujeito abriu a porta e entrou.

Disse assim: “Prefiro sentar no meio.”

Sentou-se e ficamos os três, um olhando para o outro, com um certo espanto.

Foi quando um quarto sujeito, na calçada, fez sinal para o táxi.

Falei para o motorista: — “Arranque e ignore! Ele poderá preferir sentar no meio e, aqui, nós não temos mais o meio.”

Manoel Carlos Karam (Rio do Sul, 1947-Curitiba, 2007) foi dramaturgo e diretor de teatro, jornalista e escritor. *Fontes murmurantes* (1985), *Cebola* (1997), *Comendo bolacha maria no dia de são nunca* (1999), *Encrenca* (2002) e *Sujeito oculto* (2004) são alguns dos livros que publicou. Esta é a única crônica desta antologia que, ao invés de ser publicada, foi transmitida por rádio numa série que o autor intitulou “Crônicas de alhures do sul”.

VELHA FOTO

MARCO AURÉLIO CREMASCO

Olho para uma fotografia. Ela tem cerca de 50 anos e captura o instantâneo de uma família. Gente simples do interior do Paraná. Avós, tios, tias, primos, primas, pais e irmãos. Deixo de resolver um sistema de equações diferenciais para mergulhar na memória. Sou o menor entre os retratados, o caçula. Uma das mãos levada à boca e a outra protegida por meu avô. Não é difícil perceber a sua face talhada por sulcos por onde escorreram o suor de um plantador de café, de um cultivador de sonhos. Já o semblante de minha avó revela o traço forte de quem não renega o braço à enxada. Tenho a cabeça levemente pendida para a direita e, para o meu espanto, a maioria dos primos, uns vinte, têm a cabeça na mesma posição. Coisa de DNA que não me atrevo a explicar. Vejo minha irmã com o coque das primas. Noto que o seu sorriso em nada modificou. O tempo é incapaz de destruir sorrisos. O tempo nos impõe máscaras de idades, mas ajoelha-se quando encontra a felicidade. Dezenas de olhares desfilam diante de meu olhar. Procuro detalhes, revolvo lembranças e encontro matizes do cinza. Qual seria a cor do desejo de cada uma daquelas pessoas? O que aconteceu, na vida de cada uma, um dia depois de aquela fotografia ter sido revelada? E o cinza da foto abarca todas as cores e tudo, súbito, torna-se branco, apenas a cor morena de minha mãe destoa da tez clara da italianada, como fosse a Lua eclipsar o dia mais ensolarado de meus dias. A visão embaça.

Tomo a fotografia e a trago para mais perto. Uma gota de chuva, vinda de não sei onde, explode na face daquele guri de quatro anos, gravado no centro da velha foto. Estou só. A fotografia avoluma-se e sorve-me. Minha mãe está ao lado de minhas tias e, atrás delas, os maridos de todas elas. Exceto a minha mãe, todos se foram. Como se foram alguns primos e os meus avós. Como também partiu o tio Arlindo, cuja sedução, diziam as boas línguas, era de tirar o ar do nome. Estou só e de tão só percebo-me em um poço sem fundo. Essa sensação faz-me tatear a solidão e o uço. — Você não está e nunca estive só. A terra vermelha, as plantações de café, de algodão, de soja, de amendoim, não são as mesmas, como não é o mesmo o corte seco do enxadão. Veio o asfalto e atapetou o chão, encobrendo as pegadas mais profundas daqueles que romperam matas para desbravar sertões, deixando órfãos centenas de anônimos, feito nós, aqui, nesta fotografia. Todavia, ainda que incógnitos, levantamos. Espalmamos a poeira do tempo e acompanhamos a sua jornada a cada volta dos ponteiros do relógio da vida. E onde esses ponteiros emperravam, lá estávamos, empurrando-os, pois cada segundo vivido é uma graça alcançada. Compartilhamos a sua dor e sopramos, feito a brisa que vem do Tibagi, o alento da Esperança. Sorrio. Deixo a fotografia no seu devido lugar: em uma estante de livros, na minha sala de trabalho. Basta levantar um pouco os olhos. Fantasmas passeiam por aquela imagem e dão significado à existência. Dizem-me se eu existo, carne, osso e espírito, é devido a tantos outros, principalmente aos que não estão mais conosco, mas permanecem eternizados na alma ou em um simples olhar depositado sobre uma velha fotografia.

Marco Aurélio Cremasco (Guaraci, 1962) é professor da Faculdade de Engenharia Química da Unicamp, poeta, contista, romancista. Publicou, entre outros, *Vampisales* (1984, poesia), *Santo Reis da Luz Divina* (2004, romance), *Histórias prováveis* (2007, contos), *Oco do mundo* (2011, novela), *As coisas de João Flores* (2014, poesia). É cronista do jornal *O Diário do Norte do Paraná*, onde "Velha foto" saiu em 22 de dezembro de 2015.

EQUÍVOCOS E DISTRACÃO

MARIA ROSA CARTAXO MOURA

A mocinha ao volante, com um encantador ar de suficiência, em descontraída manobra, entrou na oficina.

Recomendou ao mecânico com certeza na voz:

“Está falhando. Verifique por favor, a berimbela da parafuseta. Se não, o rolamento do escape”.

Pela fisionomia do profissional perpassou o espanto, depois a desconfiança... Seria gozação?

Sondou o rostinho compenetrado e perguntou:

“Quem fez o diagnóstico?”

“Meu irmão”, respondeu ela, recordando o rosto inocente e repentinamente solícito.

O riso foi abrindo a cara do homem até às escâncaras, e gargalhadas hilariantes sacudiam-no, violentamente, fazendo saltar porcas e parafusos dos bolsos do macacão engraxado.

Furiosa a mocinha classificou-o:

“Grosseirão”.

E, cerrando com força os maxilares, vociferava entre dentes “Irmão desgraçado”, enquanto uma brusca ré arrancava-a dali.

“Quem puxa aos seus, não degenera”.

Aborrece-me, entretanto, constatar em mim, uma falha eugênica, a distração, que tem caracterizado sucessivas gerações de família.

Aos meus ascendentes confere até uma certa graça, porque os torna protagonistas de casos pitorescos que acabam por criar uma tradição curiosa.

A mim nunca trouxe vantagens.

É bem verdade que, em menina, preferia francamente as estórias do Padre Cartaxo, vigário de Cajazeiras, no sertão nordestino, em tempos de antanho, ou as do Tio Tiburino, às da Branca de Neve ou Cinderela.

Meu venerável maior, por exemplo, deixou em testamento, cuja cópia guardo com ótimo humor, a quantia de duzentos mil réis para que fossem rezadas trezentas missas, encomendadas e pagas, as quais se esquecera de officiar.

Não sei se gostaria, mas parece inevitável, que meus filhos contem aos descendentes as “gafes” que tenho cometido por não precisar de foguetes para me transportar à lua.

Não lembrar de aniversário ou do local em que se deixou o carro antes do cinema é mal comum, mas voltar às pressas, em retorno aflitivo, à casa da cunhada para pegar o próprio bebê, que esquecera dormindo, é um pouco forte.

Lembrar, em viagem, de objetos e papéis que deveriam estar embarcados, é comum, mas retroceder na estrada quando se pensa que se está indo adiante, pelo simples fato de ter parado o carro em um posto de gasolina para abastecê-lo, é de desanimar.

Não gravar nomes de ruas ou infringir sinalização de tráfego, é comum, mas de repente, perder a casa da costureira de anos, só porque foi removido o painel de propaganda do Melhoral, é desesperador.

Pior que essa só a do papagaio à janela de uma casa em Buenos Aires, ponto de referência para a descida do ônibus. Um dia a viagem terminou no fim da linha.

Quando tenho algo especial em mente, então é que as coisas ficam pretas, quando não fogem de foco.

Entrei no cartório com o pensamento voando, e a ordem expressa de meu marido, soando nos ouvidos.

“Pegue o translado!”

Eis quando tudo se confunde. Tentava desvencilhar-me de uma vegetação que se fechava à minha volta.

Havia entrado, inadvertidamente, num canteiro tropical de efeito decorativo.

Dali só saí ajudada pelo braço de um deputado amigo, descalça, pois os sapatos permaneceram fincados na terra fofa.

Reconstituí-me como pude e fui em frente.

O “libelo”, pedi, afobada no cartório, vim buscar o libelo da escritura.

Ele compreendeu, mas ironizou:

“Não fora filha de juiz e eu admitiria...”

“Parabéns pelo aniversário do marido!”

“... 52 anos, hein! É uma boa idade, dizia a amável voz pelo telefone. Eu já entrei nos 7”.

Honestamente agradecida “confortei”:

“Está muito conservado para 70 anos...”

Liguei-me quando senti o impacto do silêncio sintomático do outro lado da linha, e me sobressaltei.

Aguardei com a respiração suspensa e a face contristada.

A voz, complacente, me corrigiu:

“57, minha filha, e não 70!”

Maria Rosa Cartaxo Moura (Guarapuava, 1933) foi cronista do jornal *Gazeta do Povo* na virada dos anos 70 para os anos 80, produção que reuniu em 1990 no volume *Caleidoscópio*, de onde esta crônica foi transcrita. Também é autora de livros de poemas, como *Só... poesia* (2009).

FICÇÃO EM SALA DE PROFESSORES

MARTA MORAIS DA COSTA

O calor da noite anunciava mais uma daquelas chuvaradas de espantar o mormaço e fazer descer a poeira do ar. A expectativa era de um final de dia mais fresco e limpo. A sala dos professores era um burburinho só. Os poucos minutos do intervalo permitiam um copo de café engolido às pressas, alguns sorrisos e, no máximo, uma troca de palavras que não podiam esperar a respeito dos alunos, diários de classe, programas ou avisos da direção.

Impiedosamente, os estudantes ainda retiravam do mínimo descanso docente alguns minutos para resolver dúvidas ou fazer reivindicações — principalmente abono de faltas ou recuperação de notas. O café quente descia, com sofreguidão, quase trazendo lágrimas aos olhos do professor, enquanto ele se decidia a não perdoar mais uma das frequentes ausências daquele aluno displicente.

O ambiente barulhento foi surpreendido por uma exclamação tão espalhafatosa, tão absurdamente exagerada, que as cabeças todas se voltaram ao mesmo tempo para o autor. O café perigosamente dançou nos copos de plástico, as mãos congelaram-se em gestos incompletos, as palavras emudeceram em sílabas inusitadas, ocasionando um discurso desengonçado, que encheu a sala de espanto.

O epicentro da surpresa, jornal nas mãos, olhar que

parecia engolir as letras, contrariado, boca aberta e sem som, era um velho professor, às vésperas da aposentadoria, ainda capaz de incentivar em seus alunos a vontade de aprender, mas um tanto descrente da eficácia de uma vida dedicada ao magistério.

Os que lhe estavam próximos distinguiram a custo as primeiras palavras que conseguiu balbuciar: “Não acredito!”, dizia ele, num misto de frustração e desânimo. Curiosos, os que conseguiam alcançar com os olhos a página do jornal, seguiam o dedo indicar do velho mestre e deparavam com nota em destaque na coluna social: “Jeoclécio T. W. P. Mirândola, recém-nomeado para importante cargo num dos ministérios em Brasília, preside uma campanha para adoção de sua obra *Amar os livros e a leitura* como texto paradidático nas escolas brasileiras de Educação Básica”.

O movimento habitual na sala dos professores sofreu brusca reviravolta.

— Quem é esse? — alguns indagavam, com expressão curiosa. Outros aguardavam informações, mas um terceiro grupo, de professores mais antigos, sacudia incrédulo a cabeça. O velho professor adiantou-se, esclarecendo:

— Entre os alunos que passaram por aqui enquanto sou professor, Jeoclécio era o mais desinteressado, o menos curioso, o que estava sempre pronto a armar alguma confusão em que pudesse levar vantagem. Embora não seja de apostas, arriscaria o salário do mês como ele jamais leu um livro inteiro durante todo o tempo que esteve aqui. Muito ruim para nós que o aprovamos, mas acreditávamos que seria pior para ele, pois havia perdido todas as oportunidades de crescer intelectualmente. Ora vejam... Agora, além de escrever um livro, está no ministério!

Alguns professores mostravam um sorriso irônico, enquanto outros pareciam tomados por dúvida que, embora não expressas, eram dedutíveis no olhar surpreso: “Tudo o que pregamos será inútil?” “É possível ocupar altas funções sem estudo e sem leitura?” “Escritores não precisam ser leitores?”

Ao fundo da sala, uma professora franzina e tímida, arriscou:

— Tive um professor que se recusava a reprovar alunos, mesmo os mais fracos ou indisciplinados, porque, segundo ele, a vida se encarregaria de selecionar os mais aptos... Como explicar essa notícia?

Imediatamente, um professor otimista, com um copo de café em meio, retrucou:

— Vai ver que ele mudou ao longo desses anos todos. — uma gargalhada em uníssono invadiu a sala, misto de descrença e ironia.

— Quem não sabe, escreve... — ao que imediatamente completou outro professor: — ...e vende!

Nisso, a sala começou a esvaziar-se, pois o grande relógio da parede anunciava o segundo tempo das aulas noturnas. Ficou na sala apenas o velho professor quase aposentado, o jornal entre as mãos, o olhar de volta ao passado, um irônico sorriso nos lábios e uma triste conclusão: “Jeoclécio, um amor a livros... fechados. Mais uma ficção, uma vida virtualizada na vitrine da aparência, mais um texto oportunista a ser empurrado goela abaixo das escolas brasileiras”.

Terminou de beber seu café, dobrou o jornal, que largou sobre a mesa, e, de cabeça um pouco mais curvada, deixou a sala, convicto de que a aposentadoria era seu melhor projeto profissional.

Enquanto isso, a chuva continuava a cair, o ar continuava abafado, mas a sala se transformara num espaço silencioso, em que pairavam surpresas e dúvidas.

Marta Morais da Costa (Ouro-SC, 1945) é professora de literatura. Atuou durante mais de quatro décadas na Universidade Federal do Paraná e também da PUC-PR. Dedicou-se sobretudo ao estudo do teatro — além de ser autora de uma peça, *Femina* (2000) — e da leitura. Publicou vários textos acadêmicos e, entre outros livros, *Mapa do mundo: crônicas sobre leitura* (2006), que inclui este texto, *Palcos e jornais* (2009) e *Sempre viva, a leitura* (2009).

EMANCIPAÇÃO DA MULHER

MARIANA COELHO

A chama resplandecente e impulsora do romantismo transcendental que caracterizava as épocas já envoltas nas brumas de um passado distante extinguiu-se, como era natural. A essa espécie de cegueira estonteante que lisonjeava o exigente coração dos ultra-idealistas veio de encontro a luz clara e decisiva do real — cujo ponto culminante de perfectibilidade nós tentamos atingir, impulsionados por uma razão renovada e esclarecida. Se, pois, tão monumental transição se operasse exclusivamente no sexo masculino atendendo a uma absoluta superioridade instrutiva sobre o sexo feminino, qual seria a situação da mulher, mergulhada na tradicional treva da sua ignorância, tendo, apenas, por amparo e guia o frágil esteio do seu ideal? Incontestavelmente, bem digna de lástima!

Concordemos: para estabelecer o verdadeiro e indispensável equilíbrio social, necessário se torna impeli-la a compreender que a situação que lhe compete é a que deve estar sempre em relação com a transição social operada e que, para poder acompanhar o infalível movimento evolutivo, precisa cultivar e esclarecer o espírito — que deve, conseqüentemente, atingir mais ou menos, a tal respeito, um certo e justo paralelo com o espírito masculino. Ao contrário, desta reforma imposta pela necessidade da época atual, a mulher continuará a ser sempre mais ou menos vítima, sacrificada por um estulto egoísmo que não tem mais razão de ser.

A nossa época, desenganemo-nos, já não é como outrora, dominada pelo sublime influxo moral da simpatia. Hoje predomina em primeiro lugar um modo de ver mais prático e positivo...

Um jornal espanhol, *El Noticiero Sevillano*, exasperado pelo desastre sofrido na última guerra hispano-americana, cuja responsabilidade ele atribui principalmente ao governo e imprensa do seu país, define irrefutavelmente a simpatia com o seguinte lógico pensamento — que me apraz aqui intercalar porque o acho adaptável aos assuntos que ora trato: “Contou-se com as simpatias da Europa e não se advertiu que a simpatia é, na maior parte das vezes, fogo fátuo que não aquece nem conforta”.

Perfeitamente.

Em conclusão, permitir, hoje, que a mulher permaneça amarrada ao deplorável poste da ignorância equivale a arriscá-la criminosamente à probabilidade de receber em compensação do seu mais nobre e espontâneo afeto, o completo aniquilamento da alma — o que quer dizer a sua principal ruína.

Têm, pois, os chefes de família e os dirigentes da instrução, a quem pesa toda a responsabilidade, o dever imperioso e inadiável de preparar solícita e convenientemente o espírito feminino, de forma a colocá-la na altura de compreender nitidamente, e conforme a época atual exige, a fase de adiantamento a que nos conduziu uma precisa e natural evolução.

Mariana Coelho (Sabrosa, Portugal, 1857-Curitiba, 1954) foi uma escritora e ativista dos direitos da mulher que se transferiu para o Brasil em 1892. Publicou os estudos *O Paraná mental* (1908), *A evolução do feminismo* (1933), *Um brado de revolta contra a morte violenta* (1935), entre outros, e o livro de contos *Cambiantes* (1940). “Emancipação da mulher” foi publicada em agosto de 1900 na efêmera revista *Breviário*.

A PÉ EM PEABIRU

MIGUEL SANCHES NETO

Vou pouco a Peabiru, e pouco saio quando estou lá. Levo uma provisão de livros, cadernos e canetas para cruzar o deserto desses meus dias de retorno. Munido de tais instrumentos, tranco-me na casa de meus pais e passo os dias de férias cuidando das tarefas que nunca terminam.

Desta vez não foi diferente, só que levei uma pequena mochila e carreguei o material comigo durante as caminhadas. Não visito parentes vivos, mas não deixo de ir ao cemitério da cidade. Na sexta-feira, meu primeiro dia lá, coloquei duas garrafinhas de água na mochila, selecionei um livro de contos e um caderno que ando preenchendo, uma caneta preta e ganhei as ruas poeirentas. Quando minha mulher me viu saindo, brincou:

— O menino está fugindo de casa?

Ri; ela tinha acertado. Era o menino que saía de casa.

Durante a infância, andava por toda a cidade e também pelos sítios da redondeza, na companhia de amigos. Troquei os amigos pelos livros, e até hoje não sei se foi vantajosa esta troca. Mas agora é tarde para se arrepender.

Nas andanças da semana que passou, fiz algumas reflexões. O bom de andar, além de ser uma atividade anti-depressiva, é que temos tempo para pensar, para construir teorias inúteis. Passei em frente ao prédio onde funcionava a Escola Bandeirante de Datilografia, que me alfabetizou

para o uso da máquina de escrever. Na mesma caminhada, acabei revendo o dentista que começou a mexer na minha boca. E então me senti alegre.

O que sempre me pergunto é por que a cidade da infância é o território mais marcante de nossa vida? Talvez por ser a cidade da primeira vez. Do primeiro beijo, da primeira bebedeira, da primeira decepção amorosa. Percorrer a cidade onde gastamos os anos matinais é fazer uma viagem que nos leva àqueles momentos de inauguração do mundo. A cidade é cheia de eventos na memória, e nunca acabamos de esgotar o que ali experimentamos. O gosto do primeiro quibe cru foi num pequeno restaurante que não existe mais. A primeira briga aconteceu num bar que já passou por muitas reformas, mas que continua firme na frente da praça. Esta cidade da primeira vez é também a cidade que escolhi para a última vez. Já disse aos meus que quero ser enterrado no túmulo de meu pai.

Foi rumo a ele que parti na sexta-feira. Caminhei sob um sol quente, vendo as transformações urbanas. O que eram chácaras onde jogávamos bola agora está coalhado de casas populares, bem em frente ao cemitério. Entro pelo portão principal; antes, por irreverência, pulávamos o muro. Passo diante das covas de amigos mortos, e vou direto ao endereço de meu pai. É um túmulo simples, revestido com lajotinha vermelha, e tem uma particularidade: está com a cabeceira virada para a viela, escondendo assim a foto de meu pai, que aparece sem nenhuma inscrição. Pensei em reformar o túmulo, criando gavetas. Mas agora não quero isso. Que fique assim, meio anônimo e escondido.

O túmulo está bem cuidado. Minha mãe paga uma zeladora que o encera sempre. Há flores de plástico na capelinha. Tiro o caderno de minha mochila e escrevo as ano-

tações do dia 18 de julho. Escrever na frente do túmulo de meu pai, que era analfabeto, tem uma simbologia forte que só percebo depois que começo a alinhar palavras. O filho aprendeu o que o pai nunca conseguiu. Mas um dia os ossos dos dois estarão misturados naquela terra, e diferenças iguais a esta inexistirão.

Do cemitério, depois de fazer um tour pelos túmulos queridos, resolvo percorrer as imediações. Contorno as casas populares e a vila rural, e sigo para a estrada do Saltinho, assustando-me ao encontrá-la asfaltada. Mesmo assim, saio em busca do pequeno rio. Do outro lado, ficava a fazenda de meu avô materno, o famigerado Zé-Zabé, que está enterrado a duas covas de meu pai. Quando minha mãe ainda não tinha se casado com aquele que seria meu segundo pai, ela vivia em condições precárias na cidade, apesar da riqueza de Zé-Zabé. Duas vezes por semana, ela caminhava para a fazenda com uma trouxa de roupa suja nas costas, porque o poço de casa tinha desbarrancado e o velho coronel não admitia uma filha dele trabalhando na casa de vizinhos. Em uma dessas idas à fazenda, passei um grande medo. Encontramos, bem no meio da ponte sobre o rio uma boiada com um touro brabo. Foi uma das emoções mais fortes de minha infância.

Mas voltei muitas vezes ao Saltinho nos anos seguintes, agora com meus amigos. Havia uma bica d'água em que tomávamos banho, e, ao fundo, um poço no riozinho que servia para tentarmos dar umas poucas braçadas no aprendizado incompleto de natação. Era uma espécie de prainha, onde estudávamos os contornos dos corpos das mulheres não muito sérias que recorriam ao lugar.

Faço a descida embalado por estas recordações. Nos campos de soja que margeiam a estrada, trabalhei colhen-

do manualmente o refugio das colheitas. Pelo caminho, ca-távamos mamonas e jogávamos uns nos outros. Quase não há mais mamoneiros, mas encontro alguns que devem ser descendentes remotos daqueles de outrora.

Chego ao Saltinho e vejo que tudo está tomado de capim. O rio é uma valeta de água verde. Subo as lajes de pedra, abrindo espaço entre arbustos e encontro a caixa de concreto de onde saía a bica. Foi uma alegria. Então aquela bica existiu mesmo, não era uma invenção minha?

Cruzei a estrada e vi a queda-d'água em seu trabalho eterno. A pouca água é recolhida num tanque de concreto e depois canalizada para uma pequena hidrelétrica. O excedente desce pelas lajes. Sentei nas bordas da micro-represa, tirei o livro de um autor alemão e fiquei lendo até o fim da tarde. Olhava a cachoeirinha, a mata fechada naquele despenhadeiro que se abria para o vale plantado de milho, e lia.

Depois, fui subindo para a cidade, com a mochila de menino fugitivo nas costas. Um menino que voltava para casa, numa região qualquer no tempo.

No caminho, um carro parou e me ofereceu carona. Eu disse que não, preferia continuar a pé. E o motorista solícito tomou a recusa como uma grosseria quando era apenas uma forma paródica de se manter fiel ao passado.

Miguel Sanches Neto (Bela Vista do Paraíso, 1965) é reitor da Universidade Estadual de Ponta Grossa, crítico e escritor. Publicou, entre diversos outros, o livro de poesia *Venho de um país obscuro* (2000), os romances *Chove sobre minha infância* (2000), *Um amor anarquista* (2005), *Chá das cinco com o vampiro* (2010) e *A Bíblia do Che* (2016) e os volumes de contos *Hóspede secreto* (2003) e *A bicicleta de carga* (2018). Colaborando em jornais desde 1993, sua produção no campo da crônica é vasta, e ele publicou-as em livros como *Cidades alagadas* (2014), que traz esta crônica, originalmente aparecida em julho de 2007, e *Um menino toca flauta no metrô* (2015).

O PÁSSARO DA PRIMAVERA

NELSON CAPUCHO

Como pode uma mulher conviver com um homem que detesta Stravinski?

Aquela pergunta ficou se repetindo na cabeça como um disco enroscado. E desde que pensou pela primeira vez nos descaminhos da sua relação amorosa, ela descobriu a insônia.

— Vai demorar pra apagar a luz? — Jorge resmungou, certa noite, enquanto ela devorava um Simenon.

Meire comprou um abajur no dia seguinte.

A casa não era grande, mas um casal sem filhos poderia viver muito bem naquele espaço: alvenaria, dois quartos, sala, copa, cozinha, banheiro etc. — foi assim que descobriram anos atrás, em um classificado de jornal, o futuro lar-doce-lar.

Agora ela cismava que a residência era pequena demais para duas pessoas. Aí franzia a testa, olhando para o marido como o Randolph Scott costumava olhar para um bandoleiro antes do duelo fatal em alguma cidadezinha em preto-e-branco no velho oeste americano. Ele estava sentado diante dela, mas o desjejum sobre a mesa da copa parecia um muro de Berlim.

Os dias foram se afogando, um a um, lentos. Uma amiga, fanática por Haydn, vendo-a sempre aborrecida no escritório, decidiu ter uma conversa sincera com ela. Aca-

bou chegando em casa duas vodcas com limão, seis cervejas e algumas porções de queijo e salaminho mais tarde que o habitual.

Vivessem dias diferentes, o episódio renderia uma discussão daquelas.

— Olha esse pé gelado encostando em mim!

Foi a única coisa que o marido disse. Viraram de costas um para o outro e assim continuariam eternamente, não tivessem que se levantar na manhã seguinte e encarar a vidinha de novo.

A amiga, descasada, perguntou na primeira chance, quando tomavam cafezinho em um canto do escritório:

— Pensou no que eu lhe disse?

— Pensei, pensei...

— E então?

— Essas coisas são complicadas, você sabe.

— Deixa de frescura, Meire!

— Não quero tomar uma decisão precipitada e me arrepender, entende?

A amiga sabia que a dúvida era o primeiro passo e, dando de ombros, como quem não se importava mais com a história, jogou o copinho de café no cesto de lixo e deixou uma frase enigmática no ar:

— Nenhuma mulher é uma ilha, Meire.

Na verdade, era plágio de um verso batido de Donne que virou título de best-seller, talvez nem se encaixasse no contexto, mas incomodou. Sem que percebesse claramente, um sentimento de inveja começou a crescer dentro dela. A amiga podia ouvir seus discos prediletos sem headphone!

No final da tarde, telefonou para o marido:

— Não sei a que horas vou voltar. Vamos ter uma reunião com a supervisora regional — mentiu, mais para si mesma que para o outro.

Que noite, aquela! Um grupo de amigos, coquetel, esticada em uma boate, luzes e música.

— Isto é que é vida, hem? — perguntava a amiga de vez em quando. Embora concordasse, não gostava daquilo, porque acabava se lembrando de tempo em tempo do Jorge e dos problemas.

Como todo mundo que enche a cara, achou que estava só alegre ao voltar para casa. Depois de dez minutos de briga com a fechadura, esfregou os olhos e conferiu a chave. Era aquela, tinha certeza. Aí descobriu que a porta é que estava de ponta-cabeça. Correu desajeitada para o jardim. Mal acabara de vomitar, percebeu a silhueta do marido.

— Acordei você? — perguntou, segurando a parede que ameaçava desabar sobre os dois.

— Não... acordei com o telefone. Era a supervisora regional. Queria saber se estava tudo bem com você — ele disse, sem fazer a mínima questão de esconder o punhal de ironia.

Ela acordou com dor de cabeça, gosto de pó de serena na boca, estômago embrulhado. O monstro não estava em casa, mas deixara um bilhete: “Mudei-me para o apartamento do Flavinho. Meu advogado vai procurá-la ainda hoje para tratar de tudo. Sem ressentimentos. Jorge”.

Ela tomou dois Epocler. Ligou para o escritório justificando a ausência.

Depois botou “Le Sacre du Printemps” no toca-discos. Aumentou o volume.

Quando abriu a cortina da sala, espantou involun-

tariamente um pássaro que havia pousado na grade da janela. Ficou observando seu voo até que a ave desaparecesse.

Era setembro, céu azul. E os ipês estavam floridos.

Nelson Capucho (Londrina, 1956) é jornalista, cronista, poeta e compositor. Reuniu parte de sua produção de crônicas, inclusive esta, no volume *O jardineiro de flores estranhas* (2002) e publicou, entre outros livros de poemas, *Solta chama* (1980), *Vida vadia* (1994) e *Tropicoriental* (2007)

INVERNO

NESTOR DE CASTRO

Inverno! Inverno! Duro espículo alfinetante dos gelos; atroz fantasma nebuloso úmida Sibéria triste, que vens rolando às fortes enxurradas polares das luas novas de Junho, eu sinto a tua espinescente algidez de morte, como se fora a sangradora unha torsa de um urso branco da Groenlândia, ferir as fantasias bizarras do meu sonho!

Inverno! Inverno! Sepulcro das minhas emoções moças, que mumificas as nuas formas anacreônticas e pinda-rescas dos plectros; tu, que na superfície alagada dos marnéis queimas, com a impiedade dos teus suspiros de neve, os amolecidos tufos modorrentos dos líriais do norte; tu, espectro sombrio das tristezas zodiacais do ano, fazes também rolares nas enxurradas das luas novas de Junho todas as minhas calmas esperanças verdes, nascidas ao clarear das grandes estrelas rútilas do estio...

Como eu te detesto, ó exótico pesadelo torvo, quando mortificas a minha sensibilidade toda, fustigando o alacre relicário dos meus afetos puros!...

Sinto-te, apalpo-te; ouço o teu soluço cavo no ronronar da ventania úmida, e te pões então a escarvar o largo chão duro por onde desfilaram como sombras defuntas, as claras alegrias aureoras das paixões antigas...

Gelos da Irlanda! Gelos da morte!... Eis as cinzas fugidas dos meus desejos, que se vão, revoltos, através da le-vadia onda zimbradora dos pesares, por onde eu avisto um último aceno demorado de risos que não voltam...

Inverno! Inverno! Deixa-me afogar agora, num último raio quente de lágrima, a vaporosa lágrima adusta das minhas queridas magoas inspiradoras...

Vai-te, sepulcro álgido e torturante dos meus sonhos!...

Nestor de Castro (Antonina, 1867-Curitiba 1906) foi jornalista e contista, tendo publicado *Brindes* (1899), livro de contos e poemas em prosa. Participou do movimento simbolista, e esta crônica saiu no primeiro número de um de seus mais importantes veículos, a revista *Pallium*, em setembro de 1898.

O COLÉGIO VELHO

NESTOR VÍTOR

Não dista muitos passos da casa em que eu criei-me a pobre Igreja que já os meus antepassados vieram encontrar em ruínas e a que eles me ensinaram a chamar a Igreja do Colégio Velho.

Quando eu era pequeno, às horas da ave-maria, estando o sino grande da minha cidade de Paranaguá badalando triste e compassado, em quanto por tudo se espelhava aquele tom pálido e melancólico que traz o crepúsculo, quando parece que toda natureza vai se recolhendo aborrecida do espetáculo de mais um dia; eu assentava-me com outros companheiros à porta de casa a ouvir as histórias que eles me vinham contar e a contar-lhes outras que a minha avozinha ensinara-me.

Me recorda que uma vez eles se referiram ao Colégio Velho. Foi deles que eu soube da crença que existe de que nas paredes daquela edificação em ruínas há um tesouro cuidadosamente escondido. Se bem que não me venha à memória o enredo da lenda, não me esquece que havia nela muito de fantástico, pois se falava de personagens que surgiram à meia noite e que valiam-se não sei de que meios diabólicos para arrancar as riquezas que se encobrem sob aquelas ruínas. Não me esquece que um desses personagens a que os meninos meus companheiros se referiam era o Visconde de Nacar, a que nesse tempo ainda se chamava o Guimarães. “Foi deste modo que ele enriqueceu”, acrescentavam eles depois de contada a história.

Assim, desde criança eu acostumei-me a olhar o Colégio Velho com o supersticioso respeito que infunde um lugar mau assombrado. Se eu tinha de passar à noite, quando ninguém mais transitava pela cidade, junto da velha Igreja, que ficava em meu caminho, apareciam em mim todos os sintomas que caracterizam o medo pelo sobrenatural. E se então o vento, que ali assopra constante, zunia com uma música mais acentuada e funérea, se uma ave noturna cortava, batendo as asas, na ocasião em que eu passava, todo eu estremecia com um choque extraordinário, sem, todavia, espiar a treva para o lado da Igreja.

Com os anos até esqueci-me das histórias referentes ao pobre Colégio Velho e ele foi desarmando-se aos meus olhos, como um manequim, antes terror de uma criança, brinquete depois, quando ela chega a apalpá-lo e a reconhecer-lhe a impotência.

Dissiparam-se os meus terrores, mas nem por isso aquelas ruínas tornaram-se-me um objeto indiferente. As leituras, o desenvolvimento do gosto artístico, as impressões que em crença eu recebera, a minha qualidade de filho daquela terra, tudo foi fazendo crescer em mim este respeito tranquilo que sinto pelo que antes me causava aqueles alvoroços.

E qual o de nós que pode ligar somenos importância a umas ruínas tão belas como as do Colégio Velho, quando entre nós temos tão raros elementos tradicionais, tão pouca coisa que nos fale do nosso passado?

O Colégio Velho foi construído sob a direção de seis padres jesuítas que em 1699 foram mandados vir a pedido da povoação de Paranaguá, a fim de levantarem aquele edifício para cuidarem da educação e do ensino locais.

Dezenove anos gastaram-me na edificação desse

grande colégio, até que, sendo expulsos e condenados os jesuítas, abandonaram as obras sem as haver concluído.

Por mais algum tempo, depois da retirada dos padres, continuou-se a zelar da Igreja e do convento, até que por fim, utilizando-se somente do primeiro, abandonaram completamente a segunda. De modo que hoje o grande edifício onde o convento funcionava ainda se acha conservado tão perfeitamente que ali está instalada de há muito a alfândega da cidade. Mas a Igreja, essa viu desabarem os tetos ceder o madeiramento, debruçar-se o telhado, desnudaram-se as paredes e desapareceram vestígios de altares, ou de outra coisa qualquer.

Assim ficou ela. Agora, especialmente pela sua fachada, cresce com desassombro a parasitaria exuberante. Nem quase mais se vê a cruz, que se conserva ainda, tão entretecida e coberta de cipós e de folhas acha-se ela.

As andorinhas, as aves noturnas, toda a passarinhada que visita de passagem aquela nesga de céu, vão fazer ninho ou pouso nas paredes da Igreja. Não sei qual deles lembrou-se um dia de queixar-se de que elas não estavam suficientemente gretadas para abrigar à vontade quantos hóspedes lhe chegassem. Então veio uma faísca elétrica, e, sem destruir, rapidamente afundou e alargou uma fenda em uma das paredes.

Às vezes, em noites escuras, à hora do silêncio aldeão, estando a ressoar o sino da cadeia, como um convite ao sossego, ouve-se escoar das proximidades daquela Igreja em ruína uma toada monótona, gemida, feita de muitas vozes e prosseguida aborrecidamente. De uma parede sai uma corruíra espalmando nervosa a azinha preta e fazendo curvatinas pelos ares, enquanto fere-os com a escala miúda que treme.

Os galhos da parasita robusta envergam-se com um farfalhar seco de folhas, como fantasmas aéreos cheios de curiosidade. E a toada monótona prossegue aborrecida.

Sentimentos então do fundo d'alma ir se levantando uma vaga manifestação deste medo pelo sobrenatural que todos trazemos conosco. Uma saudade sem objetivo, uma tristeza, um desassossego quase desagradáveis vão nos preparando o espírito de tal modo que nos vem sem quererem todo este vibrar manifestado, todo este desprendimento, esta asa que nos ergue acima de nós mesmos e que determina os momentos de uma legítima inspiração.

Acontece isto quando os raros soldados que ali destacam, aquartelados em um compartimento junto da Igreja, que se acha ainda em um bom estado, se reúnem para rezar no fundo do quartel o terço dos militares.

Fui, há bem pouco tempo, pela última vez, visitar toda aquela edificação.

Nós entramos pela alfândega, e depois de ter percorrido os três andares daquela casa, que parece abater-se ao peso de todos aqueles fortes elementos trazidos para sua segurança, olhamos por umas grades de ferro que dão para a parte em que se acham as ruínas da Igreja.

Este compartimento da alfândega tem sido aburguesado pelos melhoramentos que ali se têm feito para conservá-lo habitável. Em vez daqueles pedaços novos de tábuas que vão fazer ali parelho àquele antigo soalho brunido pelas passadas de tantas gerações antes o artista quisera encontrar a obra triunfante do tempo pertinaz, os desterrados feitos nos cernes à custa de tantos anos e apesar de tamanha resistência. Em vez daquela cal burguesa que branqueia e que cheira ali, purificando a atmosfera, quisera-se sentir o que apesar de tudo se adivinha através daquelas camadas:

o cheiro úmido, bolorento das pedras esverdeadas quisera-se ver o escorrimento fino, lento, vindo fio a fio, penetrando, contornando todo aquele colosso e com a perseverança dos séculos, amolecendo insensivelmente, com toda a sua impotência, a poderosa construção humana.

Quando se desce ao último andar, levam-nos à porta de um estreito compartimento, onde mal se penetra, principia-se a pisar nesta terra preta de que vem uma fartura de velhice. Ninguém tem penetrado muitos passos dali adiante. Mostra isso o grão de curiosidade histórica que existe na minha terra. É crença geral, entretanto, que ali começa um subterrâneo, que se prolonga, dizem os antigos, até o Porto dos Frades, isto é, a três quilômetros, mais ou menos da cidade.

Mas vem-se assim sofrendo a impressão de tudo isto, quando eis que se olha para as ruínas da pobre Igreja.

Ali então é que a conservadora burguesia não intrometeu-se com a natureza livre. Árvores frutíferas crescem por aquela área. Todo chão cobre-se de uma relva tufada, que ostenta um verde claro muito vivo, muito brilhante. Pululam pelo chão os saltões; rojam-se os vermes. Voam os insetos. Babam e arrastam-se moles as lesmas sonolentas. Voa, revoa, confunde-se, alterca-se, luta a mista passarada. Esverdeiam-se as paredes à vontade: camadas do crespido limo, descobrindo apenas uns veios negros, colorem-nas inteiras, enquanto escorre e pinga a paciente umidade. A parasitária, que a princípio aparecera tímida, mal tocando nos muros, foi a pouco e pouco espalhando e aprofundando a raiz, e agora se ostenta poderosa, vinda do fundo das muralhas, farta de seiva no raizame. E por toda a parte o espetáculo aparente da vida e da morte, mas que, na realidade, não é mais do que o espetáculo da evolução da natureza,

onde só existe a vida, porque só a existe a transformação e não o aniquilamento.

Pois bem, é a estas pobres ruínas tão ricas de poesia, tão dignas de nossos respeitos, é a este generoso seio que vos recebe, ó negras andorinhas, ó viajantes aladas, ó parasitas carinhosas, que o progresso burguês quer derribar para aproveitar o montão de pedras!

Um viajante a que falou-se do projeto que tinham em mira aqueles meus patrícios e que já foi autorizado pelo governo, disse e muito acertadamente: “Tiram a única coisa digna de ser visitada nesta cidade”.

Mas isso pouco importa, contanto que se aproveitem as pedras...

Agora, decerto, quando eu tornar a ver a minha terra, quando deparar com o terreno em que ainda hoje se assentam aquelas paredes tão queridas, aquele monumento tão cheio de poesia, hei de encontrar tudo arrasado e desfeito, hei de ver de menos um objeto digno de meu respeito e criada em mim mais uma saudade irremediavelmente perpétua.

Nestor Vítor (Paranaguá, 1868-Rio de Janeiro, 1932) foi professor, jornalista e político. Como escritor, publicou volumes de contos e de poemas, além de um romance. Mas foi sobretudo um crítico de grande influência no início do século XX, tendo sua obra nesse campo reunida por Tasso da Silveira em três volumes que se publicaram entre 1969 e 1979. Este texto da juventude foi publicado, em duas partes, no jornal *A República*, em fevereiro de 1888.

CONVERSA DE PASSARINHO

NEWTON SAMPAIO

Iam subindo a rua. Entrava-lhes pelas narinas um cheiro enjoativo de borracha queimada. Saíam-lhes pelos olhos uns desejos recalcados sobre as girls ótimas que passavam.

Iam subindo a rua, devagar. O cheiro parou. Os desejos continuaram.

Uma folha de papel veio dançando no ar. Começou a fazer piruetas gozadas. Ficou dando cambalhotas de circo.

O ar empurrou a folha de papel para perto da cabeça deles.

— Quer ver que é manifesto comunista?

Pegaram. Era mesmo manifesto comunista.

— Choldra.

— Heróis.

O segundo pegou o papel. Guardou-o cuidadosamente no bolso de dentro. O primeiro tirou o lenço. E cuspiu com nojo.

— O comunismo é algo de grande que vem convidando os povos ao equilíbrio cósmico.

— O comunismo é o bojo sórdido onde se afundam os inimigos da Pátria, os amaldiçoados de Deus.

Pararam.

— O comunismo vai dar solução integral aos problemas que hoje machucam o século, como demônios.

— O comunismo pretende costurar a barriga da sociedade com fios apodrecidos.

Andaram de novo.

— O comunismo provocará o sursum corda colossal de todas as raças.

— O comunismo cantará o de profundis da felicidade coletiva.

Um auto passou chispando.

— Viu? Maluco!

— Um símbolo...

— Símbolo?

— ... da velocidade com que a ideia vingará quando a humanidade quiser abrir os olhos.

— E como essa máquina, a ideia se chocará sempre contra o poste do bom senso.

Correu um grito no espaço. Muitas pessoas correram como o grito.

— Será desastre.

— Vejamos.

A assistência já estava pedalando.

— Está vendo?

— O quê?

— O V8 esborrachado na calçada.

— Mas o comunismo não é automóvel Ford.

— É verdade. O automóvel ainda nos serve para alguma coisa, ao passo que o comunismo...

— ... serve para as classes que padecem. Não é privilégio da burguesia indecente...

— ... dessa burguesia que arranja dinheiro para um desejado reajustamento aos militares...

— ... e para o subsídio aos deputados, também.

O primeiro sorriu. O segundo sorriu.

- Já são horas.
- Parece.
- Até logo, deputado.
- Até logo, tenente.

O deputado foi votar a lei de segurança. O tenente foi à reunião no Clube Militar.

* * *

Iam descendo a rua. Saía-lhes pela boca um hálito quente. Entrava-lhes pelos olhos o panorama da criança-da em correria.

Iam descendo, devagar. O hálito ficou menos quente. O panorama continuou.

Um avião fez reviravoltas no ar. E o ar aceitou as reviravoltas do avião.

— Vês?

— O quê?

— A gurizada olhando.

— Curiosidade infantil, apenas.

— Não é curiosidade, não. É um imperativo psicológico.

— Imperativo psicológico?

— Sim. A atração pelos voos largos. Quando crescidos, esses meninos serão idealistas autênticos.

— Os moços são sempre assim. Enchem-se de idealismos tolos, e ficam esperando o triunfo na vida.

— Os velhos são sempre assim. Enchem-se de vitoriazinhas ínfimas, e ficam esperando o triunfo da morte.

Pararam.

— O moço tem a mania da renovação. Julga que o poder construtivo nasceu consigo.

— O velho tem a mania do conservantismo. Gruda-se a fórmulas sedições e quer doutrinar com elas para o futuro.

Andaram de novo.

— O passado é o grande porto da sabedoria.

— O futuro é o grande continente da verdade.

— Não podemos classificar verdades inatuais.

— Mas podemos prever estados de consciência pela observação e pela lógica.

— As verdades inatuais são erros em perspectiva, assim como os erros presentes são verdades frustradas.

— Jogo de palavras. A verdade não tem destino, para ser frustrada. Nasceu com a primeira vida.

Pararam mais uma vez.

— Não chegaremos nunca a um acordo. Somente enxergas as coisas através do prisma de teorismos sem fundamento.

— E tu queres dirigir os fenômenos unicamente com a força de práticas errôneas.

— Porque eu sou pelos fatores reais, em toda a linha...

— Ao passo que eu os admito apenas quando coerentes e necessários.

— A mocidade não deve entregar-se ao furor do dinamismo sem controle...

— ... Assim como os velhos se abandonaram tanto ao furor estático sem remédio.

O avião roncou ainda uma vez, longe.

— A virtude está no meio. As fórmulas têm de ser combinadas, com prudência.

— A virtude está nas pontas. Meio erro mais meia verdade não podem dar virtude inteira.

— As soluções médias são a voz do bom senso.

— Só me interessam as soluções totais.

Olharam para trás. A criançada desaparecera.

— Deve estar na hora.

— Parece.

— Até logo, jovem.

— Até logo, meu velho.

Newton Sampaio (Tomazina, 1913-Lapa, 1938) é pioneiro do conto moderno do Paraná. Deixou obra importante no campo da crítica e sobretudo no conto. São póstumos seus dois livros de contos, *Irmandade* (1938) e *Contos do sertão paranaense* (1939), além de uma novela, *Remorso*, publicada em volume apenas em 2011. “Conversa de passarinho” foi publicada no jornal *O Dia* de 25 de abril de 1935.

CRÔNICA DE INVERNO

NILO SAMPAIO

Um céu límpido e sereno se estende além do quadrângulo da janela. Tudo calmo. Suspenso. Triste. Como se alguém estivesse a morrer. Mas ninguém está morrendo, não! O dia despede-se, apenas. Mesmo assim é enternecedor o espetáculo. E o silêncio quase total. Parado no ar e nas coisas. Convidando a gente à meditação. Meditação... O pensamento mexe no baú velho das recordações.

A vida novamente...

Meu quarto está assim agora. Cheio de sombras. Tênuas. Amigas. Que voltam a estimular o nosso espírito. E são novos momentos de fé e de confiança que se iluminam.

Confiança? Ele tinha em si mesmo. E a fé era sua força. Acreditava em tudo. Na vida. Na inteligência. Até no homem... E foi ditoso nesse ponto. Porque morreu bem antes do homem evidenciar totalmente o seu fracasso. Esse fracasso que tão dolorosamente se reflete no desencanto daquelas crianças que perambulam pelas estradas, sem destino. Que fogem aos bando como pássaros assustados em busca de um novo ninho. Mas onde? Quando?

Nem sei. Parece que foi ontem. Ou há um século. Naquele tempo as cores ainda moravam no seu rosto. E por trás daqueles óculos dois olhos brilhavam magníficos. Contemplando a vida. Em todo o esplendor de sua essência. No incessante desdobramento de suas formas. Tal como ele sonhava. “Eu amo a luta, transfiguradora e fecunda em seus agudos instantes de plenitude”. Por quê? Não sabem? “Porque a luta tem beleza intrínseca, como a fonte tem a água e o sol tem a aluz”.

Agora há uma ausência de tudo. De luz. Movimento. Só uma presença. As sombras. Tênuas. Amigas...

De fora ouço, apenas, algumas vozes. Distantes. Anônimas. Que a própria brisa traz e leva para outros cantos da cidade. E que também desaparecerão definitivamente, pois a noite já chegou e quando isto se faz na rua onde moro todas as ausências se completam. Irremediavelmente...

Irremediavelmente também a página ficará por se acabar. Meus olhos estão turvos — que será mesmo, meu Deus? — e o papel vai desaparecendo numa só névoa, e em mim há um vazio enorme, irreparável com a saudade...

Nilo Sampaio (Tomazina, 1917-Rio de Janeiro, 1946) ainda estudante, mudou-se para o Rio de Janeiro para ir ao encontro do irmão, Newton Sampaio. Depois da morte deste, permaneceu na então capital federal, onde colaborou em diversos jornais e revistas do Rio de Janeiro e do Paraná. Não chegou a publicar livros em vida. É a Newton, no aniversário de dois anos de sua morte, que Nilo se refere nesta crônica saída na revista *Marinha* de julho de 1940.

Moro em Londrina há mais de quarenta anos, desde que nasci, em outra cidade, e, neste barreiro vulcânico, braços de mais de trinta raças levantavam ranchos de palmito, substituídos, tempos depois, por casas de madeira encardida. A chuva respingava a cor do chão para enrubescer a pintura, qualquer uma.

Morar em Londrina é do espírito.

A cidade já sabia disto quando tinha 16 aniversários e eu, nenhum. Cercada de indígenas (Paiquerê, Irerê, Tamarana, Ibiporã...), a adolescente com origem inglesa, metida a besta, sempre abriu suas portas para o mundo. Olho gordo britânico? Olhos espertos da mistura?

Quem mora nesta cidade tem que semear vento e tempestade: os desafios pedem respostas centelhas. Estirada em um espigão de roxo crônico, viu a peroba desabar e, pouco apegada a tradições e memórias, trocou a casca de suas casas. Passaram a ser erguidas com tijolos de cor encarnada, arrancados do barro do rio Tibagi. Das acanhadas taperas, a cidade viveu a opulência da arquitetura do café, nos anos loucos de 30 a 60. Depois, como convém a uma metrópole caótica de poucas décadas, misturou tudo. Fez das diferenças a unanimidade no verbo construir. E em tantos outros verbos. Das casinhas semeadas a torto e a direito em sua banda Norte, especialmente nos anos 70, às mansões que lagarteiam às margens do iluminado Igapó, aos paredões de concreto apinhados nas regiões “privile-

giadas” pela febre imobiliária, paira a delícia da existência em Londrina.

É bom morar em Londrina.

Os sonhos da casa própria (entre tantos) foram disseminados. Ou pulverizados? Os olhinhos das luzes piscam, lá no ciúme das estrelas e nos quatro cantos da cidade, as mudanças da roupagem arquitetônica desse ninho humano. Os conjuntos habitacionais batizados de populares, que brotam febrilmente nas últimas décadas, passaram de uma centena de núcleos. Nada demais para quem não teme desafios. Ali na Zona Norte, onde o sol se deita às bordas verdes, a mão do homem comum parece ter curado a sanha política de fazer para ganhar (o verbo lucrar, em certas ocasiões, é muito casto) e moldou o seu bem viver, apesar do aperto dos cômodos. Os ipês, que pintam de amarelo suas calçadas desalinhadas por teimosas raízes, parecem insistir, a cada primavera, que a cidade é assim mesmo: peito de mamão, gosto de goiaba roubada no quintal do vizinho. As pererecas se reproduzem nas bacias que se formam nos troncos das árvores depois das chuvas. Como os peixes nas águas mornas do ribeirão Três Bocas. Sopra o bem-estar. Como no colo da mãe.

Moro em Londrina, todo santo dia, onde estiver.

Nilson Monteiro (Presidente Bernardes, 1951) é escritor e jornalista com colaboração em diversos jornais e revistas. Publicou em 2013 seu primeiro romance, *Mugido de trem*. Anteriormente publicara, entre outros, o livro de poemas *Simples* (1994) e o volume de crônicas *Pequena casa de jornal* (2001) que traz esta “Casa”.

A NECESSIDADE DE SER TRISTE

ODILON NEGRÃO

Todos pensam que eu sou desvariado... Julgam que os meus neurônios vibram num ritmo estranho absurdamente inisocronico.

Puro engano. Ilusão pretensiosa.

Eu sou o **HOMEM QUE RI PARA NÃO CHORAR!**

Até parece mentira...

Quem me conhece acredita, pelas minhas palavras entusiastas e francas, pelos meus gestos largos e dinâmicos, que sou alegre, jocundamente carnavalesco.

— Eu guardo dentro de mim a nostalgia da tristeza.

Não choro porque não compreendo a lágrima nas faces calejadas de um homem...

A lágrima não comove: penaliza!

E a piedade esborcina a vaidade da gente...

A comoção é uma centelha palpitante de sexualismo.

Neste ponto eu estou com Freud.

E não só neste, em todos os pontos.

Creio no pansexualismo.

Admiro-o. Admito-o.

Os artistas mais alegres, mais saudosistas, sempre têm a necessidade estética, a irremovível necessidade de ser tristes.

Não são possuídos dessa tristeza acabrunhadora, tediosa, rabugenta, mas dessa melancolia cor de rosa, boa,

amiga, que é a jocundidade dos soluçadores...

Em todos os instantes da nossa vida sempre há uma combinação, um caleidoscópio de contrastes.

— A alegria perene cansa.

— A tristeza eterna mata.

Precisamos de viver sem canseiras e sem lamentos continuados.

— O contraste é o remédio da monotonia...

E, talvez por isso, que eu às vezes, que aparento entusiasmo, tenho vontade de chorar...

Ah! Que alegria consoladora eu sinto em ser triste!...

Esta crônica poderá ser paradoxal. Concordo.

Mas é sincera. Eu não vim fazer o elogio das tristeza para mover a plebe nem para integralizar-me no soluço anônimo do povo que lacrimeja.

— Dei liberdade ao meu sentimento. A minha alma hoje está branqueando da cocaína enternecedora da tristeza.

Amanhã, estará alegre.

Depois, mais triste ainda...

Quem sabe?

A psicologia deve ser a ciência da inconstância.

O paradigma da volubilidade.

Mas eu estou certo, convicto que essa tristeza envolvente traz alegrias indefinidas à minha alma.

Odilon Negrão (Morretes, 1906-1988) foi jornalista, crítico literário e poeta, conhecido por, na década de 1920, ter sido um “futurista” no Paraná. Na virada para os anos 30 dirigiu a página cultural “De Arte” no *Diário da Tarde* de Curitiba, transferindo-se para São Paulo na metade daquela década. Reuniu seus poemas no volume *Poente sem sol* em 1974.

O ENTRUDO

OSVALDO PILOTTO

O carnaval, como tudo o que merece a atenção humana, tem apresentado modalidades em harmonia com as épocas.

Não é meu intuito tecer, aqui, considerações em torno das causas fundamentais modificadoras das festas carnavalescas.

O zabumbar da deselegante música anunciadora da reinação de Momo armou em meu espírito reminiscências de carnavais passados e eu fui parar lá pela minha idade das calças curtas, era do pleno uso da água nos folgedos.

Era em Ponta Grossa.

Desde a pequena bisnaga de metal, com forma de relógio, até ao balde d'água, e também o revólver de borracha e a seringa de esguicho longo, todas as armas se punham em uso para as clássicas molhadelas. As laranjinhas de cera e as bexigas de elástico faziam o papel de granadas.

Àquele tempo já estava em uso o corso e muitas vezes eram os animais puxadores dos carros de praça que levavam a carga d'água. O uso do lança-perfume estava restrito aos bailes. No corso, o que valia era a água.

Os carros subiam a rua Quinze da cidade campesina e as laranjinhas, distribuídas pelos vendedores em cestas e tabuleiros, iam cumprindo sua nobre missão de rebentar no alvo, em tiro certo.

Em pouco tempo, todos tinham a roupa grudada ao corpo.

Quem não se quisesse molhar naquela hora, era ficar em casa.

Mas não era bem assim. Havia turmas de gente de colarinho que se encarregava do resto.

Munidos de baldes, jarras e outros utensílios que para a prática de molhar servissem, os componentes dos bandos percorriam as ruas e, a dedo, escolhiam as casas a serem invadidas.

Por espírito de comércio, o aguadeiro, com seu carro de pipa, andavam nesses dias, às vistas dos homens do entrudo e prestava seu bom serviço para o primeiro embaute da invasão.

Muitas vezes eram as mulheres indefesas que suportavam os efeitos da brincadeira.

As manivelas dos poços se punham em nervoso funcionamento e, em poucos minutos, tudo estava ensopado.

Deixo ao cuidado do leitor a imagem das consequências dessa onda do entrudo. É só lembrar mulheres nervosas, crianças chorando, móveis, tapeçaria, chão, paredes, tudo enfim encharcado.

Isto se dava lá pela alta esfera social.

Na zona pobre era ainda mais violenta a ação. Assisti, certa vez, amarrarem uma mulher a uma corda para depois a mergulharem em um poço de serventia da casa.

Não é preciso insistir que, a esta altura, houve a intervenção da polícia e a coisa acabou em pancadaria e xadrez.

Oswaldo Pilotto (Ponta Grossa 1901-Curitiba, 1993) foi engenheiro, professor do Instituto de Educação do Paraná e do curso de Economia da Universidade Federal do Paraná. Publicou diversos trabalhos na área de história, como *A criação da província do Paraná* (1953) e *Cem anos de imprensa no Paraná* (1976). "O entrudo" foi publicada em 21 de fevereiro de 1944, no *Diário da Tarde*.

SAUDADE DAS SAUDADES

PAULO BRIGUET

Não há saudade, há saudades. Nascemos com elas. A nossa própria língua nasceu da lamentação. Em 1108, o rei Afonso VI disse, após perder um filho na batalha de Uclés: “Ay meu fillo! Ay meu fillo, alegria do meu coração e lume dos meus ollos, solaz de mea velhice! Cavaleiros u me lo leixastes? Dade-me meu fillo, Condes!” A dor de um pai que acaba de perder o filho e já começa a sentir saudades: assim estava nascendo o português, ainda na sua feição galega. Depois, o trovadorismo se incumbiria de consolidar a língua, ao mesmo tempo em que exprimia o sentimento da falta amorosa.

Sim, nascemos sentindo saudades. Logo depois do parto, o bebê nota que está separado da mãe e chora. Crianças menores caem nos prantos se a mãe sai do quarto por alguns segundos. Pequenas saudades marcam toda a história da infância, quando os filhos percebem que os pais saíram para trabalhar ou nos primeiros dias de escola. Certa vez, com 6 anos, eu me perdi de minha mãe numa loja de departamentos, em São Paulo. Foram cinco minutos sem ela. Tenho saudades daquela saudade.

Aos poucos, as saudades crescem em força e extensão. Algumas pessoas e lugares ficam mais e mais distantes. Casas, escolas, parques, jardins, igrejas — saudades. Colegas de classe, amiguinhos de brincadeira, namoradas platinicas — saudades. O avô, a tia, o amigo, o irmão, o pai, a

mãe — saudades. O caminho de volta fica difícil; e um dia, quando menos esperamos, torna-se impossível. Saudades tendem a ser eternas.

De início, o espírito da saudade faz parte de nós. Mas a grande saudade — aquela que não tem volta — realiza silenciosamente o seu trabalho de conquista, até que nos transformamos no próprio sentimento de ausência. Não sentimos mais saudades; somos a saudade.

Saudades de pessoas que não conheci, de livros que não li, de lugares que não visitei. De uma canção ingênua há muito tempo esquecida, mas que tocou agora no rádio. Da cena boa de um filme ruim. Saudades dos Antônios que nunca encontrei — meu bisavô português, meu avô espanhol — e que carregou na carne do meu nome. Saudades de cura possível e impossível: posso pegar um avião para São Paulo e conversar com meu amigo Zé, mas não posso fazer o mesmo com João Paulo II...

A saudade nos mostra que este mundo não é a nossa pátria. Vivemos no exílio, em navegação. Portanto, se comecei com o lamento do rei galego, termino com o lamento de Camões, rei da nossa língua: “Não é, logo, a saudade / das terras onde nasceu / a carne, mas é do Céu, / daquela santa Cidade, / donde esta alma descendeu”.

Paulo Briguet (São Paulo, 1970) está radicado em Londrina desde 1989. Assina atualmente a coluna “Avenida Paraná” na *Folha de Londrina*. Reuniu suas crônicas, publicadas em diversos jornais e revistas, nos livros *Diário de Moby Dick* (1995, com Paulo Lourenço), *Repórter das coisas* (2002) e *Aos meus sete leitores* (2010). “Saudade das saudades” saiu na *Gazeta do Povo* em 21 de abril de 2013.

MINIFESTO

PAULO LEMINSKI

1

Mede-se um criador (pintor, contista, poeta) pela originalidade (+ ou - relativa, + ou - absoluta) da sua produção.

2

Essa originalidade refere-se ao grau de competência com que aciona os códigos que manipula (o sintático, o semântico e o pragmático).

3

Essa originalidade é estatística: avalia-se em função do (repertório do) meio em que atua a obra (num meio atrasado, por exemplo, a diluição da informação nova pode exercer o papel de informação nova).

4

O grau de competência nada tem que ver com domínio artesanal do(s) código(s). Tem que ver com sua superação.

5

Critérios outros (postura social, justeza ideológica, boas intenções) são demagógicos e só servem para encobrir o verdadeiro problema da criação (= produção de informação nova) e conduzem, natural e logicamente, ao academicismo.

6

Não há um público. Nem O PÚBLICO. Há públicos.

7

É correto, portanto, produzir para uma faixa especial (ou muito especial) de público. Produzir para produtores, por exemplo. Fazer poesia, por exemplo, para uma faixa altamente especializada de consumidores. Para poetas por exemplo.

8

É fascismo vetar ou desautorizar a existência/vigência de uma informação mais exigente e sofisticada tecnologicamente sob pretexto de que não é “acessível às massas”, acusação que levou Maiakovski ao suicídio. Afinal, que “massas” são essas?

9

O exemplo das ciências é claro. Quando nasceu, a Teoria da Relatividade de Einstein só era acessível a meia dúzia de físicos. Hoje, faz parte do currículo das escolas.

10

É preciso não acreditar que as pessoas vão ficar mais burras. Que irão perder informação. Que saberão cada vez menos mais. Ao contrário.

11

Há públicos passivos. E públicos ativos. O caso de hoje: só escritores leem literatura. O dito “grande público” não lê. Ou lê sub-literatura. Sempre haverá quem faça o trabalho mais barato: ele é mais provável, afinal.

A ignorância e a desinformação, o provincianismo e o paroquialismo (formas de redundância, repetição, banalidade e entropia) não prevalecerão sobre a informação nova (CRIAÇÃO).

A criatividade, quando radical, é informada.

Assim como não se pode fazer o Rivelino jogar como um reserva do Colorado, não se pode fazer um reserva do Colorado jogar como o Rivelino. Mas o futebol/farwest literário tem razões que uma outra razão mais altamente equipada não desconhece.

Paulo Leminski (Curitiba, 1944-1989) foi sempre poeta, mas também foi compositor, romancista, crítico, tradutor, professor. Publicou livros como *Caprichos e relaxos* (1983, poesia), *Distraídos venceremos* (1987), *Catatau* (1975, romance), *Agora é que são elas* (1984, romance). Seus poemas foram reunidos no volume *Toda poesia* (2013). Foi colaborador de vários jornais, e esse seu "Manifesto" saiu no suplemento "Anexo" do *Diário do Paraná* em 17 de setembro de 1976.

GRAÇAS E DESGRAÇAS

PAULO POLZONOFF JR.

Outro dia disse a um amigo que gostava de ir à Catedral de Curitiba mesmo sem ser católico e, a rigor, nem cristão, só para ficar em silêncio, contemplando a luz que entra pelos vitrais, quando fui surpreendido por uma pergunta que até hoje não me sai da cabeça: Paulo, você já sentiu a presença de Deus?

Na hora, meio por impulso, meio por ranhetice, disse categoricamente que não. Com o passar dos dias, contudo, a ranhetice deu lugar à ponderação e à certeza melancólica: realmente não me lembro de sentir a presença de Deus. Não na minha vida.

Mesmo estudando em colégio de freiras. Mesmo indo a missas. Mesmo depois, quando era obrigado a ir a uma igreja evangélica e via todas aquelas pessoas falando em línguas e desmaiando. Nunca senti a presença de Deus. E, sinceramente, não foi por falta de esforço.

Em várias ocasiões, contudo, senti profundamente a ausência de Deus. Agora, por exemplo, ao escrever este texto apressado. Fecho os olhos, me concentro, permito-me chorar. Pergunto onde Ele está. Eu O chamo. Recorro a rezas tradicionais que se assemelham a mantras. E nada.

Harold Bloom, um velho crítico literário que admiro (ou admirava, não sei), dizia que Deus está no exílio. É uma teoria gnóstica, acho. Gosto da ideia. Deus existe, ok. Mas, contrariado com sua própria Criação (o que não faz senti-

do num Deus Onisciente, mas tudo bem), deu as costas ao mundo e foi cuidar de, sei lá, Plutão.

Mas e quanto ao seu filho?, você pergunta. Você não sentiu a presença de Deus ao vê-lo pela primeira vez? E aqueles vários momentos que você vive evocando nas noites frias: determinado beijo, a sensação de por um ponto-final num texto bom, as conversas com amigos, a primeira neve, o ronronar da gatinha?

São todos momentos epifânicos, sem dúvida. Mas, novamente, só servem para provar a ausência, o exílio de Deus que, contrariado com a minha criação, se retirou para uma ilha remota. Meu filho mora longe de mim, o beijo se perdeu no tempo, os pontos-finais não me dão muito mais prazer, os amigos não respondem às mensagens, a neve é suja e a gatinha morreu.

Um professor de literatura certa vez passou uma aula inteira destrinchando a palavra “desgraçado” — para ele o pior xingamento possível. Prestei muita atenção àquela aula, como se soubesse que ela me seria útil. Desgraçado, disse o professor, é aquele a quem foi negada a Graça. Sim, a Graça divina. A presença de Deus. Desde então, sempre que ouvia a palavra “desgraçado”, ficava meio abalado. Pensando em alguém ignorado por Deus. Desprezado mesmo. A forma mais cruel de solidão.

Até que me dei conta de que essa pessoa era eu.

Paulo Polzonoff Jr. (Curitiba, 1977) é escritor e tradutor. Foi cronista no *Jornal do Estado* por vários anos e colaborador da revista *Ideias*, onde saiu esta crônica em setembro de 2016. Publicou, entre outros livros, *O parque de diversões dos substantivos abstratos* (2016, poesia), *O homem que matou Luiz Inácio* (ficção, 2016), *Tesouros no sítio* (2011, Infantojuvenil) e *A face oculta de Nova York* (2008, viagem).

TRÊS INSTANTÂNEOS COM JESSÉ

PAULO VENTURELLI

1. Filhote

Você sai da banheira vestido de azul: uma camiseta sem mangas, com estampa indecifrável aos meus olhos, bermuda dessas compridas, com motivos florais havaianos. O azul simplesmente brilha sobre sua pele escura. Você está lindo. Você é meu filho e seu cabelo refrescado pelo banho tem tanta intensidade que imagino o sol ali escondido. Estou de máscara e luvas, porque limpo os livros em minha tarefa semanal de evitar desastre de traças na biblioteca. Mas você diz que está com fome e se deita na cadeira reclinável para assistir a um desenho muito movimentado, linguagem que nada tem a ver com formas e cores que aprecio. Por um segundo penso em que patamares chegará sua inteligência e disposição. Subo. Lavo com cuidado a maçã, até deixá-la rútila, espécie de complemento doméstico à luz que brota de sua presença. Envolve-a num guardanapo, desço com o peito cheio de esperança, degustando a glória paternal. E lhe entrego o fruto. Seus dentes cravam-se entre alegria e ferocidade na carnadura sumarenta. Sento-me ao seu lado e com dedos rápidos ajeito seus cabelos. Você não quer gel, vai deixar assim mesmo. Então me reclino e digo ao seu ouvido: “Vou te contar um segredo: eu te adoro.” Por sua vez, você puxa minha cabe-

ça pelo pescoço, até que ela encosta em sua boca e me diz: “Eu também te adoro.” Pronto, o mundo é o que nunca deveria ter deixado de ser. Você não me chama de pai e nem precisa. Nós dois sabemos que, à nossa maneira, isto vem acontecendo desde algum tempo, quando passei a ajeitar sua vida. Agora, você encontra em meus braços a proteção que adoro dar. É simples recriar o reino da promessa e do aconchego.

2. Nós na rua

A gente e o cenário cosmopolita, o bagaço do interior atirado no lixo da memória. A gente festejando com muitas cores o ato de andar em busca de alguma coisa. De repente, como a cidade é grande, repleta de bolhas, grandes quadrados, corações escondidos nas esquinas. Das paredes desce um sal crispado de luz. É bonito atravessar estas ruas sob árvores e sombras de edifícios, entre criaturas de procedência ignorada e rostos ligeiros. É êxtase na prática tocar teu ombro em apoio a algo que disseste. A gente não tem embaraço. A gente está frutificando outro tom sobre a espalhada tonalidade do que se entrega no urbano torvelinho. Em nossa volta, nunca fomos maltrapilhos. Havia abundância de tudo, estes pequenos signos iridescentes a escapar da pele quando nossa companhia é amor. Faz bem ao sol nossa pele. Ele extrai de nós eflúvios de mansidão e os espalha sobre outras cabeças. No centro, na rua XV, abrimos nossas asas como vendedores de bônus ou cartões de loteria. A gente tinha certa ciência: qualquer hora, uma despedida Talvez fosse este o fator da intensidade. Então, em casa, um copo de água para mim, a maçã para você.

3. O homem e sua cria

Ao reter entre as mãos teu rosto, afio meus gumes para perceber o mundo. Cada elemento vem em itálico, numa nitidez de primeira vez. Tua pele escura é silenciosa e caminha em minhas mãos com a ternura quente dos meninos dóceis. Pergunto se meus carinhos não te incomodam. Pelo contrário, repondes. Ao sentires frio, busco o cobertor encarnado. Ele pousa em branda pulsação sobre teu corpo e faz contraste impetuoso com o achocolatado de tua negritude. Dispensamos assimetrias. Lá no meu dentro há uma verdura borbulhante que nem água mineral. É discreto. Contorno tuas pálpebras úmidas com meus dedos ressequidos por tantos alfabetos. As setas se afrouxam por um momento: sou um homem com sua cria em proteção caseira. Meus famintos anseios de paternidade aérea repousam ao contemplar quem respira sob o manto púrpura. Ajeito teu cabelo com acentuado deslumbre. Agora, neste momento, é bom ser adulto, ser forte, ser inteiro. Posso assim estraçalhar feras que te ameaçam de algum rincão de tua história. Tua tez é minha liturgia nestes dias. Dou as costas para a esfinge e persevero no justo caminho de te acolher, te dar guarida. E soletro outra vez Ledusha: “Há muitos momento perfeitos, mas não sobram.”

Paulo Venturelli (Brusque, 1950) é professor de literatura brasileira, poeta, romancista, contista, dramaturgo, ensaísta e cronista. Estreou em 1976 no livro de poemas *Asilo de surdos*. Publicou, entre vários outros, *Admirável ovo novo* (1993, infantil), *Introdução à arte de ser menino* (poesia, 1996), *Histórias sem fôlego* (2012, contos) e *Madrugada de farpas* (2015, romance). “Três instantâneos com Jessé” foi publicado no *Jornal do Estado* em 9 de junho de 2003.

PONTO DE FUGA

PEDRO CARRANO

Não entendi por que aquela Kombi estava estacionada na frente do prédio, sendo carregada de livros, que já preenchiam toda a caçamba. Não havia outro vizinho que lesse tanto como o meu pai. Então os livros só podiam ser dele mesmo. Naquela pilha eu reconheci a marca do pai. Todos eles brilhavam, mantinham as lombadas intactas e as páginas pouco amareladas. Lá estava uma edição de *O velho e o mar*, um dos seus primeiros livros, que há pouco tempo ocupava um espaço privilegiado na biblioteca, na frente da escrivaninha. Agora era um livro antigo apenas, jogado de qualquer jeito. Não eram só as obras que estavam sendo jogadas dentro da Kombi. Os recortes de jornal, os fichários, diários de trabalho, os esboços também! Quilos de pastas com uns trinta anos de pesquisa. Quantas famílias de escritores não dariam tudo para ter acesso àquele material? Meu pai é o verdadeiro parente dos escritores. Aquelas pastas guardavam tudo sobre eles. Com a internet, muita gente dizia que era uma besteira isso. Eu mesmo nunca mais colecionei recortes sobre futebol. A rede tem milhares de imagens de jogadores, não tem mais sentido ficar recortando do jornal. De repente um gelo percorreu minhas costas. Imaginei que meu pai fosse se mudar. Mas só os papéis eram removidos da casa. “Seu Ricardo deu uma saída, mas volta depois do almoço”, disse o cara que carregava os livros. Ele cruzava o meu caminho com indiferença, pouco se importando se tinha em mãos fragmen-

tos da nossa vida. Por que não cortam as árvores? Por que não mudam a pintura da casa e pronto? O impacto foi pior ainda quando entrei. O cômodo principal da biblioteca doía na vista mais do que um deserto, pior do que um vazio. Sem cuidado nenhum o desgraçado da Kombi ia desmontando trinta anos de trabalho. Ao menos demonstrasse constrangimento! O alvo das críticas da minha mãe e do marido dela era esse: meu pai não se apega às coisas práticas da vida. Carro, computador, fax, telefone, churrascaria, datas, aniversários, televisão, gravata, vasos, cortina, a nada disso ele dava valor. Apenas aos livros. Minha mãe exagera. O velho, ex-sindicalista e funcionário de banco, ultimamente andava atrás de um emprego. Tentou até o concurso do Censo do IBGE, ao lado da moçada nova, e dos grisalhos que ainda não podem se aposentar. Claro que ele sente a realidade, ninguém escapa desse minotauro. “A gente vai pro almoço, mas avisa o seu Ricardo que está quase tudo certo”. Não olhei pro cara. Como ele podia dizer que estava tudo certo? Foi aqui que eu descobri o que é a solidão de uma pessoa, e até hoje não sei se a solidão é um gesto de coragem. Mas, quando estou no campo, aguardando um passe, é na biblioteca que eu penso, na solidão do meu pai travando uma batalha contra os livros. Súbito bate uma angústia. Me sinto culpado. Aprendi tudo em silêncio, disfarçando, falando de futebol. Uma vez perguntei: “O que um poema tem a ver com a realidade?” Um elefante não pisaria tão forte. A porta abre e ouço meu pai caminhando pela sala. Seus passos ecoam pela casa vazia. Caverna abandonada. Casa depois do despejo. Como ele consegue andar neste descampado sem tropeçar na falta de referências? Como ele pode dizer “Oi, filho, já almoçou?” e não olhar o musgo e o mofo das paredes nuas? “O cara da Kombi estava

aí quando você chegou?” Gaguejei. Não respondi nada. Seu olhar não se detém em direção alguma, recusa-se a olhar para mim. Meu pai olha apenas a fumaça do seu cigarro dispersando-se pela janela.

Pedro Carrano (São Paulo, 1980) vive em Curitiba desde os dez anos. É jornalista e escritor e publicou *Três vértebras e um primeiro testamento* (2013, poesia e conto), *Cidade das pessoas* (2016, relato jornalístico) e *Sanga* (2017, poesia). Manteve coluna no *Jornal do Estado*, onde saiu esta crônica em 2001.

ENCANTAMENTO

POMPÍLIA LOPES DOS SANTOS

Quando percorri pela segunda vez a ala esquerda do museu e penetrei na galeria de pinturas, admirei-me por encontrar nesse local, a mesma velhinha que ali encontrara, quinze dias antes.

Sentada em uma poltrona, olhava absorta para um quadro que pendia na parede fronteira

Instintivamente aproximei-me e pus-me a contemplá-la em silêncio.

Nem eu nem os outros apreciadores da arte fomos observados pela admiradora do quadro que começava a atrair a minha atenção e representava uma paisagem sombria, desconhecida.

Ouviu-se o sinal de saída.

Todos os passeantes retiraram-se naturalmente, mas a dama contemplativa continuava imóvel...

Um guarda tocou-lhe levemente o ombro esquerdo, como fazia todos os dias, para avisá-la de que era de mister partir.

Obediente como uma sombra, cerrou os olhos por um segundo, como a preparar-se para enfrentar a realidade, levantou-se e saiu serenamente.

Passados alguns dias, voltei ao Museu e... coisa interessante... o mistério persistia!

Toda de preto, com os cabelos muito alvos, lá estava D. Agostinha.

Na portaria disseram-me o seu nome, nada mais sabiam.

Habituararam-se com o seu aspecto enigmático, espectral.

Penso que nesse dia aproximei-me mais do que desejava do meu ponto de mira, colocando-me involuntariamente em evidência.

Tentei desculpar-me, elogiando a obra de arte.

— É medíocre esse trabalho — disse a minha interlocutora. — Aprecio esse quadro porque o seu motivo prende-se ao meu passado... a paisagem é do meu país natal... amei quem o pintou... fui amada...

Calou-se e enxugou com um lençinho de renda as lágrimas que brilharam nos seus olhos glaucos de rara beleza.

Emocionada, despedi-me agradecendo a confiança que inspirara.

Trocamos os nossos endereços e pensei firmemente em visitá-la.

Precisava ver nitidamente as cores da história cujo esboço vislumbrara.

Véspera de Natal, escolhi esse dia evocativo para visitar a minha nova amiga, que acolheu-me com um sorriso amável.

Na “Quinta da Boa-Vista”, a sua vivenda, destacava-se das outras pela simplicidade; transposto o mármore da entrada, atravessamos o vestíbulo e acomodamo-nos na biblioteca.

Após algumas expressões de cortesia, a D. Agostinha fez-se séria e disse-me:

— Não sei explicar por que senti um desejo imperioso de vos relatar a minha história que não foi tecida por fatos, mas por emoções.

“Não tive história, apenas senti a vida em sua plenitude.

“Era pequenina quando a vovozinha embalava-me com lendas que impressionavam-me. Ao ouvir o romance de Emily Brontë, *O morro dos ventos uivantes*, meditei por muito tempo naquela paixão imperecível que empolgou Heathcliff e Catarina por toda a existência.

“Muito criança para compreender o amor, imaginava-o e, à proporção que desenrolava o drama ou a tragédia, exultava ou apiedava-me, rindo ou chorando.

“Cresci.

“Tornei-me bela adolescente.

“Sentia-me feliz, os meus pais viviam e os meus irmãos formavam o mais encantador conjunto humano.

“Houve uma grande festa no solar dos meus avós.

“Branco, diáfano, era o meu vestido...

“A todos eu sorria...

“Um jovem desconhecido convidou-me para seu par à última contradança.

“Ao som do minueto, declarou-me o seu amor.

“Era distinto o seu aspecto, impressionante a sua voz, sugestivo o seu olhar, simples a sua linguagem.

“Julguei sincera a confissão e retribuí esse amor com a máxima intensidade.

“Despertara o meu coração.

“Começava a apreciar a vida por um prisma novo.

“Colimavam as possibilidades afetivas.

“Tudo era alegria, música, festa!

“Tudo me parecia luminoso e suave!

“Porém, foi efêmera essa fantasia!

“Em breve, eclipsou-se da minha presença o mágico que me fez sonhar.

“Cessou o enlevo.

“E... a realidade esperou-me inexorável.

“Interrogações bailaram confusamente.

“Cérebro e alma entraram em conflito.

“Todas as hipóteses ficaram sem solução.

“Contudo, ainda hoje eu creio que ele foi sincero.

“O vendaval do destino arremessou-o para longe.

“Inatingível.

“Foi melhor assim.

“Suponho que a vida perde a poesia para aqueles que realizam os seus ideais.

“A fantasia enleva, faz sonhar!

“A realidade arrebatada à fascinação.

“Encontrei, um dia, no Museu, onde vos conheci, aquele quadro reproduzindo um trecho do jardim da nossa casa e por baixo da paisagem uma assinatura, a sua.

“Era pintor e pensara em mim, recordara um sítio que me é caro.

“Desde então senti um prazer indescritível em mirar a obra que fora sua.

“Quando a contemplo, a paisagem se dilata, a minha imaginação a povoa e... romances maravilhosos se desenrolam.

“É só.”

Refleti: — que vida interior intensa!

Geralmente o exterior pouco revela a personalidade.

D. Agostinha, a emotiva silenciosa, permaneceu desconhecida para todos os que a cercaram; não fixaram-na olhos observadores, não constataram as suas emoções, não descortinaram os seus pensamentos.

O jovem artista viu apenas a bela adolescente que o impressionou, mas não pressentiu a sua alma sutil e o seu espírito elevado.

Como vida abandonei aquela residência calma onde

vivia o passado com aspecto de doce melancolia e onde o presente era unicamente o cadinho em que se amalgamavam as recordações.

Pompília Lopes dos Santos (Curitiba, 1900-1993) foi romancista, poeta, cronista, contista, crítica literária e professora. Publicou, entre outros livros, os romances *Afinidades* (1949), *A fila triste* (1956) e *Origens* (1961). “Encantamento” foi publicada na revista *Marinha* em janeiro de 1941.

DIA DE FINADOS

RAQUEL PRADO

Geme o sino plangentemente, num soluçar sombrio de aves agourentas.

Em tudo paira uma onda de tristeza infinda, que empana todos os olhares e faz salmodiar todas as almas, num miserere fúnebre!

As próprias flores, de ordinário tão vivazes e lindas, neste dia passam por uma transformação.

Revestem-se de uma melancolia sonhadora, que as faz curvar as finas pétalas em torno das tenras hastes.

Algumas murcham antes que o sol as creste e os seus perfumes já não embalsamam o espaço, com aquele aroma convidativo a aspirá-lo em longos haustos num sonho contínuo e embriagador.

Essa romaria enlutada que vai à necrópole depor as suas saudades, em flores espargidas carinhosamente, sobre os túmulos queridos e depois orvalhados por cristalinas lágrimas; parecem estar mergulhadas numa recordação feliz ou dolorosa daqueles que desapareceram desta vida!...

Ouvi dizer, certa vez, que a derradeira morada iguala sem exceção, a condição social da humanidade!

— Não posso crer!

É certo que o elemento que recebe a matéria para depois torná-lo em pó, tem para todos o mesmo carinho, a mesma frieza...

Porém é mais certo ainda que os ricos monumentos, as lápides que assinalam os feitos dos grandes homens, os

faz distinguir das sepulturas humildes, que às vezes se confundem com o solo e são calcados indiferentemente pela humanidade!

Aqueles chamam a atenção, merecem uma apreciação, um grito de admiração e uma prece...

Enquanto estes, se não têm parentes que os visitem levando um cipreste e uma lágrima, jazem esquecidos.

No ano passando estando eu no Rio de Janeiro, fui testemunha, no cemitério de S. João Baptista, de uma cena bastante comovedora que me tocou profundamente as fibras do coração.

Depois que tinha dado algumas voltas, admirando sempre os belos ramalhetes e coroas de flores naturais, artisticamente confeccionados, deparei com uma criança de fisionomia doentia, que junto de uma sepultura rasa, que havia sido aberta recentemente, pois bem demonstrava terra revolvida, chorava apoiada numa grande cruz de madeira negra.

Comovida, interroguei por quem chorava!

Depois de fazer um supremo esforço para conter os soluços que lhe cortavam a palavra, disse-me que ali descansava a mãe dela que morrera há pouco tempo e, como fosse dia de finados, viera ao menos chorar...

Que não trouxera flores, porque eram caríssimas naquele dia, que o pai era um modesto operário, que a desgraça a ferira de diversas formas, sua mãe morrera e que tinha em casa três irmãozinhos, sendo ela a mais velhinha e que eram muito pobres.

E na véspera daquele dia, fora em diversas casas ricas, onde havia jardins repleto de flores, pedir algumas para adornar a sepultura de sua querida mãe, mas estas lhe foram negadas, alegando os donos precisarem delas para o dia seguinte que era o de finados.

E como houvesse adquirido com muito sacrifício alguns níqueis para o bonde, viera apenas chorar...

Como tivesse eu um pequenino buquê de violetas, já um tanto crestadas, e minha irmã duas orquídeas, espargimos naquela sepultura e piedosamente afagamos a cabeça daquela criança que, em plena primavera da vida, já a sorte lhe era tão adversa, privando-a do carinho de um ente tão querido!

Ela levantou os olhos serenamente como que nos agradecendo, e lágrimas trêmulas deslizaram sossegadamente pelas faces emagrecidas, perdendo-se depois nos cantos de seus lábios.

Mais adiante, por desagradável contraste, vimos algumas crianças que em tudo eram o contrário daquela.

Em frente de um rico jazigo de mármore coberto de coroas e elas trajando rigoroso luto, mas nos seus olhos vivos não havia lágrimas e, sorridentes como gárrulas borboletas, adornavam o gradil doirado do túmulo de sua, delas, mãe.

Tiravam punhados de flores, de cestas ali colocadas por uma criada grave, e arrumava-as com arte sobre o gradil, arremessando ao longe as mais feias, mas, quem nem por isso estavam estioladas.

Tive um sorriso amargo para estes e pensei:

— São elas mais favorecidas pela sorte, desconhecem a profundidade do golpe que as feriu e talvez viessem aqui impulsionadas por um outro sentimento.

Ao passo que a pequenina pobre viera voluntariamente e com sacrifício, render uma saudosa homenagem ao acrisolado amor daquela que lhe fora roubada tão cedo e que ela tão bem compreendia a falta que fazia à si e seus irmãozinhos.

Triste quadro!

Não; ali ainda não há igualdade de condição.

Só debaixo da terra que todos ficam reduzidos a um mesmo pó, confundindo-se igualmente.

Raquel Prado (Curitiba, 1890-Rio de Janeiro, 1943), pseudônimo de Virgília Stella da Silva Cruz, que se transferiu para o Rio de Janeiro muito jovem e lá teve carreira literária produtiva. Publicou vários livros de literatura infantil, como *Apólogos*, *Arlequim* e *Carrossel*, volumes de contos e romances, como *Contos fantásticos* (1934), *Júlio e Júlia* e *Mulher da nova época*. "Dia de finados" saiu no *Diário da Tarde* no dia 2 de novembro de 1908.

UM ELOGIO DO FUTEBOL

RAUL GOMES

Já formei entre os combatentes do futebol. Combatia-o, aliás, sem o conhecer. Era por palpite. Por ojeriza espontânea. Repugnava-me a preocupação do pé. Repetia, fiado na terça do argumento, que a mocidade de hoje cuida mais do pé do que do cérebro.

Quando houve caso de apreciar serenamente o jogo bretão, senti a injustiça do meu julgado apriorístico. Esbarrou-se-me o conceito antigo.

Comecei a frequentá-lo, a observá-lo, na qualidade de sócio efetivo do valente Club Curitibano.

O exame rigoroso das peripécias do incriminado jogo retificou, e de vez, a minha errônea opinião anterior contrária ao avassalador e interessante desporto.

Falo aqui como cidadão. Falo como educacionista. Faço sem restrições, sem o mínimo espírito de lisonja, sem o prévio objetivo de agradar a este ou aquele, o elogio do futebol.

Acusam-no de desviar a juventude dos estudos. Imputam-lhe o desenvolvimento da violência.

Não colhem as increpações. Não colhe a primeira e mais séria e grave, porque nenhum povo do mundo que realmente encare a questão do ensino pode ou deve ministrar a sua gente só a educação intelectual.

Ao se aludir, no versar o assunto, à educação, a de

que se trata é a integral, da que compreende as três clássicas divisões.

À escola primária e à secundária compete o preparo mental da criança.

Nos Estados Unidos os institutos secundários e superiores possuem praças atléticas. E as horas consagradas aos exercícios físicos jamais foram, no país de Horace Mann, consideradas nefastas ao estudo.

Em todo o caso, à escola cabe a tarefa, principalmente entre nós, de instruir, formar o caráter e iniciar a valorização e aformoseamento do corpo pelo traquejo calistênico.

Agora, se ele não adquiriu amor aos livros, não é humano responsabilizar terceiros por essa falta.

Defeito. Se a escola tem por missão ensinar e fomentar o gesto da leitura, e não ensina nem lembra esta tendência; se ela deve moralizar e consolidar o caráter e não o faz; se lhe toca a obrigação de tornar belos os corpos das crianças e só consegue provocar horror à ginástica, se o natural é que atraia e não repile, quem o responsável por isso?

Tivéssemos a escola alegre, a escola eficiente, a escola sedutora e ninguém lhe fugiria.

Não é plausível atribuir ao futebol o desprezo devotado por alguns jovens à escola e aos livros.

Os desportos não competem com a escola. Integram-na. Harmonizam-se com ela. Esta educa ou pelo menos deveria educar o espírito: aqueles educam os músculos, tonificam-nos, dominam a vontade, aguçam a vista, robustecem o senso da individualidade.

A escola ilustra; os desportos disciplinam.

A impressão que recebo, cada vez que compareço ao campo futebolístico, e sigo, atento, as fases de uma pugna,

é indescritível, na sua complexidade, na multiplicidade das vibrações que me desperta.

Vede a arena da luta.

Dois quadros possantes se enfrentam.

Ambos aguerridos. Ciosos ambos de suas tradições, decididos a aplicar todas as forças, todas as reservas de energia e agilidade para o triunfo cabal de suas cores.

Dessa vitória depende a permanência ou deslocamento de um dos competidores da cancha em que se decidirá o campeonato. Corre acesa a refrega.

Os torcedores das duas facções emocionam-se. E estrugem aclamações. E reboam assoadas. E estouram improperios. E cruzam-se insultos.

Os jogadores estão presos do mesmo ou maior entusiasmo. Estão agitados, opressos, mas não perdem a linha, não se deixam vencer pela fúria dos instintos. Os nervos, as próprias paixões pessoais estão sofreadas, submissas.

Não manifestam a mais leve sombra do mundo de sensações fortes que os deve empolgar, que os empolga.

É o perfeito domínio da vontade.

Melhor, é a vontade subjugada, guiada, orientada para a finalidade superior do ganho da turma, do clube.

É o triunfo absoluto da disciplina sobre a impulsividade do temperamento, sobre a sanha de reação ou desforra individual. Anula-se o homem para sobrepairar a unidade social.

Some-se a essa vantagem capital o traquejo da vista, da ação, dos músculos, a aquisição de segurança no tomar as decisões para agir, a imperturbabilidade obrigatória nos transe mais angustiosos, a rapidez fulminante das atitudes e ver-se-á quão útil em país de tão precárias condições edu-

cativas qual o nosso não representa a cooperação do futebol no preparo dos moços.

Não tem preço para o futuro cidadão a posse desse espírito solerte de decisão que os jovens conquistam nos grounds, a agilidade que desenvolvem, o elevado grau de aptidão que obtêm e, sobretudo, o inestimável dom da obediência absoluta.

A vontade de cada um é absorvida pela vontade do capitão.

Aprendendo essa obediência, que nos encontros é o fator preponderante do êxito, saberão esses moços amanhã mandar.

No país do clássico e sovado “não pode”, numa terra em que quase todos mandam e poucos obedecem, a contribuição de uma escola de disciplina tem de merecer o acatamento e a simpatia geral.

Quem passar pelo futebol adquire qualidades de atuação que, por força, o tornarão em elemento precioso para a coletividade.

O respeito quase sagrado que as regras do Association determinam aos jogadores de uns para os outros, há de se transformar em norma da vida comum.

O cavalherismo, a nobreza, o garbo, a desenvoltura, o hábito notável do silêncio na ação, a repelência a deblateações em meio da pugna exercem poderosa influência na formação moral dos moços.

Não quero dizer que já tenha o nosso futebol atingido a meta do ideal. Não.

Há nele muita grosseria, muita brutalidade, as torcidas não mantêm verdadeira compostura de cortesia exigida pelas leis do convívio social.

Mas nem era possível termos melhor num centro de escassa educação geral qual o nosso.

O de que não duvido é que o futebol já constitui um fator de rara eficiência no aperfeiçoamento da raça.

Aproveitá-lo com sagacidade e inteligência, ampará-lo com persistência significa um alto dever, já compreendido de povos mais adiantados que o nosso.

Raul Gomes (Piraquara, 1889-Curitiba 1975) foi professor, jornalista e escritor, um dos grandes intelectuais da área da educação no Paraná. Militou durante décadas na imprensa paranaense contra o analfabetismo e pela universalização do acesso à educação. Publicou obras didáticas, além do livro de contos *Histórias rudes* (1916) e a novela *O desespero de Cham* (1926). “Um elogio do futebol” saiu em 18 de novembro de 1925 em *O Estado do Paraná*.

DE TELEVIZINHO À TELEVISÃO ESPERTA

REGINALDO BENEDITO DIAS

A aproximação da Copa do Mundo estimulou-me a comprar uma Smart TV, dessas com ampla tela, tecnologia digital e conexão com a internet. Para as empresas especializadas na produção e na comercialização dessas mercadorias, a ocorrência do megaevento esportivo é uma espécie de Natal bissexto.

As nossas memórias das Copas do Mundo podem ser narradas a partir de vários focos, ora salientando as alegrias e as decepções do campo especificamente esportivo, ora resgatando lembranças das pessoas queridas com as quais compartilhamos esses momentos especiais. Creio, porém, que há um nicho de lembranças relacionado com a tecnologia que utilizamos para desfrutar essas emoções.

A Copa de 1970, a primeira de que eu tenho lembranças, foi um marco para o país não apenas pela excelência do time, mas também por ter sido a primeira a ser transmitida pela televisão.

Vivia-se, entretanto, uma fase de transição da “era do rádio” para a “era da TV”. Em 1970, pelo que andei lendo, o sinal só foi captado por uma centena de cidades do eixo Sul-Sudeste, mais Brasília, Salvador e Recife. Além disso, a transmissão direta restringiu-se a apenas nove jogos, incluindo os seis do Brasil, ficando os demais para exibição em videotape. Embora a geração fornecesse imagens colo-

ridas, a transmissão era em preto e branco. Somente um núcleo de privilegiados, convidados pela Embratel, pôde usufruir das imagens originais.

Além dessas limitações tecnológicas, havia o problema social. Naquela época, o acesso aos aparelhos de televisão ainda não havia sido massificado. Como a minha família pertencia aos excluídos do contraditório milagre econômico então vivido pelo país, que fazia o bolo crescer mas não repartia as fatias, fomos televisinhos na Copa de 1970. Atendendo ao generoso convite do Sr. Antônio Cabral, dono da mercearia onde meus pais eram fregueses do sistema de caderneta, assistimos aos dois últimos jogos.

Fosse pela empolgação do título, fosse pelo desejo de consumo de um produto aparentemente inatingível, meus pais firmaram o compromisso de comprar um aparelho até a próxima copa. O objetivo foi viabilizado graças ao sistema de crediário, ampliado no período, que permitiu a aquisição em intermináveis 24 pagamentos. Para a minha família, a mudança de patamar tecnológico só ocorreu na preparação da copa de 1982, quando foi adquirido um aparelho de televisão em cores.

Como não sou alucinado por tecnologia, não fico atualizando meus equipamentos com muita frequência. Depois de adulto e independente, comprei novos aparelhos, com meus recursos próprios, apenas em 1994 e em 2002. O que me motivou a fazer a nova aquisição, agora em 2014, não foi o tamanho da tela nem a qualidade das imagens, mas o entrelaçamento de mídias, em particular a conexão com internet. Sem falar em outros usos e ficando na arena esportiva, tenho o hábito de dedicar horas de ócio a rever jogos clássicos das Copas do Mundo, disponíveis no Youtube. Costumava fazer isso na própria telinha do com-

putador. Agora, como sabem os leitores, é possível passar essas imagens, sem a intermediação de cabos, na tela grande, com qualidade apreciável.

Aos supersticiosos, ressalto um dado: nas duas vezes em que comprei uma televisão para assistir à Copa, em 1994 e 2002, o Brasil foi campeão. Talvez seja uma coincidência, talvez seja um prenúncio de que o hexa está próximo.

Reginaldo Benedito Dias (Marialva, 1963) é historiador e professor da Universidade Estadual de Maringá. Publicou vários livros em sua área de especialidade, como *Uma universidade de ponta-cabeça* (2000) e *Da arte de votar e ser votado* (2008). Escreve para jornais desde a década de 1990 e é cronista do *Diário do Norte do Paraná* desde 2008, onde esta crônica foi publicada em 28 de maio de 2014. Reuniu parte de suas crônicas no livro *No calor da hora* (2003).

HOMEM E VIAGEM: IDA E VOLTA

RENÉ DOTTI

Quando tomou o ônibus e o conhecido lhe disse boa-noite, o homem recomeçou a se desintegrar. O outro falava em frio e política com tanto egoísmo, sem perceber que ao lado o homem comprimia as feições e seus braços permaneciam no ar, em atitude de rendição.

No ponto final dois amigos bateram-lhe nas costas, insinuando cumprimento alegre que não veio porque o conhecimento esperava resposta à pergunta feita pouco antes. Mas ele disse “não” e pulou do ônibus.

A rua era mais larga e permitia andar de cabeça baixa, para fingir não ver ninguém. Surge um automóvel com pressa e a buzina devolve-lhe a noção de que está atravessando um caminho.

Ele precisa tomar café e procura o lugar mais escondido, porque não pode mais conversar nessa noite. À tarde falou duas horas sobre futebol e emprego para manter a entrevista que sua mulher arranjou. Eram parentes do interior, aportados um dia antes, com pretensões de se hospedar em sua casa por duas semanas.

Por isso interrompeu a conversa, reuniu um pouco do ânimo restante e tomou o ônibus para o centro.

Mas não pôde se esconder no café. Alguém se aproxima, pergunta quais são as novas, ele responde “tudo velho” e abandona a xícara para fugir fumando cigarro.

Anda três quadras sem levantar os olhos, mas estendem à sua frente um papel de propaganda e ele descobre que tem mais um amigo candidato a vereador. Há outro problema porque já prometera quatro vezes o seu voto. Antes não houvesse democracia porque não seria preciso votar nem entrar em filas.

Era tarde da noite e o homem precisava compensar o dia. Entrou na boate, apenas para ouvir música, mas o cantor argentino quase o derrubou quando começou o bolero. Havia também um pistão para ritualizar o sacrifício. Depois a bateria, a gaita, o sax e o alto-falante, todos a entrar em seu corpo para rasgá-lo em partes distintas. Estavam todos contra ele, não era possível lutar mesmo porque o cantor estava rindo.

Então fugiu, procurando se recompor enquanto a música o perseguia até a segunda esquina.

Correu para tomar o ônibus da volta e uma mulher gritou pensando que fosse com ela. O homem se desculpou, disse que moravam no Batel mas quem passava perto não acreditou e disseram censuras em voz alta.

Durante a viagem, o cobrador queria contar a história de sua irmã doente e só parou quando o homem correu à porta para pular, deixando, na pressa, uma orelha dentro do ônibus.

Chegou mancando em casa, como se faltasse uma perna. Abriram a porta porque ele estava sem as duas mãos. Com a perna que sobrou subiu as escadas e deitou-se na cama. Não era preciso travesseiro, ali estava um homem sem cabeça.

Só a roupa continuava inteira e os sapatos tinham um pouco de pó.

René Dotti (Curitiba, 1934) é advogado e professor do curso de Direito da Universidade Federal do Paraná. Publicou várias obras no campo do Direito. Foi secretário de Cultura do Estado. Também dedicou-se longamente à literatura, como crítico e cronista. Foi colaborador ativo do suplemento "Letras e Artes" do *Diário do Paraná*, onde esta crônica foi publicada em 6 de setembro de 1959.

UM HOMEM TRISTE

ROBERTO GOMES

— Eu sou um homem triste.

Quem dizia isso, com voz sofrida e rouca, era um homem pequeno, que ali pelas seis da tarde já estava sentado na mesa dos fundos do bar do cego Tião, de onde só saía depois de abater diversas cervejas e comer muitos rollmops.

Nada se sabia dele além daquela reclamação lamentosa:

— Eu sou um homem triste.

Sendo o boteco do cego Tião, aqui no centro da Vila, um lugar de altos debates e vastas especulações, sempre havia alguém levantando hipóteses sobre a origem de tão desesperada tristeza.

— Tem mulher na história, opinava Laurinho Telefone.

— Por quê? — queria saber Luiz Borracheiro.

— Sempre tem mulher no meio de histórias assim.

— Pura hipótese — aparteava doutor Asclépio Plúmbeo Da Vênia, o causídico da Vila, dado a erudições.

— Pode ser — retrucava Laurinho, sorrindo — Assim como a Teoria da Relatividade, da Evolução, das Cordas, do caminho inevitável para o socialismo.

Desabava então um impasse no ambiente. Todos ali sabem, de tanto especular entre goles de pinga e copos de cerveja, que são inúmeros os impasses do conhecimento humano, entre eles as razões que fariam daquele homem um ser tão infeliz.

E havia um complicador. Dele só sabiam o nome, Toninho, dito Tonin. E sabiam disso não porque ele o dissesse, mas porque era assim que um menino o chamava ali pelas onze da noite:

— Seu Tonin, onze horas.

Ele atendia — donde se concluía ser esse seu nome — pagava a conta ao cego Tião, que não perdoa despesa nem dos homens mais tristes do mundo, e saía ao lado do menino como quem se apoia numa bengala. Atravessava o pontilhão sobre o rio Belém, dava umas pequenas paradas, respirava fundo, e seguia em frente. Quando alcançava o outro lado do rio, virava-se na direção do boteco e gritava:

— Eu sou um homem triste!

E sumia na escuridão, motivo pelo qual não se sabia ao certo onde morava, talvez nem ele soubesse, pois era conduzido pelo menino a seu destino.

— Deve ter havido uma tragédia na vida dele. Perdeu a família — opinava cego Tião, que costuma enxergar melhor os sofrimentos humanos do que seus fregueses.

— Que nada. É só cachaça. — debochava Luiz Borracheiro — Cachaça. Por isso só bebo cerveja.

— Mulher, é mulher, insistia Laurinho.

— Dinheiro, isso é que destrói um homem, argumentava doutor Asclépio, espantando aos tapas as caspas do ombro curtido de seu sobretudo negro.

E assim como havia frequentado o boteco durante vários anos, sem revelar mais do que seu nome, um dia o homem triste sumiu sem deixar rastro. O menino também sumiu. Nunca mais veio procurá-lo às onze da noite. Mas não cessaram as especulações, que se tornaram tão obsessivas que um dia o cego Tião, irritado com tanta teoria, encerrou a questão como era seu hábito: deu uma pancada

com o porrete disciplinador que deposita na prateleira do boteco e decretou:

— Chega de explicações inúteis! — e, vasculhando o boteco com seu olhar vazio, perguntou — Qual a razão de tanto espanto? Me digam uma coisa: quem aqui não é triste?

O silêncio que tomou conta do boteco poderia ser apalpado —, e era assim que cego Tião via todas as coisas do mundo.

Roberto Gomes (Blumenau, 1944) é escritor, editor e professor de filosofia, radicado em Curitiba desde os 20 anos de idade. Em 1977 publicou *Crítica da razão tupiniquim*, que se tornou uma referência e tem sido sucessivamente reeditado. É autor de romances, como *Alegres memórias de um cadáver* (1979), *Os dias do demônio* (1995) e *Todas as casas* (2004), livros de contos, como *Exercícios de solidão* (1998) e *A dança do ventre e outras histórias* (2016), tendo reunido suas crônicas em dois volumes: *O demolidor de miragens* (1983) e *Alma de bicho* (2000). Esta crônica foi publicada na *Gazeta do Povo*, em 30 de agosto de 2014.

A ALMA DO PRÍNCIPE

ROCHA POMBO

O príncipe Tientsin não é como os outros príncipes. Mais na arte e na ciência da vida do que no trono ele aspira fulgurar. Prefere o império da inteligência ao mando dos reis. Mais do que na frente a majestade terrena, ele tem nos olhos, profundos e lúcidos, uma celeste irradiação, talvez o esplendor sacratíssimo do gênio.

O príncipe Tientsin acaba de assumir a herança dos seus avós e senta-se agora — grave e solene como um deus — num trono que tem a glorificação de vinte séculos de história. A seus pés está a Ásia toda inclinada e submissa, dócil, amorosa e mísera — à espreita do primeiro olhar, da primeira misericórdia que vier das alturas...

Mas, grave e solene como um deus, o príncipe Tientsin não sorri; emudece e suspira, como se toda aquela pompa feérica de que o cercam o pusesse na alma um amargor de desconsoações infinitas. A solicitude cultural da vassalagem move-se afanosa em volta do soberano; mas ninguém ousa interrogá-lo, porque o príncipe Tientsin é sempre mudo e misterioso, e tem nos olhos, velando-lhes mal a claridade divina, o doce tom crepuscular das cismas e dos sonhos.

Fugindo às funções da majestade, ele encerra-se, durante longos dias e noites seculares, na sua câmara dourada, muito cheia de silêncio e de penumbra como os claustros: e ali passa a meditar, curvando sobre os livros antigos e sempre suspirando, sempre suspirando...

Percorre assim todas as idades mortas, auscultando

a alma de todas as gerações que se foram, interroga a Con-fúcio e a Fo-Hi sobre o destino das coisas, e tenta, horas e horas, decifrar uma lenda, uma velha lenda de cem séculos.

No palácio do príncipe anda um alvoroço anormal e desusado. Só não se distingue no meio do bulício e do pavor, eco de voz humana, porque todos falam muito baixo, com medo de acordar daquele sono o príncipe que sonha.

Quando os grandes da câmara real aproximam-se, vêm de fora, cautelosos, contendo a respiração, o príncipe estatelado, olhos fitos num ponto no céu, a espera das estrelas...

Há movimento de assombro em toda corte. Chamam-se os sábios do reino, os adivinhos, as feiticeiras famosas, os astrólogos de mais nomeada: todos, estupefatos, contemplam afastados o príncipe sereno, e emudecem estremecendo.

Durante a noite, o príncipe Tientsin, despercebido e imóvel, como um ídolo que afronta o tempo, está pasmado, olhos fixos numa estrela, na mais formosa das estrelas que enchem a parte visível do céu.

De instante a instante, ele se abala e fica trêmulo, convulso como um histérico, a tiritar, fitando sempre longamente a estrela, como se quisesse devorá-la faminto do esplendor dos atos.

Então, os grandes da corte entendem que o caso é imprevisto e extraordinário e que os destinos da Nação reclamam uma providência excepcional: a visita do grande patriarca Siong.

O patriarca Siong vive isolado do mundo, num vasto templo deserto, sobre imensa montanha, solar abandonado de deuses que morreram. Vive ali a orar, soluçando, pelos mártires esquecidos e pelos gênios infelizes, cujos manes dolorosos povoam de sombras errantes a solidão do retiro.

O povo acredita que Siong é imortal e que não nasceu como os outros homens, pois não consta que alguém tivesse visto o patriarca moço, mas todos o conhecem, há mais de um século, sempre com as longas barbas brancas e sempre plácido e meigo como os infantes loiros.

O grande patriarca Siong, muito reverente e muito pontifical, entrou na câmara do príncipe. Era noite, e Tientsin não se moveu. Parece que tem, naquele êxtase de santo, a alma como que galvanizada pela luz daquela estrela.

Então, o patriarca Siong ali ficou toda a Noite, com o seu espírito abalado... e lá pela madrugada, quando os grandes do palácio iam exaustos daquela vigília sem fim, o patriarca apareceu, muito reverente e muito pontifical; e no meio do silêncio que enche as abóbadas do palácio, à meia luz misteriosa de lâmpadas colossais que esmoreciam, ouviu-se profunda e solene, como sentenças de oráculo, a voz do patriarca Siong.

— O príncipe Tientsin, disse ele, está atacado da doença divina dos filhos do céu. Durante esta noite, eu pude penetrar-lhe a alma e senti que lá das profundezas de seus pensamentos surgia, de instante a instante, uma recordação que o abalava... recordação de uma outra vida, em mundo excelente, onde se vive do luar inefável das noites consteladas; onde os reis são pastores, os pastores poetas, e onde os poetas amam adorando... E o que o príncipe Tientsin agora sente é uma saudade infinita daquela outra existência... Por isso, ele passa a noite a procurar no céu aquela estrela, morrendo dessa infinita saudade, doença divina dos filhos do céu...

Mas tranquilizai-vos, acrescentou: o príncipe Tientsin deve partir para além, sorrindo e sem dor... porque eu suponho que toda sua alma já está concentrada em seus

olhos... Aqueles olhos têm uma luz, cuja cor de cuja intensidade ainda não vi no mundo... E, portanto, um pressentimento me diz que aquela estrela que vi ascender no céu esta noite, há de vir afinal a absorver daqueles olhos a alma saudosa de Tientsin...

Rocha Pombo (Morretes, 1857-Rio de Janeiro, 1933) foi jornalista, professor, historiador, poeta e ficcionista. É autor, entre vários outros, da monumental *História do Brasil*, publicada em dez volumes entre 1905 e 1917, dos romances *Honra do Barão* (1881), *Dadá* (1882) e *No hospício* (1905) e dos volumes de poesia *Visões* (1891) e *Marieta* (1896). "A alma do príncipe" saiu no *Almanach do Paraná* de 1899.

ESPERTEZA

RODRIGO JÚNIOR

Nunca a carestia de vida chegou em Curitiba às proporções que atinge atualmente.

É um horror!

Há famílias da classe média que passam a linguíça, pirão e bananas mas, em compensação, à noite não faltam ao cinema e, nos dias festivos, comparecem aos bailes que se efetuam nos clubes ou nos concertos que se realizam no Guaíra.

É um fato a miséria das gentes remediadas, produzida pelo excessivo preço dos gêneros, pelo luxo imbecil e pela ostentação idiota.

Ao que parece, a classe operária não vive tão mal...

Daí a estrita economia em certas coisas, no que não for aparente, como norma de vida.

O casal Feitosa, porém, não era propriamente econômico, mas antes somítico, sovina, unhas-de-fome. Pouparam em quanto podiam, na roupa branca, na alimentação, no calçado, em tudo enfim.

Nunca tinham dado um passeio de auto e iam apenas uma vez por ano ao cinema América.

Na terça-feira de carnaval a cozinheira do casal, a Anastácia, uma polaca malcriada e farrista, não lhes apareceu em casa. D. Genoveva Feitosa, apurada, frigiou uns ovos com alguns nacos de linguíça, preparou um pirão, e nisso consistiu o almoço do extraordinário casal.

À tarde estiveram a ver o corso na rua 15 de Novembro e, à noitinha, foram paparicar um *vienerwurst* a um bar alemão.

Terminada a ligeira refeição, limpos e rapados os pratos, Feitosa chamou o empregado do restaurante e efetuou o pagamento da nota, deixando um níquel de quatrocentos reis sobre o prato com gorjeta ao garçom, que já atendia a outros fregueses.

D. Genoveva, furibunda, fulminou o marido com um olhar tremendo:

— Que é isso, Maneco? Quatrocentos reis de gorjeta? Estás te roubando, estás nos roubando!

Feitosa teve um sorriso astuto, de homem superior, e explicou a incrível prodigalidade:

— Não te aflijas, Veveva... O dono da casa enganou-se no troco: deu um mil reis de mais...

— Mesmo assim! — rugiu a velhota. Um tostão é o suficiente...

— Mesmo assim!

Feitosa, o moderno Harpagão, olhou-a quase com piedade e esboçou outro sorriso de raposa finória:

— Mas é que essa moeda que eu trazia no bolso...

— Que tem?

— É como Judas...

— Como Judas?

— Falsa! Falsíssima!

E casquinou uma risadinha gostosa, perversa, única...

Rodrigo Júnior (Curitiba, 1887-1964) foi um escritor de muitos instrumentos — poeta, cronista, contista, dramaturgo, biógrafo — que alguns críticos consideram um pioneiro do modernismo no Paraná. De toda forma, sua atuação contínua durante décadas se constituiu numa espécie de ponte entre a geração simbolista e a de *Joaquim*. Publicou, entre muitos outros, *Estrela d'Alva* (1905, poesia), *Um caso fatal* (1926, novela), *Flâmulas ao vento* (1940, poesia), *Paisagem modernista* (1941, poesia) e *Sonatas da minha terra* (1953, poesia). "Esperteza" saiu na *Ilustração Paranaense* em julho de 1928.

A GRUTA DO MONGE

ROMÁRIO MARTINS

Céu de um azul turquesa, esmaecido de tons jaldes para o nascente.

Reuniam-se à porta do Hotel do Comércio os excursionistas à Gruta do Monge.

O primeiro a chegar foi o Soares, cavalgando o branco, numas gauchadas de ensaio.

O Phebo, que desde a véspera queixava-se de dores nas pernas, apresentou-se também a cavalo, curvando no lombo do pingo, como se fora um velho cabo de guerra invalidado em refregas de conquista.

As famílias dos Srs. Maximiano, Bório e Phebo, seguiram à frente.

O Dr. Fonseca narrava pausadamente uns deliciosos casos do norte, que todos ouvíamos atentos.

O Juvênio, grave na sua pose gaulesa, confiava cariciosamente a barba à Andó aparada de fresco.

O Edmundo André ia pondo a nota da alegria em tudo, anedotando espirituosamente o menor incidente.

O Pury faltou, e foi geralmente sentida a ausência do bom companheiro, que deixava de ir devido à observância, ortodoxamente maometana, que fazia da velha máxima: Primeiro... a devoção, depois a obrigação.

O Espínola preocupava-se com uma das cestas do farnel, repetindo a miúdo que não tinha almoçado.

Pudera... eram 6 horas da manhã.

Começou a ascensão ao morro que, se bem não seja difícil, cansa contudo, devido ao acidentado do terreno.

Do alto a vista domina inteiramente a Lapa e seus arredores.

E o olhar não cansa de perscrutar a grandiosidade de paisagem tão encantadora.

Há uma linha de azul disposta em tudo...

Ladeando o dorso da montanha desce-se à gruta. Chamam Gruta do Monge ao local onde Frei João Maria Agostinho fizera em 1844 o templo das suas meditações de recluso da sua grande e insubmissa e inabalável crença.

Sabem quem foi esse Monge? Um desses ignorados caminhanes da estrada da vida; um desses anônimos de existência espinhosada e maldita, e que, depois que morrem, deixam, como o Cristo, o seu nome por senha condutora ao país de eterna felicidade.

Contou-me o velho Maximiano o que sei com relação ao tradicional e misantropo monge que, hospedado com o padre Luiz José de Carvalho, fugira para o então Morro de Santo Antônio da Lapa, onde por alguns meses morara, seguindo depois para o sul, levado até Santa Maria do Monte por Tristão Corrêa da Rosa.

O local onde o velho Honório descobriu o Monge, à noite, elevado ao misticismo da prece, está assinalado por cruces, inscrições, pedaços de imagens, velas, flores etc. numa heterogeneidade anárquica de comuna.

Abaixo corre um fio d'água pachorrentamente, lavando rochas, escavando a terra, até perder-se entre musgos e parasitas, no abismo cavado em derredor da montanha.

Contam as lapeanas uma tradição quase verdadeira da água do monge...

Depois de apetitosa refeição, fomos à Pedra partida, admirável fenômeno da época do levantamento das rochas pela ação interna da Terra exercida sobre a crosta, e que ocasionou ali o deslocamento de parte da montanha.

Voltamos.

E outra vez no alto da soberba montanha, retrospectivando o quanto tem o Paraná de grande, de belo e glorioso, sintetizamos na Lapa a nossa grandeza histórica, que impõe-se hoje vitoriosamente.

Ao acordar desse sonho patriótico, vimos muito ao longe, na fachada de um edifício público, debatendo-se num nervosismo de vitória, o auri-verde pavilhão constelado da República, acenando como um lenço simbólico para o futuro da Pátria!...

Voltamos.

O céu, de um azul turquesa, tinha para o poente uns tons rubros de incêndio...

Romário Martins (Curitiba, 1874-1948) foi historiador, ensaísta, jornalista, cronista e político. Suas obras mais conhecidas são de história, principalmente *História do Paraná* (1898) e *Terra e gente do Paraná* (1944), mas publicou livros noutros gêneros de prosa, como *Ruínas* (1888), *Eu* (1931) e *Paiquerê* (1940). Esta crônica apareceu no semanário *A Pena*, na edição de 4 de abril de 1897.

O INVERNO

SEBASTIÃO PARANÁ

Gelo!... frio!...

Aragens siberianas se espalham por toda a parte, resfriando os leitos e desfolhando tristemente os galhos do arvoredo.

Inverno!.. Bafos de vulcões extintos; hálito nevado de grutas fundas e sombrias, onde a umidade transpira formando estalactites eriçadas, como os tubos de um órgão que não geme; arrepiam a penugem dourada dos braços ebúrneos de Panchita.

É que abriram-se as portas do mês de Maio! Maio, Panchita, é o mês das flores que não cheiram: sim — das camélias brancas e vermelhas, das noites estreladas e do céu límpido e azulado, como os mares que se esmagam nas penedias da Austrália.

Porém, Maio, minha flor, também é o mês do gelo que aniquila, do frio que desflora a trepadeira esguia que escorre tristemente sobre o dorso empinado das montanhas.

Mas não te assustes, Panchita.

De par em par abrem-se as portas do mês de Maio. Entremos, minha amada, entremos.

Vês quanta tristeza, quanto abatimento?

Vês como a folhagem já se esparge tostada sobre a terra? Vês?!

Que é de o sabiá que gorjeava à tarde no laranjal folhado?

Que é de o bando hilariante das andorinhas que retalhavam os ares em contradança festiva e triunfante?

Foram-se! E, como as andorinhas, foram-se também o viço das plantas e a alegria gloriosa dos passarinhos, que não cantam mais, porque o frio lhes enregela as carnes e lhes empana o brilho da plumagem.

Vês naquele atalho?

É o cortejo fúnebre da tristeza. É a procissão do inverno que se arrasta cantarolando um de profundis abafado e surdo, como o grito das cabeças que espirram dos aços sangrentos das guilhotinas.

Mas não te assustes, minha amada, não te assustes.

Não temas! Não pense que esse cortejo funerário venha enxotar o bando dos amores que adejam sobre as flavas searas dos sonhos que nos alegam.

Não!.. não temas, flor.

O inverno aí está.

Mas que importa o gelo do inverno, se o nosso sangue está fervendo, se os nossos corações estão vivos e não perderão jamais a temperatura afogueada das zonas tropicais?

Sim que importa essa temperatura frígida que te chamalota a pele?

Oh! não te assustes, Panchita. Vem, chega-te mais... ainda mais... Assim! assim!...

Ah! que fidalga! Como é bela a tua cabeça que se cola em meu peito!... Como é estrondoso o teu colo imaculado que ofega esbraseado, recendendo olores!

Mas escuta, Panchita:

— Inunda o teu leito de arminhos odorantes; cobre-te de penas, de colchas brancas e cortinas de noivado. E assim, deliciosamente transformado em tálamo, me dirás então

quando eu poderei sentir, mais chegado ainda, a palpitação de teus seios, o heliótropo de tua boca e a cavatina sonora de teus beijos.

Sebastião Paraná (Curitiba, 1864-1938) foi um advogado, político e escritor brasileiro, conhecido sobretudo por suas obras de geografia e história. Publicou, entre outros, *Esboço geográfico do Paraná* (1889), *Corografia do Paraná* (1899), *O Brasil e o Paraná* (1903), *Os Estados da República* (1911) e *Exultação* (1913). “O inverno” foi publicada em 11 de abril de 1897 no semanário *A Pena*.

FAROL DAS CONCHAS DE PARANAGUÁ

SILVEIRA NETO

Pitoresco é o panorama que margeia a costa ao sair-se de Santos, prolongando-se até o porto paranaguaense. Delicia o olhar displicente do viajador, parado no convés do navio. Coisa comum nos portos marítimos, o farol é sempre motivo de curiosidade e jovial esperança. É um dos marcos da aproximação para os que estão no termo da viagem. O Farol das Conchas, à entrada da barra, na ponta oriental da Ilha do Mel, se nos mostra de longe, a 60 metros acima do mar, vigilante firme ante o mistério das ondas.

Também o fora o seu glorioso antepassado em Alexandria, a que Ptolomeu Filadelfo mandara revestir de mármore branco, por Sostrato de Knido.

Incomensurável diferença de hierarquia entre os dois, como de um plebeu para o Grão Mogol, mas idêntica finalidade e talvez muito maior sacrifício para o misérrimo faroleiro das Conchas.

Se é certo que a dor, a morte e o baixo ventre nivelam todas as camadas sociais, não é menos certo que as camadas superiores da sociedade, os que serram-de-cima, nem de leve supõem a existência de seres que lavram dolorosamente a vida no cumprimento do dever a custa de migalhas e de exílios pelos recantos inóspitos de um país. Ostenta-se o farol na sua torre. Não é um cárcere como o de Ugolino,

apenas voluntário êxito de um homem a dirigir aquele olho da terra para guia dos nautas.

Desde 25 de março de 1872 funciona, tendo luz fixa até 20 milhas. Mandou-o construir o Barão de Cotegipe, ministro da marinha. Servia anteriormente, no mesmo local, um mastro de sinais em correspondência com a Fortaleza da Barra e a Ilha das Cobras; precaução contra a investida de corsários. A Ilha do Mel tem o seu farolete, alcançando seis milhas, desde 1º de agosto de 1875. Em agosto de 1935 faleceu em Horiont, França, uma senhora que, pela noção do dever levada ao heroísmo e que lhe deu a láurea da Fundação Carnegie e a Legião de Honra, além de ser chamada a heroína do “fogo que roda”, legou à tradição dos heróis um feito admiravelmente impressionante. Foi a senhora Catelot, esposa do guarda do farol de Kerdomiseu, em Bele Isle. O marido entrava subitamente em agonia no momento de acender as luzes; e a esposa ainda pensou nos perigos para os navegantes se o farol continuasse apagado. Chama então seus filhinhos, todos com menos de dez anos de idade, e eles durante, durante a noite, em face do pai agonizante, fizeram rodar a lanterna providencial. Quando cansavam ela os ajudava, encorajando-os; e assim até o raiar do dia e dos primeiros socorros. Fato real esse, de tamanha magnitude humana, deve ser inscrito como exemplo dos mais edificantes, e consignado pela literatura e pela arte, como o de Hero e Leandro, apenas lendário, na travessia do Helospono. Faroleiros modernos, vivem no posto transmissor de rádio das ilhas Walis, no oceano Pacífico, em recife de coral e 300 milhas do continente australiano, dois funcionários que passam fora do mundo quatorze meses seguidos, a bem da navegação.

Em boa companhia, pois o Farol das Conchas leva serenamente a sua vida a vigiar as águas do Atlântico sul, na bela baía de Paranaguá.

Silveira Neto (Morretes, 1872-Rio de Janeiro 1942) foi um dos mais importantes poetas do simbolismo no Paraná, tendo publicado, entre outros livros de poesia, *Antônio Nobre* (1890), *Luar de inverno* (1890), *Ronda crepuscular* (1923) e *Margens do Nhundiaquara* (1939). Esta crônica saiu originalmente na revista *Marinha* de junho/julho de 1942, poucos meses antes de sua morte.

MAR PRETO

2 DA MADRUGADA

SYLVIO BACK

Que eu deixe minhas ideias de destruição, de ódio e do nada no íntimo é compreensível e por que não, também civilizado e bem burguês. E, mesmo se as revelasse, a ninguém caberia dizer se estou certo ou errado. Se acho Deus uma invenção secular, dramaticamente preestabelecida apenas para conformar conformados — a tortura torturando mentes desprevenidas, mentes de angústias primárias — enfim, sinto-me assim.

Se não me preocupo com as falsas existências além de mim, é por me estar desconhecendo ainda. Todos somos incógnitas a nós próprios. Incógnitas enfrentando incógnitas. Que trágico e que estúpido. Nunca me peguei solto de pensamentos saturados de materialismo, a sensação única e apalpável dentro de mim. Não posso imaginar coisa diversa e são inúteis os argumentos mais convincentes. Transformação do que não pode ser transformado. Meras tentativas.

Que o suicídio seja o consolo, o meu consolo (ninguém tem o direito de me destruir) soa excessivamente fatalista, embora verdadeiro. Procuro ser lógico quando vivo jogado em paradoxos. Acaso alguém me substituiu nos segundos de angústia? Sofro eu, mato-me, sou meu exclusivo carrasco, possuo-me, bebo meu sangue, desintegro minha matéria. Quem teria a petulância de arrogar-se em juiz para

deter a feliz solução, estragar a vitória da morte? Eu, eu eu eu — somente eu.

Que me veja sem alma (morte: libertação, apodrecimento, pó e ventos soprando para alto mar, mar preto de 2 da madrugada) e esconda a descoberta é justo. Mas entristecer alguém com tamanhas certezas é pavoroso e insolúvel.

Ela está triste, triste e triste, com lágrimas para chorar e não chora. Minha amiga, e quem não as tem? Esforce-se, pense num jeito de disfarçar a depressão. Ame interminavelmente, ria infantilmente. Grite na tarde até sentir sangue na boca. Amaldiçoe o mundo, goste dos monstros e dos aleijados, ofereça-lhes o aroma de um beijo. Engane-se sem pena, bastante, você cria felicidade assim. Se não der resultado, então corra pelas ruas e só pare quando alcançar alegria nos olhos dos passantes. Corra, corra, corra não pare, corra corra corra. Não me dê atenção, sou louco e sozinho. Cantemos (em coro):

Ciranda, cirandinha
Vamos todos cirandar
Vamos dar a meia volta
Volta e meia vamos dar.

Sylvio Back (Blumenau, 1937) é mais conhecido como cineasta, e alguns de seus filmes, como *A guerra dos pelados* (1970), *Aleluia, Gretchen* (1976), *Cruz e Sousa — O poeta do desterro* (1998) e *Lost Zweig* (2002), para mencionar apenas alguns longa-metragens, são marcos do cinema brasileiro. Além disso é poeta e, como jornalista, idealizou e dirigiu o suplemento “Letras e Artes” do *Diário do Paraná*, onde esta crônica foi publicada em 20 de setembro de 1959.

NOSSO PLANETA, REVISITADO

VALÊNCIO XAVIER

A Lua é um imenso deserto, eu já estive em desertos.

W. H. Auden

Por que não confessar: para a maioria das pessoas, a conquista da Lua significou apenas uma enorme e redonda decepção: nada de monstros, de homenzinhos verdes com duas cabeças; nem sinal de São Jorge e o Dragão; nenhuma base de “discos-voadores”; nem, ao menos, o minúsculo micróbio de estranha doença que trazida pelos astronautas acabaria por atacar toda a Humanidade, destruindo-a. O esburacado branco brilhante queijo dos sonhos infantis transformou-se num pardacento deserto desabitado. A Lua não nos deu nenhuma resposta, nem ofereceu perguntas que um computador eletrônico não pudesse responder. Quando da alunissagem da Apollo-12, pouca gente se deu o trabalho de ligar os televisores para ver o que estava acontecendo. O poeta inglês W. H. Auden foi conciso na sua opinião sobre o “maior feito da raça humana”:

— A Lua é um imenso deserto, eu já estive em desertos.

Para os que acreditavam que o Universo era composto de misteriosos planetas habitados por Flash Gordons, Imperadores Mings, discos-voadores e outros bichos, as viagens espaciais foram uma terrível decepção.

Como manter sua fé na crença da vida e mistérios extraterrenos, se os astronautas vão e voltam tranquilamente de suas tediosas viagens interplanetárias; trazendo de lembrança para nós unicamente suas fezes, cuidadosamente conservadas em plástico inviolável? Para desgastar ainda mais a crença na vida extraterrena, no mesmo ano em que o homem pisa na Lua, a Comissão da Força Aérea Americana que investiga os “discos-voadores”, dissolve-se sob a alegação da inutilidade de perder tempo e dinheiro com o estudo dos OVNI (Objetos Voadores Não Identificados). De nada adianta perdermos tempo com o espaço sideral: a ficção científica provou ser muita ficção e pouca ciência. Temos que nos voltar mesmo ao nosso pobre, faminto, belicoso e superpovoado planeta. Temos que abrir nossos olhos para a dura realidade do dia a dia e sentir por ela aquela dolorosa sensação de nojo; tapemos nossos narizes e vamos enfrentá-la... Mas eis que nos chega a Salvação! Podemos alimentar novamente nossas crenças. Ao tempo que o Homem conquista a Lua, surge um profeta trazendo estranha mensagem pronta para reacender nossa paixão pelo Desconhecido. O profeta? O escritor alemão Erich Von Daniken. Sua bíblia? O livro *Eram os deuses astronautas?*, que acaba de ser lançado entre nós pela Editora Melhoramentos. Von Daniken, misto de arqueólogo com detetive, percorreu diversos países, desde as selvas americanas até os desertos africanos colhendo dados arqueológicos para comprovar suas teorias, que fundamenta ainda mais com o auxílio da Bíblia e de outros textos sagrados da Antiguidade. A ideia básica do livro é a de que a Terra já foi visitada num passado remoto por habitantes de outros planetas, que aqui chegaram em suas astronaves. Segundo

Von Daniken, esses viajores siderais, entre outras coisas, fecundaram as mulheres primitivas, auxiliaram os povos na construção de cidades, provocaram o Dilúvio Universal com o fim de selecionar os melhores habitantes da Terra, explodiram bombas nucleares e depois partiram de volta à seus planetas de origem, prometendo voltar e deixando inúmeras marcas de sua passagem pela Terra. O livro *Eram os deuses astronautas?* faz cerca de 300 afirmações que, de acordo com seu autor, comprovam suas teorias. Vamos a algumas dessas afirmações:

1 — Os primeiros astronautas, de estatura superior à nossa, descem na Terra e fecundam mulheres que encontram para aprimorar a nossa raça. E a *Bíblia* está aí para comprovar isso: “Naquele tempo havia gigantes sobre a Terra. Porque, quando os ‘Filhos de Deus’ se juntaram às filhas dos homens e estas lhes deram filhos, nasceram aqueles homens possantes, que tão famosos são na Antiguidade” (*Genesis*, VI, 4). Os gigantescos “filhos de Deus” seriam os astronautas de estatura mais elevada que os terrestres?

2 — Ainda com testemunho da *Bíblia*: Sodoma e Gomorra foram destruídas por uma explosão atômica provocada pelos “astronautas-deuses” desejosos de destruir perigoso material atômico e aniquilar grupos humanos que lhes eram desfavoráveis. O episódio é bastante conhecido e vamos ao seu final, de acordo com o *Velho Testamento*: “No outro dia, Abraão voltou ao local. Levantando os olhos para Sodoma e Gomorra e toda a terra adjacente, viu que se elevavam da terra cinzas inflamadas como fumaça que sai duma fornalha”. Descrição da chuva radioativa e de Hiroshima, um dia depois da bomba?

3 — O *Ramaiana*, livro sagrado dos hindus, também se refere aos foguetes dos “deuses-astronautas”: “Por ordem de Rama, o cargo maravilhoso subiu com enorme estrondo para uma montanha de nuvens”. O estrondo de um foguete sendo lançado de Cabo Kennedy?

4 — Os antigos egípcios também estariam ao par das viagens espaciais. Diz um texto cuneiforme dirigido ao deus Rá: “Tu te misturas às estrelas e à luz, tu arrastas o navio de Aton no céu, como as estrelas, circulantes e as estrelas do Polo Norte que nunca entram no ocaso”.

5 — A mitologia dos esquimós afirma que as primeiras tribos haviam sido levadas ao norte por “deuses” de asas de bronze. Os “peles-vermelhas” mais antigos têm notícia de um “pássaro do trovão” que lhes trouxe o fogo e os frutos. A lenda maia “Popol Vuh” nos relata que os deuses-voadores conheciam todas as coisas: O Universo, os quatro pontos cardeais e até a face redonda da Terra.

6 — Quem construiu as pirâmides do Egito? Como foi nivelado o solo rochoso e que algumas estão assentadas? Como foram transportados os enormes blocos de pedra se não havia madeira para, em forma de roletes, fazerem-nos rolar até o local da construção, nem cavalos ou carros para ajudar no transporte? Na Pirâmide de Quéops foram utilizados 2.600.000 blocos gigantesco de pedra, retirados das pedreiras, lapidados, transportados e unidos milimetricamente. Hoje nenhum arquiteto poderia fazer essas construções, mesmo utilizando modernos recursos técnicos. É por acaso que a altura da Pirâmide de Quéops multiplicada por um bilhão corresponda à distância entre a Terra e o Sol? É, também, por acaso, que sua circunferência dividida pelo dobro de sua altura dê como resultado o número Pi — 3,1416, ainda desconhecido na época?

7 — Textos sobre placas de ouro encontradas em Ur, na Caldéia, relatam que “deuses” semelhantes aos homens, vieram do céu e deram de presente as referidas placas aos sacerdotes.

8 — A Ilha Elefantina era assim chamada pelos antigos habitantes do Egito devido a sua forma igual a de um Elefante. Mas como sabiam disso se essa forma só podia ser reconhecida se vista de grande altura? Teriam os deuses-astronautas traçado sua topografia depois de vê-la num vôo numa astronave?

9 — No templo maia em Palanque, no México, foi encontrado desenho inscrito na pedra há milhares de anos que representariam um astronauta numa cápsula espacial. Na inscrição, o formato da cápsula e a figura do homem acionando controles assumem a mesma característica dos astronautas e astronaves de hoje em dia.

10 — No vale de Talpa, no Peru, existe até hoje faixa de terra com fragmentos rochosos coloridos. Construída em tempos imemoráveis, faz lembrar a marcação das atuais pistas de aterragem em nossos aeroportos. Seria destinada ao pouso de enormes astronaves pilotadas por seres gigantesco?

11 — Um mapa-múndi executado pelo almirante turco Piri Reis no século XVII, baseado em velhas cartas geográficas mostra com profusão de detalhes uma região do continente antártico que jaz há milênios sob o gelo e que só recentemente foi revelada por meio de aparelhagem especial. Cartógrafos modernos transferiram os dados do mapa de Piri Reis para um globo moderno, o resultado foi idêntico ao das fotos da Terra tomadas pela capsula espacial Apolo-8. Os deuses astronautas que nos visitaram na Antiguidade ofereceram as fotos batidas por suas astronaves para os cartógrafos da época?

12 — No museu de Bagdá, encontram-se antiquíssimos fragmentos que reconstituídos formam uma pilha elétrica, até hoje capaz de funcionar. Teriam os “deuses” ensinado sua avançada técnica aos povos primitivos?

13 — Inúmeros desenhos encontrados em cavernas nas mais diferentes regiões habitadas da Pré-História mostram figuras que, com um pouco de boa vontade, pode-se identificar com homens vestindo trajes espaciais semelhantes aos usados hoje por nossos astronautas.

Por aí afora prossegue o livro *Eram os deuses astronautas?*, só faltando mesmo seu autor afirmar que os halos que vemos sobre as cabeças de Cristo e dos santos em certas pinturas sejam capacetes espaciais. Os cientistas “sérios” não cuidam de pesquisar ou refutar as ideias de Von Daniken, preocupados que estão em criar novas e mortíferas armas para suprir as variadas guerras que existem atualmente na face do globo. E o mundo atual, em busca de uma teologia que se adapte à época desvairada em que vivemos, vai aceitando os “dogmas” impostos por livros do quilate de *Eram os deuses astronautas?*. É de se notar que o filme de grande sucesso *2001 — Uma odisseia no espaço*, de Stanley Kubrick e Arthur C. Clarke, esboça as mesmas teorias e arrasta multidões para as salas de cinema — templos ideais para esta nova religião que tem como cruz o monólito negro. A pergunta fundamental de toda a filosofia, “quem somos, de onde viemos, para onde vamos?”, tem a sua resposta: somos o que os astronautas da Antiguidade nos fizeram; viemos, em parte, de outros planetas; vamos para onde os “deuses-astronautas” nos quiserem levar. Portanto não há com o que se preocupar: somos o produto de “deuses-astronautas” e no futuro eles voltarão para nos trazer a Idade de Ouro, no dia do Juízo Inicial. Es-

queçamos as guerras, as crises, a fome, a miséria e espere-
mos pacientemente este dia maravilhoso.

Valêncio Xavier (São Paulo, 1933-Curitiba, 2008) foi jornalista, tendo atuado longamente tanto no jornal como na televisão. Como escritor, ficou conhecido pela fusão entre texto e imagem que compunha suas narrativas. Publicou, entre outros, *O mez da gripe* (1981), *Maciste no inferno* (1983), *Minha mãe morrendo e o menino mentindo* (2001). Na virada dos anos 60 para os 70, escrevia semanalmente sobre literatura no suplemento dominical do *Diário do Paraná*, onde esta crônica foi publicada em 11 de janeiro de 1970.

VITÓRIA, A ÚNICA

WILSON BUENO

A natação é, há alguns anos, o meu vício mais obsessivo. Acho que hoje, como Rilke com a poesia, não poderia viver sem ela: me estira, me estica, me anaboliza, me irriga, me lambe, me coça, me recarrega o oxigênio e me atira na vida. Igual nadar não há nem haverá. Mas só a academia onde três vezes por semana, exercito crawls, mergulhos, peito, costas, cachorros e borboletas, no bom bairro do Cabral, para ter, entre seus alunos, ninguém menos ímpar e nem menos singular do que Vitória Levandóvicka, a última polaca viva de Curitiba!

Dia desses, ia eu num “meia-borboleta”, pacífico e ritmado, cá comigo, meus botões e a minha raia, com este alheamento que, a nadadores fiéis, chega a ser alguma coisa vizinha do orgasmo, quando, na raia ao lado, espalhando mais água que um Ita do Norte, adivinhei de longe, as perninhas rijas e a touca vermelha (!), ela, Vitória Levandóvicka!

Com menos de um mês de academia, recém-chegada de Bocaiúva do Sul, Vitória se aplica na boia e nas pranchinhas, mas não há instrutor que consiga, pelo menos até aqui, ensinar a ela as artes do mergulho. E é por isso que já entendo, cá de meu lado, por que Vitória teima alto, parada no meio da piscina, dedo em riste:

— Vim pra aqui por conselho da dotor. Dotor diz pra Vitória não fazer muito esforço, professor! Essa negócia mergulho põe bofes pra fora, pifa a coração e daí, pronto

— fim da Vitória... E depois tem que afunda, e eu tem medo de não voltar da fundón. Eu nem gosta de nataçón! Eu odeia nataçón, professor! Eu odeia água e nem sei que está fazendo aqui! Mergulhón, non! Mergulhón, non!...

— Mas é simples, dona Vitória — tenta convencer o instrutor —, vai lhe fazer muito bem à saúde: a senhora enche os pulmões de ar e solta o ar pela boca, devagar, debaixo da água, só voltando à superfície para buscar novo ar, que deve ser servido igualmente pela boca. Entendeu?

— Mas professor, como é que eu vai voltar o ar pela boca debaixo d'água? Vê se tem compreensón um negócio dessa? Aí eu pega pra fazer o mergulhón e aí, pimpa!, engasga, afoga. Non, mergulhón, de jeito nenhum, professor! Dotor mandou só que eu fica nadando, pra lá e pra cá, nem que seja a pé. Eu nada na riu, acha que melhor que a professor, eu nada na riu cantando “pombo-correio”, aquela musiquinha... Mas mergulhón, non. Nem nunca eu fica com barro no boca debaixo d'água.

Vencido, o instrutor desguia a conversa:

— Tá bem, dona Vitória. Pode nadar livremente. A senhora sabe o melhor. Ninguém melhor do que a senhora para saber o melhor! Preferível o cuidado à afoiteza, não é, dona Vitória? O estabanado é capaz de danos musculares e até ósseos, dona Vitória, até ósseos... E, depois, a culpa fica com a academia.

— Ah, com Vitória nunca se fói de brincar, nunca que não, dotor, quer dizer, professor! O meu gosto é de ficar aqui, professor, do meio da piscina, só olhando a movimentaçón. Deve de fazer bem pras pernas, né, professor? O movimentaçón da água nos coxas, né?... Eu não precisa de outra exercício, nenhum de outra exercício, professor. Só esta: eu e água, professor!

— Mas é preciso nadar, dona Vitória... Nadar! Se não fizer isso, vou já aí ensinar a senhora a mergulhar, dona Vitória...

— Sim, professor! Mas como é que eu vai nadar, professor? Eu só nada no hora que este senhora gorda que eu está pisando em cima dela, pra eu não afundar, só nada na hora que ela acordar do mergulhón que o professor ensinou pra ela! Aí eu nada, jura, professor. Senão quem vai pra fundón é eu, Vitória.

Wilson Bueno (Jaguapitã, 1949-Curitiba, 2010) foi poeta, contista, romancista e cronista. Editou o jornal *Nicolau* e publicou, entre outros, *Bolero's Bar* (1986, contos), *Mar Paraguayo* (1992, novela), *Pequeno tratado de brincados* (1996, poesia) e *Amar-te a ti nem sei se com carícias* (2004, romance). "Vitória, a única" saiu na *Folha de Londrina* em 20 de novembro de 1993.

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO EM TIPO UTOPIA E IMPRESSO EM
SETEMBRO DE 2018 PARA A BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ.



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ



GOVERNO DO ESTADO

978-85-66382-29-7



9 788566 382297